

A man with light brown hair, wearing a black tuxedo jacket, a white shirt, and a black bow tie, is looking directly at the camera. The background is a dark, purple-tinted image of a city skyline, with the Empire State Building prominently visible in the center. The overall mood is sophisticated and romantic.

ELIZABETH BEZERRA

Proibida

PARA MIM

SÉRIE NEW YORK

1

Editora Bezz



PROIBIDA PARA MIM

S é r i e N e w Y o r k

PROIBIDA PARA MIM

Série New York

Livro 1

Elizabeth Bezerra

TÍTULO ORIGINAL

Proibida Para Mim

CAPA

123rf.com

[2014]

Todos os direitos dessa edição reservados à

Editora Bezz LTDA.

www.editorabezz.com

Agradecimentos

Gostaria de dedicar esse livro primeiramente a Deus, à minha mãe e minha irmã Andréia por todo apoio em todos os aspectos de minha vida. As minhas primas Catarine, Juliana e Natalia. À minha tia Sara que me ensinou a gostar de ler.

Minha revisora inicial Sigrid Neiva, sem você amiga esse livro jamais sairia do papel. Obrigada por todas as broncas e puxões de orelha.

Às queridas amigas Naty João, Alda Andrade, Kilakia Sorraria por todo apoio e incentivo. Para Goretti Oliveira, Sheila Moraes, Wandy Avelino, Adriana Melo, Patrícia Alves, Cristiana Pereira e, todas as meninas do grupo no facebook, infelizmente não dão para citar todas, obrigada pela força e carinho.

Não poderia faltar Ady Miranda. Nana Pauvolih por todas as dica e atenção. E claro, minha querida amiga e sonhadora Bruna Vieira por viajar nesse mundo literário comigo.

“Um sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade.”

Raul Seixas

Nova York 1990

Enquanto eu brinco com meu carrinho o observo perto da piscina. Nathan anda de um lado a outro chutando as coisas pelo caminho e amaldiçoando alguém que provavelmente o deixou contrariado. Finjo que estou concentrado em meu mundo imaginário na esperança de que ele me ignore. Eu não quero ser vítimas de seus ataques.

— Me dê seu carro Neil! — Nathan grita insolente.

— Não! — eu respondo sem me importar em encará-lo.

Nathan bate os pés no chão de forma impaciente.

— Eu já disse para me dar!

— Você tem os seus — encara-o com firmeza demais para vir de alguém tão pequeno. — Alias tem vários. Por que sempre quer ter as minhas coisas Nathan?

— Você sempre fica com as melhores coisas.

— Isso não é verdade os carrinhos são iguais e você sempre os escolhe primeiro.

— Mas enjoei dos meus e, além disso, alguns estão quebrados — Nathan se queixa.

— Por que você não sabe cuidar de suas coisas. Se parasse de jogá-los contra parede sempre que fica com raiva não estariam assim.

— Se você não me der eu vou afogar seu gato na piscina.

Encaro-o com raiva. Algumas vezes eu tenho muita raiva dele como hoje por exemplo.

— Pega! — estico o carrinho para ele já sem me importar é só um carrinho idiota. — Fique com ele. Alias fique com todos eles, mas deixa o Barney em paz, ele é só um filhotinho.

— Ah é? — ele ri com deboche. — Acho que será mais divertido saber se os gatos sabem nadar.

— Você não faria isso! — encara-o com determinação.

O gatinho branco e preto enrosca nas pernas dele sem a mínima ideia de que é alvo de suas maldades.

— Então olhe!

Nathan pega o gato no chão pelo pescoço e me empurra contra a árvore em que estive encostado. Bato a cabeça contra o tronco e me sinto desorientado por alguns instantes e a cena que segue diante de mim me deixa estático.

Minha vontade é de correr até eles e impedir o que ele está querendo fazer, porém minhas pernas e minha cabeça ainda zonza não me deixa sair do lugar.

— Pare Nathan — sussurro quase inaudível. — O deixe em paz.

Nathan me encara com olhar de desafio enquanto o animal se debate dentro da água. Eu encontro forças de onde não sei e corro até eles. Vejo-o soltar o animal que jaz imóvel na piscina. Lágrimas inundam meus olhos quando percebo que é muito tarde.

— Você o matou! — empurro-o no chão com muita força.

— A culpa foi sua — ele faz cara de inocente. — Você me provocou. Vai guardar essa culpa para sempre Neil. Matou seu pobre gatinho.

Sim, a culpa era minha. Não devia tê-lo provocado e entregado o maldito carro quando ele pediu. Eu sabia que Nathan seria capaz de uma coisa assim e não deveria tê-lo desafiado.

— Jesus Cristos! — uma voz feminina ecoa diante da cena. — O que aconteceu aqui?

— Nathan afogou meu gato na piscina mamãe — Neil a encara com olhos cheios de lágrimas. — Ele matou o Barney.

— Nathan você fez isso? — o olhar chocado da mãe não consegue acreditar em tais palavras.

— Não! — ele começa a chorar. — Ele caiu na piscina e só tentei ajudar, mas eu não consegui mamãe.

O jovem se agarra a mãe e chora copiosamente.

— Sinto muito! — ele parece bem convincente, menos para mim.

— É mentira! — encara-o com raiva. — Ele afogou porque eu não quis dar o meu carrinho para ele.

— Não é verdade mamãe — Nathan soluça. — Neil é sempre tão mal comigo.

— Vá para o quarto Neil — a mulher o encara com firmeza. — Conversamos depois.

— Está bem Lilian.

— Lilian? — ela me encara zangada. — Eu sou sua mãe!

— Acho que não é — sussurro ignorando seu olhar chocado.

Essa foi a primeira vez que parei de trata-la como mamãe. Lilian tinha apenas um filho e esse não era eu. A mágoa por ser punido sem merecimento ficou cravada em meu coração por mais tempo que gostaria.

Nova York junho de 2013

Não sei por que essa lembrança me veio à mente exatamente hoje. Na verdade eu sei. Estou perto de acertar as contas com meu passado. Tentar passar uma borracha em tudo o que aconteceu e seguir com a merda da minha vida.

Não que ela será perfeita como em um maldito conto de fada ou como nos filmes com finais felizes, mas talvez eu consiga um pouco de paz para minha alma.

O próximo passo será dar um fim em minha situação insustentável com minha mulher de uma vez por todas. Estou cansado de sua vida inconsequente e os maus tratos com minha filha. Já que ela não seria uma boa mãe, pelo menos deixará de ser uma cadela sem coração.

Olho para o relógio em meu pulso e desisto de esperar. Por que será que ele não apareceu? Isso me leva de volta para os mesmos fantasmas que me atormentam por anos. O que será que aconteceu a irmã e por onde ela anda?

Graças a minha mulher havia demorado quatro anos para encontrar a carta.

Sentindo-me frustrado, jogo algumas notas sobre o balcão e deixo o café ainda intacto. Observo que o café está um pouco mais cheio do que quando entrei a três horas, apesar do aspecto degradante que ele tem e da iluminação escura.

Saio do bar ignorando alguns olhares femininos em minha direção. Caminho até meu carro estacionado em uma área não muito confiável, se bem que naquela região nenhum lugar é confiável. Conjeturo se devo ligar para Peter ou não, para saber o que aconteceu quando um grito me chama atenção.

Não qualquer grito, mas um grito desesperado de mulher. E o que mais me chamou atenção foi que apesar de desesperado ele era incrivelmente angelical e, algo que não sei o que, me impulsionou até o local, para o desconhecido...

Capítulo Um

Socorro! Socorro! — um grito apavorado ecoa na noite fria

A rua está deserta, exceto por um cachorro maltrapilho que perambula à procura de alguma comida. As luzes na rua são fracas, com alguns postes espaçados entre si. Desço do carro e corro em direção ao som angustiado. Embora não seja muito tarde, poucas pessoas se arriscam a sair à noite naquela parte da cidade. Aquela é uma região relativamente perigosa e violenta. Há um número considerável de assaltos, brigas, estupros e até mesmo assassinatos.

— Hei! — eu grito para o homem que encurrala uma jovem contra uma porta de metal de uma loja fechada. Ele tenta agarrar sua bolsa com uma mão e com a outra aperta lhe o pescoço.

— Solte-a! — grito enfurecido.

O homem se assusta e solta a jovem empurrando-a para o lado. Ela se desequilibra e cai soltando um gemido. O homem lança para a jovem um olhar vidrado, louco e alienado. Eu conheço bem esse tipo de olhar transtornado. Na mesma hora vejo que não é uma boa ideia enfrentar o homem, pois ele pode estar armado. Homens naquele estado geralmente não são donos de seus atos, na maioria das vezes, são inconsequentes. Eu poderia estar colocando tanto a mim quanto à jovem em risco naquele momento. Mas, o que eu posso fazer droga?

Antes que eu possa pensar no próximo passo, o homem sai correndo levando consigo a bolsa da jovem. Fico dividido entre correr atrás do homem ou socorrer a jovem que geme no chão. Soltando um palavrão, eu escolho a segunda opção.

— Tudo bem? — eu digo aproximando-me dela, que treme assustada.

Ela está encolhida contra a porta da loja, seus cabelos caem em cascata ao redor do rosto, longos cabelos vermelhos. Uma cor tão intensa que seria impossível de ter sido fabricada. Ergo o seu rosto para observá-la melhor.

— Você está bem? — insisto.

Quando ela ergue a cabeça, lentamente, sinto meu mundo sair de órbita. Não estava preparado para aquilo. Diante de mim, o rosto mais lindo e angelical que eu já vi em toda a minha vida. Pele de porcelana, coberto por sardas, que comprovam a cor natural dos cabelos, nariz arrebitado e atrevido, lábios vermelhos, carnudos e sedutores. Seus lábios fariam qualquer homem querer mergulhar imensamente neles. Minhas mãos tremem levemente ao segurar aquele rosto fino. Uma carga elétrica percorre por todo o meu corpo. Retiro rapidamente a mão, em choque.

— Você está bem? — repito com a voz ligeiramente rouca.

A jovem suspira profundamente antes de responder.

— A-a-acho que sim — gagueja.

Ela abre os olhos deixando-me em transe. São os olhos mais lindos que já pude ver. De um azul absurdamente claro, cristalino, impactantes.

— Minha bolsa! — ela olha além de meus ombros.

— Infelizmente ele a levou — explico com pesar. — Poderia tê-lo perseguido, mas achei melhor ver como você estava.

— Tudo bem — ela responde seu tom refletindo o meu.

Então, ela começa a se levantar apoiando-se à porta da loja e fazendo círculos no chão com os pés como se procurasse algo. Nesse momento posso ver o quanto ela é estonteante. Um corpo curvilíneo, magra, mas na medida certa, pernas lindas, apesar de não ser tão alta. Percebo também seu perfume, um cheio almiscarado com tons suaves de florais. Ela é linda.

— Minha bengala — ela sussurra trazendo-me para o presente.

— Como? — franzo a testa confuso. Será que ela estava anteriormente machucada? Tem algum problema na perna? Pela forma como se apoia em uma perna e mexe a outra, acredito que não.

— Minha bengala — ela diz novamente.

Agarro-a rapidamente prendendo-a em meu peito largo.

— Consegue ver minha bengala, senhor? — ela pergunta ofegante e um pouco assustada com meu abraço repentino.

Olho ao redor e vejo uma bengala marrom opaco poucos metros adiante. Aparentemente está intacta.

— Sim, está um pouco à frente — respondo. — Deixe-me pegá-la para você — digo, mas não a solto.

Encaro aquela bela jovem mulher que segue olhando por sobre meus ombros. Seu olhar parado, estático. Como se estivessem fixados em um ponto longe de mim. É então que a compreensão cai em mim como uma madeira no chão.

— Você é cega! — digo rispidamente.

A jovem encolhe-se em meus braços. Fica visivelmente pálida e com uma expressão angustiada toma conta de seu rosto. Ela tenta se livrar do meu abraço sem sucesso.

— Solte-me — ela sussurra angustiada.

Afrouxo os braços, mas não a solto. Eu devo tê-la assustado. Não era minha intenção, mas ao me dar conta do fato, uma raiva enorme apodera-se de mim. Como alguém pode tentar fazer mal a alguém tão frágil como aquela jovem, ainda mais sendo cega?

— Desculpe-me. Não queria te assustar — suspiro. — Só fiquei surpreso.

— Não tem por que! Afinal, como você poderia saber que sou cega? Desculpe-me se isso o incomoda — diz ela amargamente.

— Incomodar? — encaro-a confuso. — Acha que isso me incomoda? — digo rangendo os dentes.

— Senhor, eu posso ser cega, mas eu não sou burra e eu sinto as coisas — aproveitando-se de meu choque, ela se solta e começa a caminhar tateando o ar.

Fico instantaneamente irritado. Não me sinto incomodado, pelo contrário. Algo me atrai para essa jovem. Claro que seu rosto angelical e o que eu posso ver de seu corpo agora que está de pé contribuem e, muito. Qual homem não se sentiria atraído por uma jovem tão bonita? Mas é mais que isso, algo me atraía para ela, como se um ímã imaginário, uma espécie de aura entre nós, me puxasse para mais perto ainda. Já conheci muitas mulheres interessantes com as quais me perdi na calada da noite, mas até então nunca senti tal magnetismo.

— Está enganada! — seguro seu braço. Novamente através da manga do casaco que ela está vestindo eu posso sentir a eletricidade. *“Inferno!”*

— Poderia me passar à bengala, por favor? Minha casa não é longe e logo posso deixá-lo livre desse transtorno — ela diz sombriamente.

Resmungo um palavrão e vou à busca da sua bengala. Ela está a poucos metros adiante na calçada.

— Aqui — digo segurando sua mão para entregar-lhe a bengala. Sinto seu leve estremecimento. Seria ainda o choque ou ela também sente a mesma atração que eu?

Por Deus, isso é errado!

Sendo ela jovem demais para mim e mesmo se não fosse eu não poderia. Ela parece inocente demais para um homem como eu, além disso, existem outros impedimentos.

— O que faz aqui sozinha? Onde estão seus pais? — pergunto apreensivo.

A jovem ri confusa.

— O que meus pais têm a ver com isso? — ela devolve a pergunta.

— Deixar uma garota da sua idade, andar sozinha nessa parte da cidade e ainda mais sendo... — paro de falar antes de prosseguir.

— Cega? — diz ela amargamente. — Apesar de ter me ajudado, o que agradeço e muito, não acho que seja da sua conta — ela se vira dando-me as costas.

— Claro que é! — ataco. — Para onde vai? Temos que avisar seus pais e dar queixa à polícia — seguro firmemente em seus pulsos.

— Meus pais não precisam saber — ela tenta se soltar. — E a polícia não fará nada. Eu não vi quem foi, portanto...

— São uns irresponsáveis! — eu interrompo-a irritado. — Poderia dar queixa contra eles também e, além disso, eu consegui ver o cara. Você o conhece?

— Err... hum... Olha, só quero ir para casa. Não dê queixa, por favor — ela suplica tentando soltar suas mãos.

Será que ela o conhece? Por que está sendo tão evasiva e pedindo para não dar queixa? Resolvo perguntar de novo.

— Você o conhece ou não? — insisto.

Ela parece pensar por um momento, balança a cabeça e fica muda. Definitivamente essa história me parece mal contada, mas considerando o infortúnio pelo qual ela passou essa noite, decido não insistir. Bom, pelo menos, não agora.

— Olha, ainda acho que você deveria dar queixa. Eu vi o homem e poderia facilmente descrevê-lo. Não deveríamos deixá-lo nas ruas à solta. Nitidamente, ele é um bandido e pode fazer mal a outras pessoas inocentes. Entretanto, essa é uma decisão sua e não vou insistir. Mas antes de qualquer coisa, vamos telefonar para seus pais — digo calmamente.

— Meus pais estão mortos! — ela diz como se estivesse sentindo dor.

Em seguida, começa a chorar copiosamente como se só agora percebesse o perigo que havia corrido. Eu a abraço apertado, enquanto ela chora em meus braços. Sinto um nó na garganta.

— Tudo bem — sussurro acariciando os seus cabelos, tentando confortá-la. — Tudo bem.

Alguns minutos depois, ela vai se acalmando e seu choro viram suspiros sentidos. Ergo lhe o rosto com o dedo, fascinado por aqueles olhos, que banhados de lágrimas ficam ainda mais hipnotizantes.

— Você tem certeza de que não quer mesmo dar queixa à polícia? — digo docemente. — Aquele homem solto é um perigo para outras mulheres inocentes como você.

— Por favor, não... — ela suplica.

Enrugo a testa. Por que ela insiste em não prestar queixa? Deve algo às autoridades? Rio internamente do absurdo daquele pensamento. Claro que não! O que uma jovem frágil e indefesa como ela poderia fazer contra a lei? Mas há algo ali. Será que aquele homem é alguém conhecido? Um amigo ou namorado? O simples pensamento incomoda-me muitíssimo.

— Tudo bem. Mas vou levá-la para casa então, não posso deixá-la sozinha com esse homem à solta — digo firmemente. — Não aceitarei recusa de sua parte.

— Não é preciso. Leve-me ao ponto de ônibus aqui perto — ela pede.

— Não! — eu urro. — Ou me deixa levá-la até sua casa ou iremos à delegacia. Mas não a deixarei sozinha no ponto de ônibus — digo incisivamente.

— E eu não vou entrar no carro de um estranho! — ela rebate esfregando as mãos.

— Façamos o seguinte... — suspiro tentando controlar a ira que começa a me dominar. — Eu chamo um táxi para levá-la, tudo bem? — digo em um sussurro.

Ela parece refletir por alguns instantes.

— Tudo bem, pode chamar o táxi — ela consente.

— Venha — digo guiando-a pelo ombro. — Espere um momento. Após esperarmos um carro passar, atravessamos a rua.

Faço sinal para um táxi que passa alguns minutos depois e enquanto converso com o motorista, vejo-o observá-la e fico incomodado novamente. Ela está ereta e rígida como uma rainha e é linda, não há como negar isso. Alguns fios de cabelo caem sobre o seu rosto dando-lhe um toque angelical. Só agora noto que o cabelo dela é longo, caindo abaixo da cintura de forma sensual. Nunca tive fetiche por cabelos, mas aqueles mexem e muito com a minha libido. Posso facilmente imaginá-la deitada nua em lençóis negros de seda e com aqueles cabelos ruivos espalhados, chamando por meu toque. Balanço a cabeça para afastar tal pensamento inoportuno.

Após combinar com o motorista, retorno até ela, que segura à bengala com tamanha força, que as juntas de seus dedos estão brancas, desmentindo sua altivez anterior.

— Venha — seguro sua mão gelada. — O táxi já está aqui. Tem certeza que não quer prestar queixa ou que eu a deixe em casa? — pergunto esperançoso.

Ela volta a ficar pálida. Há alguma coisa ali? Seria o homem um namorado? Outra vez o pensamento me incomoda.

— Não! — ela se apressa. — Acho que ainda não agradei — ela sorri tristemente. — Obrigada.

— Cuide-se! O táxi já está pago — Acaricio sua bochecha com um toque leve como uma pluma, mas que a faz estremecer e dar um passo para trás com a respiração ofegante. Medo ou prazer? A pergunta martela em minha mente. Pelo seu rosto corado acredito que seja a segunda opção e isso me deixa fodicamente excitado. *Inferno! O que estou fazendo?*

Afasto qualquer pensamento indecoroso e ajudo-a entrar no carro. Observo-a conversar com o motorista, possivelmente passando o endereço. Ouço alguma coisa sobre Edifício Boulevard no Bronx e então o taxista começa a dirigir. Olho para o táxi por alguns instantes e sigo apressadamente para meu carro, que por incrível que pareça, ainda está intacto, estacionado no mesmo lugar, apesar do perigoso bairro. O carro por si só indica perigo. Nenhum delinquente ousaria mexer ou furtar um Jaguar XF prata, uma indicação claramente que seu dono só não é alguém que você gostaria de enfurecer.

Enquanto dirijo, penso na jovem intrigante. Nem sequer perguntei seu nome. Penso com amargura que deveria ter insistido mais sobre o homem. Será que ela realmente o conhece? E se conhece que tipo de relação teria com ele? Não muito boa, na certa, pois ele a agrediu e a roubou. E ainda por cima seus pais estão mortos! Com quem será que ela vive? Quem cuida dela? Por que ela estava sozinha em um lugar como aquele? Eu quero ter tudo e todos em volta de mim sobre controle e todas essas incógnitas em volta dessa jovem estão me deixando louco! Tenho que vê-la novamente, mas como? Pelo menos ouvi vagamente sobre o edifício que ela mora. *Sim!* Vou pedir ao Peter que investigue e descubra ainda hoje seu endereço. Carregaria outra enorme culpa dentro de mim se algo acontecesse a ela. Apesar de ter dado dinheiro suficiente ao taxista, mas ainda assim... *Droga!* Não deveria tê-la deixado ir sozinha de táxi. Agora não ficarei tranquilo enquanto não souber se ela está bem, em segurança, em casa. Decido ligar para Peter imediatamente.

— Peter, sou eu, Neil — cumprimento-o meio angustiado após ser atendido no segundo toque.

— Olá, Neil! Está tudo bem? Você me parece apreensivo — ele pergunta preocupado.

— Sim, está tudo bem. Quer dizer, bem, mais ou menos. Acabo de ajudar uma moça que estava sendo assaltada e deixei-a em um táxi para levá-la em casa. Insisti para fazer isso, mas ela não quis arriscar sair com um estranho. No entanto, agora estou preocupado por saber se ela chegou até sua casa em segurança. Você pode verificar isso? Ouvi-a dizer ao taxista que morava no Edifício Boulevard, mas não ouvi o nome da rua. Encontrei-a no Bronx, ela deve morar por perto. — digo em um só fôlego.

— Bronx? Assalto? Neil eu estou ficando preocupado. O que ainda está fazendo aí? — ele pergunta ansioso.

— Eu estava esperando o maldito homem por mais de uma hora. Peter tem certeza de que era mesmo aqui?

— Foi o que ele me disse — ele parece frustrado. — Eu deveria ter ido com você.

— Bom, de qualquer maneira, não estou mais no Bronx e não tenho como explicar agora. Por favor, faça o que estou lhe pedindo e me retorne o quanto antes. Estarei em casa aguardando notícias suas— digo encerrando o interrogatório.

— Ok. Vou ver o que posso fazer — ele diz e eu desligo.

Capítulo Dois

Chego a minha casa e me encaminho para verificar Anne. Ela dorme tranquilamente. Beijo-a na testa. Sigo para o banheiro e tiro minhas roupas. Preciso de um banho.

Ligo o chuveiro e mal ele esquentar estou embaixo dele. Ponho minhas mãos na parede e deixo a água cair forte nas minhas costas. Ainda perdido em saber o que me atraiu tanto naquela bela jovem. Conheço e conheci mulheres muito bonitas, minha esposa é uma delas, mas nunca me senti tão perdido. Como nenhuma outra mulher me fez ficar. Mas eu não sou digno dela e mesmo que eu fosse não devo.

Tenho complicações e cicatrizes demais, quem vêm acompanhadas de muita obscuridade, muitos erros, muitos arrependimentos. Qualquer pessoa que se aproxime de mim, com certeza sai ferida. E aquela jovem parece ter problema suficiente para si mesma. Possuir uma cegueira é fácil se comparada à escuridão em minha alma e as complicações que meu mundo traz. Comigo nunca haverá luz. Não há dias de sol, ele nunca brilhará.

Desligo o chuveiro após ensaboar-me e lavar os cabelos. Pego uma toalha quente no toalheiro, passo sobre meu corpo rapidamente, envolvendo-a em minha cintura e sigo para o quarto. Confiro meu relógio e já se passou uma hora desde que falei com Peter. Verifico o celular, nenhuma ligação.

Vou para a sala e decido me servir de uma dose de uísque enquanto espero por notícias. Ainda posso sentir aquele perfume. E aqueles olhos... Nunca mais os esquecerei. Ando de um lado pro outro na grande sala e o tempo parece não passar. Nenhuma notícia ainda. Sirvo-me de mais uma dose.

Tomo quase que em um único gole e começo a ficar ansioso. Quanto tempo já se passou? Nenhuma notícia ainda. Será que ela chegou bem? Deveria ter ficado no Bronx e aguardado notícias de Peter.

Inferno! Estaria mais perto e agora estou em casa, longe e sem notícias!

Nunca me perdoarei se algo acontecer à ela. Deveria tê-la levado ao meu flat. Que estúpido que eu sou! Agora estou agoniado e de mãos atadas.

Maldito Peter que não liga!

Decido ligar para ele e exigir alguma notícia. Quando chego ao quarto para pegar o celular, ele toca. Atendo aliviado.

— Peter! Você conseguiu o que eu te pedi? — pergunto apressado.

— Hei cara! Calma aí! Por que essa agonia? — ele diz zombeteiro.

— Peter, você conseguiu o que eu pedi ou não? Não brinque comigo — falo furiosamente. Estou mais preocupado do que achei que estivesse.

— Sim, sim. Consegui — ele responde calmamente.

— Então me passe o endereço, droga! — digo ríspido. —Um minuto, vou pegar uma caneta.

Eu pego a caneta e um pedaço de papel.

— Pronto, pode falar.

Ele me passa o endereço, eu agradeço e desligo. Sigo para meu closet e rapidamente visto uma cueca boxer, uma calça jeans preta, uma camiseta também preta e um casaco cinza por cima. Desço as escadas rapidamente e chamo Calvin pelo interfone.

— Sr. Durant. Algum problema? — ouço sua voz sonolenta pelo interfone.

— Não, mas preciso que você me leve a um lugar agora.

— Prontamente, senhor. Aguardo-o no carro.

Pego minha carteira e sigo para a garagem. Calvin me aguarda do lado de fora do carro com a porta aberta. Entro no carro calado. Ele dá a volta e senta-se à direção.

— Algum lugar em especial, senhor? — ele pergunta dando ré no carro.

Passo o endereço que anotei no papel para ele.

— Vá o mais rápido que puder — eu digo.

Ele olha o endereço assentindo e pisa no acelerador.

Já se passou meia hora quando Calvin finalmente estaciona em frente a um prédio velho, com a tintura desbotada e pedaços da mesma já caíram há muito tempo.

— Você tem certeza de que é aqui, Calvin? — pergunto ao meu segurança e motorista.

— Sim, senhor — ele assente. — Eu cresci nessa região, conheço o Bronx como a palma de minha mão.

Olho mais uma vez para o prédio a minha frente e me pergunto se devo verificar ou não se a garota está bem. Ela disse que os pais morreram, mas deve existir alguém para cuidar dela. Tem que haver, ela não pode morar sozinha ali.

— Inferno! — rujo completamente alheio ao Calvin que está ao meu lado de olhos arregalados. Não conseguirei voltar para casa sem saber ter alguma resposta como: O que os responsáveis por ela, se é que há algum, pensam morando em um lugar totalmente inseguro como este? Como podem deixá-la à mercê de todos os tipos de perigo? Conheço lugares como esse o suficiente para saber que é o lugar ideal para vagabundos, drogados e prostitutas.

Olho o prédio mais uma vez, vejo que o portão está aberto, outra indicação que o lugar realmente não é seguro. Possui quatro andares. Por um lado é bom, porque é pequeno. Por outro lado, vou ter relativo trabalho para encontrar seu apartamento. Terei que bater de porta em porta, fazendo papel de idiota, para perguntar se alguém a conhece e já passa da meia noite. Certamente uma garota como ela não passa despercebida.

— Calvin — ele me observa impassível. — Vou me encontrar com uma pessoa aqui. Vá para um lugar mais seguro e aguarde meu telefonema, não vou demorar.

Ele assente e eu desço do carro. Entro no prédio e subo para o primeiro andar. Bato na primeira porta com certo nervosismo, não apenas pela hora, mas por não saber o quê ou quem vou encontrar.

Devo estar ficando completamente maluco!

Sair de porta em porta atrás de uma garota é no mínimo estupidez. Penso em desistir e então a porta se abre. Uma loira, seminua, vestida em uma minúscula camisola e descabelada me olha de cima abaixo com interesse.

— Entre, são sessenta dólares — ela fala meio grogue e segue para um sofá velho e encardido. Ela dá uma longa tragada em seu cigarro, olha pra mim novamente e diz. — Bem, pra você... — ela olha em direção a minha calça e dá um sorriso cínico. — Não cobraria nada.

— Desculpe-me pela hora, senhora — digo olhando dentro do minúsculo apartamento, vejo que há duas portas à esquerda e me imagino se não vai sair dali um marido ciumento ou um cafetão. — Fico lisonjeado, mas não vim aqui para isso.

— Eu não vendo drogas, bem, não mais. Condicional — ela me corta e mostra os pulsos como se houvessem ali algemas imaginárias.

— Estou procurando o apartamento de uma jovem que mora aqui. Mais ou menos dessa altura — gesticulo mostrando com a mão até a altura de meus ombros. — Ruiva, de olhos azuis.

— Gosta de ruivas? — ela debocha. — As loiras o traumatizaram? — ela caminha até mim e me puxa pela camisa. Sinto o cheiro forte de cigarro e bebida barata. — Eu posso curá-lo... — ela ronrona e desce a mão até o cóis da minha calça.

Se não fosse o cheiro fortíssimo do cigarro e das bebidas baratas, apenas a atitude vulgar já me causaria repulsa. Eu gosto de mulheres, loiras, morenas, ruivas, para mim tanto faz, mas não suporto as vulgares e repugnantes como essa.

Ao contrário de meu irmão que sempre se envolveu com as piores espécies de mulheres, eu sempre procurei mais do que um corpo e sexo barato. Não que eu seja um romântico, não isso estava fora dos limites para mim. Eu sempre procurei mulheres com o mínimo de cérebro além de um belo corpo e que entendessem que eu não posso oferecer mais do que uma noite quente. Sem o dia seguinte.

— Já disse que não estou atrás disso! — empurro-a. — Responda minha pergunta! — falo entre dentes.

— Existem muitas garotas ruivas aqui — ela dá de ombros.

Rio ironicamente. Com certeza, não. Não como essa garota, a minha garota.

Minha? Inferno! A garota não é minha. Isto está ficando realmente confuso.

— Ela é cega — disparo. — Você a conhece?

A mulher faz uma cara de surpresa, mas mascara em um sorriso amarelo.

— São sessenta dólares pela informação— ela sorri esticando a mão. — Mesmo que não utilize o meu tempo, ele é precioso.

Retiro uma nota de 100 dólares e entrego a ela.

— Terceiro andar, apartamento 32 — ela diz guardando o dinheiro no sutiã. — Caso desista da ruiva, procure-me, ainda tem quarenta dólares de crédito. — ela sorri mostrando os dentes amarelados novamente.

Saio batendo a porta. Sinceramente, estou com vontade de esganar essa mulher. Como ela pode dar informações sobre a jovem para um desconhecido? Eu poderia ser um estuprador ou assassino. Definitivamente esse não é um lugar seguro para se viver, principalmente sendo tão indefesa. Subo as escadas com rapidez e com uma fúria latejante.

Encaro a porta do primeiro apartamento após as escadas, não vejo a marca do número um, mas posso ver o número três apagado na porta. O apartamento da jovem só poderia ser esse, penso andando lentamente para trás.

— Porra! — digo assustado.

Ouçoo um gemido ao tropeçar em alguém.

— Você não tem juízo, moça? Duas vezes, inferno! — digo incrédulo.

Encaro-a encolhida no chão e gemendo em frente ao seu apartamento.

— Você? O que faz aqui? — ela pergunta com a voz ofegante.

— Eu que pergunto! O que faz aqui, sozinha? Quase foi violentada há pouco! — digo bruscamente.

— Assaltada! — ela me corrige.

— Que seja — esfrego as mãos no rosto. — E agora está dormindo aqui fora. Não deixaram você entrar?

— A chave estava na minha bolsa — ela diz contida.

— Santo Deus! Iria passar a noite aqui fora? — olho para ela abismado. Claro que ela não tinha chave, sua bolsa fora roubada. Como pude ser tão estúpido? Deixei-a ir sozinha de táxi, sem bolsa e obviamente, sem as chaves.

Inferno! Sou um perfeito idiota!

— Só até minha amiga chegar — ela aponta o apartamento atrás dela.

— Moça, você é dinamite pura. Afaste-se! — peço irritado.

— O que vai fazer? — ela se levanta e caminha em direção a minha voz e em vez de segurar meu braço toca em meu peito. Puxa a mão rapidamente e cambaleia para o lado com a respiração suspensa. Parece que levou um choque.

— Abrir sua porta — ajudo-a se equilibrar.

— Não pode arrombar minha porta — ela diz alto.

— E deixá-la ainda mais vulnerável? Claro que não, vou apenas abrir a porta — digo tranquilizando-a.

— Como? Com dons sobrenaturais? — ela diz ironicamente.

Petulante, penso.

— Dons, sim. Sobrenaturais, não —, digo e acaricio seus cabelos. — Tem um grampo ou algo parecido? — pergunto.

— Não —, ela enrugando a testa. Mexo em sua blusa para retirar um pequeno broche.

Ela fica em silêncio por minutos longos demais para o meu gosto. Quando ela vai protestar, escuto o clique da porta.

— Pronto, entre — ordeno.

— Mas como...? — ela pergunta confusa. — Você só sabe mandar?

— Usei seu broche — digo irritado. — Agora entre.

Vejo que ela fica insegura se deve me deixar entrar ou não. Francamente! Eu a salvei. Mas afinal, eu também a segui até sua casa. Bem, não exatamente segui, mas aqui estou eu e sou um estranho. Entendo sua reticência.

— Não vou machucá-la — sussurro em seu ouvido fazendo com que ela dê um salto para trás se desequilibrando. — Peguei você...

Seguro-a junto ao peito novamente. Posso sentir seu rosto, seu hálito quente, seu perfume almiscarado misturado a florais. Inspiro profundamente como para me assegurar de jamais esquecer aquele cheiro. Pego uma mecha solta de seu cabelo e coloco atrás de sua orelha. Minha mão involuntariamente desliza para sua bochecha e chega aos seus lábios.

Meu coração bate rapidamente, parece que corri uma maratona inteira. *“Santo Deus!”* O que está acontecendo comigo? Sentimento de culpa por eu tê-la deixada sozinha? Sim, é isso. Tento assegurar a mim mesmo.

— Onde estão os responsáveis por você? — pergunto afastando-me dela abruptamente.

— Quê? — ela toca os lábios onde os meus dedos pousaram há alguns segundos.

— Você não mora sozinha, nenhum juiz permitiria isso na sua idade — digo inquisitivamente.

— Minha idade? — ela repete confusa.

— Quantos anos têm? Dezesseis ou máximo dezessete? — afasto-me ainda mais dela. Perigo! Grita meu cérebro.

Porra! O que estou fazendo? Mais alguns segundos e vou beijá-la. Que espécie de perverso eu sou?

— Tenho vinte e três! — ela empina o queixo. Em contrapartida, o meu cai.

— Sério? Parece mais jovem do que diz — digo olhando para tamanha beleza. Talvez seja sua aura inocente. Sua pureza, sua delicadeza

que tenha me dado essa impressão. — De qualquer forma, sabe que não pode morar sozinha nesse...

Olho em volta, ao contrário do apartamento da prostituta loira, seu pequeno apartamento é bem arrumado. Simples, mas bem arrumado. Perfumado também, essência de flores eu noto. Num canto perto da janela há um sofá usado, mas com uma capa artesanal delicada. À esquerda, há um aparelho de som antigo em cima de uma caixa coberta por uma toalha bordada. Um balcão divide o apartamento, onde há uma cozinha americana. As paredes são brancas, sem quadros. Também não existe nenhum tapete ou televisão. Uma pequena mesa de dois lugares está paralela ao pequeno sofá, com um pequeno arranjo de flores em cima. Não há mais nada no pequeno cômodo. Apesar de o apartamento ser ridicularmente simples parece haver mais vida e calor ali do que em minha enorme mansão.

— O que faz aqui, senhor...? — ela diz trazendo-me de volta para o presente.

— Durant, Neil Durant — estico a mão para ela, que fica parada no ar.

Droga! Esqueço que ela é cega! Parece tão independente que o fato sempre me passa despercebido.

— Qual seu nome? — pergunto.

— Connor, Jennifer Connor, mas todos me chamam de Jenny — ela responde.

— Prefiro Jennifer, faz com que você pareça mais adulta — digo sedutoramente.

— Senhor, Durant! Não sei por que está aqui, mas estou realmente muito cansada.

— Quem cuida de você? Onde está o *irresponsável*? — digo com arrogância frisando *irresponsável*.

— Ninguém cuida... — ela para abruptamente, como se quisesse esconder de mim alguma informações. — Meu tio está trabalhando — ela diz em dúvida.

— Trabalha à noite? — as palavras estalam entre os meus dentes.

— Até as nove... — responde.

— Então ele está bem atrasado, já passa da meia noite, aliás, é quase uma hora e quinze da manhã — digo.

Ela caminha até o sofá e parece pensar no que vai dizer.

— É que hoje ele fará horas extras — justifica torcendo as mãos.

Mentirosa. Penso comigo mesmo. Se existe uma coisa que eu sou capaz de saber é quando alguém mente. E com ela não é diferente. Ademais, não havia indicativos no apartamento que havia outra pessoa morando ali e ela parece estar temerosa. É natural, afinal ela não me conhece. Fico satisfeito que ela haja com cautela.

Esfrego o rosto e tento reordenar minha mente, já é de madrugada, estou igual a um imbecil questionando uma garota que nunca vi na vida e no lugar dela eu já teria chamado à polícia!

— Obrigada por me ajudar novamente, mas acho que já pode ir embora — diz ela me expulsando.

— Tudo bem — suspiro. Ela está visivelmente cansada e pálida. — Tem certeza que vai ficar bem?

— Sim — ela diz baixinho.

— Cuide-se e tranque a porta — digo a ela.

Antes de sair penso em dar-lhe um beijo, mesmo que casto, mas me contenho. Não quero que ela tenha medo de mim e ela já passou por muitas coisas hoje. Inspiro profundamente e relutantemente me despeço e saio do apartamento.

Ao sair ouço-a passar o trinco pela parte interna da porta. Não que aquilo vá realmente impedir que alguém entre, mas me sinto mais

aliviado.

— Que loucura! — digo baixinho, quase num murmúrio.

Passo as mãos nos cabelos, pego meu celular e me dirijo às escadas.

— Calvin?

— Sim, Sr. Durant — ele atende prontamente.

— Preciso que me faça um favor — e ordeno a ele o que preciso.

Observo o prédio enquanto aguardo Calvin chegar. Eu mesmo gostaria de ficar de guarda, mas não posso. Anne me espera em casa. Ela é ciumenta e já vejo crises pela manhã.

Vejo Calvin virando na esquina. Quando ele para, desce do carro e deixa a porta aberta para mim.

— Apartamento 32, Calvin.

— Sim, senhor.

— Telefone-me se algo acontecer. Não deixe ninguém entrar — digo com firmeza.

— Sim, senhor — ele assente.

— Amanhã cedo pegue um táxi e vá para casa — digo e ligo o carro saindo em seguida.

Dirijo o mais rápido que as leis de trânsito permitem. Minha mente diz para eu retornar a casa dela, mas meu coração diz que devo voltar pra casa. Anne me espera. Não tinha intenção de chegar a casa tão tarde. Terei que explicar amanhã cedo, ou seja, hoje, mais tarde e espero que ela não esteja acordada.

Ontem foi um dia difícil, primeiro descobri que meu projeto mais importante havia sido entregue a um dos meus concorrentes. Por sorte, o projeto ainda está em fase de desenvolvimento, mas eu tenho que saber quem foi o maldito informante.

Além da longa espera no café pelo jovem que não apareceu. E por fim, aquele anjo sendo atacado por um homem. E ainda estou intrigado com isso.

Volto à mente para manhã daquele dia... Antes que eu pudesse reunir minha equipe recebi uma ligação de Peter. Havia muitas coisas a serem resolvidas na empresa e o dia passou vagarosamente, como ocorre, em geral, quando se está esperando por alguma coisa. Assim que o relógio marcou sete horas da noite sai apressadamente. Esperava por aquele encontro há anos. Esperei por duas horas naquele café até que me conformei de que a pessoa que iria encontrar não viria. Então decidi ligar para Peter e volto ao momento daquele telefonema.

— Você tem certeza que é nesse bairro, Peter? — perguntei ao meu investigador e amigo.

— Absoluta! Eu não entendo por que ele não apareceu — ele respondeu resignado. — Eu vou tentar localizá-lo.

— Certo, Peter, continue investigando — encerrei a ligação frustrado.

Embora eu soubesse que era apenas uma pista, nunca senti que estava tão perto. Meus instintos nunca falharam e algo me dizia que estava muito próximo. Entretanto, ele não foi. Porque não foi? Realmente não entendo.

Assim que atravesso os portões digito o código de segurança, sigo para garagem e estaciono o carro. Já são mais de duas da manhã.

A casa está silenciosa, passo pela sala e pego o elevador. Normalmente utilizo as escadas, mas estou realmente muito cansado esta noite.

Abro a porta e entro no quarto silenciosamente. Anne ainda está dormindo tranquilamente, dou um pequeno beijo em sua testa. Fecho a

porta e sigo para o outro quarto. Amanhã darei todas as explicações possíveis.

Tiro o casaco e a camisa. Tiro a calça e fico apenas com a cueca boxer. Jogo-me na cama. Meus dedos ainda formigam pelo toque naqueles cabelos e lábios macios. Meu último pensamento é como deve ser beijá-los.

Capítulo Três

—Papai acorda, acorda! — ela diz com sua vozinha esganiçada.

Resmungo e esfrego meu rosto. Pisco para a luz tentando acostumar meus olhos, enquanto mãozinhas insistentes me sacodem.

— Acorde papai! — ela grita mais uma vez.

— Hei Terremoto, deixe-me dormir — resmungo sonolento.

— Já é tarde! — ela sorri após ouvir o apelido carinhoso. — Estou com fome. — ela diz enquanto passa a pequena mão pela barriga.

— Por que não foi tomar café? — sento-me na cama com dificuldade.

— Não sem você — ela resmunga.

Olho para o relógio na cabeceira da cama que marca 08h30minhs.

Putá merda! Pulo da cama. Sempre acordo antes das sete para preparar o café e tomá-lo com Anne. Dormi muito, na realidade desabei. Os acontecimentos do dia anterior vêm como uma avalanche em meus pensamentos.

— Papai! — ela diz insistentemente.

— Já escutei Anne — sorrio para ela. — Deixe apenas o papai tomar um banho e já desço para tomar o café com você!

— Mas não demora — diz ela fazendo um biquinho.

— Onde está Claire? — pergunto.

Claire é a babá de Anne desde que eu a trouxe para minha casa, algumas semanas após seu nascimento. Isso foi há sete anos.

— Na cozinha preparando o café, mas prefiro suas panquecas, são melhores e mais gostosas — Anne sorri revelando uma janelinha entre os dentes superiores.

— Prometo ser mais rápido que o The Flash — digo bagunçando seu cabelo.

— Tá bom! — ela sorri em resposta.

Observo minha filha sair saltitando em sua perna mecânica. Por causa da vida irresponsável, regada a bebidas, cigarros e drogas, a menina havia nascido com uma deformidade em uma de suas pernas. Apesar disso, Anne é uma menina alegre e doce.

Se pelo menos a mãe a tratasse melhor, com mais carinho. Apesar de todos os meus esforços para proteger Anne, nem sempre consigo evitar que ela seja afetada pelo veneno e palavras amargas de Sophia, mas isso terá um fim. Não vou mais deixar Sophia atormentar nossas vidas. Não mesmo.

Tomo um banho rápido, visto meu terno Armani cinza grafite e coloco uma camisa branca e uma gravata vermelha e desço para a cozinha, onde Anne me espera.

— Por que você chegou tão tarde, papai? — Anne exige assim que entro na cozinha.

Tiro meu paletó e coloco no encosto de uma das cadeiras. Anne é uma criança extremante possessiva e ciumenta comigo. Nenhuma mulher pode chegar perto o suficiente, exceto Claire, isso porque ela a conhece desde bebê.

— Bom dia, Claire — cumprimento a babá e volto para Anne— Aconteceu um imprevisto e você não deveria ficar acordada até tarde, não é? — digo sorrindo para ela.

Anne cobre o rosto e murmura algo incompreensível. Respiro fundo antes de chamar sua atenção. Quase nunca brigo com ela, mas se há uma coisa que eu exijo é que tenha uma vida normal para uma garota da sua idade e dormir cedo é uma exigência.

— Anne? — chamo-a com as sobrancelhas erguidas.

— Eu estava esperando você chegar... — ela choraminga.

— Não vai me conquistar com lamúrias, mocinha! — digo docemente.

— Mas papai... — ela choraminga novamente.

Sinto meu celular vibrar e antes que eu possa responder, faço um gesto para que ela espere e atendo.

— Calvin?

— Acho que temos problemas, senhor — ele responde afobado e ouço gritos ao fundo.

— Que tipo de problemas? Não me diga que deixou alguém entrar — falo rispidamente, a raiva tomando conta de mim.

— Não, senhor. Quer dizer, ainda não — ele responde.

— Como assim, *ainda não*? — pergunto ainda mais irritado.

— Senhor, é uma moça. Parece que é uma amiga. Acho que realmente não oferece algum perigo — ele diz baixinho.

— Ok. Deixe-a entrar, mas fique aí. Estou indo imediatamente — ele consente e eu desligo.

Antes que Anne possa protestar, dou um beijo em sua testa.

— Prometo levá-la ao zoológico no fim de semana — os olhos dela brilham sapecas. — Claire pode cuidar do café para mim?

— Claro senhor — diz Claire. Na verdade já estava pronto, mas a menina insistiu em comer suas panquecas. — ela diz em reprovação.

— Fica para amanhã, Terremoto — despeço-me dela e saio apressadamente.

Dirijo com relativa um pouco rápido demais. É a segunda vez que dirijo assim em menos de 24 horas. E tudo por causa de certa ruiva, linda e estonteante. O trânsito pesado já se foi considerando que está passando a hora do *rush*.

Quem será essa amiga? Bom, saberei quando chegar lá. Também preciso dispensar Calvin. Ele passou a noite em vigília e deve estar cansado. Sei que ele aguenta muitas horas acordado, já pude comprovar isso, mas mesmo assim, merece descansar. Posso tomar as rédeas da situação a partir de agora. Estaciono em frente ao prédio velho alguns minutos depois.

Encontro Calvin em frente à porta.

— Bom dia, Calvin. O que aconteceu? — questiono tão logo o encontro.

— Bom dia, senhor. Estava aqui, conforme suas orientações e já estava prestes a chamar um táxi para retornar para casa, considerando que já eram quase nove da manhã, quando a tal amiga chegou. Primeiro ela me olhou assustada, pois acredito que não esperava ver um homem parado, em frente ao apartamento. Depois perguntou quem eu era e o que eu estava fazendo ali. Expliquei minimamente e ela bateu na porta para chamar a amiga. Quando eu disse a ela que não poderia entrar, ela ficou louca. Começou a berrar, dizendo que chamaria a polícia e quem eu achava que era para impedi-la. Enquanto eu tentava justificar, a moça ruiva abriu a porta e perguntou o que eu fazia ali. Expliquei novamente,

que estava ali para sua segurança e ela disse que a jovem era sua amiga e que eu deveria deixá-la entrar se eu não quisesse arrumar confusão. Foi aí que telefonei para o senhor. — ele explica.

— Certo. Depois que ela entrou você ouviu ou viu mais alguma coisa? — pergunto.

— Bom, depois que a moça ruiva abriu a porta e ambas caíram no chão...

— O quê? Caíram no chão? — digo, cortando-o.

— Acho que a amiga estava tão enlouquecida que quando a ruiva abriu a porta, ela se jogou em cima dela, derrubando-a. Mas não ficaram machucadas. Eu verifiquei isso — ele responde apressadamente.

— Continue — digo impaciente.

— Bem, depois que elas entraram eu pude ouvir um pouco da conversa delas. Falaram sobre alguém chamado Brian e sobre o senhor.

— O que disseram sobre mim? — pergunto realmente interessado.

— A moça ruiva disse que o senhor a salvou ontem duas vezes, primeiro livrando-a de um assalto e depois quando veio e abriu a porta do apartamento dela para que pudesse entrar — ele diz resumidamente.

— E o que mais? — pergunto agoniado.

— Bom, não pude ouvir muito, pois elas estavam praticamente cochichando — ele diz como se pedisse desculpas.

Quem seria essa amiga? E porque a deixou sair sozinha? Será que morava com ela? E quem era esse Brian? Seria seu tio? Não, ela mentiu sobre isso, tenho certeza. Aquilo não estava cheirando nada bem. Aliás, estava cheirando a encrenca e das boas. Espero estar enganado.

— Tudo bem, Calvin. Peça um táxi e volte pra casa. Assumo a partir daqui. Precisarei de você apenas à noite. Anne está com Claire em casa e acredito que não vão sair durante o dia — digo dispensando-o.

— Senhor, mais uma coisa. — Calvin diz antes de se retirar.

— O que? — pergunto interessado.

— Devo informá-lo que a senhorita ruiva não ficou muito contente em saber que o senhor me pediu para que ficasse aqui para mantê-la segura — ele diz resabiado.

— Eu resolvo isso, Calvin. Pode ir. Ah! Calvin! Essa amiga era uma loira peituda? — digo lembrando-me da desagradável prostituta da noite anterior.

— Não, senhor. Ela é alta e morena — ele responde.

— Ok. Bom descanso — digo e ele se retira apressadamente.

As coisas saíram um pouco do controle. Tudo porque dormi demais. Pretendia render Calvin mais cedo e verificar se o tal tio de Jennifer existia, apesar de apostar minhas bolas que era mentira. Mas apaguei e agora teria que mudar um pouco minha abordagem. Essa garota está me cheirando à encrenca, mas não posso simplesmente virar as costas. Não enquanto estiver em dívida com a vida.

Eu não que sou um bom samaritano, em busca de perdão ou com o propósito de salvar o mundo, estou muito longe disso. Certo, eu faço doações à caridade e participo de eventos filantrópicos, mas nada, além disso. No entanto Jennifer faz ressaltar cada instinto protetor que há em mim.

Quem eu quero enganar?

O que venho sentindo não tem nada a ver com proteção. Não sei exatamente o que é, mas não consigo ficar longe dela, nem que seja por

uma maldita noite. Lembro-me vagamente do meu último pensamento. Pensei como seria beijá-la. Sacudo a cabeça para afastar o rumo dos meus pensamentos e bato na porta. Ninguém atende. Bato de novo um pouco mais forte. Nada. Resolvo chamá-la.

— Jennifer! Jennifer abra a porta! — falo praticamente berrando.

Fecho os olhos tentando me acalmar. Sei que ela está lá dentro. Vou contar até cinco e se ela não abrir a porta...

— O que faz aqui? — ela abre uma brecha na porta abruptamente.

Parada cardíaca!

Abro os olhos e me arrependo no exato instante em que o faço. Se eu imaginei que ela fosse linda na noite anterior, agora não existem palavras no mundo para descrever tanta beleza. Olhos azuis, estático e sempre focado no horizonte, cílios naturalmente longos, nariz arrebitado, lábios carnudos e maçãs do rosto levemente coradas dão o toque final à obra prima. Uma verdadeira Afrodite, ruiva e linda de morrer.

Seus cabelos estão úmidos e presos a um rabo de cavalo improvisado. Ela está usando um vestido branco de algodão e renda. Parece um anjo. Só de imaginá-la no banho, o sabonete escorrendo em sua pele aveludada, deslizando pelos seios e descendo entre as pernas, já me faz endurecer. *Merda*. Tento frear meus pensamentos eróticos.

— Deixe-me entrar — digo soltando a respiração que eu nem sabia que estava prendendo.

— Não! — ela tenta fechar a porta.

— Não foi um pedido, Jennifer — empurro-a gentilmente e entro.

— Mas o que você está fazendo... — ela tenta elaborar alguma frase.

Ignoro seu quase protesto e vou em direção à moça sentada no sofá.

— Quem é você? — pergunto desafiadoramente.

— Paige Fischer — ela responde com os olhos arregalados.

— Sr. Durant! — Jenny grita cruzando os braços.

— Neil. Chame-me de Neil, Jennifer! — digo sem desviar o olhar da morena que me encara visivelmente nervosa.

— Não importa! — ela caminha até mim — Não pode invadir minha casa e interrogar meus amigos. — ela diz indignada.

— Amiga? Que tipo de amiga deixa a outra amiga cega andar sozinha à noite, ser atacada e dormir na rua? — digo enfurecido.

— Eu não dormi na rua — ela sibila.

— Não graças a ela — aponto para a jovem que apesar do medo, começa a me encarar com petulância.

— Neil... — Paige interrompe.

— Sr. Durant para você, Srta. Fischer — encaro Paige duramente.

— Sr. Durant eu estava trabalhando — ela me olha torto e se justifica.

— Vai me dizer que ela é sua tia? — digo virando-me para Jennifer.

— Não, eu... — Jenny balbucia, esfregando o pulso.

— Eu agradeço o que fez pela Jenny, mas eu avisei para ela não ir se encontrar com o Kevin... — Paige murmura.

— Fica quieta, Paige. Não é da conta dele — diz Jennifer rispidamente.

— Já que eu salvei sua vida, mais de uma vez, creio que seja da minha conta sim, Jennifer — eu sei que ela tem razão, não é da minha conta.

Droga! O sensato seria ir embora agora que vi que ela está sã e salva com sua amiga.

Vou apenas me assegurar que ela está bem e vou embora, repito a mim mesmo. Mas não consigo desviar os olhos dela, enquanto ela caminha em direção à amiga no sofá. Não consigo parar de pensar nela, em sua pele suave, seus cabelos macios como seda e nesses lábios sedutores. Sem contar esses olhos, que mais se parecem com as profundezas de um oceano. Intensos, quentes e cálidos.

Porra! E eu só penso em beijá-la.

— Não, não é... — Jennifer diz de uma forma tão intensa, me encarando, que se eu não tivesse certeza de que ela é cega poderia jurar que ela vê minha alma — Pegue seu leão de chácara e saia daqui! — ela ruge.

— Inferno, mulher! — digo exasperado.

— Eu agradeço pelo que fez, mas termina por aqui — ela insiste segurando a mão de Paige, como se fosse um escudo.

Contra mim?

O maldito celular resolve tocar nesse momento.

— Agora não, Penélope — digo atendendo após identificar o número de meu escritório.

— Desculpe-me, Sr. Durant, mas Peter está aqui e diz que é urgente — ela explica.

— Mande-o aguardar. Estou indo.

Encaro Jennifer por alguns segundos e vejo que ela está ofegante. Ela é linda. Poderia olhá-la por horas. Mas tenho que me encontrar com Peter e já é quase hora do almoço. Perdi toda a manhã e ainda não resolvi nada aqui.

Inferno! Preciso ir, não tenho como ficar mais.

— Não terminamos ainda — digo virando-me para Paige com olhar duro. — Estou de olho em você. Vou mandar um dos seguranças da minha empresa para cá Jennifer e não admitirei nenhum argumento quanto a isso — digo incisivamente.

— Mas Sr. Durant, o que está pensando? — ela diz indignada.

— Não vou aceitar suas recusas e independentemente de você querer ou não, enviarei alguém aqui. Quero que fique segura até pelo menos nos encontrarmos novamente. Entendeu? — digo e olho incisivamente para Paige que se encolhe no sofá.

— Mas... — Jennifer começa e eu a interrompo.

— Sem, mas apenas aceite. Meu segurança estará aqui em breve — digo e me viro para sair.

Dou mais uma longa olhada nela e encaro Paige que me olha estupefata e com um ponto de interrogação no meio da testa e me encaminho até a porta. Quero que a Paige saiba quem está no comando agora. Assim ela não vai querer interferir junto à Jennifer ou colocá-la em perigo.

Saio do apartamento e faço uma discagem rápida para Dylan. Ele atende em seguida, explico a ele o que eu quero. Passo o endereço e desço as escadas. Entro no meu carro e aguardo a chegada dele. Dylan é um dos meus melhores seguranças. Não é como Calvin, porque Calvin é um verdadeiro achado, mas é muito bom também. Não sairei daqui enquanto ele não chegar. Vejo um homem sujo, aparentemente bêbado, saindo do prédio. *“Deus!”* Como alguém tão frágil como ela pode viver em um local como esse? Finalmente Dylan chega. Converso com ele brevemente, orientando-o a me avisar caso ela saia de casa e sigo para minha empresa.

Entro apressadamente no prédio. Se Peter está aqui, com certeza é algo urgente. Espero que dessa vez ele tenha alguma notícia. Peço um café para Penélope e digo que ela avise a Peter que chegarei a cinco minutos. Enquanto isso eu volto essa manhã.

Ela estava linda. Não permitirei que ninguém toque em um só fio de seus cabelos. E aquela amiga? Apesar de ser uma babaca acho que com o tempo aprenderei a gostar dela. *“Com o tempo?”* O que estou pensando? Em ter alguma coisa a mais com Jennifer e virar amigo da babaca da Paige? Devo estar completamente fora do prumo. Passo por Penélope ela me avisa que Peter está esperando no escritório.

— Peter, como vai? — cumprimento meu amigo assim que entro na sala. Ele alto e bem mais alto que eu e é puro musculo, graças há anos como agente da CIA e um rigoroso treinamento. Agora tem sua própria empresa de segurança e investigação.

Peter traz consigo uma pasta e parece arrumar uns papéis dentro dela, como se estivesse conferindo-os anteriormente.

— Como vai, Neil? Tenho boas notícias — ele diz e abre um sorriso.

— Você a encontrou? — pergunto indicando uma cadeira para que ele se sente.

— Ainda só o garoto. Sinto muito — ele diz com pesar.

— Eles foram separados ou coisa parecida? Talvez ela tenha sido adotada? — começo minha inquisição espanhola.

Esfrego os olhos antes de me sentar, com as lembranças daquele dia que marcaram minha vida para sempre.

— Neil, não gostaria que tivesse muitas expectativas — ele parece nervoso.

— Solta logo — digo impaciente.

— Bem, o motivo dele não aparecer... O garoto teve alguns problemas com a justiça e leva uma vida um tanto barra pesada — ele desvia o olhar.

— Eu vou ajudá-lo. Onde ele está? — continuo.

— Nesse momento em um quarto sujo de motel — ele diz calmamente.

— Por que ele não apareceu ao encontro? — pergunto intrigado.

— Ele foi encontrar com uma pessoa antes e acabou não conseguindo chegar a tempo — Peter balança sua cabeça contrariado. — Provavelmente algum traficante.

— Drogas? É tão ruim assim? — pergunto arqueando as sobrancelhas.

— Pelo que já vi por aí — ele balança os ombros. — Diria que é um caso perdido.

Sinto como se o mundo estivesse sendo jogado em cima dos meus ombros.

— Consiga um pedido de intervenção, Peter. Eu tenho que fazer isso. Devo isso a ela. E, além disso, nada é irreversível — digo encarando-o.

— A culpa não é sua Neil, tem que aceitar isso — ele diz firmemente.

— Você não estava lá! — rujo e bato na mesa — Ache a garota! É para isso que eu lhe pago!

Levanto-me e me viro para olhar a cidade através da imensa janela do meu escritório, no último andar do edifício. Nuvens escuras encobrem o céu. O dia reflete meus pensamentos: frio, sombrio e cinzento.

— Quero que me faça mais um favor — escrevo na agenda negra em cima da mesa e entregou a ele. — Descubra tudo o que puder.

— Há algo que não me contou? — ele olha inquisitivamente.

— Isso vai depender do que descobrir — digo bruscamente.

— Neil, você é um poço sem fundos de confusão — Peter ri tentando desconstrair o ambiente. — Enviarei notícias em breve. — ele diz antes de se levantar para sair.

O telefone toca.

— Desculpe Senhor... — Penélope interrompe. — Reunião com a diretoria em vinte minutos.

— Certo. Traga-me alguma coisa para comer antes que eu vá para a reunião. Não tomei café e não terei tempo de sair para almoçar — respondo.

Sigo para o toalete da minha sala. Antes de entrar viro para Peter.

— Assim que ele estiver limpo quero falar com ele pessoalmente — vire e entro no banheiro sem aguardar a resposta.

Entro na sala de reuniões e tudo mais é esquecido. Alguém está enviando informações sobre minha empresa e possivelmente vendendo-as a alguém e eu pretendo descobrir. As pessoas geralmente pensam que ser CEO de uma grande corporação é apenas glamour, jatinhos, carros de luxo, festas e mulheres, mas vai muito, além disso. Há mais compromissos e responsabilidades do que diversão.

Nenhum CEO consegue sobreviver apenas vivendo assim de luxúria. São muitas horas de trabalho, abdicando às vezes da própria família, além dos riscos envolvidos. Apesar de eu contar com uma das melhores equipes de gestores e especialistas se eu não estiver aqui para guiá-los, nada acontece.

Uma decisão pode gerar bilhões de dólares ou falência iminente e no mundo da tecnologia e dos negócios, onde as coisas mudam rapidamente. E cada decisão é uma roleta russa. As empresas Durant lideram o ramo, mas nem sempre foi assim. Quando meu pai perdeu o controle ficamos muito perto da falência. Mas não quero pensar agora sobre isso. É passado.

O resto do dia correu sem maiores problemas. Pulei de uma reunião à outra, com diretores, empresários e engenheiros. Estou me sentindo cansado, mas há algo que me tortura e insisti em invadir meus pensamentos, aqueles olhos azuis.

Várias vezes tive que pedir para que as pessoas repetissem o que estavam dizendo. Talvez um pouco de exercício ou algumas horas de musculação me ajudem a esvaziar a mente. Poderia fazer uma sessão de massagem e ter uma noite com aquela mulher quente, com cabelos vermelhos espalhados sobre os lençóis. *Infêrno!* Meu corpo já está reagindo a esses pensamentos.

Aquela maldita mulher me assombrou durante todo o resto do dia. Fui um dos últimos a sair da sala de reuniões e não porque quis dizer a última palavra, mas por que diante do meu atual estado físico seria, no mínimo, embaraçoso.

Tenho que dar um jeito nisso. Talvez algumas de minhas “amigas” pudessem aliviar o desejo que há dentro mim. Jennifer está fora de cogitação. Ela não se enquadra no quesito amante.

Por outro lado, sinto como se estivesse a traindo. Porra! Que maldito romântico é esse que estou me transformando? Não tenho nada com ela. E nem vou ter.

Sim. Farei isso. Vou foder alguma outra mulher e esquecer Jennifer.

Pego meu celular, mas antes que eu possa verificar a agenda e escolher alguma mulher sexy na longa lista, ele toca.

— Chefe? — Dylan pigarreia. — Temos problemas.

Capítulo Quatro

Desligo meu celular e ligo imediatamente para Calvin, enquanto me dirijo ao elevador da empresa. Penélope diz alguma coisa, mas eu nem escuto e nem respondo.

Inferno! Maldita mulher! Porra!

O que ela está pensando? Digo para Calvin para onde estou indo e ordeno que ele me encontre lá, imediatamente. O elevador leva séculos para chegar

Conte Neil. Dez... Nove... Oito... Sete... Seis... Cinco... Quatro... Três... Dois... Um... E eu já estou quase indo para as escadas, quando as portas se abrem. Entro e aperto o botão “G” da garagem, quase o afundando. Outro século até o elevador parar.

Vou para meu carro e saio da garagem cantando pneus. Logo estou nas ruas dirigindo como um morcego saindo do inferno. *Porra! Porra! Mil vezes, porra!* Ainda vou ser preso por dirigir desse jeito por causa dessa mulher. Simplesmente não posso acreditar no que Dylan disse. Se ela realmente estiver onde ele diz que está, e principalmente, fazendo o que eu sei que as pessoas fazem nesse lugar, juro por Deus que não me responsabilizo pelos meus atos.

Chego ao lugar informado por Dylan quase ao mesmo tempo em que Calvin. Desço do carro e chamo Dylan, que aguarda pacientemente do lado de fora.

— Um clube de strip? — encaro Dylan sem acreditar no que estou vendo.

Acima da porta de entrada há um letreiro, com luzes rosa e lilás piscando, escrito “Seduction” e há desenhado uma mulher de pernas cruzadas, apertando os seios.

Putá que pariu! O que uma jovem, inocente cega faz em um clube de strip? De repente tudo em minha volta muda de cor. Tudo fica vermelho, o céu, os prédios em volta, até mesmo as pessoas na calçada estão com uma tonalidade diferente.

Meus dedos fecham com tanta força na palma da minha mão que eu posso jurar que em alguns segundos o sangue começará a pingar na calçada, tamanha força que emprego nesse ato, com a fúria tomando conta de mim.

Dylan assente com a cabeça levemente.

— Dylan, você está dispensado por hoje. — digo com raiva. Estou com tanta raiva que nem lembro se pedi que ele impedisse qualquer tentativa de saída de Jennifer. Portanto, não posso demiti-lo agora sem ter certeza.

— O senhor tem certeza de que não quer que eu o acompanhe? — ele pergunta cautelosamente.

Aceno com a mão em negativa, chamo Calvin e entro no clube. Uma vez lá dentro, ando sem desviar das pessoas que estão no meu caminho. Simplesmente saio abrindo caminho como um trator e elas vão se desviando a minha volta.

O clube não é grande. Tem um bar à esquerda e algumas mesas onde alguns homens bebem com prostitutas penduradas em seus pescoços. Do lado oposto vejo alguns casais em fila, esperando para usar o que parecem ser banheiros. Óbvio que o usarão para outros fins. À frente está um pequeno palco com pole dance. Mais ao fundo alguns músicos testam uns equipamentos de som.

Percorro o salão e a pista de dança, apesar da fumaça constante e desagradável. Avisto Paige próxima à escada que leva ao palco ao lado de Jennifer.

Jennifer está em um vestido vermelho de couro desnecessariamente curto. Os cabelos caem como uma cascata até sua a cintura e brilham como fogo.

— Não! — gemo ao ver Paige subindo as escadas levando-a consigo. — Não! Não! E não!

Alguns homens se levantam de suas mesas e caminham em direção ao palco. Alguns dizem besteiras e outros assobiam. Preciso empurrar alguns deles para chegar até elas.

— Saia daí agora! — enfatizo cada palavra antes de segurar seu tornozelo impedindo-a de que dê mais um passo.

— Sr. Durant? — Paige diz boquiaberta.

— Como pode arrastá-la para isso? — encaro-a com olhar mortal.

— Solte-me! — Jennifer exige tentando puxar o pé sem sucesso o que a leva a se desequilibrar e cair de bunda no chão. — Ai!

— Chega disso — puxo-a colocando em meu ombro como um Neanderthal.

— Ei cara, o que você está fazendo? — um cara magro se aproxima. — Solta a moça!

Se um olhar fosse capaz de matar, o meu faria exatamente isso. Calvin se coloca entre nós e cruza os braços.

— Solte-a! — o homem berra.

Coloco Jennifer no chão, desvio de Calvin e acerto um soco no cara que geme sem entender o que aconteceu. Pego Jennifer pela mão e a arrasto para a saída antes que eu mate alguém ali dentro. Vejo vagamente que Paige continua estática e de boca aberta. Calvin nos segue, impedindo que outras pessoas se aproximem de nós.

Abro meu carro e a coloco dentro dele. Viro-me e mando Calvin me seguir para o meu flat. Dou a volta e entro no carro. Ordeno que ela coloque o cinto de segurança. Ela obedece. Começo a dirigir.

— Mas, o que... — ela tenta dizer alguma coisa. Quando percebe o carro em movimento, ela tenta se livrar do cinto.

— O que está fazendo? Para onde está me levando? Pare o carro imediatamente — ela ordena e eu a ignoro.

Estou completamente puto. Minto. Estou furioso. Respiro profundamente tentando manter meu autocontrole que está prestes a ir para o brejo.

— Fique calma! — digo o mais calmo que consigo. — Não vou machucar você, não mais do que aqueles homens fariam.

Só de imaginar o que aqueles homens asquerosos e bêbados poderiam fazer e, além disso, contemplá-la tirando peça por peça até ficar nua e em uma dança sensual ou que um mais atrevido pudesse passar a mão pelo seu corpo em busca de prazer e que...

— Leve-me de volta ao clube — ela tenta se soltar mais uma vez.

— Não — digo incisivo — Aquilo não é para você, pelo menos até conversarmos.

Jennifer respira profundamente tentando se acalmar. Sinto seu cheiro almiscarado chegando até minhas narinas. Inspiro profundamente. Olho para ela. Está linda, mesmo com esse pedaço de couro que ela chama de vestido.

— Você é casado — ela afirma tirando-me do meu devaneio. A voz soa como se estivesse decepcionada.

Fico rígido e volto minha atenção para a rua.

— Como soube? — sussurro.

— Isso importa? — ela vira a cabeça para a janela do carro.

— Importa — mesmo estando irritado com ela, mesmo que não possa dar vazão a esse sentimento em nenhum momento, não posso deixar de me encantar por ela. — Não é como você pensa — respondo amargamente.

— Isso não é da minha conta — ela rebate.

Antes de dizer qualquer coisa, chego ao hotel. Desço do carro e dou a volta para abrir a porta dela. Entrego as chaves ao manobrista.

— Venha. Chegamos — ordeno.

Vejo que ela não se move. Parece estar em pânico. Uma coisa é abordá-la, outra é trazê-la para um lugar desconhecido.

— Não tenha medo, Jennifer. Eu nunca iria machucá-la. — digo docemente e seguro sua mão que está gelada. Talvez não fisicamente, mas e quanto a seu coração? — Jennifer. — insisto após alguns segundos. — Não me obrigue a arrastá-la, como fiz no clube — digo entre dentes.

— Eu faria um escândalo — ela ergue o queixo.

— Já estou acostumado a isso, por favor! — digo puxando sua mão levemente. Finalmente ela cede.

— Você... Hum — ela pigarreia. — Vai ter que me guiar já que eu não sei onde estou.

— Três degraus a sua frente — sussurro enquanto a conduzo segurando-a pela cintura.

— Boa noite, Sr. Durant — o concierge cumprimenta-me, abrindo a porta do hotel.

— Boa noite.

Passamos pelo hall de entrada rapidamente. Tenho um flat no hotel e eventualmente trago alguma mulher bonita comigo. Esse é um horário movimentado e geralmente as pessoas vão até o bar enquanto esperam por uma mesa no restaurante. Portanto, o percurso é feito em silêncio.

— Vamos pegar o elevador — sussurro mais uma vez.

— Não precisa narrar cada passo, apenas se tiver algum obstáculo a minha frente — suas palavras saem duras entre dentes.

— Desculpe — digo constrangido. — Entre.

O elevador nos conduz ao trigésimo andar, onde está meu flat. Para algumas vezes para que as pessoas possam descer em seus andares. Nós caminhamos pelo corredor, eu sempre agarrado em sua cintura. Abro a porta com o cartão e entramos. O flat possui uma antessala, uma sala grande conjugada com uma sala de jantar, uma cozinha e uma suíte enorme com um banheiro. Na sala ainda tem uma bela varanda onde se pode ver boa parte da cidade.

Conduzo-a sala e sento-a no grande sofá branco em forma de L. Nas paredes há quadros caros e a porta de vidro da varanda vai do teto ao chão, decorada com cortinas azuis de seda.

— Quer beber algo? — pergunto após sentá-la no sofá.

— Água — ela responde.

Preparo duas doses de uísque para mim e sirvo um copo de água gelada para ela.

— Aqui — estendo o copo.

Jennifer tateia o ar até encontrar minha mão. Segura o copo com a mão trêmula e dá um longo gole.

— Sr. Durant... — murmura.

— Neil — sussurro sentando-me ao seu lado.

— Por que está me seguindo? — ela questiona.

— Eu não diria seguindo — digo contrariado. — Protegendo, seria a palavra certa.

— Eu agradeço o que fez por mim ontem... — ela respira fundo. — Mas não sou responsabilidade sua. As coisas são mais complicadas do que parecem.

— Eu errei uma vez... — faço uma longa pausa.

Ela se levanta e começa a andar, esbarrando na mesa de centro que é de vidro.

— Deixe-me ajudá-la. Não precisa fazer isso, Jennifer. Não precisa ser desse jeito. Se você precisa de dinheiro... — digo e paro abruptamente.

— Como? — Jennifer vira em direção a mim.

— Não precisa fazer aquilo, Jennifer. Não precisa ser uma stripper. Você pode ficar aqui. Eu vou dar algum dinheiro para você. Deve ter algo que queira fazer. Mesmo sendo cega, existem alguns cursos... — digo e ela me interrompe.

— Espere um pouco, Sr. Durant. Por acaso está pensando que sou uma stripper? — ela diz indignada. — Ou...

Fico calado. As palavras fogem da minha mente. Ela não é uma stripper? Mas ela estava em um clube de strip tease. Não estou entendendo mais nada.

— Neill! — ela berra. — Acho que já passamos das formalidades, não? O fato de trabalhar ali não faz de mim uma prostituta. Muito menos *sua* prostituta. — enfatiza a palavra *sua*.

Continuo mudo.

— Você não é o Richard Gere e eu não sou Julia Roberts, então não venha com essa versão estúpida de “Uma Linda Mulher” — ela diz arrogantemente.

Ela esbarra mais uma vez na mesa, na ânsia de ir embora. Ela está com medo e quer fugir. Deve estar apavorada. Cadê a porra do meu cérebro que resolveu fugir logo agora?

— Acha que é isso que eu quero? Transformá-la em minha prostituta de luxo? — digo me aproximando dela, seguro-a em meus braços e inalo seu perfume. — Sim, eu queria jogá-la naquela cama, rasgar esse vestido, beijar cada parte de seu corpo e saber se o seu gosto é tão bom como imagino — digo enquanto puxo suavemente seus cabelos, inclinando sua cabeça para trás e olhando diretamente em seus olhos. — Queria saber se você grita quando faz amor e olhar nos seus olhos enquanto eu a fodo, forte e, selvagem.

Jennifer fecha os olhos e sua expressão muda de pânico para prazer. Coloco uma mecha solta de seu cabelo atrás da orelha. Tenho duas escolhas com ela aqui, em meus braços: ou a beijo furiosamente ou deixo-a ir para seu próprio bem. Não preciso dizer qual eu escolho a primeira opção está fora de controle e eu a beijo fervorosamente. É muito mais inebriador do que eu havia imagino. Inferno! Estou fodidamente perdido!

— Não. Isso não é certo — ela diz interrompendo o beijo com dificuldade.

— Porque, Jennifer? — pergunto insatisfeito com a interrupção.

— Bem, você é casado e ainda não conversamos direito. — ela tenta se justificar.

— Você queria ir embora. Então pensei que não quisesse conversar. Achei que a beijando poderia persuadi-la a não ir. — digo encolhendo os ombros.

— Acho melhor nos sentarmos e começarmos de novo. O que acha? — ela diz baixinho.

— Tudo bem. — respondo levando-a de volta ao sofá. — Sobre o que quer conversar especificamente?

— Sobre você. Sobre seu casamento — ela diz imediatamente.

Não é sobre isso que quero conversar exatamente. Sophia é um assunto doloroso para mim e, na verdade, não somos casados. Bem, quer dizer, não somos como um casal de verdade, mas também quero saber sobre o tal Brian e sobre esse Kevin. É hora de jogar as cartas na mesa. E ela que não pense que me esqueci desses dois. Pelo menos para alguma coisa a maldita Paige serve.

— A Paige me disse que ela é muito bonita. Costuma sair em capas de revistas, que é socialite e que vem de uma rica família tradicional de Nova Iorque — ela diz interrompendo meus devaneios.

— Sim. Ela é bonita. E é rica também — digo cauteloso.

— Ela me disse que você também é bonito — ela diz.

— Ah é? — pergunto genuinamente interessado.

— Sim. Disse que você é moreno, de olhos negros e que seu cabelo é bagunçado, como se passasse as mãos por ele muitas vezes — ela sorri. — Disse também que você é empresário, adora aviação o que levou a tornar-se sócio igualitário da mais nova e em ascensão companhia aérea dos Estados Unidos e que se aventura também no ramo de hotelaria. Ela leu uma reportagem sobre você e sua esposa para mim em alguma revista.

— É um bom resumo — digo satisfeito por ela ter se interessado em saber mais sobre mim.

— Você é muito rico — ela diz baixinho.

— Sim, eu sou — respondo no mesmo tom.

— Olha, preciso ir — ela diz de repente.

— Por quê? Por que sou rico? — é a primeira vez que noto aguem ver isso como um defeito.

— Somos muito diferentes — ela balança os ombros em fingida indiferença.

— Sim. Você é uma mulher e eu sou um homem é a única diferença que vejo. Passe a noite comigo — peço calorosamente.

— Não. Não posso — ela diz e se levanta. — Sabe que não podemos!

— Meu casamento não é o que parece, por favor, fique mais um pouco e eu explico tudo — peço novamente.

— Não, Neil, quer dizer, Sr. Durant. Isso parece tão clichê. Eu... Eu preciso ir. Pode-me dizer como faço para chegar aos elevadores? — ela diz determinada.

Tomo-a em meus braços e a beijo novamente. Nossos quadris se encaixam perfeitamente.

— Não faça isso — ela geme em meus lábios, contorcendo-se para se livrar do meu abraço de urso.

— Só mais um beijo, Jennifer. Mais um único e maldito beijo — seguro-a com força e a beijo novamente.

Nossas bocas se unem novamente, nossas línguas duelando. Solto um gemido gutural, vindo do fundo da minha garganta. Seguro seu rosto com as minhas mãos e aprofundo o beijo. Minha mão desliza pelo seu corpo, chegando até a cintura. Ela explora meu peito largo timidamente. Sinto-a estremecer ao fazer isso. Mordisco seus lábios e ela agarra meu paletó, como se suas pernas fraquejassem por alguns instantes. Conduzo-a lentamente até a mesa de jantar e sento-a, abrindo suas pernas. Continuo beijando-a, mas sei que isso é errado. Paro de beijá-la e deito a cabeça entre seu pescoço e ombro. Não posso levar isso adiante. Passam alguns minutos, horas talvez e ficamos assim, parados, em silêncio. Tentando acalmar nossa respiração irregular.

— Isso é errado, Jennifer. Fodidamente errado. Você tem razão — digo com tristeza nos olhos.

Ela leva a mão aos lábios e concorda com a cabeça.

— Tudo bem. Você tem razão. Preciso ir embora — ela consegue balbuciar.

Coloco-a lentamente no chão. Uma luta interna se instala dentro de mim. *Caralho! Eu a desejo mais que tudo!* Mas não posso fazer isso. Sou casado, apesar de tudo e ela é muito inocente para mim.

— Certo. Vou levá-la — consigo dizer.

— Não eu... — ela tenta formular alguma frase.

O que será que ela está pensando? Será que gostou do meu beijo? Não consigo decifrar a expressão do seu rosto. Desde que a vi pela primeira vez percebi que existe um magnetismo entre nós. E agora depois desses beijos ardentes, tenho certeza absoluta.

Putá que pariu! Que porra é essa?

O que eu faço? Tenho que deixá-la ir, é o que devo fazer.

— Eu a levo. Sem problema, Jennifer — digo a ela.

— Não, chame um táxi, por favor — ela pede.

— Posso levá-la. Já disse — digo incisivamente.

— Não, Sr. Durant. Não quero que me leve. Posso ir de táxi. As pessoas acham que a cegueira torna as pessoas incapazes. Não é assim. Posso muito bem pegar um táxi e chegar a minha casa em segurança — ela diz determinada e com certa arrogância na voz.

Passo a mão no cabelo, exasperado. Ela tem razão. Claro que ela é capaz e não quer que eu a leve. *Droga!* Tenho que aceitar isso.

— Tudo bem. Vou pedir que Calvin, meu segurança e motorista a leve. Por favor, aceite. Não aceitarei sua recusa — digo também determinado. Ligo para Calvin e peço a ele que a leve em casa. — Pronto. Resolvido. Ele a levará em casa — digo sem preâmbulos. Ela não diz nada.

Passam alguns minutos até que alguém bate a porta, nos sobressaltando. Deve ser Calvin. Sigo até a porta e a abro. Sei que se deixá-la passar por essa porta será um caminho sem volta. *Inferno! O que eu faço porra?*

Peço que Calvin entre e digo para levá-la para casa. Ele assente e caminha até ela, segurando sua mão. Fico louco só de ver essa cena, mas não posso fazer nada. Ela não é minha e também não quer que eu a leve em casa.

Eles estão saindo quando eu a chamo.

— Jennifer. Leve meu casaco. Está frio e esse vestido é muito curto — digo tirando o paletó colocando sobre seus ombros que apenas assente para mim.

Ela segue pelo corredor com Calvin como guia. Eu não resisto e a chamo novamente.

— Jennifer — digo com um nó na garganta.

Ela se vira para mim, com certa expectativa. Será que cogita ficar?

— Sim — ela responde com a voz tremida.

— Não volte ao clube — eu imploro.

Vejo em seu rosto certa decepção.

— Não retornarei — ela diz e entra no elevador.

Dou um murro na parede e entro no flat.

Capítulo Cinco

Passaram duas semanas desde nosso encontro. Fiquei horas no flat pensando nela. Falei com Calvin se ele a tinha deixado em casa e ele confirmou. Encontraram com Paige na chegada. Ele a ouviu dizer algo sobre uma falta de segurança no prédio devido à porta de entrada estar quebrada. Eu havia notado isso quando estive lá a primeira vez. Ele disse ainda que ela insistiu em devolver meu paletó, mas que ele a orientou a ficar com ele, como cortesia. Tudo bem. Tenho muitos outros.

Pedi a Calvin que cuidasse pessoalmente do problema de segurança no portão no dia seguinte. Pelo que ele me disse o zelador é muito relapso e só se importa com os alugueis, não dando a mínima para a segurança e conforto dos seus inquilinos.

Naquela noite depois do flat, cheguei tarde novamente e não encontrei Anne acordada. Como estava em férias de verão constantemente fica irritada de ter que ficar apenas com a babá. Claro que ela estava furiosa de manhã cedo, mas fez suas panquecas e tudo ficou bem. Vou levá-la amanhã ao zoológico, conforme prometi a duas semanas. Estou devendo isso a ela.

Hoje, Calvin me informou que as duas haviam mudado de apartamento. Não que eu fosse um maldito controlador e estivesse vigiando seus passos, mas ainda me sinto responsável por ela. Eu não sei exatamente de onde vem esse desejo de protegê-la.

Conforta-me saber que ela está em lugar mais tranquilo e menos perigoso. Calvin me passou o endereço e lutei internamente entre ir até lá ou me manter a distância, embora a cada dia ela penetre mais e mais em meus pensamentos. Para meu próprio bem resolvo manter distância.

Deixei Dylan de plantão no prédio de Jennifer, desde ontem à noite, mas não na porta do apartamento, e sim ao redor do prédio, onde ele pudesse observá-la ao sair de casa. Pelo menos por enquanto, apenas para ter certeza de que tudo ficará bem. Afinal agora ela e Paige estão em uma moradia um pouco mais segura e não posso usar isso como desculpa, como anteriormente. Apenas por mais alguns dias, só para saber como é sua rotina e que não colocará sua vida em risco novamente. Eu prefiro acreditar que é isso e não uma obsessão com essa mulher na qual não me deixa trabalhar ou me concentrar direito.

Ela não voltou ao clube, graças a Deus. Hoje ela foi retirar seus documentos após a mudança, uma vez que foram roubados e esteve em um restaurante elegante ao ontem à noite, Saveur Supreme, onde costumo ir de vez em quando. Segundo Dylan, ela não estava acompanhada e ficou pouco tempo. O que será que foi fazer lá? Infelizmente, Dylan teve que sair para atender a um chamado de sua esposa. Parece que a filha está doente e ele não chegou a entrar no restaurante. Voltou pouco tempo depois e Jennifer já havia saído.

Detesto incompetência, mas não pude fazer nada. Tinha que considerar que a filha encontra-se doente e esperando por ele. Se fosse Anne e eu fosse um empregado, teria feito o mesmo. Apesar de ele ter me avisado, fiquei enfurecido, pois não tive tempo de enviar alguém em seu lugar.

Decido dispensar Dylan ainda hoje e eu mesmo ficar e fazer a vigília. Não há razão para manter meus empregados vigiando-a quando não pretendo vê-la mais. Não devo e não quero fazer disso uma obsessão.

Mas apesar de meus esforços não consigo esquecê-la, não consigo esquecer seu perfume, seus lábios, aqueles cabelos macios.

Com muito esforço volto minha atenção ao contrato importante que tenho com um grupo japonês. Ouço uma batida na porta e respondo com impaciência, pedi para não ser incomodado. Penélope entra com uma embalagem de terno em sua mão.

— Desculpe Sr. Durant, sei que pediu para não ser incomodado, mas uma jovem deixou isso na recepção.

— Uma jovem? — meu coração salta no peito. Ela está aqui? Como ela é? — pergunto ansiosamente.

— Eu não sei senhor, mas posso perguntar?— ela diz apreensiva pelo deslize de não ter se informado antes.

— Ela está lá embaixo? — pergunto bruscamente. — Porque não a mandaram subir?

Vejo que Penélope fica nervosa com meu tom de voz e tento me acalmar. Afinal meus empregados só estão fazendo seu trabalho. Se eu tivesse que atender todas as pessoas que me procuram sem hora marcada não faria mais nada na vida. Todos os dias aparecem jovens

inventores, recém-formados, estagiários, repórteres ou mesmo garotas atrás de uns dos CEOs mais importantes do país. Então é absolutamente normal que a segurança seja rigorosa.

— Apenas deixou isso e foi embora, Sr. Durant — ela explica. — Ela também pediu que entregasse isso ao senhor.

Penélope me estende um papel dobrado.

Intrigado eu peço que ela se aproxime para que eu possa analisar a embalagem. Era o que eu temia. Meu terno perfeitamente embalado.

Agradeço Penélope e a dispenso. Olha para nota em minha mão como se fosse uma bomba prestes a explodir em meu rosto. Parece um adolescente cuja ex-namorada devolve os presentes.

Sr. Durant,

Eu estou extremamente agradecida pela sua gentileza na outra noite. Manteve-me protegida e aquecida ao me emprestar seu terno. No entanto, não posso ficar com ele. Tive o cuidado de mandar lavar e passar. Espero eu que tenha feito de forma correta

Jennifer Connor.

Não posso negar que estou extremamente desapontado. Passei horas imaginando-a vestindo meu terno. Muitas vezes imaginei-a completamente nua dentro dele. Queria que tivesse algo para se lembrar de mim, que tivesse meu cheiro. Deixo a embalagem pendurada no meu cabide de ternos perto da minha mesa e saio da sala.

— Penélope?

— Sim, Sr. Durant — ela levanta e me encara prestativa.

— Ligue para a melhor floricultura da cidade — ordeno enquanto pego um pedaço de papel para anotar o endereço — Encomende uma dúzia de rosas amarelas.

Poderia mandar rosas vermelhas, mas são muito comuns, as rosas amarelas têm outro significado para mim. Significam amor, respeito, alegria, amizade e desejo. Além disso, essa cor indica certa malícia. Se a pessoa a oferece a outra que não é muito próxima, indica que tem segundas intenções. Ademais, as rosas trarão perfume e luz.

Entrego o endereço e ela parece surpresa. Nunca mandei rosas para ninguém antes, nem mesmo para minha teórica esposa. Nem mesmo em datas comemorativas como seu aniversário, aniversário de casamento ou dia dos namorados. Definitivamente são datas que não tenho a menor pretensão de comemorar. Bem, a não ser que fosse com Jennifer. Viro-me para retornar a minha sala e antes que eu possa entrar Penélope me chama eufórica.

— Sr. Durant! Algum cartão ou alguma nota? — ela questiona apreensiva.

— Apenas as rosas — digo e fecho a porta da sala.

Estou em frente ao prédio dela observando. Fico com carro estacionado olhando para ver se a sorte está comigo e eu possa vê-la entrar ou sair. Após quase uma hora vejo o quão ridículo estou sendo e resolvo ir embora. Não sem antes ter aquela sensação de que perdi algo.

Como já havia decidido mais cedo, dispensei Dylan por hoje e também durante esse fim de semana, pois quero que ele fique perto da filha doente. Parece que não é nada grave, mas acho importante a presença paterna em momentos como esse. Talvez porque meu pai tenha sido um pai “presente-ausente” ou por eu ser uma espécie de “pai solteiro”. Meu pai sempre estava em casa, viajava pouco, mas não quer dizer que ele estivesse disponível. Bem, não para mim, pelo menos. Ele tinha verdadeira adoração por Nathan, meu irmão gêmeo. Quem não tinha? Nathan sabia como ninguém tornar-se adorável quando pretendia. Eu o odiava e admirava ao mesmo tempo. Nathan era ótimo em manipular as pessoas. Mas aos poucos fui descobrindo seu verdadeiro eu, na verdade acho que sempre soube, mas assim como meus pais me deixei enganar por algum tempo. .

O Nathan real era frio, dissimulado e perverso. Fazia mal pelo simples prazer de magoar alguém. Depois fazia com que as pessoas acreditassem que a culpa fosse delas. Se eu parar para pensar em todas as coisas terríveis que ele fez passaria dias fazendo isso. Como duas pessoas, nascidas no mesmo ventre, praticamente na mesma hora, criadas pelos mesmos pais, podem ser completamente diferentes?

Eu me sentia inferior e fazia de tudo para agradá-lo, para agradar meus e ter sua atenção, mas a dele era mais importante, sempre. Eu queria ser como ele. Apesar de sermos gêmeos univitelinos e as pessoas nos confundirem frequentemente, Nathan tinha alguma coisa especial. Ele chamava a atenção das mulheres, coisa que eu não conseguia. Era galanteador e sensual. As mulheres caíam aos seus pés. Achavam-no o máximo dentre os meros mortais na Terra, inclusive eu. E eu ficava sempre de escanteio, com as migalhas. Isso fazia com que eu me sentisse péssimo, inferior, indigno.

Ele me levava aos seus encontros, às vezes, só para que eu o observasse, como um *voyeur*. Lembro-me dele dizendo: —“*Vamos lá, Neill! Deixa eu te mostrar como se faz! Veja se dessa vez você aprende!*” E eu ia. Ficava horas vendo-o trepar com os piores tipos de mulheres. Digo trepar por que Nathan trepava, não fazia amor ou sexo normal. Ele era bruto e muitas vezes, cruel.

Gostava de usar *brinquedinhos* como ele chamava as bizarrices que ele usava para o que fazia. A primeira vez que eu o vi fazendo esse tipo de coisa fiquei estarecido. Ele punia as mulheres, causava dor a elas, batia ou espancava. Nessa primeira vez por pouco não saí do meu esconderijo e fui até ele para que parasse com aquilo. Mas o que me chocou ainda mais era que a mulher que estava gostando da dor que ele infligia a ela.

No começo os jogos pareciam fascinantes, mas depois de um tempo aquilo não me satisfazia mais, eu me sentia enojado. É certo que houve um motivo especial para aquilo, mas não quero pensar nisso agora. Não quero pensar em Nathan ou em suas crueldades.

Ele era completamente sádico e maluco, hoje entendo isso. E essa consciência faz com que eu me sinta um merda. Como um dia eu pude querer ser parecido com ele? Mesmo diante de toda a merda que eu o vi fazer, como quando nós tínhamos apenas oito anos e ele decidiu afogar meu gato, pelo simples prazer de me punir. Ele sempre foi mal, desde pequeno. E ninguém conseguia ver isso. Quer dizer, quando caímos na real foi tarde demais.

Mas isso é passado. Não quero trazer à tona essas lembranças sombrias. Preciso de algum tipo de diversão hoje. Talvez telefone para Milla. Com certeza ela me dará prazer, nem que seja apenas para eu esquecer o merda que eu sou.

Não foi uma boa ideia ligar para Milla. Ela falou por horas e eu não me lembro de nada do que disse. Na verdade achei sua presença irritante. Nem cheguei a tocá-la, sexo então, nem pensar. Inventei uma desculpa qualquer e fui pra casa.

Mais uma vez chego tarde. Anne vai ficar irritada mais uma vez. Mas amanhã iremos ao zoológico. Pretendo dar um bom dia de diversão a ela e sinceramente, a mim também. Subo as escadas e vou direto ao seu quarto. Ela dorme tranquilamente agarrada em seu ursinho favorito. Cubro-a, ajeito seu braço que está para fora da cama e dou um beijo suave em sua testa.

— Ninguém nunca vai te machucar, Anne — sussurro. — Eu não vou permitir.

Em vez de seguir para o meu quarto, como de costume, decido descer e me servir de um drinque. Tive um dia de merda, com lembranças que pretendo esquecer, sem contar inúmeros problemas na empresa. Ainda não descobri quem está por trás do roubo do meu principal projeto e isso está me deixando louco.

Chego à sala e jogo meu terno no sofá e afrouxo a gravata. Sigo para o bar e me sirvo de duas doses de uísque e ligo para Peter.

— Peter, sou eu.

— Hei cara! O que manda de bom? Espero que não tenha encontrado outra encrenca na noite!

— Peter eu vou ignorar seu sarcasmo. Você deve estar muito seguro de si para me tratar de forma tão insolente! — digo irritado.

— Ok... Desculpe Neil. Não quis ofendê-lo — diz resignado.

— Escuta Peter, não tenho tempo pro seu papo furado agora. Quero saber se você tem notícias. Você esteve na minha empresa há vários dias e até agora não se manifestou novamente. Quero saber se você encontrou o que eu te pedi.

— Bem, Neil, você sabe que não é muito fácil, considerando...

— Chega de papo furado, Peter — digo cortando-o. Inspiro profundamente. — Olha, sei que você é meu amigo, mas eu te pago uma pequena fortuna para você resolver esse meu problema. Sei que não é fácil, mas pedi isso por que você é o melhor. Você é a única pessoa que

eu posso confiar esse problema e espero sinceramente que você me ajude. Mas não estou gostando do rumo que as coisas estão tomando. Não gosto de ficar no escuro, Peter.

— Eu sei Neil, peço desculpas por isso. Mas ainda não consegui descobrir muita coisa e não quero trazer informações fragmentadas e desconectas.

— Certo. Mas façamos o seguinte. Quero relatórios semanais de seus avanços. Tudo que você puder me passar. Fotos, vídeos e tudo o mais que você conseguir. Quero os fios de cabelo se for possível. Você entendeu Peter? — digo firmemente.

— Sim, Neil. Claro.

— Ótimo. Ligo para você depois. —desligo.

Peter é meu amigo há muitos anos. Eu o conheci na escola, quando tinha uns dez anos, mais ou menos. Fomos grandes amigos por muito tempo, somos ainda. Depois nos separamos na adolescência ele foi com a mãe e a irmã para Inglaterra e estudou direito em Oxford. Cheguei há passar um tempo por lá, mas acabei voltando para os Estados Unidos onde estudei Ciência da Computação na Universidade de Columbia em NY e fiz uma especialização em Gestão na mesma Universidade. Há alguns anos atrás ele retornou e entrou para o FBI. Não durou muito tempo por lá, assim como a advocacia.

Peter é astuto e curioso, gosta de aprender coisas novas e de aventuras. Quando percebeu que o FBI não daria o que ele queria, decidi exercer a advocacia. Claro, isso dá mais dinheiro, mas tem muito menos emoção. Não durou nem um ano. Então decidi abrir um escritório de investigação particular e é isso que ele tem feito por enquanto. Rende um bom dinheiro, ainda mais considerando que eu sou um dos seus principais clientes e traz a emoção que ele deseja para si mesmo. Foi ele também que enviou Calvin, que é um excelente segurança.

Embora não possa negar que já estou muito perto do meu objetivo e claro que se não fosse por ele estaria muito longe, eu preciso de resultados imediatamente. E preciso o quanto antes.

Inferno! Simplesmente odeio quando as coisas não podem ser resolvidas por mim. Depender dos outros é um verdadeiro martírio. Mas por ora não há nada que eu possa fazer, exceto exercitar a pouca paciência que ainda me resta.

Sirvo-me de mais duas doses de uísque e me jogo no sofá. O dia de hoje foi um tormento sem fim. Reuniões, problemas, pensamentos sombrios e a maldita Jennifer que não sai da minha cabeça, além de ter devolvido meu terno. Não consigo tirá-la dos meus pensamentos por mais de cinco minutos e isso nunca me aconteceu. Estou em um verdadeiro impasse, pois não sei se vou atrás dela ou se a esqueço de vez. Como vou esquecê-la? Meus lábios ainda formigam com aquele último beijo. Tenho certeza que ela sentiu a mesma coisa que eu, mas ao mesmo tempo não posso afirmar isso. Não consegui fazer nenhuma leitura a respeito dos seus sentimentos e também não descobri nada sobre ela. Simplesmente fiquei tão enfeitiçado que meu maldito cérebro apagou. *Merda!* Perdi uma boa oportunidade e agi como um verdadeiro pateta adolescente, mal conseguia falar qualquer coisa. É isso que ela faz comigo, me deixa enfeitiçado, abobalhado e eu simplesmente não consigo raciocinar direito.

Ela ficou decepcionada por eu ser casado. Eu vi sua tristeza. Reflete a minha. Eu também estou irritado com isso. Ainda mais com a vibora com quem me casei e nem sequer é um casamento de verdade. Como eu posso explicar isso à Jennifer? Nem saberia por onde começar a explicar tanta merda junta. Também não sei se devo contar qualquer coisa. Estou agindo como se ela fosse minha E ainda enviei rosas. *Inferno!* O que ela vai achar disso?

Independente de tudo eu estou amarrado teoricamente a minha falsa esposa e não posso ter Jennifer por causa disso. Preciso acabar com essa merda toda e já demorei muito para fazer isso. No entanto tenho que esperar, pra variar. Não tenho como fazer isso agora. Não até Sophia sair da clínica.

Estou exausto. Preciso de um longo banho e cama. O uísque começou a fazer efeito. Amanhã pretendo levar Anne para se divertir e não quero estar de ressaca. Levanto e vou até a cozinha para tomar um copo d'água. Deixo o copo vazio na pia, subo as escadas como se estivesse levando o mundo nos ombros e sigo para o meu quarto.

Entro e acendo a luz e é quando ouço aquela maldita voz.

— Olá! — ela ronrona.

— Sophia?

Capítulo Seis

O que você faz aqui, Sophia? — pergunto surpreso e seriamente irritado.

Ainda faltam alguns dias para que ela saia da reabilitação. Eu faço contato diariamente com a clínica, exceto nos últimos três dias, devido aos meus pensamentos completamente focados no meu último encontro com a Jennifer.

Apesar de saber que Sophia parecia estar indo bem, nunca fico tranquilo o suficiente. Outras vezes ela saiu totalmente limpa e semanas depois ela voltava para a mesma vida destrutiva. O problema é que sempre que ela volta, é Anne que se sai magoada.

— Pensei que essa fosse minha casa? — ela sorri alisando meu travesseiro.

— Não devia estar na reabilitação? — mordo minha mão para controlar a raiva que começa a tomar conta de mim.

Já posso imaginar as próximas semanas. Gritos, lágrimas, desculpas, ofensas, bebidas, lágrimas e o círculo eterno e infinito recomeçam.

— Eu me dei alta — ela fica de pé e caminha até mim.

Qualquer outra pessoa poderia dizer que estava linda em sua camisola preta de cetim. Os cabelos extremamente lisos caindo sobre os ombros de forma sensual. Mas para mim é uma beleza fria, sem cor, sem alma. Não me atrai nem um pouco, ainda mais agora que conheci Jennifer.

— Estava muito chato... — ela suspira passando a mão pelos meus ombros. — Apenas pessoas tristes e deprimidas e senti saudades de casa.

Casa? Aquela nunca foi sua casa, nunca passou mais do que uma semana ali. Duas talvez, um mês no máximo. Ela tem outra casa, além disso. Onde costuma levar seus amiguinhos bêbados e drogados.

— Neil... — ela apoia a cabeça em meu peito — Eu quero tentar. Fazer esse casamento dar certo. Você é tão parecido com ele e ao mesmo tempo tão diferente.

Todo meu corpo enrijece. Cada fibra que existe em mim congela como um iceberg. Não! Vozes em minha mente gritam desesperadamente. Não e não!

— Do que está falando, Sophia? — eu a seguro pelos pulsos e a afasto de mim.

— Eu não vou enganar você, Neil. Nunca vou esquecer o Nathan — ela dá um suspiro de resignação.

Sim, eu sei disso, se há algo de sincero em Sophia é seu eterno amor por Nathan. Pouco me importa quem ela ama. Eu não a amo. Anne não a ama e é apenas isso que importa. Ela me enoja. Não suporto sequer ouvir sua voz.

— Mas eu estou ficando velha. Eu nunca vou amar mais ninguém — seus lábios se curvam em um sorriso de deboche — Você não é capaz de amar ninguém também — faz uma pausa. — Claro que você ama a Anne, mas vejo que é apenas ela, apesar de não entender.

Sim, eu amo a Anne, mas há alguém que seria capaz de amar tanto quanto a amo. E quem é Sophia para dizer que não entende de amar Anne? Ela é louca, por acaso? Anne é minha filha, mesmo que não tenha sido feita por mim e eu a amo acima de qualquer pessoa.

E se eu tivesse um coração para entregar a mais alguém seria para Jennifer, mas não posso. Se ela descobrir meu lado mais escuro, meus pecados mais obscuros, jamais iria querer ficar comigo.

— Estou limpa — ela abre os braços para mim. — Podemos tentar, por Anne?

— Você nunca ligou para ela, Sophia! — eu praticamente berro. Tento me conter, Anne está dormindo e pode acordar assustada.

— Isso porque ela me lembra de Nathan, mas ela é tão imperfeita quando ele — ela diz com arrogância.

— Deus do céu, Sophia! Ela é milhões de vezes melhor que nós três juntos. Ela é sua filha, droga! — sacudo seus ombros como se pudesse tirar algum calor humano dali — O que corre em suas veias? Veneno? E quem você pensa que é para dizer que ela não é perfeita? Você é maluca, porra? Ela é uma criança. Uma criança maravilhosa, que merece todo o amor do mundo! — digo com tanta veemência que ela estremece por alguns instantes.

— Vamos ter um filho, Neil! — ela me abraça. — Um filho normal.

Empurro-a com nojo. Sophia é definitivamente uma maldita maluca. Ela não ouviu o que eu acabei de dizer? O que está pensando? Se ela está tentando me tirar do sério e está como das outras vezes está quase conseguindo. Desprezou a própria filha desde que ela nasceu e agora quer colocar no mundo outro ser indefeso, que ela desprezará depois que cansasse de brincar de casinha. E ainda por cima comigo? Não. Isso não pode estar acontecendo.

— Não! Nunca! Jamais! — digo com desprezo e repulsa.

Houve uma época em que eu teria aceitado tudo. Mas foi a muito tempo, antes mesmo de ela engravidar de Anne. Quando Nathan e eu éramos jovens demais, talvez inocentes, pelo menos posso dizer por mim, já que Nathan nunca foi assim.

— Conheceu outra mulher? — ela me olha intrigada. — Não digo as prostitutas com quem dorme.

— Não acho que seja de sua conta — apenas a possibilidade de que Sophia chegue perto de Jennifer faz meu estômago revirar.

— Quem é? — ela me olha chocada.

— Já disse que não é de sua conta — digo bruscamente.

— Pois saiba Neil que eu não vou desistir — eu vejo um brilho diferente em seus olhos. — Não me obrigue a ir embora e levar Anne comigo.

— Tudo é um jogo para você. Nathan e eu, agora Anne? — disparo. — Não pode fazer isso, não consegue nem cuidar de você! Você nem a ama!

— Experimente — ela ri com escárnio. — Tudo isso é culpa sua! Se não fosse por você, Nathan estaria vivo. Somos sua responsabilidade. — ela sai batendo a porta.

Aquelas palavras pesam em minha consciência há anos, mas a morte de Nathan não é a única coisa que pesa em meus ombros. Outras vidas foram destruídas pelo caminho. Mas Anne não pagará por isso, ninguém mais sofrerá por minha culpa.

Vou para o banheiro e tomo um banho. Volto para o quarto e me deito, fecho os olhos e adormeço pensando em incríveis olhos azuis cristalinos.

— Paizinho, acorda! — o anjinho vem interromper meus sonhos.

— Quem precisa de despertador quando se tem um Terremoto? — eu cubro meus olhos e tento controlar o riso.

— Você chegou tarde — Anne me acusa.

Sento-me escorando na cabeceira da cama, cruzo meus braços enquanto analiso seu sorriso sapeca.

— Está me repreendendo, baixinha? — digo alegremente.

— Sim — ela sorri mostrando a janela onde antes havia um dente. — Você prometeu me levar ao zoológico e já faz duas semanas.

— Eu vou melhorar a proposta. Que tal fazermos panquecas para o café e depois um dia no Zoo? — ergo as sobrancelhas para ela.

— Posso dar comida para os macaquinhos — ela pula na cama e me abraça.

— Anne, sabe que não pode alimentar os animais — repreendo-a.

— Mas papai... — choraminga. — Eles me pedem.

— Isso por que são tão traquinas como uma menina que conheço — digo e a abraço forte.

Começamos um festival de cócegas até não aguentarmos mais de tanto rir. Se existe alguém capaz de dar luz à escuridão é Anne, bem, agora, parece que não somente ela.

Estranho... As duas garotas no mundo que teriam todos os motivos para serem infelizes são as que mais me fazem feliz e quero fazê-las felizes também. Anne enche meu mundo de luz e Jennifer infiltra-se em minha alma e minha mente, mesmo que ela ainda não saiba.

— Eu poderia assar você no forno, Terremoto — eu brinco enquanto limpo uma mancha de farinha do rosto de Anne.

Olho em volta horrorizado, ainda bem que é sábado, dia de folga da Sra. Jackson. Se ela visse a bagunça que fizemos em sua cozinha, nos expulsaria a pauladas.

— Ainda bem que não *cabo*... — ela ri.

— Eu não caibo, Anne — eu a corrijo com carinho.

— Você também não, papai — ela ri distraída, enquanto acrescenta mel em sua panqueca. — Você é grande e forte.

— O que ele quis dizer é que o correto é eu não caibo e não *cabo* — uma voz com tom irritado a corrige.

Anne congela e me olha com olhos arregalados. Eu posso sentir sua tensão. Suas mãozinhas tremem.

— Posso me arrumar, papai? — ela pergunta angustiada.

— Coma sua panqueca e tome seu leite primeiro — indico a panqueca em seu prato.

— Estou sem fome — ela diz baixinho.

Normalmente eu não a deixaria sair da mesa sem comer, mas eu sei o quanto ela está com medo. Sophia nunca tem palavras carinhosas, algumas vezes chega a ser agressiva. Quero dizer à Anne que enquanto eu existir nada vai acontecer a ela, que não irei permitir. Mas esse não é o momento. Não na frente da naja que acaba de entrar na cozinha.

— Está bem, vá tomar banho — eu pisco. — Levo alguma coisa para você em seguida. Peça à Claire que a ajude.

Anne levanta como se carregasse o peso do mundo. Meu coração diminui. Sinto vontade de me chicotear. Ou melhor, chicotear Sophia.

— Olá, Anne — Sophia interpõe-se em seu caminho.

— Oi — ela sussurra. — Com licença.

Anne corre o mais rápido que sua perna mecânica permite. Como o diabo foge da cruz, mas no caso dela, da própria mãe.

— Garota mimada — ela senta e belisca a panqueca que Anne havia preparado. — Então? O que faremos hoje?

— Anne e eu vamos ao zoológico — começo a preparar uma bandeja. — Você... — eu me viro com meu melhor sorriso. — Quero. Fora. Daqui.

— Pensei que havíamos conversado — ela segura meu braço. — Se eu for embora Anne vai comigo.

— Tente — uso o meu mais poderoso olhar ameaçador.

— Ela nem é sua filha! — ela provoca.

— Saia da minha casa, Sophia!

Dou as costas e subo as escadas. Sophia não vai jogar essa merda em cima de mim. Nunca escondi a verdade de Anne, portanto, ela não pode usar isso como uma arma contra nós. Suportei esse casamento de mentira por Anne. Quando soube que Sophia estava grávida e sozinha propus o casamento, como forma de amenizar a culpa que me corroía. Mas agora acabou. Anne não é do tipo que ficará traumatizada com nossa separação, na verdade acredito que fará um bem a ela.

Tomo um banho rápido, me arrumo e sigo para o quarto de Anne.

— Ela vai ficar aqui? — Anne me pergunta assim que entro, está de cabeça baixa, olhando para chão.

De novo aquela mão de aço pressiona meu peito. Eu sei como é não se sentir amado.

— Não —, passo a mão em seu cabelo molhado. — Foi apenas uma visita.

— Eu não gosto dela — ela coça o nariz. — Isso é ruim, não é papai?

E o que eu posso dizer? *Você está certa Anne, eu também não gosto. Aliás, odeio com todas as minhas forças!* Mas isso é errado, Sophia é a mãe dela. Mesmo sendo uma fodida maluca é a mãe. Nunca, em momento algum, falei mal de Sophia para Anne. Ela presenciou algumas brigas, mas nunca me refiro a ela com veneno. Não para Anne.

— Sabe Anne, nem sempre gostamos das pessoas o tempo todo. Tem dias que a gente fica com muita raiva. E outros não — digo suavemente.

— Como quando você chega tarde? — ela parece confusa.

— Ou quando eu brigo com você quando fica vendo Tv até tarde. — brinco com ela.

— Mas você não me bate. — ela faz uma pausa e me olha com olhos lacrimejantes. — Nem me chama de aleijada.

Bam! É como se eu tivesse levado um soco no estômago. Eu sei que Sophia batia em Anne de vez em quando, não na minha frente, obviamente. E quando eu penso nisso tenho vontade de espancá-la até a morte.

— Lembra quando eu disse que ela estava doente? — minha voz é um sussurro.

— Sim — responde. — Ela vai melhorar?

— Ainda não sei Anne.

Abraço-a desejo que isso pudesse apagar todos os traumas e pior é que sei que não apagará.

Passamos o dia no zoológico. Anne não sossegou enquanto não vimos todos os bichos. É inacreditável a facilidade com que ela se comunicava com as pessoas. Não parou um segundo e não quis ir embora até ver o último bichinho. Fizemos um pequeno piquenique na hora do almoço, mas já entardecia e estávamos novamente com fome. Então a convido para ir a sua lanchonete preferida e ela na mesma hora concorda.

Quando chegamos estaciono o carro e a ajudo a descer.

— Graças a Deus, comida! — levo a mão ao estômago enquanto olho a placa do nosso restaurante fast food favorito, o Taco Bell.

— Eu quero um Supreme — Anne alisa a barriga.

Quando vou abrir a porta para entrarmos, a porta abre repentinamente e duas mulheres saem da lanchonete.

— Sério, eu disse que iam amar você — diz uma delas.

Parada cardíaca!

Putá merda! Nova York é a décima quarta maior cidade do mundo e qual a maldita probabilidade de encontrá-las aqui?

— Jennifer? — fecho meus olhos por alguns instantes, dividido entre o prazer de vê-la e a angústia de não poder tocá-la.

— Sr. Durant? — ela responde tão chocada quanto eu.

Ficamos parados por alguns minutos. Ela está com Paige e está linda, só pra variar. E também pra variar, meu cérebro some no momento em que mais preciso dele. Anne puxa minha mão me trazendo para o presente.

— Anne, essas são Paige e Jennifer — lembro-me das boas maneiras e as apresento. — Jennifer, Paige, essa é minha filha Anne.

— Prazer — Anne estende a mão para a Jennifer que fica parada no ar.

Vejo que Jennifer segura à bengala com muita força como se pudesse quebrá-la a qualquer momento.

— Olá, Anne? — Paige cumprimenta, segurando a mão da menina.

— Papai ela é cega? — Anne pergunta abismada.

A pergunta inocente me tira do transe deixando-me irritado e envergonhado ao mesmo tempo.

— Anne, isso não foi educado — digo a ela.

— Tudo bem — Jennifer inclina a cabeça em direção à menina. — Eu sou.

Ela me lança um sorriso educado e agarra o braço da amiga em um claro sinal de nervosismo.

— Sr. Durant, foi um prazer encontrá-lo, mas já estávamos de saída. E obrigada pelas rosas. Eram muito perfumadas — ela me dá sorriso que não alcança a o seu rosto.

— Por nada, foi um prazer. Até logo, Jennifer — eu sussurro me afastando para o lado. Ela passa por mim e eu posso sentir seu perfume almiscarado. Não esquecerei esse cheiro nem que se passem mil anos.

— Você deu rosas para ela, papai? — Anne pergunta surpresa.

— Sim, Anne. Ela me fez um favor e quis retribuir a gentileza — balbucio.

— Tudo bem. Posso beber refrigerante hoje? — ela diz distraída me puxando pela mão.

— Hoje pode — respondo, mas nem sei o que ela me perguntou e a sigo para dentro da lanchonete.

Capítulo Sete

O fim de semana passou voando e hoje já é segunda feira. Já são quase cinco horas da tarde, quando a voz de Penélope soa diferente no interlocutor em minha mesa.

— Sr. Durant, Adam... Dr. Adam Crichton está aqui.

— Peça para ele entrar, Penélope — Eu disfarço um sorriso.

Há algum tempo que venho percebendo que minha eficiente e recatada secretária fica muito nervosa e atrapalhada sempre que Adam, meu advogado, aparece por aqui. Embora Adam nunca tenha dado nenhuma indicação visível de interesse, há algo acontecendo entre eles, apesar de todos os meus avisos. Espero que ele se decida logo. Ter uma funcionária chorando pelos cantos não é algo que aprecio, por mais eficiente que ela seja.

— Neil — Ele entra parecendo um pouco nervoso.

— Sente-se — eu indico a cadeira em frente a minha mesa. — O que tem para mim?

Adam está acompanhando as investigações que estão acontecendo na empresa junto com Peter. Informações importantes foram roubadas colocando em risco a segurança e credibilidade das organizações Durant.

— Alguma novidade? — questiono.

— Não. Todos os funcionários estão limpos. Fizemos uma varredura em todos os equipamentos.

— E as câmeras de segurança? — sinto a raiva tomar conta de mim.

— Estamos revendo as gravações dos últimos cinco meses, mas não vimos todas ainda — ele diz pacientemente.

— Preciso de ajuda em outra coisa — digo a ele.

— Claro o que é? — ele pergunta intrigado.

— Vou me divorciar de Sophia — declaro impassível.

Nunca vi Adam perder a fala, mas posso dizer que ele está em estado de choque. Seus olhos estão arregalados e sua boca caiu aberta. Eu me pergunto vagamente o motivo. Desde que o conheci há quase sete anos, Adam sempre vêm com a mesma ladainha.

Não precisava ter se casado com ela. Não devia ter se casado com ela. Devia se divorciar dela.

E nesse momento está ridiculamente calado.

— Por essa eu não esperava — ele consegue dizer e sorri. — Temos que comemorar.

— Não vai ser tão fácil assim. Sophia não quer me dar o divórcio — digo.

— Cadela — ele urra.

Eu não o repreendo, ela realmente é isso e um pouco mais.

— Pretende tirar Anne de mim — respiro fundo esfregando meu rosto. — Não vou permitir.

Farei de tudo para impedir isso, claro. Tenho que considerar o fato não menos importante de que ela é a mãe. Mesmo não tendo

condições psicológicas de assumi-la, tenho que contar com essa hipótese. Vai ser uma boa briga.

— Eu diria que as chances são mínimas, dado o histórico de Sophia, mas existe uma possibilidade — Adam me alerta.

— Faça o que for preciso, Adam — digo firmemente. — Junte todas as provas, laudos médicos, fotos de suas bebedeiras, tudo que puder. Não deixe nada escapar. Não me importo de jogá-la na lama e não vou permitir que leve Anne.

— Em último caso o juiz avaliará a vontade da menina. Fique tranquilo, Neil. Não há como ela ganhar isso — ele diz me tranquilizando.

De uma coisa eu tenho certeza: não existem garantias na vida e eu quero me cercar de todas as armas possíveis para não perder essa briga.

— Vamos jantar no Saveur Supreme hoje? Soube que há uma cantora nova. Que estará hoje e amanhã, não sei sobre os outros dias — ele muda de assunto.

— Eu não sei. Com Sophia por aqui, não gosto de deixar Anne sozinha. Sophia foi para a casa dos pais ontem, mas mesmo assim, não acho uma boa ideia.

— Por que não a deixa com Katie? Anne adora brincar com as meninas — ele diz.

Katie é a irmã mais nova de Adam e tem duas filhas gêmeas. Anne as adora.

— Certo — eu concordo. — Vou pedir à Penélope que reserve uma mesa e que avise Calvin para levar Anne à casa de Katie.

Talvez algum tempo com meninas da sua idade faça bem à Anne. Ela gosta das gêmeas e sempre se diverte com elas. Ela anda muito quieta desde que a mãe voltou. E eu preciso relaxar. Sophia conseguiu fazer em dois dias em que estive em casa um inferno em nossas vidas. Por fim, ela resolveu ir para a casa dos pais e eu ordenei aos seguranças que não a deixem entrar. Sob nenhuma hipótese. Mas não tenho como impedi-la por muito tempo. Ela é a mãe de Anne e tem direito de vê-la, apesar dos meus receios sobre sua sanidade.

Depois que Penélope confirma o que pedi, saímos da empresa. As ruas estão cheias, pessoas indo e vindo, algumas paradas na calçada, mães empurrando carrinhos, casais andando de mãos dadas, alguns adolescentes aqui e ali. Apesar de ser segunda-feira é uma noite agitada em Nova Iorque. Desço do carro e entrego as chaves ao manobrista. Instruo-o sobre Calvin que pegará o carro mais tarde. Ele primeiro levará Anne na casa de Katie e depois deixará o carro em casa, pegando um táxi para me encontrar no restaurante. Não gosto de andar com segurança, mas é necessário.

O Saveur Supreme é um dos restaurantes mais badalados e caros da cidade. Possui classe e glamour, mas não é *point* da juventude. É um lugar com boa comida, bebida de alta qualidade e música ao vivo. Pessoas ricas e influentes frequentam o local.

Assim que entro com Adam o maître nos recepciona.

— Sr. Durant — ele me cumprimenta. Sr. Crighton. É um prazer recebê-los.

Ele nos conduz até nossa mesa reservada anteriormente. Como de costume a casa está cheia. Conforme caminhamos, eu sinto alguns olhares femininos nos observando, não é novidade para mim. Penso comigo mesmo: é apenas um belo rosto. Em outro ocasião enviaria uma garrafa de vinho a alguma mulher que achasse interessante, mas não hoje.

— Sophia está jogando sujo, não é? — Adam me diz assim que nos sentamos.

Mais uma vez Sophia tinha sido capa de jornal. Em apenas três dias fora da maldita clínica e ela tinha conseguido dar uma entrevista para uma revista sensacionalista. Teve a cara de pau de dizer sobre seu amor à família e o quanto *nós* a ajudamos a reconstruir sua vida. Disse ainda que não esperava que fosse tarde para recuperar meu amor e o de Anne. Claro que a revista não perdeu tempo e divulgou a entrevista hoje de manhã em seu site. Em breve outras revistas de fofoca farão o mesmo.

— Você nem imagina — suspiro resignado.

— Tem saído com alguma mulher ultimamente? — ele me interroga. — Não leve a mal, mas se ela realmente jogar a merda no ventilador pode querer usar isso contra você.

Realmente ele não consegue entender? Concordei com aquele casamento apenas para que eu ficasse com Anne, caso algo acontecesse à ela, devido a sua vida louca e inconstante. Temos um relacionamento livre, eu saio com quem quero e ela vive como quer. O acordo é sermos discretos. Eu consigo cumprir, ela nem tanto.

O garçom se aproxima para anotar os pedidos, peço quiche Lorraine e uma garrafa de vinho Chapoutie.

— E o senhor? — ele pergunta a Adam.

— Pode ser o mesmo — diz e devolve o menu.

A iluminação diminui, deixando o ambiente mais aconchegante. Olhamos para o palco. O design do restaurante é em forma de U contornando o palco. Estamos bem no meio, na primeira fila de mesas e podemos ter uma visão privilegiada. Normalmente gosto de ficar em lugares mais reservados, mas Adam insistiu que gostaria de ver a apresentação, pedindo que Penélope reservasse uma boa mesa.

O pianista senta em seu lugar ao piano e organiza sua partitura.

O garçom se aproxima com o vinho e desvio minha atenção do palco. Dou um gole saboreando o vinho. Meus pensamentos me distraem por alguns minutos.

O piano soa e as pessoas começam a ficar em silêncio. A iluminação do palco é fraca, mas eu vejo uma jovem sentada de cabeça baixa. Ela me parece estranhamente familiar, mas eu ignoro, ultimamente tenho feito isso com frequência.

Ela ergue a cabeça e começa as primeiras notas, eu me endireito na cadeira impressionado, quando ela começa cantar sua versão de *One And Only* da Adele.

A iluminação muda e uma luz dourada vai direto para rosto dela.

Porra! Isso não é possível.

Eu fico paralisado. Fecho meus olhos com força. Será que ainda estou tão obcecado por ela que estou vendo coisas?

— Nossa! Ela é realmente linda. — Adam se empolga.

Abro meus olhos e a vejo ali. Linda como uma rainha. Cada frase cantada com tanta emoção que todos estão encantados apreciando.

Se eu estou em seu pensamento.

Porra! Durante todo o maldito dia! Respondo em pensamento à letra da música.

Eu não sei por que eu estou com medo. Você nunca vai saber se não tentar. Perdoar o passado e simplesmente ser meu.

Meu desejo é subir naquele palco e dizer que é o que mais quero. Que é me esquecer de tudo. Deixar para trás todo lixo do passado. Beijá-la até que implore para ser minha.

Eu sei que não é fácil desistir do seu coração. Ninguém é perfeito!

Como uma simples canção pode representar todos os meus sentimentos?

Vá lá, me dê uma chance! Para provar que eu sou a única que pode fazer. Essa caminhada, até o fim começar,

Ela termina com esses últimos versos e a plateia ovaciona. Olho ao redor e vejo mulheres emocionadas e homens admirados.

— Obrigada — sua voz sai tímida no microfone.

Tomo um gole de vinho. Aquela simples palavra em sua voz emocionada e levemente rouca despertam todas as partes do meu corpo.

Jennifer começa a música seguinte e eu fico completamente fascinado com sua voz. Como eu não sabia disso? Com uma voz tão incrível, o que ela fazia num clube de strip? E por que diabos Calvin ou Dylan não haviam me dito nada? Dylan teve que sair no dia que ela veio aqui, mas e Calvin? Não descobriu nada sobre isso quando a vigiou nos últimos dias? Eu não sou um maniaco e nem pretendo saber de todos os seus passos. A única coisa quis foi ter certeza de que ela estava segura. Então desde sexta dispensei os seguranças.

Fiquei realmente aliviado quando soube que ela não havia voltado ao clube e depois muito mais tranquilo quando saiu daquele prédio imundo. Pedi um relatório sobre Paige a Peter, mas ele ainda não me passou. Estranho, eu não pedi um relatório sobre Jennifer.

— Linda apresentação, não? — Adam diz me trazendo para o presente.

— Sim — sussurro.

Não presto atenção no que Adam está dizendo, minha atenção está focada em Jennifer. Está linda em um vestido branco, de alças finas, com o cumprimento até os joelhos. Apesar do corte simples, posso afirmar que ela é a mulher mais sexy do restaurante inteiro.

A apresentação acaba e o gerente se coloca ao seu lado, segurando sua mão para ajudá-la a se retirar do palco. Imediatamente fico rígido, com ciúmes, como se ele estivesse tomando algo que é meu.

— Não está com fome? — Adam indica meu prato intacto. Eu observo que o dele está praticamente vazio.

O pianista começa outra melodia e as pessoas voltam a se concentrar em suas conversas e comida.

— Perdi a fome — resmungo emburrado.

Minha única vontade é tê-la em meus braços. Minha fome é de outra coisa. Vejo Jennifer passar de mesa em mesa com o gerente, que se mantém colado nela, cumprimentando os clientes. Ela fica de costas para nós e minhas estruturas explodem como um edifício em demolição. Suas costas estão completamente à mostra em um pecaminoso decote em V.

Eu encho outra taça de vinho. Em alguns minutos ela estará em nossa mesa. Minhas mãos começam a formigar e eu me mexo tentando amenizar o incômodo crescente em minha calça.

— Linda, não é? — Adam acompanha meu olhar.

Eu bebo outro gole de vinho.

— Senhores? — o gerente se aproxima. — A Srta. Connor e eu gostaríamos de agradecer sua presença essa noite.

— Espero que estejam tendo uma ótima noite — ela sorri. Os olhos focados no horizonte, estáticos, mas não menos impactantes. Nunca estarei imune àqueles olhos azuis, aquela boca macia e...

— Jennifer, o Sr. Crighton e Sr. Durant são nossos clientes preferenciais — o gerente interrompe meus devaneios.

Fixo meu olhar em seu rosto lindo para decifrar qual é sua reação após ouvir nossos nomes. Seu rosto fica visivelmente pálido e ela se apoia na cadeira para se equilibrar. Ao mesmo tempo em que me delicio por saber que minha presença a afeta tanto quanto ela a mim, outra parte me recrimina, dizendo que não posso levar isso adiante. Ninguém deve causar dor e tirar o brilho desses olhos, principalmente eu.

— É um prazer conhecê-los, senhores — ela sorri educadamente se recompondo.

— O prazer é nosso, acredite — Adam responde galanteador.

Que porra é essa?

Adam está cantando minha mulher? Olho para ele com meu olhar ameaçador.

Toque nela e você está morto!

Mas o imbecil está tão estupidamente abobalhado olhando para ela, que nem se eu colocasse uma P-23 em sua testa ele entenderia.

— Obrigada, senhor — ela agradece timidamente.

— Adam. Pode me chamar de Adam — ele diz mostrando todos os dentes.

— Não! — esbravejo antes que eu possa me conter. — Creio que a Srta. Connor não ficará confortável com tal intimidade — emendo para parecer coerente, mas falho miseravelmente.

Adam me encara com um ponto de interrogação na testa.

— Na verdade, prefiro chamá-lo de Sr. Crighton, se não se importa? — ela vira para o gerente com sorriso encantador. — Acho que devemos cumprimentar os outros clientes.

— Espere — Adam segura o pulso dela entregando um cartão, ele alisa o pulso dela a em seguida. — Fique com meu cartão. Caso precise de um advogado, um amigo ou qualquer outra coisa basta me ligar.

— Chega! — eu rujo perdendo completamente as estribeiras.

Começo a transpirar, um suor frio, antes que eu possa me controlar bato furiosamente na mesa. Minha taça de vinha tomba deixando uma imensa mancha na toalha branca, um filete desliza suavemente até onde Adam está sentado, mas ele se levanta rapidamente evitando ser atingido.

— Diabos... — ele me olha com assombro. — Neil!

O gerente faz um sinal para garçom, algumas pessoas estão nos olhando com curiosidade.

— Inferno! Eu praguejo mentalmente.

Que se danem todos!

— Temos que ir — eu digo ríspidamente.

No momento é a coisa mais sensata a fazer, se eu presenciar mais um homem nesse restaurante a olhando ou tocando, eu farei o maior massacre já visto em Nova York. Não, no mundo inteiro.

Saio apressadamente deixando todos com uma cara de surpresa.

— Traga o carro — Falo a Calvin pelo celular quando alcanço à calçada.

— Neil, o que aconteceu lá dentro? — Adam me pergunta estupefato.

Caminho de um lado a outro tentando dominar a besta que se instalou em mim. Não sou conhecido por ser muito paciente, mas sempre fui frio e nos negócios sou implacável. Mas nesse momento nada pode se comparar à vontade que tenho de quebrar cada osso do seu corpo.

— Se eu não tivesse certeza que você não conhece a moça, eu juraria que teve um ataque de ciúmes lá dentro. — ele diz irritado.

Fecho os olhos lutando para recuperar o controle. Sim, estou tendo o maior e primeiro ataque de ciúmes da minha vida. E, eu não posso contar para ele ainda. Mas de uma coisa eu tenho certeza. Tenho que resolver isso o quanto antes.

— Você não sabe de nada — suspiro. — Quer carona para casa?

— Não, Neil, eu vim de carro, esqueceu? — ele continua com todos os pontos de interrogação. — Ainda me deve uma explicação.

— Senhor — Calvin se posiciona a minha frente.

— Explico depois, Adam — Entro no carro batendo a porta. Apenas com um plano em minha mente.

Há muito tempo não sinto essa emoção dentro de mim, como se estivesse fazendo algo proibido e emocionante. Na verdade, errado e inconsequente. Mas eu não me importo. Que se dane tudo o resto!

A semana se arrastou. Evitei os telefonemas de Adam, o que não é meu costume. Não até antes de realizar o que tenho em mente. Planejei todos os preparativos. Descobri que Jennifer trabalha no Saveur Supreme todos os dias de segunda a sexta. Não retornei mais ao restaurante para não cair em tentação. Passei algumas vezes em frente ao seu novo apartamento, mas não me atrevi a descer e procurá-la.

Mas hoje é o grande dia. Anne foi para a casa de meus pais para passar o fim de semana em Atlantic City, onde eles possuem uma casa. Devem passear de barco ou algo assim. Ela retorna apenas na segunda à noite. Assim terei tempo mais do que suficiente para fazer o que planejo.

Chamo Penélope a minha sala, pois quero ter certeza de que tudo está pronto. Já são quase sete da noite e não tenho tempo a perder.

— Pois não, Sr. Durant — ela diz quando entra em minha sala.

— Quero saber se tudo o que pedi foi providenciado?

— Sim, senhor.

— Bem, diga a Calvin que em dez minutos eu o encontro na garagem — digo dispensando-a.

Hoje tem que ser “a” noite. Está tudo pronto. Espero que dê tudo certo. Nunca fui de preparar surpresas, tampouco recebê-las. Mas me empenhei para sair tudo da forma mais perfeita possível. Começo a ficar nervoso. Vai dar tudo certo. Poderia fazer isso no apartamento dela, mas Paige mora lá também e eu não teria todos os recursos que tenho no flat. Quero que seja perfeito. Desligo meu computador e sigo para encontrar Calvin.

Entro no carro e digo a Calvin para seguir para casa de Jennifer. O trânsito está pesado, como é normal nessa hora. Jennifer sairá o restaurante por volta das nove horas. E se ela não for para casa? Ou resolver sair com alguém? Afinal, hoje é sexta feira. Não gosto de ficar agoniado e esse trânsito lento está me deixando maluco.

— Você não pode ir mais rápido, Calvin?

— Senhor, com esse congestionamento só se nós formos de helicóptero — ele sorri.

Ignoro-o. Estou muito nervoso e não estou disposto a ouvir gracinhas agora. Poderia ir de helicóptero, até porque tenho um, mas onde pousaria? Estou parecendo um maldito adolescente virgem. E se ela não quiser ir e me dispensar? Sei que tenho alto poder de convencimento e persuasão, mas perto dela meu cérebro desliga e fico parecendo um tolo idiota. *Acalme-se, Neil!* Penso comigo mesmo. Finalmente após quase uma hora de trânsito pesado chegamos ao seu prédio. E começa a espera.

Malditas duas horas depois um carro estaciona em frente ao meu. Eu já estou do lado de fora, encostado no capô do carro. Não consegui ficar sentado olhando para a nuca de Calvin. Olho para dentro do carro e vejo que é ela. Meu coração para. Está acompanhada de um homem e se não me falha a memória é o maldito filho da puta do gerente do Saveur Supreme.

Minha raiva vai até a estratosfera. Será que eles são namorados? Vejo-o dar um abraço de urso nela e dizer alguma coisa que não consigo ouvir, pois eles estão dentro do carro. Ela abre a porta e eu caminho furiosamente até ela.

— Jennifer. — digo entre dentes quando ela bate a porta do carro.

— Jesus! — ela grita assustada.

— Ele é seu namorado? — digo segurando seu braço. Graças a Deus o cretino me reconheceu e não disse nada, apenas faz uma cara de quem comeu algo desagradável e se despede indo embora.

— O que faz aqui? — ela pergunta ainda assustada.

— Responda minha pergunta — digo ignorando a dela. Estou nervoso.

— Não —, ela diz irritada e utiliza a bengala para se direcionar até a entrada do prédio.

— Não, ele não é, ou não, você não vai responder a minha pergunta? — digo tentando parecer calmo, mas falhando miseravelmente.

— O que faz aqui, Sr. Durant? — ela pergunta mudando de assunto e inclinando a cabeça em minha direção.

— Neil, me chame de Neil, pela milionésima vez. Vim para convidá-la para jantar. Assim podemos conversar um pouco. — digo baixinho.

— Acho que já conversamos o suficiente e não estou com fome — ela recua.

— Ainda nem começamos — digo dando um passo em sua direção. Estamos tão próximos que posso sentir sua respiração.

Ela percebe a proximidade e dá um passo para trás, eu avanço em sua direção e ela dá outro e assim vamos até que ela encosta-se ao portão e não tem mais como recuar.

— Vá embora, por favor — ela diz num sussurro.

— Não. Eu não vou. Tentei me manter afastado e não consegui. Eu não posso me afastar de você — digo segurando seu rosto entre minhas mãos.

Minhas mãos deslizam para o seu pescoço e ombros. Passo lentamente pelos seus seios e ela estremece. Sigo até parar em sua cintura. Puxo-a para mais perto, como se nossos corpos pudessem se fundir e virar um só. Encaro aqueles olhos azuis e fico fascinado com seu olhar, mesmo que ela não enxergue. Sua boca está entreaberta, num convite mudo. Eu não resisto e tomo posse dos seus lábios, como se fosse minha salvação no deserto.

Tomamos fôlego após o beijo. Os lábios dela são muito mais deliciosos do que me lembrava. Encosto a testa na sua, enquanto controlo a respiração.

— Venha jantar comigo — suplico entre uma mordida e outra em seus lábios.

— Isso é errado. Muito errado — ela geme.

— Venha. Não farei mal algum a você, prometo. E se depois você quiser ir embora, prometo desaparecer da sua vida — digo, mas rezando internamente que ela não vá nunca embora.

Sei que devo concordar com ela e me afastar. Mas eu sou um cretino egoísta. Eu a quis desde a primeira vez em que a vi. Sei que tenho que esquecer o passado e que Sophia é um empecilho, por enquanto. Que tenho medo que ela conheça minhas fraquezas e as coisas que marcam meu passado, mas não consigo ficar longe. Não consigo e não quero.

Beijo seus olhos, sua bochecha e de novo estou perdido em seus lábios. Sinto-a estremecer em meus braços e sua resistência está indo por água abaixo. Ela se afasta.

— Isso não é justo — ela luta para se concentrar. — Apenas um jantar e uma conversa?

Inclino-me e sorrio como se estivesse acabado de ganhar meu presente de Natal.

— Eu prometo — digo mostrando todos os meus dentes, apesar de que ela não pode vê-los.

— Então poderia me soltar? — ela suspira.

Relutantemente afasto minhas mãos e meu corpo. Seguro em seu cotovelo e guio-a até o carro.

Seguimos direto para meu flat. Dispensei Calvin, mas o deixei de sobreaviso, para o caso dela desistir e querer ir embora. Entramos no elevador e paramos em frente à porta. Beijo-a castamente, mas quando me dou conta nosso beijo está quente, puro de desejo. Ela passa as mãos em meus cabelos e agarra com firmeza. Quando paramos de nos beijar, estamos sem fôlego.

— É melhor a gente entrar, antes que alguém nos veja nesse ato quase explícito — digo sedutoramente e ela apenas sorri.

Entramos no flat e ele está perfeitamente decorado com todas as flores que encomendei. Lindas flores do campo que deixam um perfume suave no ar. Há uma trilha de pétalas de rosas vermelhas no chão até o quarto. As demais devem estar em cima da cama, como pedi.

— Está cheirando a flores aqui — ela diz.

— Sim. Mandeí comprá-las para você.

— Obrigada.

— Entre. Vou levá-la ao sofá. — digo guiando-a até o sofá branco da sala de estar. — Aceita uma champagne? Pedi Veuve Clicquot, você gosta?

— Uma taça apenas, por favor — ela assente.

Dirijo-me ao frigobar na sala de jantar e pego a garrafa de champagne. Abro-a e sirvo duas taças. Entrego uma a ela e sento-me ao seu lado no sofá.

— Um brinde a nós — digo suavemente e toco em sua taça.

— Então, o que tem a dizer? — ela toma um gole longo. Deve estar nervosa.

Penso por alguns instantes. Como devo começar? Escolho ir direto ao assunto.

— Anne não é minha filha — disparo.

Bem, não era dessa forma que eu gostaria de começar, mas já que Anne é à base de tudo, não tenho como fugir.

— Oh! — ela vira o rosto em minha direção.

— Ela é filha do meu irmão gêmeo. Nathan, Sophia, minha esposa e eu, bem nós crescemos juntos. Éramos praticamente inseparáveis — falo encarando-a. Existem outras coisas mais profundas, mas ela não precisa saber disso agora. — Nathan era incrível, desde pequeno. Ele tinha ânsia de viver, desejo por liberdade, por aventuras, pelo perigo. Eu era mais contido, racional ou como ele dizia *chato* — continuo mergulhando no passado.

— Não consigo imaginá-lo assim — ela balbucia.

Eu ignoro e continuo minha narrativa.

— Eu estava sempre por perto. De maneira a encobrir suas loucuras. Frequentava suas aulas, fazia suas provas. Eu queria ser como ele. Livre e amado. Mas eu não era nunca fui. Depois de um tempo descobri que nada era como eu imaginava, mas já era tarde demais — digo perdido em pensamentos.

— Neil...

— Não. Eu não quero sua piedade, Jennifer. Eu não fui um pobre coitado. Eu também fiz algumas coisas erradas. — a interrompo. — Eu gostava de estar com ele, sentir a emoção das festas, das loucuras, das mulheres. Mas não demorou muito para que toda sua loucura viesse à tona e ele afundasse em bebidas, drogas e mulheres.

Essas lembranças ainda me envergonham e incomodam muito.

— Sophia seguiu pelo mesmo caminho, pois ela o amava. Ele ficava com ela, mas era infiel. Então ele logo trocava de namorada e ela

vinha pra cima de mim. No início eu gostava dela, quer dizer, eu achava que gostava. Vou poupar você dos detalhes, mas foi mais ou menos assim que tudo que começou.

Jennifer enrijece. Eu sei que minha relação com Sophia no início era doentia, mas agora essa relação não existe mais. Mas quero que ela saiba que eu não tenho mais nada com ela.

— Ela era linda. Eu achava que ela era a mulher mais linda do mundo. Eu sabia que Nathan não a levaria a sério, então eu esperei pacientemente — eu continuo. — Mas na verdade ambos me usavam. Tanto Nathan, como Sophia. Ele me usava porque sabia que eu faria qualquer coisa por ela e Sophia me usava porque eu era reflexo dele. Talvez eu não fosse tão sedutor, divertido e impulsivo. Então, enquanto ele se divertia com outras mulheres, ela se divertia comigo, a cópia apagada.

Na época eram pensamentos que me abalavam hoje vejo o quanto me permiti ser manipulado pelos dois.

— Eu percebi no início, mas não queria admitir para mim mesmo. Depois de um tempo eu me fartei daquele triângulo amoroso, eu não queria aquilo pra mim e me afastei dela, principalmente. — continuo enojado. — Ela me procurava e eu não a queria, eu não a desejava mais. Acabei me envolvendo com outras mulheres e ela parou de me procurar. Depois de um tempo, ela engravidou, de Nathan. Mas Nathan não a queria e logo depois ele sofreu um acidente de carro e morreu.

Jennifer engole em seco e toma mais um gole da champagne.

— Como Sophia era tão inconsequente ou mais que Nathan, eu imaginei que ela teria um fim parecido com o de meu irmão. Os pais de Sophia já estavam cansados e envergonhados de suas loucuras e acabaram expulsando-a de casa. Sophia me pediu ajuda para tirar o bebê, mas já era tarde. Foi aí que propus que nos casássemos.

— O acordo era que eu ficaria com o bebê e ela faria da vida dela o que bem entendesse. Então Anne nasceu com uma deficiência na perna, o que requeria muitos cuidados e o tempo foi passando. Meu casamento nunca se consumou, Jennifer. Eu nunca tive relações sexuais com Sophia depois de ter me casado com ela. No início ela tentou, mas eu nunca quis — digo sinceramente.

— Porque está me contando isso, Neil? — ela sussurra.

— Quero que você saiba que eu sou casado, mas é um casamento de papel. Sempre foi. Quero que você confie em mim. Por algum motivo eu não consigo ficar longe de você e acho que você já percebeu isso. Não quero que sua reticência seja por causa de Sophia — digo com tristeza. — Eu vi sua decepção, aqui mesmo, nesse flat, quando me disse que sabia que eu era casado. Eu sou, mas não da maneira como você imagina.

— Neil, eu... — ela balbucia.

— Por favor, deixe-me continuar.

Inspiro profundamente. Droga, isso é difícil para mim também. Remexer todo esse passado. Não faria isso por ninguém, mas Jennifer toca algo no fundo da minha alma e eu tenho necessidade de explicar as coisas para ela, mesmo que não tenhamos nada.

— Bem, Anne precisava da mãe e eu sempre esperei que Sophia percebesse isso. Mas nunca aconteceu, pelo contrário. Sophia se afastou de Anne cada vez mais e sentia raiva por ela não ser perfeita. Aí me vi cada vez mais na obrigação de proteger Anne. Protegê-la da mãe. Ao mesmo tempo queria dar uma família à Anne, devia isso ao meu irmão — seguro sua mão que está congelada.

— Você não precisa me contar isso, Neil — ela diz em um fio de voz.

— Eu preciso. Quero você, como nunca quis nada em toda a minha vida. Nós nunca fomos um casal, Jennifer. Nunca tivemos nada após o casamento, aliás, há muito tempo. Ela não significa nada para mim. Por favor, diga que entende isso — peço com fervor.

— Mas ela ainda é sua esposa, Neil — sua voz é ofegante.

— Não, Jennifer, ela não é — eu berro. E já entrei com pedido de divórcio.

— Neil, eu sou cega, não surda — ela se levanta e começa a andar. — É muita informação e em que isso muda entre a gente? Não temos nada. Não sei por que você me trouxe aqui e está me contando tudo isso.

— Eu quero que você saiba que eu quero você, mais ninguém. Tenho consciência de que nós apenas nos beijamos, eu sei, mas não

quero perdê-la. E não quero que Sophia seja um impedimento, porque ela não é — digo quase implorando.

— Mas, e Anne? O que ela vai pensar de mim? Vai achar que eu destruí sua família, Neil — vejo um traço de dor cruzar seu rosto.

— Sophia nunca foi uma boa mãe e nunca fez um carinho em Anne, Jennifer. Anne tem medo dela. Nós nunca fomos uma família — seguro-a em meus braços. — Por favor, Jennifer, me dê uma chance — imploro.

Passo a mão em seu rosto angustiado. Não era assim que eu queria começar as coisas. Mas ela precisa saber que meu casamento é de mentira. Que eu não amo Sophia e que eu só quero ela.

— Eu só quero você, Jennifer. Essa não é uma boa maneira de começar nada, mas não quero que Sophia seja um empecilho para nós, por favor. Não negue o que você sente por mim. Eu sei que você me quer também, eu posso sentir isso.

E então ela me beija. Nosso beijo é urgente, quente, sensual. Seguro seu rosto com as mãos e aprofundo o beijo. Nossas línguas entram em um ritmo carnal, intenso. Ela segura meu cabelo e me puxa para ela. Eu aperto seu seio direito e com a outra mão puxo-a para mim. Eu a quero mais que tudo. Vou levando-a para o quarto, pela trilha de rosas que está no chão. Eu quero possuí-la agora, nesse exato momento.

— Eu também quero você, Neil. Mesmo sabendo que isso é errado, eu também quero você, muito — ela geme em meus lábios.

Tiro seu casaco e beijo-a levemente como pluma, fazendo uma trilha da orelha ao ombro. Seguro a barra do seu vestido e puxo-o delicadamente. Ela está apenas de lingerie branca rendada e saltos altos. Está divina. Fico alguns segundos contemplando tamanha beleza. Sento-a na cama, em meio ao mundo de pétalas de rosas vermelhas e lençóis de seda. Ajoelho em sua frente e tiro seus sapatos, um de cada vez. Sigo uma trilha de beijos por sua perna e ela geme. Arranco meu terno, tiro a gravata e a camisa. Vou deitando-a lentamente na cama.

— Tem rosas aqui na cama? — ela pergunta.

— Sim, milhares de pétalas de rosas vermelhas. Todas para você. — eu ronro.

Continuo minha trilha de beijos, chegando ao ápice de suas coxas. Puxo sua calcinha lentamente e sigo com uma trilha de beijos suaves pelas suas pernas, dando-lhe um sabor sensorial. Jogo a calcinha no chão. Volto correndo minhas mãos lentamente em suas pernas, retornando à junção de suas coxas. Inalo seu cheiro profundamente, enquanto seguro suas nádegas. O cheiro dela é celestial. Ela parece uma deusa. Ela é muito mais do que eu imaginei.

— Jennifer, você já fez isso? Se quiser parar o momento é agora — digo baixinho.

— Sim — ela se encolhe. — Algumas vezes. Por favor, continue. — e agarra meus cabelos novamente, levando-me para sua vagina.

Mergulho minha língua em seu sexo, saboreando seus sulcos. Chupo-a forte em seu clitóris. Ela solta um gemido rouco, profundo, enquanto agarra meus cabelos com mais força. Minha língua chicoteia, saboreando cada centímetro de seu sexo. Ela está deliciosamente molhada, só para mim. Subo minhas mãos para sua barriga plana e seguro um dos seus seios. Puxo o bojo do sutiã para baixo e aperto os mamilos, que já estão duros e ficam mais rígidos ainda com meu toque. Continuo chupando seu sexo com força e sinto-a estremecer embaixo de mim. Mas não quero que ela goze agora. Paro de chupá-la e me ergo para tirar o resto da minha roupa e meus sapatos.

— Não... Não pare. — ela implora.

— Calma bebê. Estou só tirando o resto das minhas roupas — digo sensualmente.

Inclino-me sobre e ela e a beijo para que ela possa sentir o sabor da sua excitação. Esfrego meu pênis na entrada da sua vagina para que ela possa sentir o quanto a desejo, o quanto estou duro. Ela geme em meus lábios e segura meu pênis.

— É grande. — sussurra.

— Calma meu anjo. Faremos tudo devagar, não vou machucá-la, eu prometo — digo beijando seus ombros enquanto tiro seu sutiã.

Pego uma camisinha na cabeceira da cama e coloco em minha extensão. Posiciono meu membro na entrada da sua vagina e introduzo lentamente. Quero sentir cada centímetro dela dentro de mim. Afundo meu pênis e retiro de novo, bem devagar. Faço isso algumas vezes. Quero mergulhar em cada lugar que for possível. Beijo-a com fervor. Ela geme em meus lábios e arqueia as costas.

— Por favor, Neil. Mais forte — ela implora.

Mergulho lentamente mais uma vez, aumento o ritmo e não paro mais. Sinto-a estremecer. Seu orgasmo é iminente. Os impulsos da sua vagina fazem meu pênis engrossar ainda mais e eu também estou perto de atingir o clímax. Um profundo gemido de prazer escapa dos seus lábios e vejo ela se despedaçar embaixo de mim. Dou mais três estocadas e gozo em silêncio.

Capítulo Oito

Estamos deitados abraçados, em silêncio. Eu apenas respiro tranquilamente, segurando-a em meus braços e inspirando seu perfume inebriante.

— Que tal se a gente levantar e comer o jantar que eu mandei preparar para nós? — digo quebrando o silêncio.

— Eu não estou com fome, Neil — ela resmunga.

Mordo sua orelha e dou beijinhos no lóbulo, apertando-a contra mim.

— Não estrague minha festa, bebê. Mandei preparar um jantar especial para nós. Comida francesa e espero que você goste — digo entre um beijo e outro.

— Tudo bem — ela resmunga novamente.

Ligo para a recepção do hotel e peço nosso jantar. Levará cerca de meia hora.

— Nosso jantar vai chegar à meia hora. Gostaria de tomar um banho de banheira? — sussurro em seu ouvido.

Ela apenas consente. Levanto-me com relutância e sigo para o banheiro para encher a banheira. Vejo o pote com o restante das pétalas e coloco-as dentro da água. Coloco ainda uma espuma de banho com cheiro de jasmim. Volto para o quarto e ela está deliciosamente linda, com os lençóis de seda sobre seu corpo, deixando um seio de fora.

Eu sou um maldito filho da puta sortudo! Penso comigo mesmo.

Deito-me ao seu lado e me aconchego junto a ela.

— Vamos? A banheira já está cheia.

Conduzo-a ao banheiro e a ajudo a entrar na banheira. A água está quente e bastante perfumada. Ela percebe o aroma e sente as pétalas de rosas.

— Você gosta de flores, não é?

— Eu gosto de você. Que é a flor mais linda do meu jardim — suspiro.

— Não sabia que você era romântico — ela diz petulantemente.

— Posso ser muitas coisas, romântico é só mais uma delas — digo puxando-a para o meu colo.

Ela senta em cima de mim e eu já estou pronto pra segunda rodada. Mas apenas olho para ela. Ela é linda, nunca serei capaz de parar de repetir isso.

Começo a amassar seus mamilos em meus dedos, alongando-os. Eu deslizo um dedo para sua barriga plana e umbigo e ela toma uma ingestão de ar, enquanto sua respiração fica mais rápida e ofegante. Eu posso sentir seu coração batendo forte no peito e isso me dá uma corrente de prazer.

Minha ereção está em sua barriga, um comprimento poderoso. Ela empurra-se contra minha ereção. Ela me quer e eu a quero muito também. Eu quero fazê-la gozar apenas assim, já que as camisinhas estão no quarto. Ela segura em meus ombros com força e ficamos naquele vai e vem, sem penetração. Beijo-a da orelha ao pescoço e então desço para um dos seus seios e o chupo com força. Dou atenção ao outro com a minha mão, puxando seu mamilo, deixando-o cada vez mais duro.

Enquanto a sensação se constrói ela arqueia as costas e eu sussurro: *Sinta isso, bebê.* E ela me implora para que eu a penetre. Enfio um dedo lentamente em sua vagina e faço círculos tocando em sua parede vaginal. Enfio outro dedo e continuo com meu tormento sensual. Sinto-a estremecer em meus dedos e com o polegar acaricio seu clitóris. Ela está muito molhada, só para mim. E eu estou muito duro, com muita

vontade de penetrá-la. Continuo enfiando e tirando meus dedos de dentro dela e sinto-a estremecer. Ela goza em meus dedos, é muito sensível.

Beijo-a ardentemente. Quero penetrá-la, tomá-la como minha. Levanto-a do meu colo e esfrego seu corpo com uma esponja. Passo a esponja em todo seu corpo, dando atenção especial aos seios e à vagina. Beijo suas pernas, enquanto ela deliciosamente arqueia o corpo para trás. Ela também lava o meu corpo e segura minha ereção entre as mãos. Mas eu não quero gozar assim, quero gozar dentro dela.

Ajudó-a se levantar para sairmos da banheira. Enrolo-a em uma toalha quente e a pego em meus braços. Fazemos tudo em silêncio, apenas sentindo o toque um do outro. Ela ainda está ofegante, recuperando-se do orgasmo. Deito-a na cama e vou abrindo sua toalha, beijando-a em todo seu corpo. Pego a camisinha e coloco em minha extensão e a penetro com força. Ela grita. Não de dor, mas da maneira como estou possuindo seu corpo. Ela é minha. Suas mãos movem-se em direção ao meu peito e ela o arranha. Jennifer é uma gata selvagem. E eu estou cheio de desejo por ela. Vou golpeando-a com velocidade, duro, forte, intenso, como se eu estivesse escalando um pico de uma montanha. Sinto seu estremecimento. Ela está perto do clímax novamente e eu também. Eu sussurro em seu ouvido, pedindo para ela gozar para mim e diante das minhas palavras, nós gozamos juntos.

O nosso jantar chega e eu peço à camareira para deixar tudo pronto na mesa. Quero que ela use o vestido que comprei para ela. Volto para o quarto e ela está sentada na cama.

— Nosso jantar chegou. Tem uma coisa que eu queria te dar para você usar tudo bem? — pergunto timidamente.

— O que é? — ela pergunta surpresa.

— É um vestido.

Imaginei-a em um vestido como aquele por vários dias.

— Um vestido? Porque está me dando um vestido? E como sabe meu número? — ela pergunta confusa.

— Porque eu quero, porque eu posso e porque você é linda e quero que você tenha tudo para ficar ainda mais linda. E também porque depois quero ter o prazer de tirá-lo — digo mordendo delicadamente o lóbulo da sua orelha. Sinto o arrepio do seu corpo.

Ela apenas aquiesce. Pego o vestido no closet. É um vestido Chanel, preto, justo, tomara que caia. O tecido é de seda brilhante. Pego o sutiã preto, rendado no meio e uma minúscula calcinha combinando. Os sapatos são Manolo Blahnik, de salto agulha e de tiras. Ajudo-a vestir as peças. Ela está estonteante. Visto meu terno preto para combinar com a roupa que escolhi para ela.

— Esse vestido é muito curto — ela diz passando a mão por ele em seu corpo. Esse movimento é absolutamente sensual e todo meu corpo se acende novamente, respondendo a essa visão.

— Sim, é. E você está deliciosa nele. Mal posso esperar para tirar cada peça do seu corpo — digo com um sorriso lascivo.

Conduzo-a até a sala de jantar e a sento em seu lugar. Explico a posição dos talheres, pratos, taças e guardanapo. Quero que ela saiba que eu confio nela e sei que ela é capaz de fazer qualquer coisa. Nosso cardápio consiste em comida francesa. Uma entrada de lagosta com aipo e tomate e bouillabaisse, com molho rouille e o prato quente são camarões ao champagne. A sobremesa é clafoutis ao kiwi. Para acompanhar, vinho branco português Adega do Borba, safra de 2011. É um vinho fácil de beber, com toques de lima e frutos cítricos. Adoro a culinária francesa e ela come com aprovação. Conversamos trivialidades, como duas pessoas que estão se conhecendo. Ela é tímida, mas vejo transparência em suas palavras.

— Isso estava delicioso — ela diz satisfeita.

— Eu ainda não estou satisfeito — digo erguendo uma sobrancelha.

— Não? Achei que já havíamos terminado o jantar — ela sorri.

— Sim. Mas quero provar mais uma vez a sobremesa. — digo sedutoramente.

— A sobremesa? — ela diz arregalando os olhos. — Nós já comemos a sobremesa.

— Sim. Mas eu quero a segunda sobremesa. Você! — sorrio perversamente.

Ela sorri. Eu me levanto e vou até ela. Seguro-a em meus braços e lentamente vou levando-a de volta para o quarto. Viro-a de costas e abro seu vestido, de vagar, puxando o zíper, ao mesmo tempo em que passo os dedos em suas costas nuas. Desço vagarosamente roçando meus dedos ao longo da sua perna. Ajudo-a dar um passo fora dele. Ela está apenas de lingerie e saltos altos. É a própria visão do Céu! Deusa Afrodite. Linda, quente e gostosa. Completamente de dar água na boca. Viro-a de frente para mim e beijo seu pescoço. Vou descendo com beijinhos até me ajoelhar a sua frente. Pego a parte de trás de suas pernas e, quando subo até seu ápice, sinto um arrepio percorrê-la, me fazendo sorrir. Minhas mãos seguem para os seus quadris e eu inspiro seu cheiro profundamente. O cheiro dela é inebriante. Eu posso ver por entre a renda da calcinha sua excitação brilhando para mim. Eu puxo sua calcinha para baixo e beijo seu sexo.

Deito-a na cama e abro suas pernas vigorosamente. Volto a chupar seu sexo, chicoteando com a língua o seu clitóris. Ela puxa meus cabelos e arqueia as costas com puro desejo por mim. Seguro suas nádegas e chupo mais forte, saboreando cada centímetro. Seu gosto é divino.

— Neil, eu queria provar você também — ela diz gemendo.

Deito de costas e puxo-a para mim. Ela senta em minhas pernas, segurando firme meu pau rijo com uma das mãos. Quando seus dedos se fecham em torno de mim, cubro sua mão com a minha, ajudando-a no movimento para cima e para baixo. Minha garganta fecha com um grito suprimido. Fecho meus olhos e sinto a sensação que é tê-la segurando meu pau. Lentamente ela o coloca na boca. Sinto seus lábios se fechando em meu comprimento e eu levanto a cabeça para olhá-la. Eu reverencio essa mulher! Minha respiração acelera em ver seus cabelos caindo como cascata sobre meu abdômen. Ela se inclina para frente e continua a me chupar com força. Sua língua fazendo círculos em volta do meu pau está me deixando louco.

Seguro-a pelos braços e coloco a camisinha. Sento-a em cima de mim. Quero vê-la.

— Você é muito gostosa. Quero que você me sinta inteiro — digo entre dentes.

— Ah... — ela geme.

Ela cavalga em cima do meu pau, enquanto eu abaixo e chupo seus seios, passando as mãos em seu corpo. Ela agarra meus cabelos e me puxa para um beijo. Nossas línguas se entrelaçam enquanto eu a penetro com toda a minha alma, com todo meu desejo e logo gozamos juntos.

Acordo de manhã e ela ainda está dormindo. Fico apenas contemplando sua beleza. Não quero acordá-la, quero que ela descanse. Tivemos uma noite maravilhosa. Há muito tempo eu não me sentia tão satisfeito. Como não encontrei essa mulher antes? Ela é tudo que eu sempre quis. Tem todos os requisitos físicos que admiro em uma mulher, além de ser doce e inteligente.

Porra! Mas eu não posso ficar com ela estando casado. Esse pensamento não sai da minha cabeça. Tenho que dar um jeito de me separar de Sophia o quanto antes. E também tenho que apresentá-la direito à Anne. *Inferno! Como posso tê-la?* Eu sou um merda e não posso fazê-la feliz. Não com todo meu passado fodido.

Jennifer suspira e se aconchega mais em meu corpo, tirando-me dos meus pensamentos sombrios. Passo os dedos delicadamente em sua pele que é macia e suave como seda. Ela esfrega sua bunda em meu pênis que já está duro. Deslizo minha mão pela sua barriga e chego a seu sexo. Começo a brincar com seus clitóris e introduzo um dedo dentro dela. Ela está úmida, pronta para mim e tão cedo! Faço movimentos circulares e ela geme. Sinto sua lubrificação aumentar.

— Hummm... — ela geme ainda sonolenta — Isso é bom.

Afasto meu braço que apoiava sua cabeça, deito-a de costas na cama e me inclino sobre ela para beijá-la. Nosso beijo é longo, quente e cheio de paixão. Eu poderia beijá-la por toda eternidade e não me fartaria nunca. Deslizo minha boca passando pelo seu pescoço até chegar a seus seios. Ela é bastante sensível aqui. Sopro seus mamilos, dou lambidas e chupo sem misericórdia. Ela fecha as pernas em meus dedos como se quisesse intensificar o prazer. Continuo dando atenção aos seus seios, enquanto massageio seu clitóris implacavelmente. Ela estica e cruza as pernas. Minha mão está presa, mas meus dedos ainda conseguem brincar com seu sexo.

— Neil! — ela grita curvando as costas o que me dá mais acesso aos seus seios. Mordo um dos mamilos e com a língua faço movimentos circulares. Em seguida, chupo-os com força e abocanho a maior quantidade possível dele. — Neil, eu, eu... Por favor — ela se contorce.

Eu sei o que ela precisa o que ela quer. Afasto suas coxas e introduzo mais um dedo em sua vagina. Enquanto meus dedos trabalham dentro dela, meu polegar estimula o seu clitóris. Meus dedos deslizam com facilidade em seu sexo encharcado.

Jennifer me puxa e me beija apaixonadamente. Continuo o movimento com os dedos e então sinto pequenos solavancos dominarem o meu corpo. Ela está quase gozando. Afasto-me rapidamente e pego um preservativo. Tiro-o da embalagem e coloco em minha extensão. Volto a beijá-la chupando seus lábios. Adoro sua boca e mordisco várias vezes até eles ficarem vermelhos.

— Bebê, eu vou foder você — sussurro em seus lábios.

— Foda-me — ela diz ensandecida.

Caralho! Jennifer ainda irá me destruir. Minha mão desliza pelo seu corpo e eu agarro as costas das suas coxas com firmeza. Deslizo meu pênis até a entrada da sua vagina molhada. Ela geme e se agarra em meus ombros. Eu continuo nessa deliciosa tortura, de cima a baixo, a cabeça do meu pau cutucando a entrada da sua vagina, provocando-a e me enlouquecendo de desejo. Ela me puxa tentando forçar-me a penetrá-la.

— Ansiosa gatinha? — provoco-a.

— Por favor! — ela implora gemendo.

Paro por alguns instantes para observar seu rosto se contorcendo de prazer. Seus cabelos ruivos espalhados pelo lençol, exatamente como eu havia imaginado. Não consigo resistir mais e a penetro profundamente. Ela geme alto e agarra o meu peito com força. Suas unhas cravam em mim enquanto ela rebola e se contorce, acompanhando meu ritmo.

Sento-me na cama e a trago comigo, sem desconectar nossos corpos em nenhum momento. Cruzo as pernas dela em minha cintura e enfio meu pênis com força. Seguro suas nádegas e levanto seu corpo para cima. Meu membro sai alguns centímetros e eu a puxo para baixo, firme e fundo.

— Isso, bebê — murmuro com a voz rouca, testa suada e corpo trêmulo.

— Neil! Ah! Neil! — ela grita o meu nome e eu juro que vou enlouquecer.

Seguro seus seios acariciando os mamilos com os dedos. Ela morde os lábios e geme. Nossos movimentos ficam cada vez mais rápidos e eu sinto sua vagina apertar meu pau, como um punho fechado.

— Porra, Jennifer! — eu grito enlouquecido. Ela é muito apertada e está muito molhada. Eu sinto cada centímetro dela em torno de mim, derretendo-me.

Explodimos em um orgasmo violento e eu sinto uma eletricidade passar entre nossos corpos. Sexo sempre foi bom pra mim, mas com ela é diferente. Sempre soube que existia diferença entre sexo e amor, mas até então eu não havia experimentado a segunda opção. Sexo é quando dois corpos se unem em busca de prazer. Fazer amor é o encontro de duas almas, com um prazer muito mais intenso e poderoso. Eu agora sei o que é fazer amor. Ficamos abraçados por um tempo enquanto nossa respiração volta ao normal.

— Bom dia, bebê — digo sorrindo.

— Bom dia — ela murmura.

— Dormiu bem?

— Sim. Muito — ela se senta e abraça as pernas. Parece perdida.

— O que foi? Está arrependida? — pergunto em um tom de voz que acusa meu pânico.

— Não. Faria tudo de novo, mesmo sabendo que é errado — ela segura minha mão e dá uns beijinhos suaves nos meus dedos.

Sento-me em frente a ela e seguro seu rosto. Olho bem no fundo dos seus olhos, mesmo sabendo que ela não me vê.

— Nada do que aconteceu aqui entre nós foi errado Jennifer. Se há uma coisa real, certa e verdadeira no Universo é o que nós vivemos ontem e hoje. Nunca duvide disso — digo com firmeza.

Ela está cheia de dúvidas, reticências e eu a compreendo. Gostaria de afastar todos esses fantasmas, dizer que tudo está bem, mas eu não posso. Ainda tenho uma luta pela frente, mas eu não vou desistir dela, nunca.

— Vai mesmo se divorciar? — ela pergunta timidamente.

— Claro que sim — abraço-a forte. — Eu deveria ter feito isso há muito tempo. Na verdade, nem deveria ter me casado. Mesmo que os pais de Sophia nunca tenham tentado nada contra mim, eu sempre tive medo de perder Anne, caso algo acontecesse à Sophia. Foi o único motivo de sustentar essa estupidez.

— E o que Sophia acha disso? Sobre o divórcio? — ela me aperta com força.

— Não vou mentir para você, Jennifer. Sophia não pretende facilitar as coisas para mim. — digo enterrando meu nariz em seu pescoço. — Enfrentará isso comigo? — digo num sussurro.

Sinto-a se contrair e se afastar do meu abraço. Fico parado, perdido. Não sei o que dizer. Depois do que parece um século, esperando sua resposta com a respiração presa, ela me diz:

— Tem certeza de que não sou a razão dessa decisão? — ela diz entrelaçando os dedos nos meus. — Faria isso mesmo que não tivesse me conhecido?

— Sim. Antes de conhecer você, há algum tempo atrás, Sophia promoveu uma festa para seus amigos em minha casa. Eu tinha viajado a negócios, mas cheguei à noite da festa, bem tarde. Naquele dia Sophia havia pegado seu amante com outra e se descontrolou.

Faço uma pausa para que ela possa digerir o que estou dizendo. Ela aperta meus dedos me estimulando a continuar.

— Eu fiquei muito irritado, não por ela ter um amante, nunca fomos um casal de verdade e eu tinha meus casos também, mas fiquei furioso porque tínhamos um acordo de não promover festas com Anne por perto. Pelo menos não esse tipo de festa. Naquela noite Sophia parecia enlouquecida e foi para o quarto de Anne, precisava descontar em alguém. Claire a babá, tentou contê-la, mas não adiantou. Ela, ela... — paro de falar porque não consigo conter a raiva crescente em mim.

— Oh, Neil... — ela me abraça forte.

— Bem, eu cheguei e vi toda aquela gente bêbada e drogada pelos cantos da minha casa. Comecei a expulsar as pessoas. Eu não sabia que Sophia estava no quarto de Anne. Quando estava na piscina expulsando as últimas pessoas ouvi os gritos — faço uma pausa fechando os olhos. — Subi correndo para o quarto de Anne e foi então que eu vi a cena. Sophia havia surrado Anne e gritando com a babá que tentava impedi-la. Eu agarrei o pescoço de Sophia e comecei a apertar muito forte. Anne e Claire gritavam para eu a soltasse, mas eu não ouvia. Eu queria matá-la. Foi então que Claire puxou meu cabelo e eu vi o que estava fazendo.

— Ninguém o condenaria, Neil. — ela acaricia minhas costas me confortando.

— Levei-a para a clínica de reabilitação naquela mesma noite e disse a ela que quando saísse daríamos fim ao nosso casamento forjado. A maluca se deu alta e saiu antes do previsto, alegando que estava cercada de pessoas deprimidas, que estava com saudades de casa e que queria tentar um relacionamento comigo. Ela quer ter mais filhos — digo num fio de voz.

Jennifer enrijece em meus braços e tenta se afastar.

— Isso não muda nada, Jennifer — seguro-a com firmeza. — Eu não a amo, nunca a amei, talvez um dia tenha pensado que amava. E por Deus! Jamais teria um filho com ela.

— Mas vocês ainda são casados, Neil — ela faz uma pausa. — Ela tem o direito de tentar.

— Jennifer, por favor! Você não ouviu nada do que eu disse? — digo com veemência. — Eu quase a matei. Sophia teve sete anos para se arrepender, de se aproximar de Anne, e mesmo que fosse o caso ainda assim eu não a quero. Mesmo que você se afaste de mim, ainda assim, me divorciarei dela. E pedirei a guarda de Anne.

— E o que Anne pensa sobre isso? — ela insiste.

— Se Anne quiser ter um relacionamento saudável com ela e eu tiver certeza absoluta de que ela ficará bem, trabalharemos uma forma disso acontecer. Mas não quero nenhum relacionamento com Sophia, exceto decisões que envolvam *exclusivamente* a vida de Anne. — friso

exclusivamente para que ela entenda que não pretendo ter qualquer relacionamento com Sophia.

Ela se solta e levanta da cama. Eu deixo porque sei que nesse momento ela precisa de espaço para digerir tudo que disse.

— E se você se arrepender? Quiser reconstruir sua família com ela? Como eu fico? — ela diz com a voz tremida.

Meu Deus! Eu quero casar com essa mulher! O que devo dizer?

— Jennifer, confie em mim. Sei que é difícil considerando que acabamos de nos conhecer, mas, por favor, tente — digo com fervor.

Vejo-a perdida em seus pensamentos.

— Jennifer, por favor, tente — digo mais uma vez. — Dê-nos essa chance — imploro. Jamais sequer me imaginei fazendo algo assim. Implorando para que uma mulher ficasse comigo, sempre é o contrário. E não estou sendo egocêntrico.

— Sim — ela diz esticando os braços em minha direção.

Eu abraço-a e giro ao redor do quarto.

— Sei que é foddidamente errado, mas sim, sim! — ela diz sorrindo. — Por que, mesmo sendo cega, mesmo estando sempre coberta de escuridão... — ela para e pensa por alguns instantes. — Nunca tive tanta luz como quando estou com você. Não sei como explicar o que sinto, é maravilhoso e assustador ao mesmo tempo eu creio que estou enfeitiçada e louca.

Essa foi a declaração mais sincera e mais linda que eu poderia receber na vida. Se anos mais tarde alguém me perguntasse qual foi o momento em que me apaixonei por ela seria esse.

— Jennifer, eu... — ela interrompe parando meus lábios com os dedos.

— Ainda não —, ela diz determinada. — Quando estiver livre. Haverá o momento certo para dizer isso. Por enquanto vamos enfrentar o que está por vir.

Eu concordo com a cabeça embora queira gritar aos quatro ventos o que sinto por ela.

— Sabe... — ela diz tímida. — Eu ainda não o conheci.

Enrugo minha testa sem entender o que está falando.

— Acabamos de ter o sexo mais quente de toda minha vida e me diz que não me conhece? — Eu falo bruscamente.

Jennifer ri alto do que eu digo ou da forma como eu digo. Ela agarra meus cabelos e balança minha cabeça.

— Eu conheço cada pedaço desse seu corpo gostoso — ela me provoca. — Mas não desenhei seu rosto com meus dedos ainda. É a única forma que consigo imaginar as pessoas — ela deposita as pontas dos dedos em meus lábios.

— Deus! Fiz sexo ensandecido com um desconhecido.

— Sexo ensandecido? — provoco-a sorrindo.

— O melhor. Posso? — ela pergunta com a mão estendida para meu rosto.

— Eu sou todo seu.

Pego suas mãos e pouso em meu rosto. Meu coração se contrai ao imaginar o quanto deve ser difícil para ela ter que imaginar as coisas e pessoas ao redor. Ela passa os dedos pela minha testa, sobrancelhas, olhos. Testando, desenhando e imaginando meu rosto. Fico tenso e desejando que se agrade pelo que vê em sua mente.

— Paige tinha razão — ela sorri como se compartilhasse um segredo. — Suas sobrancelhas são perfeitas. Isso deveria ser ilegal.

Ela desliza os dedos por meu nariz, maçãs do rosto e queixo.

— Queixo quadrado, imponente — desliza as palmas pelo meu rosto como se esculpisse em argila. — Seus olhos são negros? — pergunta e sinto que ela fica um pouco tensa.

— Sim — antes que possa perguntar como sabe, ela responde.

— Paige me disse — morde os lábios. — Quão negros são?

— Muito, jabuticaba, eu diria. — xingo-me silenciosamente depois que dou a resposta, como ela poderia saber a cor de jabuticaba? — Quer dizer...

Jennifer solta meu rosto como se queimasse.

— Jennifer? — sinto-a ficar tensa. — Desculpe, eu não sei como explicar isso.

— Tudo bem, é que por um minuto... — ela faz uma pausa e respira fundo. — Acho que é apenas minha imaginação me confundindo, às vezes ela me prega algumas peças. Não dê importância a isso.

— Tudo bem? — seguro suas mãos.

— Sim — ela me abraça. — Apenas me lembrou de alguém. Alguém que eu quero esquecer.

— O homem que tirou sua virgindade? — digo com ciúmes.

— Não. Aquele era um idiota — diz em voz baixa. — Alguém mais sombrio.

Abraço-a tentando afastar todos os fantasmas e pensamentos tristes. Quem quer que tenha feito mal a ela tem meu ódio mortal.

— Ninguém nunca mais vai machucar você, Jennifer. Eu prometo.

— Meu cavaleiro de armadura brilhante — ela me provoca.

Sem dar oportunidade para que ela reaja ao que vou fazer, eu a levanto e coloco-a em meus ombros.

— Não devia ter dito isso. Agora tenho obrigação de provar quão *ogro* eu posso ser.

E rindo seguimos para o banheiro.

Estamos na cozinha do flat e ela está se deliciando com as minhas famosas panquecas.

— Eu sei cozinhar sabia? — ela diz empinando o queixo. — Mas isso está divino. Bom de cama, bom de cozinha, um excelente empresário, em que mais o Sr. Durant é bom? Não vai me dizer que toca e canta?

Eu fico extremamente envergonhado.

— Deus, não! — eu me queixo. — Toda vez que canto até o inferno estremece.

Jennifer começa a rir incontrolavelmente ao ponto de suas bochechas ficarem lindamente rosadas, enxuga uma lágrima do rosto furtivamente.

— Deixe-me avaliar — ela pede.

Realmente não tenho propensão de ser alvo do divertimento alheio, mas sinto uma infantil necessidade em fazê-la sorrir, mesmo as minhas custas. Então, canto a pior versão desafinada de Fígaro.

— Por favor, pare! — ela tapa os ouvidos ainda sorrindo. — Jesus! Tem razão, você é péssimo!

— Desculpe se nem todos tem sua voz de anjo.

Ela beija meus lábios, ainda sinto gosto do mel em seus lábios.

— Alguma qualidade eu tinha que ter — ela ri sapeca.

— Com uma voz tão linda, por que trabalhava em um clube de *strip tease*?

Eu a vejo enrijecer. Tenho vontade de me chicotear. Nem todas as pessoas tem uma vida privilegiada como a minha. Não tenho direito de julgá-la. As pessoas sobreviviam da maneira que conseguiam encontrar.

— Jennifer, eu não estou julgando sua vida...

Antes que eu possa terminar ela desata a rir.

— Eu não era uma *stripper* como você pensava.

— Não? — olho para ela intrigado, apesar de que sei que ela não pode ver.

— Não, seu imbecil — ela provoca. — Apenas cantava.

— Você cantava num clube de *strip-tease*? — eu pergunto assombrado.

— E em uma pizzeria. Algumas vezes em festas — Jennifer dá de ombros. — Agora estou no restaurante, o salário é bem melhor — ela conclui.

— Eu jamais poderia imaginar — respondo aliviado. Sempre que imaginava que outros homens pudessem olhar e tocar seu corpo perfeito me deixava louco. — Quando vi você e sua amiga ali, automaticamente pensei...

— Paige também não é *stripper*, apenas faz apresentação no pole dance.

— Eu não vejo muita diferença — Jennifer às vezes pode ser muito ingênua. Creio que é fácil entender isso, imaginar uma coisa é bem diferente do que se deparar com a verdadeira realidade. Se ela pudesse ver o ambiente e as pessoas que frequentam o clube, mal consigo imaginar o que faria.

— Claro que há! — ela defende a amiga. — Ela não tira a roupa, bem não toda. Apenas dança.

— Falando nisso, onde ela está? — pergunto por curiosidade. — Vocês dividem o apartamento, não é?

— Sim, mas ela que paga a maior parte — ela diz envergonhada. — Paige tem um emprego novo, agora é namorada de aluguel.

Eu cuspo o café que estou tomando ao ouvir tal declaração. Uma prostituta? Inferno, as coisas estão ficando pior do gostaria.

— Quê? — pergunto tentando me recompor.

— Não é o que você está pensando! — É impressionante sua capacidade de tirar conclusões erradas das coisas — ela faz cara feia para mim — Um cara rico a contratou para fazer ciúmes na noiva. Paige vai passar o fim de semana fora.

— Anne também foi passar o fim de semana fora — declaro com segundas, terceiras e todas as intenções. — O que significa... — aproximo-me dela abraçando-a por trás. Acaricio seus seios por sob o vestido e beijo seu pescoço. — Vou tê-la toda para mim durante o fim de semana...

Capítulo Nove

Maravilhosa seria pouco para descrevê-la no palco naquele momento. Hoje é domingo, último dia do melhor fim de semana da minha vida, empatando apenas com os que eu passei com Anne, mas de uma forma muito, muito diferente, claro. Jennifer foi chamada para substituir a cantora de domingo e eu não pude fazer muita coisa para persuadi-la, ela é extremamente profissional, algo que admiro. No entanto nada me impede de desejá-la só para mim, mas entendo que é o seu trabalho e ademais a noite é uma criança.

Sigo para bar, sento em banco alto, daqui posso ter uma ampla visão do palco. A noite se desenrola mais rápido do que previ, observo-a terminar os últimos versos da canção. Vejo Max, o gerente, se aproximar e conduzi-la de mesa em mesa para cumprimentar os clientes. Não gosto nada como ele apoia as mãos nas costas dela. Graças a Deus Jennifer não está usando o maldito vestido branco, extremamente sexy do outro dia. Essa noite usa um vestido prateado, de mangas e costas cobertas. Um vestido que comprei exatamente para que ela possa trabalhar. Ignoro o fato de ter ocultado isso quando a apresentei. O que não sabia é que o vestido que aparentemente era para ser clássico e recatado na verdade desperta a curiosidade em saber o que se esconde atrás do tecido.

Continuo-o observando-os com uma ira incontrolável. Não me agradar ver as mãos de Max deslizar por suas costas, sendo ele respeitoso ou não. Esses sentimentos e pensamentos soam desconcertantes para mim.

Preciso de uma boa dose de uísque para acalmar os ânimos, mas já que dispensei Calvin por todo o fim de semana, tenho que me contentar com meu energético, que nesse momento tem mais sabor de suco de limão. Cada vez que um cliente mais afoito tenta segurar sua mão por mais tempo ou a afaga, pressiono o copo com tanta força que me admiro de ainda não tê-lo quebrado. A romaria continua por minutos intermináveis até que vou de encontro a eles quando se despedem da última mesa.

— Pode deixar comigo, Max — coloco meu braço em volta da cintura de Jennifer possessivamente e a conduzo à saída, deixando o patético gerente com o semblante abismado. Mas sabiamente ele concorda e não diz nada.

Gostaria de poder beijá-la e mostrar a todos naquele salão que ela é minha, que me pertence, mas tenho certeza que a irritaria, então me contento em conduzi-la para fora. Publicamente eu ainda sou um homem casado e decidimos manter nossa relação o mais discretamente possível. Exigência dela, por mim, jogaria toda merda no ventilador. A única coisa útil que aprendi com Sophia foi não me importar mais com a opinião alheia. Não importa o que faça as pessoas sempre irão falar de sua vida, então foda-se.

— Neil, não deveria fazer isso — ela sussurra contrariada. — As pessoas devem estar olhando e vão comentar.

— Eu não me importo — murmuro entre dentes. — As pessoas deviam cuidar das suas próprias vidas.

— Eu me importo — ela suspira. — Temos muitas coisas a considerar, lembre-se de Anne. As férias estão acabando e não seria bom que voltasse para escola em meio às fofocas.

Fico tocado com a preocupação e carinho que ela tem com minha filha, algo que mão dela nunca se importou em dar.

Assim que alcançamos a calçada eu fico de frente a ela e coloco minhas mãos em volta de sua cintura.

— Falando nisso, acho que você deve conhecê-la — levanto a mão e coloco atrás da orelha uma mecha de cabelo que havia escapado do coque elegante. — Anne vai adorar você.

— Nós já nos conhecemos — ela vacila. — Lembra? Aquele dia na lanchonete.

— Aquele dia não conta.

— Por que não vamos com calma? — ela se abraça. — E se ela não gostar de mim?

— Isso que a preocupa? — suspiro encantado — Não existe pessoa no mundo capaz de resistir aos seus encantos.

— Neil, o assunto é sério! — ela reclama fazendo beicinho. Esse gesto sempre me desperta o desejo de devorá-la.

— Tudo bem — respondo contrariado. Não existem muitas pessoas com o dom de fazer isso comigo, Jennifer faz isso o tempo todo.

Creio que estou acostumado demais a ter meus desejos realizados, as pessoas não me questionam, minha palavra é lei. Mas isso é no mundo dos negócios, pois nunca tive relacionamentos verdadeiramente afetivos com ninguém. Sim houve mulheres e sexo, muito sexo e nada, além disso, sempre deixei as coisas muito bem resolvidas.

— Façamos o seguinte, então — proponho. — Eu preparo o caminho durante a semana e você almoça com gente no fim de semana. O que acha? — pergunto esperançoso.

— Você não sabe receber um não, não é? — ela sorri.

— Não.

Conduzo-a até o carro e vamos para sua casa. Ela prefere dormir lá hoje à noite. Coisas de mulheres. Apesar de termos tido um ótimo final de semana, com passeios e muito amor, ela prefere e eu não quero insistir.

— Eu não acho que precise me levar e me buscar no trabalho, Neil. Eu posso ir de carona com o Max — ela afirma.

Cada momento que passamos juntos eu aprendo o quanto ela é forte e independente. Por mais que pareça frágil e indefesa é a mulher mais corajosa que já conheci. Mas isso não me impede ou diminui meu desejo de cuidá-la e protegê-la. Não quero parecer um maluco controlador, mas quero aquele gerente o mais longe quanto possível. Ele mal disfarça o interesse que tem por ela.

— Preciso sim — sou categórico. — E quando eu não puder, Calvin fará isso.

Não há acordo para isso. Ela não ficará andando sozinha, à noite, com outro homem e ainda mais estando tão linda como essa noite. Ela é minha e, como tal, é meu dever protegê-la.

— Você às vezes é tão mandão, não sei se gosto disso — cruza os braços de forma irritada.

— Não foi o que disse ontem à noite — eu aliso seu joelho e subo seu vestido até a coxa com movimentos sensuais. Desvio meu olhar da estrada por um segundo e observo que está vermelha, sei que não é de vergonha, mas de excitação.

— Nem sempre vamos resolver nossos problemas com sexo. Sr. Durant, por mais maravilhoso que seja — ela provoca suas mãos deslizando sob minha coxa.

Gemo e tento focar minha atenção na estrada. *Porra!* Jennifer sabe exatamente o que fazer para me desestabilizar.

Embora as mulheres procurem me agradar na cama, geralmente são mais submissas, talvez pelo dinheiro ou o status que vem junto comigo, mas com ela é muito diferente. Jennifer não se importa com meu carro caro e roupas finas. Pergunto-me se não fosse cega seria diferente? O que os olhos não veem o coração não sente? Rejeito esse pensamento absurdo, não sou tão cínico ao ponto de acreditar que todas as mulheres buscavam apenas meu dinheiro. Já conheci algumas que não estavam, mas nenhuma me atraiu como Jennifer.

Encaro-a novamente ao estacionar o carro em frente ao seu prédio. Não, não é a cegueira que a faz diferente para mim, mas o que está em seu coração. Cada momento que passamos juntos, eu aprendo mais e mais. Sinceramente, estou deliciado com o que estou descobrindo nos últimos dias.

— Chegamos? — ela interrompe meus pensamentos.

— Sim. Não desça do carro, vou abrir a porta para você — respondo. Desço e contorno o carro. Seguro-a em meu colo enquanto ela protesta.

— Neil, eu posso andar, seu maluco! — ela protesta rindo.

— Sei que pode, mas gosto de tê-la em meus braços, sempre. É aqui que deve ficar — digo sedutoramente.

Esbarramos em uma senhora no corredor que nos observa encantada. Dou um, *boa noite*, e uma piscada para ela, que balança a mão e fica vermelha. Pelo visto, meu charme ainda tem o poder de seduzir as mulheres, não importa a idade.

— Pode abrir a porta Srta. Connor? — pergunto em seu ouvido.

— Com prazer, Sr. Durant — ela abre a porta com as mãos trêmulas enquanto ainda a mantenho em meus braços.

Beijo-a assim que entramos no apartamento. Estou com muita fome e desejo por ela. Passei malditas três horas naquele restaurante esperando por isso. Coloco-a no chão e viro-a de frente para porta. Agarro e aperto seus seios enquanto esfrego meu membro duro em sua bunda empinada.

— Veja como fiquei a noite toda por você, bebê? — pressiono meu pênis ainda mais. — Sinta o quanto estou excitado.

Jennifer coloca as duas mãos na porta acima da cabeça e empina a bunda ainda mais.

— Inferno, Jennifer! — agarro a barra de seu vestido e tiro dela com avidez, embora meu desejo seja rasgá-lo completamente. Deposito beijos em suas costas.

— Oh... — ela geme arqueando as costas para mim. — Neil.

Deslizo minha língua em suas costas deixando um rastro suave por onde passo. Livro-a do sutiã meia taça e me afasto para olhá-la apenas de calcinha e salto alto.

— Calma meu bebê — dou um sorriso safado. — Vou dar o que você quer.

Ajoelho em frente a ela e pressiono suas nádegas claras, sei que ela gosta disso, aprendi muito sobre seu corpo nos últimos dias. Dou um tapa de leve e vejo ficar na tonalidade rosada. Acaricio, dou uma pequena mordida e, em seguida, uma lambida no local onde havia a marca de minha mão. Vou puxando a calcinha lentamente e dou pequenas mordidas durante toda trajetória.

— Neil, por favor — ela geme.

— Paciência não é uma de suas virtudes! — provoco um pouco mais.

Separo suas pernas e caio de boca em sua vagina úmida. Lambo e chupo com vontade. Minha mão sobe de sua coxa para seu clitóris e estímulo um pouco mais.

— Neil! Ah... — ela geme e empina a bunda dando mais acesso a minha boca. Continuou impiedoso. Ao ouvir seus gemidos de prazer sinto meu pênis enrijecer e ficar ainda mais apertado em minha calça. Olho para cima e vejo que ela tem as unhas cravadas na porta. Como uma tigresa e suas unhas afiadas!

— Neil — ela bate na porta quando paro. — *Por favor!*

Ela está frustrada com minha pausa. Vejo que estava prestes a atingir um orgasmo, mas por mais que ame dar prazer a ela, quero que ela desabe quando eu estiver dentro dela, duro e forte. Levanto-me e acaricio sua bunda. Esse traseiro é inegavelmente perfeito.

— Quieta — dou outro tapa em sua bunda, ela geme e rebola em minha mão. Introduzo um dedo dentro dela fodendo-a duro. — Vou dar o que você quer, mas você só vai gozar quando eu estiver dentro de você.

Introduzo outro dedo e começo um movimento de vai e vem e com a outra mão acaricio seu seio. Ela fecha as pernas em volta da minha mão pressionando meus dedos dentro dela em busca de prazer. Acompanha o ritmo dos meus dedos em um entra e sai sensual.

— Oh... — ela geme ensandecida. — Neil. Isso é... Bom.

Sinto suas paredes vaginais começarem a pulsar em volta dos meus dedos.

— Não, gatinha — retiro os dedos rapidamente.

— Droga, Neil! — ela dá outro tapa na porta. — Merda, seu cretino — ela choraminga.

Eu posso gozar aqui mesmo só com suas palavras. Mas o que eu quero que seja duradouro e prazeroso, firme e intenso. Tiro um preservativo do bolso e me livro da calça e cueca ao mesmo tempo, após colocar o preservativo, separo suas pernas novamente e invisto fundo. Tão fundo que tenho receio de machucá-la. Pressiono-a contra a porta e meto com força. Tanta força que ela é obrigada a ficar nas pontas dos pés. Sua vagina está tão quente e apertada em volta de meu pênis que sinto que ele vai derreter.

— Você. É... — entro e saio lentamente. — Tão quente!

Sinto que ela vacila e a pressiono ainda mais contra a porta, rebolo e dou uma estocada mais firme. Deslizo minha mão pela lateral de seu corpo suave. Curvo-me um pouco observando meu membro entrar e sair de sua vagina. Não resisto e dou outro tapa em sua bunda, um pouco mais forte que o anterior. Ela geme e remexe um pouco mais. Nunca fui adepto de sexo com surra, mas com ela todo meu mundo vira de cabeça para baixo. E posso afirmar, sem um pinga de dúvida, desde que não seja muito pesado ou deixe marcas permanentes, que ela adora palmadas, beliscões e mordidas que dou. Outra coisa fascinante que aprendi sobre ela. Sexo entre nós dois sempre seria quente.

— Você gosta de umas palmadas, não é? — murmuro antes de mergulhar fundo dentro dela.

— Sim — ela geme. — Muito.

Dou um tapa na outra nádega ciumenta e em segundos ela fica rosada. Retiro-me totalmente de dentro dela para apreciar a pintura.

— Neil, querido — ela geme me implorando. — Por favor, por favor, por favor!

Porra! Ela está implorando? Eu fico alucinado com sua carnuda e gostosa boca, mas quando ela implora me lança para um patamar alucinante de prazer. Ela me quer dentro dela, duro e forte, assim como desejo estar. E não há nada que eu possa negar a ela. Possuo-a de novo com força dando a nós dois o que tanto ansiamos: prazer, muito prazer. Ela treme em meus braços enquanto vai construindo seu orgasmo e eu libero meu prazer junto com o dela.

Atingimos o clímax e desabamos no chão, até recuperarmos as nossas forças. Os corpos suados, trêmulos e saciados.

Estico as pernas e a sento em meu colo. Beijo seus lábios e a aperto contra mim.

— Você faz isso comigo só porque sou indefesa — ela finge estar emburrada.

Ela está falando da minha tortura anterior. Gosto de provoca-la. Eu gosto de leva-la ao ápice do prazer e trazê-la de volta, pelo simples fato de lança-la de volta para lá, várias e várias vezes, até que sinta que possa desmaiar em meus braços de puro prazer.

— Não há nada de indefeso em você, Jennifer — eu dou risada. — Onde aprendeu a ter essa boca suja? — contorno seus lábios com os dedos.

Ela ri e esconde a cabeça em meu pescoço como se para esconder a vergonha.

— Trabalhei em um clube, lembra? — beija meu pescoço. — Já ouvi cada coisa que você ficaria horrorizado.

Nada me deixaria horrorizado, já vivi e fiz coisas nas quais ela sairia correndo, assustada, penso com amargura. *Não, nada disso!* Prometi a mim mesmo que deixaria o passado de lado. Mudo de assunto, pois não quero estragar nossa noite.

— Você é tão forte, sabia? — beijo seu ombro. — Tão independente. Mas deve ser porque já nasceu cega, não é? Ouvi dizer que as pessoas que nascem cegas se adaptam mais rápido à situação, já que é natural para elas.

Ela se contrai e fica rígida em meu colo. Droga, não deveria ter tocado nesse assunto, o fato de ter nascido assim não deve ser menos doloroso.

— Não nasci cega. — ela sussurra.

— Não? — eu pergunto surpreso e espantado ao mesmo tempo.

Imaginei que sim. Bem, eu tinha imaginado muitas coisas sobre ela, primeiro que era frágil e indefesa, ela não era. Depois que era uma stripper, nada mais errado. Quando irei parar de fazer suposições erradas?

— Não — ela suspira parecendo relaxar.

— Como aconteceu? Quer dizer, se quiser falar.

— Foi um acidente de carro — ela dá de ombros. — O vidro estourou e cacos de vidros entraram em meus olhos.

— Quantos anos você tinha? — pergunto curioso.

— Quinze — ela responde.

Quinze anos! Meu Deus! Ainda era uma menina, quase uma criança. Ela tinha que estar pensando em namorados, bailes, mas ao invés disso teve que lidar com uma cegueira repentina.

— Não havia nada que pudessem fazer? — pergunto sinceramente interessado.

— Fiquei dias em coma, então os médicos não puderam fazer um diagnóstico rápido. Somente quando acordei souberam que eu não enxergava nada. Fizeram uma cirurgia de emergência, mas não adiantou, parece que esperaram demais — ela responde como se tivesse pedindo desculpa a si mesma. *Estranho.*

Aperto-a ainda mais em meus braços, meu coração dói pela jovem e inocente garotinha que acabou sendo enviada a escuridão.

— Seus pais tentaram outros especialistas? — questiono angustiado.

— Meus pais tentaram, viajamos de um lugar a outro. Uma vez indicaram um especialista que tinha uma nova técnica... — posso ver uma sombra de dor em seu rosto.

— Não precisa contar se não quiser Jennifer — digo para ela.

— Não, você tem que saber — ela morde os lábios, seus olhos lacrimejam e ela pisca várias vezes para conter as lágrimas. — Meus pais venderam nossa casa e tudo que tinham. Nessa época meu irmão que já causava alguns problemas com bebidas e drogas sofreu uma overdose.

Lembro-me que quando a conheci ela havia falado sobre os pais, mas não sobre o irmão. Onde estaria? Ela se levanta e fica de costas para mim. Nua e linda, os cabelos que eu venero encobrendo batendo em sua bunda caindo em cascata brilhando como fogo.

— Então, eles usaram mais da metade do dinheiro com hospital e clínicas de recuperação para ele — ela diz tristemente.

— Não acho que isso tenha sido justo — nesse momento eu sinto muita raiva e um desejo assassino contra os pais e irmão dela.

— Não — ela vira para mim. Seus lindos olhos azuis desfocados. — Eu insisti, tínhamos perdido minha irmã alguns meses antes. Eu não queria que eles perdessem outro filho.

— Mesmo assim isso não foi justo com você Jennifer! — eu urro. — Não foi certo.

— Neil, eu estava viva. Poderia ter morrido naquele acidente, mas estava viva. O que mais posso querer. Para mim era o que importava — ela diz com veemência.

Aproximo-me dela e a abraço. Tenho a maldita vontade de chorar. Quanta desgraça pode acontecer a uma pessoa? Como ela conseguiu passar por aquilo tudo e ainda assim ser a alma mais pura que conheço?

— Um tempo depois meu irmão saiu, mas nunca se perdoou por isso. Um ano depois meus pais viajaram para entrar em contato com um médico para ver se ele faria a cirurgia mesmo sem todo dinheiro — ela diz quase inaudível.

Ela me abraça mais forte como se aquelas lembranças a dilacerassem.

— Era um dia de neve muito forte. Um caminhoneiro bêbado bateu no carro deles — sinto uma lágrima deslizando pelo peito. — Foi fatal.

Ela começa a chorar baixinho. Eu choro junto com ela. Não há pessoa no mundo não se sensibilizaria com a história.

— Meu irmão — faz uma pausa para se controlar. — Nunca se perdoou — Teve uma recaída. Aquele dia no beco. Aquele homem — e eu a vejo lutar contra seus sentimentos.

Jennifer não termina, mas as peças se encaixam. Por isso ela não queria prestar queixa. Eu devia ter insistido, devia ter pedido que Peter investigasse. Mas estava tão determinado a protegê-la, depois em me manter afastado que esqueci completamente.

— Ele pediu que me encontrasse com ele, disse que era importante, que uma coisa importante aconteceria que nossas vidas iriam mudar — ela sussurra. — Mas quando eu cheguei lá...

E começa a chorar novamente.

— Ele... — ela soluça em prantos — Ele me pediu dinheiro, me recusei o resto você já sabe.

Suas lágrimas deslizam rosto banhando meu peito. Abraço-a forte e espero que se acalme. Sinto-me um imbecil em estragar uma noite tão perfeita com lembranças dolorosas.

— Eu ouvi aquela historia tantas vezes, Neil. Todo dinheiro, todas as nossas coisas foram consumidas pelo seu vício — ela diz com tristeza profunda.

— Tudo bem — acaricio seu cabelo, embalando-a com carinho.

— Eu me recusei, eu disse que não. Ele ficou muito irritado. Se você não tivesse aparecido —, me abraça mais forte. — Não sei onde ele está, ou se está vivo.

— Vou encontrá-lo, eu prometo — tentando acalmá-la.

— Eu não quero! — ela se afasta. — Não quero vê-lo, Neil. Se ele souber de você. Se souber que é rico. Eu não quero!

Não discuto contra isso, sei que no momento ela está muito magoada, mas por experiência própria sei que se algo acontecer a seu irmão, assim como o que houve entre Nathan e eu, ela jamais se perdoaria. Jamais deixaria de se lamentar por não ter tentado o suficiente.

— Agora você já sabe por que eu não quis me envolver com você antes. Você e Anne já têm problemas suficientes em suas vidas — ela para resignada — Então se você quiser ir embora e sair enquanto é tempo.

Seguro seu rosto obrigando-a a me encarar, mesmo seus olhos estando focado bem além de mim, mesmo sem me enxergar, eu sinto que captam minha alma, minha energia.

— Jennifer, eu nunca... — faltam-me as palavras. — Nunca vou desistir de você! Não importa o que aconteça — digo com veemência.

Beijo-a tentando demonstrar todo amor que há em meu peito. Até que não reste uma única dúvida do que sinto por ela.

— Graças a Deus! — ela sussurra encostando a testa na minha quando nos separamos. — Mesmo sendo errado, você foi a melhor coisa que me aconteceu em muito tempo.

— Você é a luz que aquece meus dias — declaro emocionado.

— Bem, uma luz um pouco desfocada, não? — ela pergunta zombeteiramente.

— Não. Apenas luz. E logo esses olhos vão ver o quanto de luz trouxe a minha vida.

— O que quer dizer? — ela enruga a testa.

— Que nem que eu tenha que ir aos confins do mundo você vai voltar a enxergar, Jennifer — digo em um tom alto e claro. — Onde é seu quarto?

Ela cruza os braços como se estivesse com frio e aponta para a direita. Dou-me conta que ela está ainda nua e eu apenas de camisa. Pego-a nos braços e vou para o quarto. Deito-a na cama e a cubro com o cobertor. Tiro minha camisa e deito com ela, ficamos abraçados.

— Isso é muito lindo, Neil. Mas não acho que seja possível. — ela alisa meu braço que está em sua cintura. — Faz muito tempo. Já nem

sei se é possível.

— Gastaremos todas as possibilidades — insisto. — Na verdade já sei por onde começar.

Beijo seus cabelos e a aperto junto a mim.

— Tenho um amigo médico. Para nossa maldita sorte ele é cirurgião.

— Faria isso por mim? — pergunta chorosa. — Na época já era muito caro.

— Srta. Connor não há nada que eu não faça por você. Aceite isso — eu giro, apoio os cotovelos na cama para aliviar o peso sobre ela. — Ainda mais quando tenho segundas intenções.

— Segundas intenções? — ela enrugando a testa.

— Sim. Quero que olhe em meus olhos quando fazemos amor — digo sensualmente.

Beijo-a e nos entregamos em uma dança lenta e sensual de prazer.

Saio da cama em silêncio, pois não quero interromper seu sono tranquilo. Visto minha calça e fecho a porta devagar para não acordá-la. Pego meu celular e vasculho a agenda, sei que é tarde, já passa das quatro, mas não posso esperar nem mais um segundo.

— Neil? — uma voz grave e sonolenta atende do outro lado.

— Liam, desculpe acordá-lo, mas preciso de sua ajuda.

— Tudo bem com você? — ele parece preocupado. — Anne?

— Não, estou bem e Anne também.

Escuto-o suspirar aliviado.

— Preciso que veja uma pessoa.

— Sophia? — ele pergunta como se não tivesse entendido o que eu disse.

Eu gelo quando ele cita o nome que desprezo.

— Não, Jeniffer — digo com reverência.

— Quem? — ele pergunta confuso.

— Eu explico mais tarde. Você pode nos atender amanhã? — pergunto sem preâmbulos.

— Bem, amanhã estou indo para uma conferencia em Dallas, mas posso indicar um amigo — ele responde.

— Não. Eu prefiro você. É o melhor — eu insisto.

— Obrigado pelo elogio — ele parece constrangido.

Mas é verdade. O pai de Liam também havia sido um ótimo cirurgião. Além disso, Liam realmente é o melhor em sua especialidade.

— Neil eu realmente não posso adiar, está marcado há muito tempo e sou um dos oradores. É muito grave? — ele pergunta preocupado.

— Bem, não. Quando volta? — pergunto resignado.

— Em uma semana.

— Agende-me o primeiro horário, então — digo autoritário, sem dar chances para quaisquer outras desculpas.

— Assim que voltar minha secretária entrará em contado com você — ele confirma.

— Obrigado, Liam — digo e desligo.

Não era exatamente do jeito que eu havia planejado, mas já é o suficiente, por enquanto. Se há alguém que pode fazer algo por Jennifer, esse alguém é Liam. E eu gastarei cada centavo que precise com isso. Volto para o quarto com sentimento de paz renovado. Deito na cama e a puxo para os meus braços, ao lugar onde ela pertence. Para sempre.

— Onde estava? — ela suspira sonolenta.

— Precisei dar um telefonema — beijo seu cabelo.

— Senti sua falta — ela volta a dormir.

Coloco o maior sorriso em meus lábios. Parece que minha tigresa não é tão independente assim como pensa. Com um sorriso nos lábios caio em um sono profundo. Nada de mal no mundo pode nos atingir nesse momento. Eu não permitirei.

Capítulo Dez

Entro em meu escritório mais cedo que o habitual, já que Anne só voltará para casa no início da noite. Senti falta dela, mas não posso reclamar. Tive um fim de semana perfeito ao lado de Jennifer. É assustador como ela está presente em meus pensamentos e mesmo quando longe dela por menos de duas horas já estou com saudades. Ainda com tenho desejo de aproximá-la de Anne, começarei minha campanha ainda hoje.

Contudo tenho que responder alguns e-mails importantes fora o fato de ter acumulado trabalho, já que passei todo fim de semana com Jennifer. Um sorriso toma conta de meus lábios.

Uma hora depois, Penélope entra com alguns documentos. Parece surpresa a me ver chegar antes dela, pois sempre chego ao escritório por volta das oito horas, sempre após tomar café com Anne e deixá-la no colégio, esse é um hábito a qual não abro mão. E como ela ainda encontra-se de férias escolares, eu estou chegando um pouco mais tarde, em torno das nove horas, quando necessário chego mais cedo.

— Bom dia, Sr. Durant — ela parece apreensiva.

— Bom dia, Penélope — dou um sorriso encorajador. Mesmo que tenha fama de autoritário procuro ter um bom relacionamento com minha secretária, ela é muito eficiente e confiável. Gosto de valorizar minha equipe. — Anne só volta à noite, por isso resolvi vir mais cedo e organizar algumas coisas — digo a ela a guisa de uma explicação.

— Ah, sim — ela sorri aliviada. — Aqui estão os relatórios que pediu na sexta.

— Obrigado. Tenho alguma reunião importante hoje?

— Apenas um almoço com os investidores italianos. Eles ficaram de dar uma resposta a respeito da implantação do último projeto — ela diz verificando a agenda.

— Nada muito importante à tarde?

Ela verifica a agenda novamente.

— Às dez e meia, reunião com os engenheiros, meio dia, com os italianos. Duas horas, uma reunião com o banco. Por hoje é só — ela responde.

Seria um dia muito calmo para uma segunda-feira, mesmo considerando que Penélope nunca deixa a minha agenda muito lotada. Imprevistos sempre acontecem e às vezes é preciso encaixar um ou outro evento durante o dia.

— Não agende mais nada para depois das quatro, tudo bem? — digo a ela.

— Sim, senhor — ela diz e se retira.

Volto para os documentos que estava analisando anteriormente. O vazamento do meu mais importante projeto causou uma campanha negativa no setor econômico. As ações caíram três por cento no último mês. Se não fosse a credibilidade que tenho como empresário e o nome do grupo do qual passou há algumas gerações até chegar a mim, isso causaria um grande abalo na empresa. Terei que organizar um excelente trabalho com a equipe de marketing e comunicação.

O telefone em cima da minha mesa toca e atendo sem desviar a atenção do que estou lendo.

— Sim? — digo ríspido.

— Sr. Durant, — a voz de Penélope ecoa na linha. — O Sr. Crighton está aqui.

— Peça para ele entrar — respondo e desligo.

Levanto-me e vou cumprimentá-lo assim que ele entra.

— Como vai, Adam? — indico a cadeira em frente a minha mesa. — Sente-se.

— Obrigado — ele senta a minha frente e olha pela janela.

— Sua vista realmente é privilegiada — diz distraidamente.

— Alguma novidade? — pergunto ansioso.

— Não e sim — ele responde com um sorriso. — Sobre as investigações, analisaram todas as fitas de segurança, nenhuma pessoa estranha foi vista no setor de tecnologia.

Esfrego a testa e pressinto uma dor de cabeça. Isso não era bom.

— O que nos leva a crer é que foi uma pessoa conhecida. Íntima — ele insinua.

— Sophia? — pergunto. — Sophia não vale nada, mas ela nunca se interessou por meus negócios. Posso contar nos dedos todas as vezes que estive por aqui.

— Ela não, mas alguém próximo a ela. Você chegou a levar o projeto inicial para casa, não? — ele me questiona com um olhar inquisitivo.

— Sim, você sabe como eu era maniaco por trabalho — respondo.

Não passa despercebido o meu tempo verbal, mas ele ignora.

— Sabe se alguém andou frequentando sua casa durante esse período? — ele pergunta mais uma vez inquisitivamente.

— Não — eu respondo.

No entanto, faço um esforço para me lembrar. Sei que eu tinha levado uma cópia do projeto e que a mesma estava trancada na gaveta do meu escritório em casa. Naquela mesma semana viajei a negócios para Alemanha. Quando retornei encontrei a casa em um verdadeiro caos. A primeira coisa que fiz foi conferir o cofre e a gaveta no escritório. Como a pasta preta estava no mesmo lugar, dentro da gaveta eu não dei muita importância.

— Agora me lembro, Sophia deu uma festa em casa aquela semana, mas só havia bêbados desocupados e mulheres fúteis. Não violaram o cofre ou nada disso.

— De qualquer forma acho bom analisar as câmeras de segurança de sua casa também. O homem que mediu às negociações não sabe o nome do informante, mas poderá reconhecê-lo — ele afirma.

— Vou pedir para Peter cuidar disso — eu suspiro.

Se Sophia estiver ligado a isso direta ou indiretamente não sei do que serei capaz de fazer contra ela.

— Quanto ao divórcio? — pergunto.

— O juiz marcou uma audiência de reconciliação — ele diz calmamente.

Pulo da cadeira irritado. Que merda ele está me dizendo?

— Caralho Adam! — dou um murro na mesa. — Peço que cuide do divórcio e você vem com a porra de uma audiência de reconciliação? — digo aos berros. — Está ficando maluco?

Adam continua impassível como se não notasse minha alteração de humor e muito menos que eu tivesse acabado de socar a mesa.

— Neil, é apenas uma audiência de praxe. Faz parte do processo de divórcio, sendo a primeira etapa após o protocolo da petição inicial — ele suspira. — O juiz só quer saber se há alguma possibilidade de reconciliação já que há uma criança envolvida.

— Não há a mínima possibilidade! — eu berro novamente.

— Mas o juiz não sabe — ele levanta a mão. — Fique calmo. Ambas as partes concordando com o divórcio ele vai analisar as partilha dos bens e a custódia da criança.

Minha cabeça começa latejar furiosamente. Aquilo realmente ia ser muito difícil.

— Dê a Sophia o que ela quiser. Mas não negocio a custódia de Anne — sou categórico.

— Vamos fazer uma coisa de cada vez, tudo bem? — ele orienta. — Cuidaremos do divórcio e conforme as coisas se desenrolarem veremos como fica a custódia de Anne. Por que se o que você me diz for verdade, Sophia não vai facilitar em nada.

Sei que ele tem razão. Preciso me livrar de Sophia, primeiro. Agora mais do que nunca.

— Tudo bem — procuro me acalmar.

— Sabia que Sophia voltou para casa dos pais dela? — ele diz impassível.

— Sim. Algum mal nisso? — meu coração gela.

Imaginei isso quando ela saiu da minha casa no domingo passado, ou ela iria para algum dos meus hotéis, como costumava fazer quando se cansava de casa ou ficava com os pais em bela e fria mansão. Embora soe estranho ela retornar à casa dos pais, na verdade não me importa contanto que fique o mais longe possível de mim. Mesmo que isso possa ser um agravante os pais dela eram de uma das famílias mais tradicionais da cidade, se não do país. Seu pai possuía uma das maiores firmas de advocacia. Se entrassem na briga contra mim as coisas ficariam feias.

— Ela tem um bom advogado — ele diz calmamente, respondendo minha pergunta anterior.

— Droga — minha dor de cabeça vai à estratosfera.

— Não se preocupe Neil — ele me encoraja. — Estou me dedicando de corpo e alma a esse assunto.

— Obrigado, Adam. Não há ninguém mais a quem confio — digo sinceramente.

— Por que não vamos ao Saveur Supreme na sexta? Quero ver aquela gatinha novamente — ele muda de assunto.

Antes que possa notar estou agarrando a gola de sua camisa. Quem Adam pensa que é para falar assim de Jennifer? Apenas eu posso chamá-la de gatinha.

— *Aquela gatinha* — eu rosno. — Não é para seu bico.

— Neil! — ele se solta — Você está maluco?

— Ela é minha, Adam, não se aproxime ou esqueço que é meu amigo — sibilo entre dentes. Inferno!

Ele ajeita o paletó enquanto me observa com o olhar confuso.

— Pode me explicar o que está acontecendo? Não pense que esqueci seu rompante na noite em que estivemos lá e que me evitou durante a semana passada — ele diz ofendido.

— Estamos juntos — digo categoricamente.

Vejo-o abrir e fechar a boca várias vezes antes de se recompor. Parece chocado e eu me pergunto vagamente por que.

— Neil, definitivamente você não está no seu juízo perfeito. Só falta dizer que vai se casar com ela. Nem bem saiu de um casamento problemático — ele diz ainda incrédulo.

— Não é uma má ideia. E nós já nos conhecíamos — começo a explicar. Sento na cadeira, agora um pouco mais calmo. Não posso me dar ao luxo de perder Adam nesse momento, nem como advogado, nem como amigo. — Eu a socorri de um assalto há algumas semanas.

Contei tudo o que havia acontecido nos últimos dias para um Adam abismado e incrédulo.

— Isso explica sua reação no restaurante — ele diz.

— Adam, eu realmente penso em me casar com ela quando chegar o momento — digo, mais uma vez.

— Está apaixonado? — diz como se fosse algo desagradável de se dizer.

— Sim — respondo meio envergonhado. Quem poderia dizer que estaria caindo de amor por uma ruiva baixinha?

— Mas ela está certa com relação a manter esse relacionamento discreto. Sophia pode usar isso contra você. Pode alegar que você tinha um caso antes disso, enquanto ela esteve na clínica — diz ele me trazendo para o amargo presente.

— Tive muitos casos. Sophia sempre soube disso e ela nunca foi puritana — murmuro.

Não acredito que ela vá usar isso contra mim, definimos um casamento apenas de conveniência, desde o início foi um relacionamento aberto, se é que posso chamar de relacionamento, mesmo assim não exibi aos quatro ventos as mulheres com quem eu saí. Para todos os efeitos publicamente ela ainda é minha esposa.

— Apresse isso, Adam. Quero estar livre antes que Jennifer volte a enxergar — digo.

— Verdade? — ele parece surpreso. — Sabe? Eu gostei muito dela.

Eu percebi. Penso amargamente, lançando um olhar ameaçador que ele ignora.

— Não se preocupe, não há segundas intenções aqui — diz ele.

Relaxo na cadeira, eu sei que ele está sendo sincero.

Assim que Adam sai, Penélope me alerta sobre uma reunião em meia hora. O dia passa rapidamente, quando vejo estou finalizando minha reunião com o banqueiro.

— Como sempre é ótimo fazer negócios com você, Sr. Durant — ele diz.

— Obrigado. Sr. Miller pedirei aos meus advogados que analisem o contrato e enviem para sua secretária.

Despeço-me dele com um aperto de mão e me encontro com Calvin no estacionamento.

— Para o apartamento da Srta. Connor, Calvin — digo.

Ele disfarça um sorriso que eu percebo e acena com a cabeça. Parece que Calvin também simpatiza com ela. Acho que não há homem no mundo que não faça isso.

Chegando ao prédio digito o código de segurança que ela havia me dado e entro. Como ainda não tenho a chave da porta, bato e espero.

— Ah, você — Paige abre a porta a contragosto.

— Onde está a Jeniffer? — pergunto desapontado.

— Saiu para comprar algumas coisas e foi ao chaveiro — ela fecha a cara e aponta para mim. — Se você machucá-la eu acabo com você.

Tenho vontade de mandá-la cuidar da própria vida, mas como suas preocupações com Jennifer são sinceras, me mantenho calmo.

— Jamais farei isso — tento tranquilizá-la. — Quero me casar com ela.

Paige parece ficar surpresa, mas em seguida voltar a fazer cara feia.

— E como pretende fazer isso, sendo que já é casado? — coloca as mãos na cintura e me encara com queixo empinado. — Jenny já sofreu o suficiente nessa vida para que um playboy idiota a iluda com falsas promessas. Devia se envergonhar disso.

Essa mulher é realmente petulante e irritante?

— Srta. Fischer, eu vou me divorciar — rebato.

— Vai? Todo homem casado diz isso — ela ergue uma das sobrancelhas em deboche. — Notícia velha.

Diabo de mulher! Se ela pretende me irritar está no caminho certo.

— Estou fazendo — corrijo. — Já está em andamento.

— Então é realmente sério?

— Muito sério — afirmo.

— Puxa que cadela sortuda — ela ri se jogando no sofá.

Aquilo me irrita ainda mais, elas são amigas, mas não vou admitir que alguém a trate com falta de respeito.

— Vejo como fala, Srta. Fischer — sibilo.

— Ei! — ela senta me fulminando com os olhos. — Eu a conheço há quase dois anos e você só há alguns dias. — Paige estala os dedos na minha frente e falando arrogantemente. — Portanto, não venha batendo no peito se achando o rei da selva, não!

Fecho minha cara ainda mais. *Rei da Selva?* Por dentro estou rindo, mas não permitiria que ela percebesse isso. Realmente quando se trata de Jennifer eu me sinto bem selvagem. Todos os instintos primitivos me dominam.

— Além disso, eu tenho um amigo muito rico também, pise na bola e você vai ver — ela diz com sorriso perverso.

— Sei, deve ser seu namorado de aluguel — eu provoco.

Apesar de tudo, acho que vamos ser grandes amigos. Ela tem duas grandes qualidades para isso. Primeiro é mulher, portanto não há nenhum risco para mim. Embora tenha a mente aberta e sei que existem mulheres que se relacionam com outras mulheres e homens ao mesmo tempo, tenho certeza que esse não é caso de Jennifer. Segundo qualquer pessoa que se preocupe com ela e tente protegê-la mesmo contra mim, será é bem vinda em nossas vidas.

— Jenny contou isso a você? — ela parece surpresa. — Aquela cretina!

— Paige — eu ameaço, a minha paciência começando a minar.

— Desculpe — ela levanta a palma da mão em protesto — Nós trabalhávamos em um clube de *strip*, estamos acostumadas a esse linguajar. Ela parece envergonhada.

— Jenny agora vai ser uma dama da sociedade — ela continua entortando a boca, fazendo uma careta. — Quem diria? Quanto ao meu trabalho, não é o que você pensa.

Vejo-a ficar vermelha como um pimentão. Isso é bom, algo que posso usa contra ela. Não sou do tipo que julga as outras pessoas, não com um passado como o meu, não me atrevo a isso, mas usar isso para calar a impertinente Srta. Fisher é atraente demais para ignorar. Tenho certeza que ela está omitindo algumas coisas, posso farejar isso.

Olho para relógio e vejo que já passa das quatro.

— Não vou poder esperar a Jennifer por mais tempo — digo decepcionado.

— Porque sempre a chama de Jennifer? Ela prefere Jenny — ela diz aborrecida.

— Eu prefiro Jennifer porque é mais bonito. E não sou todo mundo, logo descobrirá isso — digo com um sorriso largo.

Olho em volta do apartamento e não vejo telefone em parte alguma, pelo que me lembro, também não há um no quarto ou na cozinha. Também não perguntei a ela se ela tinha algum telefone aqui. Fiquei tão envolvido durante o fim de semana que sequer pensei sobre isso.

— Vocês não têm telefone em casa? — pergunto.

— Apenas meu celular — ela dá de ombros. — Sempre que Jenny precisa, usa o meu. Ela acha que é um gasto desnecessário.

— Acho que seria um bem necessário — retruco, mas me lembro de que até pouco tempo ela vivia modestamente.

— Posso deixar meu telefone com ela se quiser — ela sorri. — Estou de folga essa noite.

Eu agradeço e anoto o número.

— Diga que eu ligo mais tarde. E por favor, não estrague minha festa contando que vou pedi-la em casamento algum dia. Eu não a perdoaria por isso — digo com meu olhar mais assustador.

— Pode deixar — ela bate continência. — Senhor faça o que eu digo.

Saio carrancudo de sua casa. Entro no carro contrariado e ligo para casa. Preciso falar com Anne, recebi uma mensagem mais cedo dizendo que ela já está a caminho de casa e ademais andei negligenciando-a nos últimos dias.

— Claire? — a babá atende. — Anne já está em casa?

— Chegou há uma hora e já está perguntando pelo senhor.

— Deixe-me falar com ela um minuto — peço.

Espero alguns segundos até que a voz de uma menina nervosa soa na linha.

— Papai! — ela choraminga. — Vai chegar tarde de novo?

Minha pequena Anne, senti falta dela.

— Não querida, estou indo para casa nesse momento — sorrio.

— Senti sua falta papai — diz agora mais calma. — Chega logo!

Encontro Anne na sala vendo televisão e pintando um desenho no chão.

— Oi Terremoto — eu a chamo pelo apelido carinhoso.

— Paizinho — ela corre até mim, meio desajeitada. Finjo me desequilibrar e caímos no sofá. — Pensei que nunca ia chegar paizinho.

Anne me ataca com beijos no rosto.

— Ei, que tal deixar seu velho pai tomar um banho e depois pedimos uma pizza? Depois quero saber como foi seu passeio em Atlantic City — digo acariciando seu pequeno rosto.

— Sim! — ela berra quase me deixando surdo.

— Certo, enquanto tomo banho peça à Claire que encomende as pizzas.

Antes de entrar no banho ligo para o celular de Paige.

— Ela está no banho — responde antes que eu possa perguntar.

— Certo. Diga que ligo mais tarde.

Fico aliviado ao saber que está em casa e segura. Como ela cobriu um artista ausente ontem, hoje está de folga. Tomo um banho rápido e vou me encontrar com Anne na sala. A babá está assistindo a um seriado infantil na tela plana e Anne continua sentada no chão desenhando. Decido que esse é um bom momento para abordar o assunto.

— Anne — sento ao lado dela no chão e balanço seu rabo de cavalo. — Como foi seu fim de semana em Atlantic City?

— Foi legal. Andei de barco.

— Que bom. Você gostou do passeio?

— Sim. Vovô e vovó são legais comigo — ela diz concentrada em seu desenho.

— Lembra-se do dia que fomos ao zoológico? — pergunto cautelosamente.

— Hum, hum — ela balança cabeça. — Foi muito divertido.

— Lembra-se da moça que encontramos na lanchonete? — continuo.

— Qual das duas? — ela franze a testa sem desviar o olhar do desenho.

Agora me lembro de que Paige estava acompanhando Jennifer.

— A mulher ruiva.

— A moça cega? — ela suspira.

— Sim — cruzo os braços em expectativa, sei como Anne reage a outras mulheres perto de mim. — Eu fiquei com pena dela — ela me encara.

Não era bem o que eu queria ouvir, mas já é um começo.

— Eu gostei dela, por que é igual a mim — ela volta para o desenho. — Nós duas temos defeitos — ela morde os lábios que tremem levemente como se fosse chorar.

— Anne — seguro seu queixo com delicadeza. — Nunca mais diga isso. Nem você, nem Jennifer têm defeitos, quem disse isso?

— Minha mãe, sempre diz isso — seus olhinhos estão lacrimejantes.

— Ela não sabia o que falava — eu a abraço. — Ela estava doente — Beijo seu cabelo com carinho.

— As duas são muito especiais — faço cócegas nela. Ela ri se contorcendo enquanto faço cócegas. — Para! Papai!

Continuamos nossa brincadeira até que a Sra. Jackson, a governanta, aparece na sala.

— A pizza chegou — fala com cara amarrada.

Ela não aprova dias de pizza durante a semana, mas depois me entendo com ela. Vou até a cozinha e pego um grande pedaço de pizza de marguerita para mim e um de quatro queijos para Anne. Peço à governanta que sirva suco na sala. Embora tenha aberto exceção da pizza, hoje não é dia de refrigerante. Assistimos na tela plana enquanto comemos. Anne está muito concentrada no seu programa favorito.

— Eu convidei a Jennifer para almoçar aqui no sábado — digo a ela. Olho para ela esperando a chuva de protestos.

— Podemos comer na piscina? — ela me surpreende.

Embora eu não goste da ideia de Jennifer tão perto da piscina, resolvo concordar, uma vez que não pretendo tirar os olhos de cima de nenhuma das duas.

— Podemos fazer um churrasco.

— Que bom — ela grita e pula do sofá. — Assim posso entregar esse desenho para ela.

Ela me entrega uma folha de papel. Sinto minha garganta apertar e meu coração parar no peito. No desenho há um boneco de terno, que acredito ser eu, uma boneca ruiva com uma bengala, uma bonequinha de tranças, e ao lado dela um cachorrinho.

— Quem são esses? — pergunto intrigado.

— Você, ela e eu — Anne sorri.

— E o cachorro?

— Acho que ela devia ter um cachorrinho, você não acha papai? — ela pergunta mordendo o dedo. — Tia Katie disse que os cães ajudam pessoas cegas.

— Sim, ela merece um cachorrinho — digo emocionado. Pelo que parece ela havia conversado sobre Jennifer com Katie.

Como eu posso merecer duas garotas assim tão magníficas? Estávamos tão preocupados e Anne a sua maneira lida perfeitamente com isso tudo.

Continuamos vendo o programa até que Anne pega no sono em meu colo. Dou um sinal para babá dizendo que vou colocá-la na cama. Ela já está de pijamas, então apenas a deito na cama e a cubro. Dou um pequeno beijo em sua testa, apago a luz e vou para meu quarto. Mudo de roupa e pego meu celular que está em cima da cômoda.

— Oi — sua voz soa sexy.

— Olá, gatinha — respondo galanteador.

— Queria ter chegado antes de você ir embora — ela se queixa.

— Eu também. Mas tive uma conversa bem esclarecedora com Paige hoje à tarde — brinco para descontraí-la.

— Ela me disse e está bem zangada porque falei sobre o namoro de mentira.

— Desculpe, não queria causar um mal estar entre vocês duas.

— Agora está tudo bem, mas o que disse a ela? Parece que está encantada com você e quando saí de casa parecia odiá-lo — ela me questiona com curiosidade.

— Você sabe, sou muito encantador — brinco. — Na verdade apenas a convenci sobre minhas boas intenções.

— Espero que ela não o tenha aborrecido — ela parece chateada.

— Não. Não me aborreceu — eu a tranquilizo. — Falei com a Anne sobre você.

— E?

— Agiu com muita naturalidade — não falo nada sobre o desenho, eu quero mostrar a ela no sábado, pena que ela não possa vê-lo.

— Que bom — ela solta respiração.

— Onde você está agora? — pergunto.

— No meu quarto.

— Sozinha?

— Sim. Paige está na sala, lendo.

— O que você está vestindo? — eu provoco com a minha melhor versão de voz sexy.

— Sua camisa. Esqueceu uma no banheiro — ela diz timidamente.

Eu gemo ao ouvir isso. Ao sair do flat para deixá-la em casa no domingo acabei levando minha pequena mala e tomando um banho hoje cedo. Devo ter esquecido essa antes de recolhê-las, mas não me lembro de muita coisa, exceto de termos feito sexo alucinado no pequeno banheiro.

— Ainda tem seu cheiro — escuto-a respirar fundo.

— E usando o que mais? — eu já começo a ficar excitado.

— Apenas calcinha — ela sussurra.

— Inferno, querida — minha mão desliza para dentro da calça do pijama — Faria uma coisa por mim?

— O quê? — ela pergunta com a voz um tom mais alto.

— Toque seus seios — instigo-a.

— Neil — ela protesta angustiada.

— Por favor, gatinha. Toque seus seios como eu faço e belisque seu mamilo — digo com uma voz suave.

Escuto-a gemer de longe. Começo a me masturbar ao imaginar a cena.

— Agora deslize a mão pelo seu corpo e brinque com seu clitóris — peço a ela.

— Neil! — ela protesta gemendo, mas sei que está fazendo o que eu peço. — Paige está na sala — ela sussurra.

— Então, vai ter que ser mais discreta — eu a provoco. — Está acariciando seu clitóris?

— Sim — ela geme e sua respiração está acelerada.

— Agora, introduza um dedo dentro de você — continuo me masturbando enquanto a escuto gemer. — Agora outro.

Ela ofega.

— Isso, bebê. Agora imagine que eu estou dentro de você, possuindo-a com força — digo sensualmente.

Jennifer geme e escuto o telefone ficar distante. Ouço gemidos ao fundo. A cena dela deitada na cama dando prazer a si mesmo é muito

erótica para mim. Alguns segundos depois eu gozo ouvindo-a gemer à distância.

— Isso foi bom — a voz dela surge na linha alguns minutos depois. — Mas não tão bom quando estamos juntos. Não é a mesma coisa.

— Eu sei — respiro profundamente.

Conversamos por mais alguns minutos até que percebo ela cair no sono. Desligo o telefone sorrindo. Troco à roupa de cama e tomo outro banho. Apesar de já ter tido algumas experiências sexuais exóticas, sexo por telefone não estava na lista. Definitivamente, ela vira meu mundo de cabeça para baixo.

Capítulo Onze

Estou nervoso após gastar mais de meia hora dentro da loja para me decidir sobre algum cachorro que me agrada. Será que Jennifer iria me agradecer ou pensaria que eu sou um tolo romântico? Acabo me decidindo por um pequeno, pois além de não entender muito de cachorros, não sei nada de cães guias e a moça da loja não estava muito disposta a me ajudar. Preferiu ficar paquerando o outro vendedor, em outro momento ficaria irritado com sua falta de atenção, mas visto que era muito jovem deixo isso passar despercebido.

Alguns minutos depois saio da loja e sigo em direção ao apartamento de Jennifer. Bato em sua porta e aguardo entre a vontade de ficar e sair correndo. É extremamente ridículo me sentir como um adolescente tentando agradar a namorada. Talvez seja o fato de que quando adolescente não tive uma namorada de verdade. Sim, houve garotas, muitas delas, mas sempre foi sexo, bebidas e nenhum sentimento envolvido.

— Você de novo? — Paige abre a porta mal humorada. Ela está vestindo um pijama de calça e blusa com estampa do Bart Simpson. — Pensei que os grandes executivos trabalhassem vinte quatro horas por dia.

Ela boceja e fecha porta assim que eu entro. Como se enfim acordasse, olha a caixa em minha mão. Certo, o bendito filhote de Shih-tzu resolveu querer sair da caixa naquele exato momento.

— O que é isso? Um cachorro? — ela grita e o bichinho volta para caixa assustado.

— Não grite! Você o assustou — reclamo. — Jennifer ainda está dormindo?

— Não sei — ela dá de ombros. — Eu sei que eu estava. — e boceja.

Coloco a caixa no chão e encaro uma Paige intrigada, vou até a porta do quarto e para indeciso entre entrar ou esperar na sala. Escuto um barulho do chuveiro vindo do banheiro minúsculo. O banheiro tem um pequeno box com um chuveiro ao fundo, a pia e o vaso sanitário branco do lado esquerdo e no lado direito um minúsculo gabinete com espelho. Escuto sua voz ecoar *I Say A Little Prayer*, de Aretha Franklin, cantado como um anjo.

No momento que acordo. Antes de colocar minha maquiagem. Eu faço uma pequena prece para você.

Resolvo entrar, paro no batente da porta do banheiro e fico ouvindo-a enquanto canta.

Enquanto penteio meu cabelo agora. E enquanto fico pensando o vestido que vou usar agora. Eu faço uma pequena prece para você

Ela desliga o chuveiro e torce os cabelos, seus seios empinam como se ela os estivesse oferecendo-os a mim para degustação. Minha vontade é de lambar cada mamilo ferozmente, mas a cena está linda demais para eu interromper.

Para sempre e sempre você ficará em meu coração. E eu te amarei. Para sempre e jamais nos separaremos. Oh, como eu te amarei. Juntos, para sempre, é assim que deve ser. E viver sem você. Apenas significaria magoas para mim.

Jennifer pega a toalha e desliza pelo rosto, pescoço e seios. Ainda cantando desliza pela barriga.

Meu querido acredite em mim. Para mim não há outra pessoa se não você. Por favor, me ame também.

E eu estou apaixonada por você. Responda minha oração agora baby.

Apoia um pé em cima do vaso e desliza a toalha da ponta dos pés até as coxas. Prendo minha respiração. Nunca pensei que o ato de se secar pudesse ser tão erótico. Ela faz o mesmo ritual com a outra perna, sinto minha ereção crescendo. Enrola a toalha no corpo e caminha em minha direção.

— Espero que tenha gostado do show, Sr. Durant — sorri ficando nas pontas dos pés, me dá um beijo no queixo e sai em direção ao quarto.

Recupero-me da minha surpresa por ela ter percebido que estive a apreciando o tempo todo. A agarro-a antes que chegue à cama.

— Não tão rápido Srta. Connor — seguro-a pela cintura e a toalha desliza pelo seu corpo.

Empurro a porta com o pé e beijo-a com toda fome que existe dentro de mim. A noite anterior acendeu ainda mais a chama que existia e o espetáculo de agora a pouco não ajudou a aplacar a fome. Levanto-a em meus braços, cruzo suas pernas em minha cintura. Apoio-a de costas contra a parede. Pego um preservativo, desfivelando o cinto e deixando a calça cair no chão. Jennifer beija meu pescoço e agarra meu cabelo com força enquanto abro o envelope e coloco o preservativo. Embora eu adore a preliminar não temos tempo, pois estou com muito desejo de possuí-la.

— Isso — gemo enquanto entro lentamente dentro dela. — É aqui onde pertença.

— Neil — ela geme fechando os olhos.

— Você é minha! — escorrego o nariz em seu pescoço. Sinto o cheiro de seu sabonete floral, mesclado com seu próprio perfume. — Diga!

— Sua — ela geme mordendo os lábios, enquanto vou acelerando os movimentos, entrando e saindo de dentro dela. — Sou sua, Neil.

Beijo seus lábios para abafar os gemidos desesperados que ela solta enquanto a tomo com paixão. Mergulhamos num profundo e prazeroso orgasmo enquanto nossos corações pulsam acelerados.

— Jennifer, Jennifer — vou colocando-a lentamente no chão, segurando-a firme, no entanto. — O que faço com você?

Ela está absolutamente linda com os cabelos úmidos caindo pelos ombros, o rosto levemente rosado, os lábios vermelhos e inchados.

— Acho melhor você se vestir ou não vamos sair desse quarto — murmuro, tirando o preservativo e arrumando a calça. Vou para o banheiro e jogo a embalagem no lixo.

Rindo, ela caminha até o guarda roupa e abre a primeira porta, não há uma grande variedade, mas o que tem é separado por cores e texturas.

— Você é muito organizada — digo admirado.

— Paige me ajuda — ela dá de ombros como se não fosse nada demais. — Como não enxergo é mais prático se estiver em ordem, assim posso me orientar.

Uma vez mais fico emocionado em como ela lida naturalmente com as coisas. Nunca reclamando ou se lamentando de sua condição. Encarando a vida com coragem e determinação. Jennifer pega uma blusa branca com babado na gola e sem mangas e uma calça jeans. Abre a gaveta e tira um conjunto de calcinha e sutiã brancos.

— Deixe-me fazer isso — pego o sutiã de suas mãos e visto-a, depositando um beijo em cada um dos seios, em seguida.

— Normalmente os homens querem tirar nossa roupa — ela me provoca, arqueando as sobrancelhas.

— Com você Srta. Connor, tanto colocar como tirar a roupa é sempre um prazer — digo maliciosamente.

Pego a blusa de sua outra mão e deslizo por sua cabeça, braços e ombros. Deslizo minha mão dos seios passando pela barriga e coxas. Pego a calcinha que havia caído no chão. Levanto um pé e depois outro, vestindo-a enquanto meus dedos a acariciam durante o caminho. Esfrego meu nariz em seu sexo e dou uma pequena lambida. Ela geme e se apoia em meus ombros.

— Neil — agarra meus cabelos pressionando meu rosto ainda mais em sua vagina.

Dou longas e suaves lambidas de sua fenda até o clitóris. Ela geme e puxa meu cabelo mais forte. Sugo com força e em seguida termino de colocar sua calcinha. Fico de pé e ela cai mole em meu peito.

— Neil — choraminga frustrada.

— Não bebê, eu quero passar o dia naquele escritório infernal sabendo que você estará aqui ardendo de desejo por mim — digo para

ela.

Ajudou-a vestir a calça e a beijou com paixão.

— Isso não foi justo — ela resmunga.

— Não te disseram? A vida não é justa — provoco. — Vem. Quero te mostrar uma coisa.

Vamos para sala nos beijando e rindo ao mesmo tempo.

— Essa é a coisa mais fofa do mundo — disse Paige apontando para o cachorro. — É para sua filha?

Olho para o filhote de Shih-tzu que está ocupado tentando morder a barra do pijama dela. Vou até ela e pego o cachorrinho.

— Não —, seguro as mãos de Jennifer colocando o filhote entre elas. — É para você.

— Para mim? — ela parece assustada e emocionada ao mesmo tempo quando segura o filhote que começa a brincar com a gola de sua blusa quando ela o abraça junto ao peito.

— Você está louco? — Paige grita nos tirando do nosso momento perfeito. — Ela não pode ficar com ele.

— Por que não? — pergunto irritado.

— Seria perigoso, Neil — ela me repreende.

Procuro entender do que ela está falando.

— Não sei por quê? Muitas pessoas cegas têm cães — olho para Jennifer com carinho. — Saiba que foi ideia de Anne.

Jennifer fica emocionada com a declaração e segura o filhote mais apertado ao peito.

— Sim, mas eles são cães guias, Sr. Durant — Paige rebate. — Cães treinados para auxiliar seus donos e não filhotes de cachorros fofinhos.

Droga! Eu havia pensado nisso, mas a moça do pet shop não me ajudou e achei que não haveria tanto problema assim.

— Mesmo assim Jennifer é capaz de cuidar dele — eu defendo-a. — Acho que não há coisa no mundo que ela não possa fazer.

— Obrigada — ela sorri.

— Sei disso — Paige faz uma pausa suspirando. — Mas olha para nosso apartamento. — ela estende as mãos ao redor.

— Ainda não entendo Paige — sinto minha paciência dando adeus.

— Jenny é muito independente, mas olha nossa casa, distribuí os móveis da melhor forma possível, com bom espaço entre eles. — ela se justifica.

Realmente não há muitos móveis pela casa, apenas o sofá no canto perto da janela, um pequeno rack do outro lado, uma mesa de centro bem afastada, o caminho para o quarto e cozinha estão livres.

— E se ela esbarrar no cachorro pelo caminho, se desequilibrar ou bater na mesa ou qualquer outra coisa? Ou então se ele sai correndo quando ela abrir a porta? Além disso, não seria justo com ele ficar aqui, nesse espaço minúsculo e nem sabemos se permitem animais no prédio — ela argumenta.

Só em imaginar a cena que Paige descreve faz com que cada gota de meu sangue congele nas minhas veias.

— Paige tem razão — murmuro tristemente. — Desculpe-me, Jennifer. Se algo acontecer a você nunca me perdoaria.

— Acho que podemos dar um jeito — ela segura meu braço. — Posso ajeitar as coisas.

— Não. Eu não vou colocá-la em perigo — acaricio seu cabelo. — Vou deixá-lo em minha casa. Há bastante espaço, ele poderá correr pelo quintal, além disso, será uma boa desculpa para ir me visitar. Anne pode cuidar dele para você. Acho que ela também gostaria de ter um cachorrinho, apesar de que nunca pensei nisso.

Ela acaricia o filhotinho como se fosse uma criança que se desfaz do presente.

— Sinto muito, Jenny — Paige alisa seus ombros com carinho. — Não quis magoar você.

— Eu sei — ela suspira. — Posso ficar com ele só hoje? — ela vira a cabeça em minha direção.

Paige balança a cabeça concordando.

— Estarei em casa hoje. Vou ficar de olho nos dois — diz Paige.

— Está bem — concordo.

— Eu não sei vocês, mas estou morrendo de fome — Paige vai em direção à cozinha.

Tomamos café enquanto observamos o filhote correr de um canto a outro, uma hora tentando pegar as revistas na mesa da sala, outra roendo o sofá, quando não vinha morder meus sapatos. Anne amará o filhote, mas eu prevejo muitos problemas com a Sra. Jackson.

É quarta feira, olho para o relógio, já passa do meio dia. Tiro o celular do bolso e ligo para Jennifer.

— Olá, Paige. Está em casa? — pergunto.

— Estou quase saindo, que falar com a Jenny?

— Sim, por favor.

— Seja rápido — ela provoca.

Sempre que ligo ficamos no mínimo quarenta minutos conversando.

— Oi querido — Jennifer me saúda com uma voz suave.

— Oi querida. Estou com saudades. Já almoçou? — olho para fora através da janela e vejo que o dia está lindo.

— Ainda não. Estava em dúvida entre fazer um lanche ou sair para comprar algo.

— Então fique pronta. Calvin passará aí em meia hora.

— Devo vestir algo diferente? — ela sonda.

— O que está vestindo? — fico curioso.

— Uma blusa preta e saia jeans — ela responde.

Essa simples declaração me deixa animado.

— Está ótimo para mim. Vejo você daqui a pouco.

Desligo e aperto o botão de comunicação entre minha sala e da minha secretária.

— Pois não, Sr. Durant? — ela atende prontamente.

— Conseguiu o que eu pedi? — pergunto.

— Está na minha mesa, senhor.

— Ótimo — desligo.

Vestindo meu terno, saio da sala e vou ao encontro de Penélope. Pego o pacote em cima da mesa.

— Estou saindo para almoçar. Não sei se volto — ela me encara surpresa. — Remarque todos os compromissos da agenda. — giro nos meus calcanhares e saio.

Qual a graça de ser dono de uma companhia se não puder dar uma escapada quando preciso? Além disso, tanto Penélope quanto os executivos são capazes de lidar com qualquer emergência na minha ausência. Como já havia planejado tudo, não usei o motorista e nem o Jaguar, vim dirigindo minha Mercedes SLK cor chumbo. Aquele carro me dá a sensação de liberdade e aventura.

Vou para hotel e sigo direto para a entrada privativa. Entro no flat, a mesa já está pronta. Uma garrafa de vinho mergulhada em um balde de gelo está no centro da mesa. Há alguns pratos e rechauds de inox para manter a comida aquecida. Coloco o embrulho em cima da mesa e abro a garrafa de vinho. Ouço uma batida na porta e vou abrir.

— Oi — ela me cumprimenta cruzando as mãos na frente do corpo.

Parece uma garotinha em sua camiseta e saia jeans desbotada. Ao mesmo tempo em que me sinto deliciado, me irrita saber que ela andou pelo hotel exibindo aquelas pernas perfeitas.

— Olá — eu a conduzo para dentro do flat. Resolvo esquecer meu ciúme, não quero estragar o momento, mas teríamos que ter uma conversa sobre aquela saia. Dou um sinal de positivo para Calvin e o dispenso. — Bem vinda de volta.

Puxo-a para meus braços e ficamos ali apenas nos acariciando e nos beijando. Após alguns minutos me separo dela e a conduzo até a mesa.

— Não sei você, Srta. Connor, mas eu estou com fome — digo sedutoramente.

— Eu tenho fome também — ela morde o lábio. — Muita fome.

— Srta. Connor, sempre tão impaciente — provoco. — Por enquanto vamos eliminar a fome por comida.

Ajudo-a se sentar e tomo meu lugar a sua frente. Vou abrindo os rechauds enquanto um aroma apetitoso preenche o ambiente.

— Salada harusame, risoto de camarão, peixe grelhado e... — faço uma pausa sorrindo. — torta holandesa.

— Parece um banquete dos deuses — ela passa a língua pelos lábios sem dar-se conta de como o movimento é sexy.

— Os garfos estão à esquerda, facas à direita. Colheres de sobremesa e salada à frente do prato — eu a oriento. — As taças acima do prato à direita, com vinho e água e o guardanapo abaixo.

— Obrigada. — ela tateia as posições de cada peça para se orientar. A partir dali ela se guiará sozinha sem nenhum problema.

Comemos e conversamos sobre as aventuras de Anne com o filhotinho ao qual ela tinha dado o nome de Traquinas.

— Um nome bem apropriado — ela ri.

— Acho que ela quer competir comigo. Agora imagine eu tendo que conviver com um Traquinas e um Terremoto? — digo zombeteiramente.

— Aposto minha vida que você ama — ela come o último pedaço da torta e geme. — Estava tudo maravilhoso, obrigada.

Dou o último gole no vinho, contorno a mesa e tomo-a em meus braços. Beijo seus lábios com gosto de chocolate e vinho.

— Ainda não acabou — pego o pacote em cima da mesa e entrego a ela. — Para você.

— Para mim? — ela segura o pacote com surpresa. — Neil, não tem que me comprar presentes.

— Não tenho, mas eu gosto — revido.

Por que ela tem que me contrariar? Pelo menos espero que tenha acertado dessa vez. Gostaria de cobri-la de joias e seda, mas ela não se sentiria confortável com isso.

— Abra — peço ansioso.

Ela abre delicadamente a embalagem e tateia a caixa.

— O que é? — pergunta inquieta.

Eu ajudo com a caixa e tiro um celular branco e dourado e entrego a ela.

— Um celular — observo-a ficar surpresa e emocionada. — Está em braile. — diz tateando as teclas.

— Oh, Neil — ela está muito emocionada. — Deve ter custado muito caro.

— Isso não importa querida. Já registrei o meu celular, o número do meu escritório, da minha casa e o número de Paige — informo. — Estão na ordem um, dois, três e quatro da discagem rápida. Além disso, usaremos a mesma operadora.

— Nossa você pensa em tudo — ela sorri travessa. — Acho que tenho que compensá-lo.

Ela coloca o celular na mesa e envolve os braços em meu pescoço.

— Mal posso esperar.

Pego-a nos meus braços e vamos para o quarto. Rapidamente estamos perdidos um no outro.

Para meu desgosto o *Saveur Supreme* parece cada dia mais badalado e não tenho dúvida alguma que Jeniffer é a causadora disso. Porém, para minha alegria e paz de espírito quem a acompanha essa noite é a dona do local, Amanda, uma loira muito bonita em um vestido prateado, enquanto Jennifer usa um deslumbrante vestido salmão de meio ombro. Não usa joias em contraste com a loira que exibe brincos e colares de diamantes, mas se eu tivesse que escolher quem é a mais bonita entre as duas, afirmaria sem titubear, que a ruiva baixinha é a mulher mais deslumbrante da noite. Nossa mesa é a última e Amanda abre um grande sorriso para Adam assim que se aproxima de nós.

— Olha Jennifer — ela se posiciona ao lado dela. — Os homens mais lindos da cidade.

Jennifer dá um sorriso divertido. Eu fico irritado com a falta de sensibilidade de Amanda. É obvio aquela sabe que ela não pode enxergar.

— Por que não se unem a nós para uma taça de vinho? — Adam sugere abrindo um sorriso galanteador para a loira inconveniente.

— Claro — ela senta ao lado de Adam enquanto Jennifer continua em pé parecendo se divertir.

Levanto-me e a conduzo para cadeira ao meu lado.

— Está muito bonita — sussurro em seu ouvido antes de me sentar. Percebo que ela fica levemente corada.

Isso me deixa deliciado, embora ela seja bem desinibida na cama, não posso afirmar que o mesmo acontece fora dela.

— Obrigada — ela responde. — Adorei esse vestido. Caiu muito bem em mim. — ela sussurra discretamente em meu ouvido.

Continuamos a conversar sobre diversos assuntos até que Adam sugere que estiquemos a noite em uma boate.

— Conheço uma boate muito animada perto daqui — ele sugere.

— Eu adoraria — Amanda responde toda melosa enquanto alisa o braço dele.

— Eu vou declinar — respondo. — Foi um longo e cansativo dia de trabalho.

— Você vem, não é, Jennifer? — Amanda pergunta mais por educação do que por vontade de sua companhia, está clara qual a sua real intenção relacionada a Adam.

— Não. Também foi um dia cansativo para mim — ela sorri.

Eu aliso sua coxa por debaixo da mesa.

— Então, vamos Adam? — Amanda vira para Jennifer sorrindo. — Quer uma carona para casa? Você não se importa, não é Adam? — ela faz biquinho.

Olho para ele com olhar fulminante, mas ele parece entender meu sinal.

— Acho que Neil, não se incomodaria em fazer isso, não é amigo? — ele responde. — Afinal, é caminho para ele e nós vamos para o outro lado da cidade.

— Como você sabe? Eu não disse onde Jennifer mora — Amanda diz desconfiada.

— Estivemos aqui outra noite — respondo depressa. — A Srta. Connor comentou mais ou menos onde morava.

— Ah — ela parece aceitar a resposta. — Não devia fazer isso, Jennifer. Esses dois são perfeitos cavalheiros, mas há muitos pervertidos por aí.

— Vamos! — Adam se levanta antes que ela possa falar mais alguma coisa.

— Claro — ela pisca sedutoramente para ele.

Amanda olha para mim, depois para Jennifer ainda em dúvida. Adam aproveita esse momento para beijar-lhe o pescoço e conduzi-la para fora.

— Pensei que ela nunca iria embora — suspiro. — Como é intrometida!

— Estava apenas me protegendo, Neil — ela responde com sorriso nos lábios.

— Vamos? — seguro a mão dela embaixo da mesa.

— Pensei que nunca iria perguntar — ela diz aquiescendo. — Mas antes gostaria de perguntar o que Adam é seu.

— Ele é meu amigo de muito tempo e meu advogado. Ele que está conduzindo o meu divórcio — esclareço.

— Oh sim, claro.

Conduzo-a para fora do restaurante enquanto minhas mãos estão formigando para tocá-la. Calvin abre a porta do carro assim que saímos. Entro no carro e aciono a tela negra de proteção que nos separa da visão do motorista. Puxo-a para meu colo sentando-a de frente para mim. Solto seus cabelos até caírem em ondas pelas costas.

— Já disse que seu cabelo é fodidamente sexy, Srta. Connor? — pergunto mordendo delicadamente sua orelha.

— Muitas vezes, Sr. Durant — ela inclina sua cabeça me dando acesso a sua orelha.

Beijo seus lábios com paixão, abaixo a alça de seu vestido. Abocanho um dos seus seios enquanto minhas mãos deslizam por suas costas.

— Neil — ela geme enquanto mordisco um mamilo. — Calvin.

— Não se preocupe, é a prova de som e subi a proteção entre os bancos. É bastante escura, acredite — mas para tranquilizá-la aperto um dispositivo e, o som de *Girl on Fire* de Alicia Keys soa dentro do carro.

Ela abre os botões de minha calça de forma desajeitada e desce o zíper. Beijo seus lábios enquanto ela pega meu membro com sua mão delicada e macia. Ao sentir os dedos deslizando pelo meu pênis da base até a ponta me faz gemer alto. A casa dela fica a quase meia hora de distância, então não temos muito tempo. Pego um preservativo do bolso e o visto enquanto ela e seus dedos mágicos brincam com minhas bolas. Em um movimento brusco a levanto e rasgo sua calcinha. Abaixo-a introduzindo meu pênis dentro dela. Sinto-a envolver meu membro de forma quente e apertada.

Jennifer agarra meus cabelos e começa a cavalgar de forma lenta e sensual. Pressiono seus seios com as mãos e vez ou outra eu sugo os mamilos com força.

— Oh, Neil — ela se inclina um pouco para trás enquanto continua em um movimento de vai e vem.

Acaricio seu clitóris e mexo os quadris de forma sensual.

— Isso, querida — gemo enquanto ela acelera os movimentos. — Isso!

— Oh, meu Deus — ela geme baixinho, suas unhas cravadas em mim.

Sei que ela está chegando perto, acelero e explodimos em um orgasmo. Alguns minutos depois arrumo a alça e a barra de seu vestido, dou pequenos beijos em seus ombros. Sento-a de lado em meu colo e acaricio seus cabelos.

— O senhor é um homem muito pervertido, Sr. Durant — ela me provoca beijando meus lábios. — Mas eu amei.

O carro para, um sinal de que chegamos.

— Gostaria de poder entrar — digo frustrado.

— Gostaria que entrasse — ela lamenta.

— Em breve essa angústia vai terminar e vou poder gritar para todo mundo que você é minha — digo com fervor.

Na verdade, eu já estou cansado de levar essa relação como se fosse algo sujo e proibido. Quero ter a liberdade de podermos caminhar de mãos dadas pela rua e poder acordar juntos todos os dias. Mas o processo de divórcio demora um pouco e enquanto não estiver livre de Sophia não posso fazer nada e isso me irrita profundamente.

— Eu conto cada segundo — ela responde. — Agora me deixe ir ou não o deixarei ir embora. Adorei o celular, foi muito atencioso de sua parte. Obrigada — e me beija doce e suavemente.

Solto-a e fico observando Calvin acompanhá-la até a porta. Meu consolo é saber que no dia seguinte nós passaremos a toda a tarde juntos. Sorrio e fico ansioso como um garotinho na véspera de natal.

Capítulo Doze

Observo Anne e Claire brincarem com o cachorro próximo à piscina. Normalmente dou folga para babá nos fins de semana, excluindo quando viajo, mas hoje preciso dela aqui.

Estamos atrás da casa. Há uma grande piscina azul em forma de S, um amplo quintal gramado, do lado esquerdo um jardim com lindas rosas vermelhas. Tenho um jardineiro que cuida das rosas duas vezes por semana. À direita, onde estou, há um belo espaço gourmet, com churrasqueira, fogão à lenha e um grande balcão separando a área da churrasqueira de uma grande mesa de madeira maciça com bancos igualmente grandes. Ainda existem algumas mesas de mármore redondas com quatro cadeiras no jardim. O espaço ainda conta com banheiros, sala de jogos e um espaço para ginástica, com paredes de vidro do teto ao chão. Muros muitos altos protegem a casa e a segurança é reforçada por câmeras e um excelente sistema de alarme.

Sempre achei aquela casa muito grande, mas foi mais um dos milhares de caprichos de Sophia. Ela cresceu em uma mansão gigantesca e não aceitaria menos que isso. Quando me casar com Jennifer eu comprarei outra casa. Primeiro porque essa traz lembranças amargas. Segundo porque quero algo mais confortável e aconchegante do que essa. Além disso, embora tenha muita esperança, existe a possibilidade que ela não recupere a visão. Uma casa como essa seria uma armadilha desnecessária.

Olho para o relógio e decido esperar por Jennifer na porta da frente. Quando falei com ela pelo celular, dez minutos atrás, ela e Calvin estavam a caminho. Sigo para entrada e vejo o Jaguar cruzar os portões de segurança. Mal espero Calvin estacionar e já estou abrindo a porta do carro e puxando-a para meus braços.

— Senti sua falta — sussurro em seus lábios.

— Também senti — ela retribui me dando um beijo ardente.

Deus, ela está maravilhosamente linda em um macacão bege e curto, um top branco e sapatilhas. Seu cabelo está preso em uma trança longa.

— Está adorável Srta. Connor — Deslizo minhas mãos por sua cintura e belisco sua bunda.

— Comporte-se Sr. Durant — ela dá um tapa em meu braço. — Lembre-se que estou aqui como sua amiga.

Ela se livra de meu abraço sorrindo.

— Onde está a Anne? — pergunta e posso notar que está apreensiva.

— Na piscina, lá nos fundos com a babá — seguro sua mão e conduzo para a parte detrás da casa. — Não se preocupe Jennifer. Tenho certeza que vai dar tudo certo.

Caminhamos lentamente, primeiro porque quero segurar sua mão o máximo possível, segundo para dar o tempo que ela precisa para se sentir confortável.

— Sinto cheiro de rosas. Pelo visto você gosta mesmo delas — ela sorri lembrando-se da nossa primeira noite regada a rosas.

— Mais a frente há um pequeno jardim — explico. — Depois eu a levo até ele.

Aperto sua mão levemente, transmitindo segurança e conforto. Por mais que eu evite pensar em sua condição fico contrariado por ela não ser capaz de apreciar a beleza das flores ou o azul do céu.

— Ficaria encantada — ela acaricia minha mão com a ponta dos dedos, como se lendo meus pensamentos e quisesse me confortar também. Escutamos os latidos do filhote e ela para abruptamente.

— Vamos tentar manter as coisas discretas, tudo bem? — ela me diz apreensiva. — Não quero que Anne se sinta confusa.

— Está bem — concordo.

— Neil, até que o divórcio seja finalizado e tudo estiver certo, quero que para todos, principalmente Anne, sejamos apenas bons amigos — ela diz calmamente.

— Não gosto de mentir para Anne, Jennifer — eu retruco.

— Eu sei Neil e entendo seu lado. Mas pense que será por pouco tempo. Não quero que ela pense que eu estou tirando você dela ou impedindo que tenha uma família — ela diz com veemência. — Não quero ser pivô de nenhuma briga e não me sinto bem no papel de amante. Não quero trazer nenhum transtorno ou qualquer coisa que possa impedir o sucesso do seu divórcio e não abrirei mão disso, tudo bem?

— Claro. Você tem toda razão. Não quero deixá-la desconfortável ou insegura. Não gosto de mentir para a Anne, mas entendo que é um mal necessário — aquiesço.

Andamos mais um pouco até o local onde Anne está com Claire, praticamente sufocando o cachorro em seus braços. Ela nos vê e vem gritando.

— Ela chegou! — a ouvimos gritar assim que entramos no seu campo de visão. — Olá Srta. Connor.

Anne a abraça esmagando o cachorro entre as duas.

— Olá, linda Anne! E pode me chamar de Jennifer ou de Jenny, tudo bem? — ela diz docemente aceitando seu abraço com o cachorro no meio.

— Querida, você está sufocando o pobre Traquinas — repreendo ao ouvir o filhote choramingar.

— Desculpe — ela coloca o cachorro no chão que foge como o diabo da cruz.

— Como está Anne? — Jennifer pergunta.

— Morrendo de fome — ela diz em sua sinceridade infantil. — Papai disse que não podíamos comer enquanto você não chegasse.

— Ah, me desculpe — Jennifer afaga os cabelos dela. — Se soubesse teria vindo mais rápido.

— Tudo bem — Anne se inclina e puxa-a para baixo para cochichar. — Papai faz o melhor churrasco de hambúrguer do mundo, mas não fala para ele porque ele pode ficar convencido.

— Saiba que eu ouvi isso, mocinha — conduzo Jennifer para o espaço gourmet.

— Foi o que a senhora Jackson disse papai — Anne se esquiva.

— Pois saiba que ela tem inveja dos meus dotes culinários. — eu brinco. — Por que não mostra à Jennifer o lindo desenho que fez enquanto eu arrumo a mesa e cuido do churrasco?

— Mas ela não pode ver papai — Anne sussurra.

— Sim, ela não vê, mas você pode explicar a ela o que você desenhou. Tenho certeza de que ela vai imaginar o seu desenho.

— Legal!

Anne sai correndo para dentro de casa em busca do desenho.

Arrumo rapidamente a mesa e apresento Claire, a babá de Anne para Jennifer e sigo para a área da churrasqueira. Coloco uma música de Miles Davis, So What, para alegrar o ambiente. Sei que Jennifer adora jazz e que a maior parte do seu repertório é composta por esse gênero de música. Anne volta da casa com o desenho nas mãos.

— Veja Jennifer, aqui está o meu desenho — ela entrega o papel.

— E o que está desenhado, Anne? Diga-me as cores que usou — Jennifer diz alegremente.

— O primeiro é o papai, ele é grande e forte e está segurando minha mão. Eu sou pequena e tenho um grande sorriso e estou segurando a sua mão. Você segura minha mão e está com um vestido rosa. A sua outra mão segura a coleira do cachorro, que agora se chama Traquinas, mas no desenho está escrito cachorrinho. Usei muitas cores e o desenho é bem colorido. Coloquei nossos nomes em cima das nossas cabeças. Fiz um sol bem grande amarelo e nuvens azuis. No chão coloquei flores e grama. Você gosta? — ela pergunta aguardando uma resposta positiva de Jennifer.

Minha garganta se aperta ao ver a reação de Jennifer. Ela está muda e parece emocionada. Seus olhos brilham e vejo que está segurando as lágrimas.

— Sim, Anne. Claro que sim! Eu amei! Foi muito atencioso de sua parte me incluir em seu desenho. Muito obrigada — ela diz com a voz embargada.

— Se você quiser posso te dar esse desenho. Posso fazer outro para mim.

— Oh! Nada me faria mais feliz!

Fico quieto observando emocionado. As duas mulheres que eu mais tenho apreço nessa vida. Quero que elas se conheçam melhor e que gostem uma da outra. Elas conversam sobre a escola de Anne, seus amigos e sobre as aventuras de Traquinas. Eu asso os hambúrgueres, mas fico atento à conversa delas o tempo todo.

— Obrigada por deixar o Traquinas ficar aqui — Anne diz para Jennifer com tristeza na voz. — Vai ser triste quando ele for embora.

Jennifer segura sua mão com carinho.

— Sabe Anne, eu tenho um problema e preciso da sua ajuda — ela dá um suspiro dramático. — Meu apartamento é pequeno e no prédio não permitem animais.

— Nossa, que triste — Anne faz biquinho. — O que será dele?

— Então... — Jennifer faz uma pausa. — Gostaria de saber se poderia ficar com ele?

— Verdade Srta. Connor? — ela a abraça. — Você é tão legal. Primeiro me deixou dar um nome a ele e agora ele pode ficar aqui para sempre.

— Bom, gostaria visitá-lo de vez em quando, se permitir.

— Pode vir todos os dias — Anne sugere.

Anne deixa seus braços e corre para os meus.

— Papai, papai! Você viu papai? A Srta. Connor me deu o cachorrinho, posso ficar com ele? — ela implora.

— Claro que pode — abraço-a de volta.

Meus olhos não se desviam de Jennifer que está sentada com a cabeça inclinada em nossa direção com o sorriso mais lindo do mundo. Estou me segurando para não beijá-la e até que percamos nossos sentidos.

— Quem está com fome? — pergunto levando a travessa com os hambúrgueres.

Almoçamos e passamos o resto da tarde tranquilamente. Anne brinca com a babá e o cachorro na grama, enquanto eu levo Jennifer até as rosas. Sento-a em um banco de madeira no jardim e colho duas rosas. Uma eu prendo em seu cabelo.

— Não existe uma única rosa nesse jardim que possa se comparar a sua beleza — deslizo a rosa por seu rosto e coloco-a em suas mãos. Soa clichê, mas quem se importa com isso?

Jennifer acaricia a rosa com a ponta dos dedos, segura minha mão e apoia o rosto beijando a palma da mão com carinho.

— É a coisa mais linda que alguém já me disse — ela suspira.

Beijo-a furtivamente e nós rimos como dois adolescentes, como se estivéssemos nos escondendo de nossos pais. Fazer amor com ela é uma das coisas mais maravilhosas do mundo, mas também amo conversar, rir ou apenas ficar aproveitando uma linda tarde de verão como essa. Ela se despede de Claire e Anne, que choraminga pedindo que ela volte logo e eu a levo em casa. Foi um dia maravilhoso e estou feliz por ela e Anne terem se dado tão bem. Jennifer é doce e maravilhosa e Anne a espelha da mesma maneira. Quando chegamos a casa dela nos perdemos juntos, como se não houvesse amanhã.

Chego cedo ao escritório na segunda feira e assim que as portas do elevador se abrem encontro Adam me esperando. Ele parece calmo e confiante em seu terno Armani cinza, carregando uma pasta na mão. Passamos o domingo analisando o processo de divórcio, mas decidimos nos encontrar hoje cedo, em minha empresa, antes de seguirmos para o tribunal. Ontem também conversei por bastante tempo com Jennifer pelo telefone e ela está bastante apreensiva, mas no fim de nossa conversa consegui acalmá-la, prometendo avisar sobre o ocorrido após tudo terminar. Hoje é um dia decisivo em minha vida. Será a audiência de conciliação, da qual não tenho o menor interesse em me reconciliar com Sophia. Embora não tenha muita fé nela, espero que ela tenha bom senso. Repassamos os últimos detalhes e seguimos para o tribunal.

— Preparado? — Adam me pergunta.

— Espero que você esteja! — respondo mal humorado. — Sabe se Sophia já chegou? — pergunto ansioso, quero acabar com isso o quanto antes.

— Parece que sim. Fui avisado por mensagem de celular de sua chegada, mas estamos no horário — Adam indica a porta e entramos na sala.

Há uma grande mesa retangular a nossa frente com sete cadeiras. À frente está o balcão com mais dois lugares onde suponho que ficará o conciliador e o escrivão. Nesse tipo de audiência, o juiz não é necessário. Por isso existe a figura do conciliador. Caso não haja acordo, seremos encaminhados para a audiência de instrução e julgamento e aí sim, será necessária a presença de um juiz. Espero não ter que chegar a isso e sair daqui com tudo resolvido.

Sophia está sentada do lado esquerdo cochichando com o seu advogado, um senhor do qual eu não vou com a cara logo de início. Ele é robusto, meio calvo, cabelo claro e com cerca de aproximadamente uns cinquenta anos. Seus olhos transmitem sagacidade e algo mais que não consigo decifrar. Meus olhos se voltam para Sophia. Ela está usando um elegante terninho branco, de grife, seu cabelo está preso em um coque severo e à primeira vista parece uma verdadeira dama. “*Lobo em pele de cordeiro*”, eu penso.

Adam e eu sentamos no lado direito em frente a eles. Ela me encara com um sorriso cínico e eu respondo igualmente. O conciliador entra com o escrivão e ambos tomam seus assentos.

— Senhor e Sra. Durant — ele nos cumprimenta. — Daremos início à audiência de conciliação. Há algum desejo de reconciliação de ambas ou alguma das partes?

— Não.

— Sim — Sophia responde ao mesmo tempo em que eu.

O conciliador nos encara por alguns segundos.

— Bem, temos um impasse — ele avalia. — Sr. Durant, visto que há uma criança envolvida, na qual as decisões tomadas aqui podem atingi-la diretamente, deseja dar prosseguimento ao pedido de divórcio?

— Sim, senhor — respondo firmemente.

— Mas eu não — Sophia faz uma voz chorosa. — Desejo dar uma chance ao meu casamento. Sei que cometi muitos erros, mas quero provar a minha filha e ao meu marido que sou uma pessoa diferente, preciso da minha família de volta.

— Não seja cínica Sophia! — eu esbravejo. — Você nunca ligou para Anne. Muito menos para mim!

— Eu estava doente Neil, não seja cruel!

Céus, ela é muito boa em se passar por vítima.

— Eu sei que há uma mulher envolvida. Uma mulher sem coração e decência, que quer separar os pais de uma garotinha doente.

Olho para ela abismado. Jogo sujo, pois ela sequer sabe da existência de Jennifer. Fui extremamente claro com meus funcionários que a viram que se alguém falasse sobre ela para a Sophia seria sumariamente demitidos. Não gosto de ameaçar meus funcionários, mas diante da absoluta loucura de Sophia e considerando que estamos praticamente em guerra por esse divórcio, não vi alternativa. Estou fervendo de raiva e minha vontade é pular sobre a mesa e terminar o serviço de meses atrás quando quase matei Sophia asfixiada. Definitivamente estou em meio a um pesadelo. Sabia que Sophia daria trabalho, mas não pensei que fosse chegar a tamanho cinismo e cara de pau. Eu a odeio, muito. Adam faz um sinal com a mão para que me acalme.

— Senhor conciliador, permita-me saber seu nome? — pergunta Adam.

— Drummond. Joseph Drummond — ele responde.

— Sr. Drummond, permita-me esclarecer algumas coisas. Meu cliente, Sr. Neil Durant e sua esposa, Sra. Sophia Durant, nunca chegaram a consumir o casamento. — Adam argumenta. — Tratou-se de um acordo entre as partes em favor da criação, proximidade e bem estar de Anne, a filha que o casal tem.

O advogado de Sophia parece surpreso com o que Adam diz, mas rapidamente veste sua cara de pôquer, impassível. O mesmo não acontece com Sophia, que arregala abruptamente os olhos.

— Bem, isso é uma revelação, mas devemos considerar que o casamento já dura sete anos. Não houve consumação durante esse período, Sr. Durant? — o conciliador me pergunta incrédulo.

— Não — respondo secamente.

— Sr. Drummond, a conduta da Sra. Durant não favoreceu qualquer tipo de envolvimento afetivo, como relatado na petição inicial — Adam alega incisivo. — Todas as provas estão anexadas à mesma. Parece-me que a parte contrária estava mais interessada em festas, compras e viagens, quando não se encontrava internada para recuperação de uso de álcool e drogas.

Vejo Sophia engolir em seco e seu advogado escuta com atenção. *Saia dessa Sophia!* No fundo, estou rindo de felicidade com a sua cara abismada. Adam está indo bem e ganhou meu respeito.

— Sra. Durant, o que tem a dizer? — Drummond se vira para ela.

O advogado cochicha alguma coisa em seu ouvido, mas não entendo o que ele diz.

— Não tem acordo — Sophia diz categoricamente.

Inferno!

Maldita cadela. Quando eu faço menção de começar a ofendê-la o conciliador começa a falar.

— Sra. Durant, devo esclarecer alguns pontos. Se mesmo que queira manter esse casamento sua conduta nos últimos anos a prejudica muito e corre muitos riscos de perder a guarda da criança e melhor será um acordo amigável.

Ela pensa por alguns instantes, volta a falar com advogado. Vejo a balançar a cabeça varias vezes.

— Concordo quanto ao divorcio, mas quero a guarda total de Anne.

O Sr. Drummond olha o processo e faz uma cara feia.

— A senhora tem certeza disso, Sra. Durant? A sua recusa a um acordo amigável, pois vejo que o Sr. Durant não apenas quer o divórcio como pede a guarda da menina, acarretará em um processo demorado. — ele esclarece. — Os passos a seguir, como devem saber os advogados, consistem em elaboração de uma contestação pelo seu advogado que será avaliada pelo juiz junto com a petição inicial.

— Haverá uma audiência de instrução e julgamento, onde o juiz analisará as provas, ouvirá testemunhas e então sentenciará. Pode ser que a senhora perca — ele continua. — O contrário também pode acontecer e o processo pode se arrastar por um longo período.

— Tenho certeza — Sophia responde. — Anne é minha filha e a quero comigo!

— Bem, diante disso, não há acordo. Peço que assinem a ata da audiência e seu advogado após a publicação deverá apresentar a contestação no prazo estipulado — ele diz para ela.

Não posso acreditar que Sophia está fazendo isso. Não me interessa pelo dinheiro, pelos bens, por nada que não seja Anne e ela sabe disso. Maldita mulher. Maldita hora que me casei com ela. Quero simplesmente que ela suma da face da Terra. Jennifer ficará extremamente chateada e eu nem quero pensar o que ela fará sobre isso. Sinto a raiva tomar conta de mim e se espalhar pelas minhas veias. Sinto que estou sufocando e afrouxo minha gravata.

— Sophia, você tem certeza de que quer ir por esse caminho? Vamos tentar resolver isso decentemente e seguir em frente com as nossas vidas. Não a proibirei de ver Anne e a suprirei do que for necessário, mas, por favor, vamos encerrar esse assunto agora, amigavelmente. Pense bem, Sophia. Esse processo pode ser doloroso para nós e também para Anne. Se nós podemos evitar isso, por que temos que levar isso adiante?

Digo com o máximo de controle na voz.

Ela olha pra mim e ri com escárnio, estou cada vez mais irritado com ela.

— Não temos nada, você sabe disso. Você é uma mãe ausente, até pouco tempo estava internada, existem provas contra você. Seja sensata e colabore.

— Eu estou limpa, Neil. Moro com meus pais, tenho residência fixa, tenho dinheiro. Estou em perfeitas condições de cuidar do meu anjinho — ela pisca os longos cílios postiços.

Levanto para dar um soco na cara dela, mas Adam me detém a tempo. Essa mulher tem a capacidade de descontrolar um monge com suas atitudes egoístas e maldosas.

— Neil, acalme-se. Sente-se, por favor — ele me puxa de volta para a cadeira.

— Diante disso, dou a audiência como encerrada. Aqui está à ata da audiência, assinem e devolvam ao escrivão. Bom dia, senhores — Sr. Drummond entrega a ata a mim e se retira.

Sophia me encara com um olhar ameaçador, enquanto eu assino a maldita ata de audiência. Minhas mãos tremem e eu sinto que sou capaz de matá-la.

— Eu avisei você. Fica com as duas ou sozinho. Foi você quem quis assim — ela diz calmamente.

— Não vou desistir de a Anne não importa o que você faça — eu rebato entregando a ata para Adam.

— Não pense que isso acabou — ela levanta pegando a bolsa em cima da cadeira. — Anne vai ficar comigo!

— Você nem mesmo gosta dela Sophia — eu apelo para seu bom senso. — Por que está fazendo isso?

— Por que eu posso. Quem é essa mulher, Neil? — Sophia parece transtornada. — Se for um caso como os outros eu entendo.

— Sophia — O tom da minha voz é calmo e ameaçador, apesar do furacão dentro de mim. — Eu. Não. Amo. Você!

— É mentira! — ela grita transtornada. — Sempre foi louco por mim, bastava uma palavra e você vinha correndo para meus braços.

— É disso que se trata? — encaro-a com desgosto. — Despeito?

— Não seja ridículo.

Eu fui apaixonado por ela ou na época pensei que fosse. Ela chamava, eu atendia, ela pedia e eu fazia. Mas hoje vejo que era um tipo de dependência, Sophia era manipuladora, fria e para ela era tudo um jogo. Só não entendo por que isso agora? Nathan está morto e não faz sentido tudo isso. E ademais, depois que nos casamos nunca tivemos nada. Ela está completamente louca e eu estou completamente fodido.

— Não tenho mais dezesseis anos! — digo irritado.

— Pense bem Neil, juro que tiro Anne de você, a tranco em um colégio interno no fim do mundo e você nunca colocará os olhos nela novamente.

— Não me ameace! — uma fúria assassina toma conta de mim.

— Então não me provoque. Somos sua responsabilidade, não vai se livrar de mim, assim, como fez com Nathan.

— Essa chantagem emocional não funciona mais, Sophia. Nós três fomos responsáveis pelo que aconteceu.

Lançando-me um olhar fulminante ela sai batendo a porta seguida pelo idiota mudo do seu advogado.

— Essa mulher é completamente maluca — diz Adam. — Só não entendo por que não fez o pedido de divórcio antes?

— Isso é algo que me arrependo a cada dia.

— Sophia é muito inteligente — ele continua. — Queria pegá-la de surpresa, antes que tivesse tempo para um plano B, mas agora ela e o seu advogado terão bastante tempo. Tudo bem, lutaremos com o que temos.

— Você foi muito bem e serei eternamente grato, mas estou preocupado com o que vem pela frente. Quanto tempo vai demorar? — pergunto ansioso.

— Creio que não muito — Adam bate em meus ombros. — Já entreguei as provas preliminares, teremos que aguardar a contestação do advogado dela para vermos sua argumentação. Só diante disso saberei como vou dar os próximos passos. Fique calmo, eu sei o que fazer.

— Quanto a Anne?

— Essa é a pior parte Neil. Sophia é a mãe. — ele parece analisar as palavras. — E você não é o pai biológico.

— Eu sou pai dela, droga! — grito, a raiva tomando conta de mim. — Eu a amei e cuidei dela por todos esses anos!

— Na certidão você é, emocionalmente também, mas geneticamente, não. É muito mais complicado do que você pensa. Embora Sophia tenha um passado reprovável e isso é bom para você, ela tem direito a reconstruir sua vida. O ideal é a guarda compartilhada.

— Adam você ouviu o que aquela cadela acabou de dizer? — falo transtornado. — Ela vai transformar a vida de Anne num inferno!

— Sophia tem muita coisa em seu favor agora, Neil — Adam começa a pontuar. — Primeiro, tem uma casa e uma família respeitável. Segundo, parece estar seguindo o tratamento à risca. Terceiro, ela é a mãe da menina. Temos que ser serenos e traçar nossas linhas de combate. É muito importante que nada sobre Jennifer venha à tona. Você compreende isso, Neil?

— Sim, compreendo. Anne a conheceu no sábado, mas a apresentei como minha amiga. Não toquei nela como amante, embora tenha desejado isso. Anne é criança e pode soltar alguma coisa, mas nada comprometedora.

— Ótimo Neil. Sei que será doloroso, mas evite esses encontros entre vocês e Anne, pelo menos por enquanto. Sophia é imprevisível e não podemos dar munção a ela.

Apoio-me na parede e tento assimilar o que ele diz.

— Farei todo possível, Neil — ele coloca a mão em meus ombros. — Vamos, precisamos almoçar e tomar alguma coisa para que possamos relaxar.

— Obrigado, mas preciso me encontrar com a Jennifer, ela deve estar ansiosa para saber o que aconteceu.

— Faça isso — ele sorri e saímos da sala.

Capítulo Treze

Acaricio os cabelos dela enquanto dorme tranquila em meus braços. Está quase anoitecendo, depois de muita discussão fizemos amor apaixonadamente.

Não foi fácil convencê-la de que tudo ficará bem. Embora tenha ficado radiante com a notícia sobre o divórcio. Jennifer desconfiava intimamente sobre minha vida íntima com Sophia. E saber que Anne pode sofrer as consequências lhe deixou muito abalada. Também ficou muito triste quando disse que será melhor não a encontrar por enquanto, mas no fim compreendeu. Eu não esperava por menos. Ela não havia abdicado da própria cura em favor do irmão doente? Jennifer é do tipo de pessoa que coloca os outros acima da própria felicidade. Por essas e outras razões que a amo cada vez mais.

O celular vibra naquele momento, atendo rápido para não acordá-la.

— Sr. Durant? — Penélope pigarreia. — Sei que não quer ser incomodado, mas a secretária do Dr. Crighton ligou...

— Adam? — pergunto preocupado.

— Não, o Dr. Liam — ela se desculpa pelo mal entendido.

— Marcou um horário? — pergunto ansioso.

— Amanhã às quatro horas — ela diz.

— Obrigado, Penélope.

— Problemas? — Jennifer me abraça assim que desligo.

Giro sobre ela e beijos suas têmporas.

— Soluções — respondo. — Liam agendou sua consulta para amanhã.

Ela franze a testa como que para organizar os pensamentos.

— Seu amigo médico?

— Sim – beijo seus lábios. — Não é uma ótima notícia?

— Acho que sim — ela sussurra.

— Vamos comemorar — digo saltando da cama. — Vamos jantar no Saveur Supreme.

— É meu local de trabalho, Neil — ela responde apreensiva. — Não acho que seja apropriado.

— Hoje você não trabalha lá, já combinamos isso mais cedo e você já avisou — levanto-a sem dar chance para protestar. — E apenas um jantar e não vou aceitar não como resposta.

É segunda-feira e o restaurante não está lotado. O ambiente é calmo e acolhedor. Jennifer como sempre está linda em seu vestido branco, com alças cruzadas na frente e costas nuas.

— Acho que devemos tomar champanhe — sugiro. Faço o sinal para garçom e peço uma garrafa de Cristal Brut Louis Roederer.

— Você gosta de coisas francesas, hein? — ela ergue uma sobancelha.

— Sim, gosto. A França é maravilhosa. Um dia a levarei lá. Essa champagne é branca e seca. Histórica e cronologicamente foi à primeira cuvée criada na França. Fundada em 1776, a maison Louis Roederer criou 100 anos mais tarde o célebre Champagne Cristal, a pedido do tsar Alexandre II da Rússia que reinou de 1855 a 1881. Um apaixonado pelos champagnes Roederer. Um Champagne exclusivo, superlativo engarrafado em flacões dos mais nobres, do mais puro cristal: o Cristal de Baccarat. Daí o nome que o consagrou. Envelhece por seis anos, seguidos por mais seis meses de repouso. Com um sabor seco, suntuoso — explico para ela.

— Uau! Achei que fosse apenas uma champagne — ela responde admirada.

— Para você a melhor de todas, querida.

— Você é esbanjador, isso sim — ela provoca. — Ainda não entendo por que estamos comemorando se é apenas uma consulta.

— Tenho certeza que as notícias serão maravilhosas — seguro sua mão e tento animá-la. O garçom surge com a garrafa e serve nossas taças.

— O que você gostaria de comer? — pergunto gentilmente.

— O que você quiser. Qualquer coisa que não venha com uma grande explicação de deuses, reis e tsares — ela sorri.

Dou uma gargalhada jogando a cabeça para trás, pego o cardápio e vagueio meu olhar distraidamente.

— Então essa é a destruidora de lares? — ouço aquela voz desagradável.

Meu sangue congela imediatamente. O pânico toma conta de mim. O que era para ser uma celebração está prestes a se transformar em um circo dos horrores. Sophia está em pé, parada atrás da cadeira de Jennifer, sorriso cínico e olhar frio.

— Sophia — sibilo cerrando os punhos. — O que faz aqui?

— Acho que este é um local público, Neil — olha para Jennifer com desprezo. — Não vai nos apresentar, *querido*? — ela frisa a última palavra.

Desvio meus olhos para Jennifer e vejo que está pálida e rígida, segurando a taça com força. Antes que eu possa reagir Sophia gira em torno da mesa e senta ao meu lado.

— Por que não explica a essa mulherzinha que isso é apenas mais um caso passageiro? — alisa meu braço sedutoramente, com intuito de provocar ciúmes em Jennifer. Seu sorriso é cínico e calculado. — Como todos os outros. No fim, sempre volta para os meus braços.

— Cale a boca! — sibilo afastando seu braço.

Um casal ao lado olha para nossa mesa com curiosidade.

— Vai ter que escolher entre ela e Anne, Neil — Sophia se levanta, encarando Jennifer pela primeira vez. — Ele já disse isso?

Quando encara Jennifer ela fica rígida, em choque. Por alguns momentos vejo raiva e reconhecimento em seu rosto. Por que reconhecimento? Já esteve aqui antes? Sophia já a viu em algum lugar?

— Você? — ela sussurra para Jennifer com voz engasgada. — Não é possível! Ela não Neil!

— Já chega Sophia! — levanto-me sem me importar em me controlar. — Não temos nada a dizer a não ser na presença de nossos advogados.

— *Você, não!* — Sophia se levanta e agarra Jennifer pelos braços. — A outra conseguiu o que queria, mas você não vai!

— Solte-me — Jennifer tenta escapar de suas garras afiadas.

Puxo Sophia pela cintura tentando afastá-la, Jennifer se desequilibra e cai da cadeira. Um garçom se aproxima para ajudar. Afasto Sophia com um empurrão e ela cai em cima da mesa.

— Jennifer, você está bem? — seguro-a em meus braços. Lágrimas grossas rolam por seu rosto.

— Leve-me daqui — ela sussurra escondendo o rosto entre as mãos.

Parece nervosa e envergonhada. Se há alguém que deve ter vergonha é Sophia.

— Não vai ficar com ela! — Sophia grita desnorreada. — Não com ela, essa...

— Nunca mais toque nela! — berro.

Conduzo Jennifer apressadamente para saída, Sophia continua aos gritos enquanto os funcionários do restaurante tentam acalmá-la.

— Tudo bem — abraço Jennifer com carinho enquanto ela chora baixinho em meu peito.

Calvin abre a porta para entrarmos com uma ruga de preocupação no rosto.

— Vai ficar tudo bem — beijo suas mãos e vejo as marcas em seu pulso delicado.

Minha vontade é dar meia volta e fazer Sophia pagar por cada marca, cada lágrima e cada suspiro de dor que vejo nela.

— Tudo bem — sussurro em seus cabelos.

Seguimos calados até o seu apartamento. Ela está estranhamente silenciosa e eu também. A cada momento quero mais e mais matar Sophia. Ela não costuma frequentar restaurantes, prefere festas regadas a álcool e drogas. Raramente é vista em público, apenas quando quer ser manchete de alguma revista.

Assim que entramos Jennifer vai direto para o quarto.

— Querida? — sussurro com cautela, o pânico tomando conta de mim.

— Acho melhor terminarmos por aqui, Neil — diz sentando na cama para tirar os sapatos. — Não daria certo mesmo.

Embora sua voz pareça tranquila, eu posso observar seus dedos tremerem.

— Não vou considerar o que está dizendo — digo tentando controlar o pânico crescente dentro de mim.

— Sophia tem razão. Você tem que ficar com a Anne — ela sussurra virando de costas para mim.

Aproximo-me dela com pressa.

— Ficar com Anne não significa ter que desistir de você, Jennifer — digo abalado.

— Ela vai fazer da sua vida um inferno... A minha vida — Jennifer parece angustiada, ela segura um soluço. — A vida de Anne. Não quero ser o pivô disso. Se você perder Anne, toda vez que olhar para mim...

Não a deixo terminar.

— Se eu perder você será o mesmo que perder minha vida — digo com a voz embargada. — Além disso, não vou perder Anne.

Seguro-a em meus braços com desespero.

— Ouça Sophia e Nathan sempre fizeram da minha vida um inferno. Sempre jogando e manipulando meus sentimentos. Nathan dizia que me ajudava quando sumia com suas novas aventuras e Sophia me usava para fazer ciúmes a ele. Não vai ser diferente agora.

Ela precisa entender que tudo isso faz parte do passado, um passado que quero esquecer definitivamente.

— Nós sabíamos que isso iria acontecer, mesmo que eu tenha tentado seguir por um caminho menos árduo. Você não sabe o que é crescer à sombra de outra pessoa, Jennifer. Todos o amavam, o ambiente mudava quando ele chegava.

As imagens vêm como avalanche em minha cabeça. Como isso é doloroso para mim, meu Deus! Não quero pensar em Nathan agora, não quero pensar em nada dessa merda.

— Eu o amava e odiava ao mesmo tempo. Ninguém via seus defeitos, a não ser eu. Sophia diz que eu tinha inveja, algumas vezes eu tinha inveja da sua alegria, a forma como envolvia as pessoas, meus pais, mas no fundo ele era cruel e manipulador.

— Quando tínhamos oito anos nós brigamos, Nathan afogou meu gato na piscina.

— Oh, Neil — ela cobre a boca para abafar um soluço.

— Ele disse aos nossos pais que foi um acidente, mas eu vi, ele sorria para mim enquanto o gatinho se debatia. No outro dia ele apareceu com outro gato, ainda mais bonito, mas eu não quis, não podia suportar que ele fizesse mal a outro ser indefeso por minha causa. Minha mãe ficou brava, me pôs de castigo. Disseme que era cruel e rancoroso.

— Você não é! Nunca diga isso! — ela diz com fervor, mas não retribui meu abraço.

— Foi a primeira vez que senti ódio por alguém — eu suspiro. — Eu só tinha oito anos. Mas ele também sabia como me agradar, fazia com que eu me sentisse importante e amado quando queria. Sabe o que é crescer amando e odiando uma pessoa?

Respiro fundo e aperto-a em meus braços.

— Admirando e desprezando? Anne foi a melhor coisa que me aconteceu. Achei que era minha chance de recomeçar. Só ela me bastava. Até que conheci você. Estava esperando por você.

Beijo seu rosto banhado de lágrimas. Mas ela se afasta.

— Mesmo sem você ela usaria Anne para me atingir — asseguro. — Nada do que Sophia faça vai mudar o que sinto por você, Jennifer.

— Não sei o que fazer — ela diz. A tristeza em sua feição mostra-me a luta que ela trava em seu peito.

— Apenas não desista — eu imploro. — Não desista de nós, Jennifer. — fico de joelhos e abraço seu ventre.

Estou sendo egoísta, se fosse decente o suficiente a deixaria em paz, para que encontre alguém menos complicado que eu. Sem um passado tão obscuro e cheio de problemas.

O que ela faria se soubesse o que me atormenta por anos, antes mesmo da morte de Nathan?

— Eu não sei Neil. Tudo isso é tão complicado e doloroso. Você é a luz em meio a minha escuridão. Tenho meus próprios demônios também, mas não quero mais deles para a minha vida. A Sophia foi tão cruel, não sei o que pensar sobre tudo isso — ela diz angustiada.

Eu sinto que ela não está falando apenas de sua cegueira, existe alguma coisa em seu passado que também a deixa angustiada. Mas não quero forçá-la a nada. Não hoje depois dessa avalanche de coisas ruins que aconteceram. Quero apenas que ela não me deixe. Eu não suportaria ser deixado por ela. Não por ela. Levanto-me e beijo-a com desespero. Lidaremos com uma sombra de cada vez. Ambos perdemos muito e depois encontramos um ao outro em um presente incerto. Por enquanto o mais importante é tê-la em meus braços.

— Não, Neil, por favor — ela se afasta mais uma vez. — Quero ficar sozinha.

— Mas Jennifer, por quê?

— Eu apenas preciso Neil. Vamos nos encontrar amanhã, na consulta, certo? — ela diz com cuidado.

— Tudo bem — viro as costas e saio da casa dela.

Tive uma noite terrível. Mal dormi atormentado pelo meu passado e pelo afastamento de Jennifer. Entendo o lado dela, mas queria que ela também entendesse o meu.

Inferno! Estou enlouquecendo sem saber o que ela está pensando, mas preciso dar o tempo que ela precisa. Vou encontrá-la na consulta, mas queria vê-la agora. Nem sequer queria tê-la deixado ontem, mas para variar, meu cérebro maldito apagou e apenas saí da casa dela, sem sequer me despedir. Estou magoado também. Não esperava que ela se afastasse de mim. Sophia tem esse maldito dom de me afastar das pessoas que amo. Primeiro Nathan, agora Jennifer. O que posso fazer para mudar isso?

Arrasto-me da cama e sigo para o banheiro. Tomo um longo banho e faço minha barba. Tudo mecanicamente. Tenho o pressentimento que tudo entre mim e Jennifer está acabado.

Não, não pense assim. Ela só precisa de um tempo para assimilar tudo que está acontecendo.

Visto meu terno preto, com uma blusa branca e gravata cinza escuro. Desço as escadas para tomar café com Anne, que já esta acordada, pois ouço sua voz vinda da cozinha.

— Bom dia, Anne. Como passou a noite? — pergunto entrando na cozinha.

— Papai! Que bom que já desceu! Eu estava indo em seu quarto agora para acordá-lo. Você vai fazer minhas panquecas? — ela diz alegremente e me dá um abraço apertado.

— Hoje não querida. Estou atrasado para o trabalho, mas prometo fazer em breve, tudo bem? — digo acariciando seu cabelo.

— Ah, papai... Ontem você ontem chegou tarde e nem me deu um beijinho de boa noite e hoje não quer fazer minhas panquecas — ela diz emburrada.

— Claro que dei um beijo de boa noite, querida. Fui ao seu quarto, mas você já estava dormindo. Dei um beijinho de boa noite em sua testa e disse que a amava e você apenas roncou.

— Eu não ronco, papai!

— Ronca sim! — brinco com ela.

Tomamos nosso café calmamente e eu me despeço dela. Tenho sido ausente com tantos problemas me cercando. Devo fazer alguma coisa para alegrá-la esses dias. Suas férias estão acabando e não viajamos devido ao meu trabalho. Ela apenas passou uns dias em Atlantic City com meus pais, mas ainda assim me sinto em dívida com ela.

A última coisa que quero pensar ao entrar no escritório é trabalho. Não quando incertezas sobre meu futuro rondam a minha porta. O quão forte é nosso amor para conseguir suportar as sombras do passado? *Amor?* Nenhum de nós dois pronunciou essa palavra ainda, embora ela grite em meu peito. E sei que Jennifer sente o mesmo.

— Está atrasado — Peter provoca assim que entro.

— Que eu saiba não agendei nada com você — respondo mal humorado. — Alguma novidade?

— Nos dois casos, sim — ele responde. — Acho que identificamos a pessoa que roubou o projeto.

— Identificou ou não, não existe *achismo* para isso — resmungo.

— Nossa que mau humor — ele sorri. — Na verdade, acredito que quem negociou com o mediador foi alguém contratado por outra pessoa.

Peter me entrega uma pasta com fotos e alguns relatórios.

— Você reconhece?

Olho para as fotos e para homem que aparece nela.

— Não — respondo irritado. — Já que seu rosto está encoberto.

Aparentemente é jovem, veste camisa preta, jeans escuro e boné. O homem aparece entrando em minha casa com outras pessoas, depois o mesmo homem é visto saindo da casa com alguns documentos e sozinho. Obviamente sabia o que estava fazendo, pois parece evitar que as câmeras de segurança capturem seu rosto.

— O comprador o reconheceu? — pergunto.

— Não — Peter parece insatisfeito. — Mas pelo que ele me descreveu não é o mesmo cara.

— Talvez ele esteja mentindo? Uma forma de proteger quem roubou? — pergunto a ele.

— Não acredito. Ele é acusado de espionagem, interceptação, entre outras coisas. Tem uma ficha extensa — Peter explica. — Tenho certeza que ele vai colaborar conosco. O grande problema nessa história...

Ele faz uma pausa.

— Não foi à venda do projeto, mas a forma que ela foi divulgada.

— Aonde você quer chegar? — pergunto intrigado.

— Querem desacreditar tanto você quanto a sua empresa. Quem o odeia ao ponto de querer prejudicá-lo assim?

— Acredita mesmo nisso? — digo incrédulo. — Um funcionário, talvez?

Isso seria muito difícil de solucionar. Eu sou dono de uma empresa que vale bilhões de dólares e tenho muitos outros investimentos paralelos. Por mais que oferecessem as melhores condições de trabalho e que as pessoas disputassem uma vaga em uma de minhas empresas sempre há um ou outro descontente.

— É uma linha de pensamento. Mas não acredito — Peter curva os ombros. — Esse homem conhece sua esposa e seus amigos. Parece que andou vigiando sua casa e suas ações por um tempo. Acho que o motivo é pessoal.

Inferno!

— Vou investigar todas as pessoas que pudermos localizar e as que estiveram em sua casa naquele dia — ele explica. — Alguém deve reconhecê-lo.

— Isso é crime de espionagem industrial, Peter. Espero que quem tenha arquitetado, tenha isso em mente. Vou gastar todos os meus centavos para colocar os envolvidos na cadeia pelo resto de suas vidas. Outra coisa, eu quero cópias dos vídeos, das fotos, de tudo.

— Vou passar para o Adam para anexar ao processo de divórcio. — continuo. — Mesmo que Sophia, aparentemente, não esteja envolvida nisso, ela promoveu uma festa em minha casa, sem meu consentimento e que acarretou em um furto de um projeto que vale milhões de dólares. Não havia segurança o suficiente na casa e sequer uma lista de convidados. Mantenha-me a par de tudo. E o outro caso?

— O rapaz está indo muito bem. Acho que em breve poderá falar com ele.

— Ele sabe quem eu sou? — pergunto vacilante.

— Não. Achei que você gostaria de fazer isso. — ele explica.

— E a irmã?

— Ele se recusa a falar dela — ele dá de ombros. — Talvez você consiga arrancar alguma informação dele.

— Talvez. — digo evasivo.

À tarde encontro com Jennifer na clínica de Liam. Nesse momento estamos sentados em um elegante sofá do lado de fora do consultório. Aguardamos enquanto a secretária espera a ordem para que entremos. Ela sorri com simpatia para nós. Seguro a mão de Jennifer e noto como estão frias. Aperto seus dedos procurando transmitir confiança. Ela está ansiosa e com medo. Não falamos absolutamente nada sobre ontem, estou ansioso, mas me contenho. Alguns minutos depois ouço o telefone da recepção tocar e a secretária dizer que nos conduzirá ao consultório.

— Neil — Liam me cumprimenta. — Houve um imprevisto ontem e tive que adiar minha chegada, por isso não os atendi pela manhã, no primeiro horário, conforme prometido.

Loiro, alto, os olhos verdes sem dúvida faz com que as mulheres suspirem por ele, Adam e eu fazemos muitas piadas sobre todo esse charme. Ele é o tipo de cara que não gostaria perto de Jennifer se ela pudesse enxergar. Liam é irmão mais novo de Adam e está noivo de uma modelo famosa.

— Obrigado por nos atender — cumprimento de volta. — Sei que sua agenda é lotada.

— Não para um amigo — ele sorri. — Srta. Connor?

— Jennifer esse é o doutor Liam Crighton — eu os apresento. — Liam esta é Jennifer minha *namorada*. — ênfase bem a palavra namorada para que não haja dúvidas que nós estejamos juntos.

Noto que ela fica corada. Liam me encara com milhares de interrogativas no rosto.

— Prazer Dr. Crighton — ela levanta a mão em direção a sua voz.

— Pode me chamar de Liam — ele responde segurando sua mão. — Vamos nos sentar e iniciar a consulta?

Jennifer explica superficialmente como perdeu a visão em um acidente de carro há oito anos, embora eu queira saber todos os detalhes, sei que é um assunto doloroso para ela. Oito anos? Exatamente na mesma época em que Nathan havia morrido e também em um acidente de carro.

— Bem, Jennifer, de acordo com seu relato e sem exames à mão não posso dizer quais as chances realmente tem — Liam diz trazendo-me para o presente. — Como faz muito tempo desde a lesão até agora não sei quanto à córnea, íris ou o globo ocular foram danificados.

— Então não há esperança? — ela pergunta decepcionada.

— Sempre há esperança. Mas precisamos fazer uma bateria de exames para que eu possa afirmar com certeza e também ver se será possível fazer a cirurgia de reversão de cegueira — Liam sorri.

Estou eufórico com a notícia, embora perceba que ela parece mais receosa. Entendo que esteja querendo se proteger de uma futura decepção, mas é uma notícia maravilhosa e temos que nos apegar a essa possibilidade.

— Aqui está a lista de exames — Liam entrega a lista a ela. — Alguns podem ser realizados ainda hoje. Vou pedir a minha secretária que solicite uma enfermeira para acompanhá-la.

— Eu posso fazer isso — digo me levantando.

— Não será permitida sua entrada em alguns setores — Liam explica. — Por que não tomamos um café e conversamos enquanto isso?

— Prefiro acompanhar a Jennifer — insisto.

— Dr. Crighton tem razão, Neil — ela sorri segurando minha mão para me acalmar. — Não vou ser sequestrada ou coisa parecida.

Sento resignado, pois o único motivo de Liam querer conversar comigo é para matar a curiosidade sobre ela.

— Quero saber de todos os detalhes — Liam diz quando retorna. — Como um homem casado pode ter uma namorada?

Se Liam não fosse um amigo e se ele não fosse o responsável para trazer luz aos olhos de Jennifer, eu diria exatamente o que ele precisa saber. Que ele é um intrometido.

— Realmente é uma história surpreendente — diz Liam após meu relato. — Fico feliz por você, nunca entendi sua relação com Sophia.

Nem eu compreendo como sustentei essa relação. Um casamento baseado em culpa, chantagens, dependência e loucura. Se Jennifer não tivesse aparecido em minha vida trazendo toda sua luz, eu ainda viveria perdido no mundo em preto e branco.

— Acredita mesmo que Jennifer pode voltar a enxergar? — eu sondo.

— Eu não quis afirmar na frente dela até ter todos os exames, mas talvez sim.

— Graças a Deus! — eu respiro com alívio.

— Posso dizer que as chances são boas. Pode ser que tenhamos que fazer mais de uma cirurgia. Além de que os gastos não serão baratos... — ele ri quando o fulmino com olhar. — Mas sei que isso não é um problema para você.

— Não é. Gastarei meu último centavo se ela puder voltar a enxergar.

Capítulo Quatorze

Encaro o celular pela milésima vez nos últimos quinze minutos. Algo me diz que há alguma coisa errada.

Tento falar com Jennifer desde a noite anterior quando me dispensou após a consulta sob a alegação de estar cansada. Sua voz parecia chorosa e apesar de ter insistido ela pediu que conversássemos hoje. Fui até seu apartamento mais cedo, mas me estava estranhamente vazio.

Será que Liam entrou em contato com uma má notícia? Pego o celular prestes a ligar pra ele quando o telefone na minha mesa toca.

— Sim — atendo ríspidamente.

— Sr. Durant?

— Sim Penélope.

— A recepcionista avisou que há uma Srta. Fisher, na recepção exigindo vê-lo.

— Paige? — pergunto surpreso.

— Sim. Paige Fisher — Penélope parece receosa. — Desculpe Sr. Durant, mas ela insiste em vê-lo.

— Pode deixá-la subir.

O que Paige precisa falar comigo? A última vez que eu falei com ela ainda não havia dado o celular à Jennifer. Será que aconteceu algo a ela? Ligo para a Jennifer imediatamente, mas a ligação cai na caixa postal. Estou começando a ficar nervoso e nervosismo não é algo que eu assimile muito bem. Meus pensamentos vagueiam em coisas sombrias, Jennifer em uma cama fria de hospital, ligada a aparelhos e... A porta abre abruptamente.

— Neil! Ou dá um jeito na vaca da sua mulher ou... — ela entra berrando e para de falar de repente.

Paige para ao me observar, acho que devo estar péssimo. Paige está com o olhar surpreso e de boca aberta. Respiro fundo tentando me controlar e percebo que estou segurando a borda da mesa com tamanha força que os nós dos meus dedos estão brancos. Solto a mesa e mexo meus dedos para que a circulação volte ao normal.

— Sr. Durant, desculpe, ela não me deixou avisar... — diz Penélope com a cara queimando de vergonha.

— Tudo bem, Penélope. Pode sair — interrompo-a. — O que Sophia fez Paige? — pergunto a ela quando Penélope relutantemente deixa a sala.

Paige suspira e coça a testa, como se estivesse organizando os pensamentos. Parece estar furiosa.

— Olha Neil, quer dizer, Sr. Durant, Jennifer não sabe que estou aqui e se souber vai me matar — diz ela sentando-se a minha frente mesmo que eu não tenha oferecido à cadeira para que se sentasse.

— Paige, vá direto ao assunto — digo ríspido.

Sinto-me frustrado com a situação. Odeio quando as coisas fogem do meu controle. O que Sophia havia feito e por que Jennifer não me procurou ainda?

— Aquela cadela simplesmente apareceu no restaurante e fez um escândalo — Paige parece muito irritada, mas não tão irritada como eu naquele momento. Na verdade eu sinto cada gota de sangue se esvaindo do meu corpo.

— *Eu vou matá-la!* — sibilo mais para mim do que para a Paige. — Juro que vou matá-la.

— Não foi só isso. Ela gritou aos quatro ventos que Jennifer era uma vagabunda, puxou-lhe os cabelos e a esbofeteou várias vezes — Paige faz uma cara de desgosto. — Jenny foi demitida do restaurante.

— Maldita Sophia! — dou um soco na mesa e acredito que meu grito ecoou por toda Nova York. — Jennifer me disse que não foi trabalhar ontem e também que não trabalharia durante o resto da semana e, que estava indisposta. Por que ela foi? E por que mentiu para mim?

— Não sei. Não sabia que ela havia dito isso e também não me importa. Quero saber que tipo de providências pretende tomar — ela diz friamente.

Pego o telefone e ligo para Penélope.

— Tudo bem Sr. Durant? — ela parece nervosa e apreensiva.

— Não, claro que não! — urro ainda mais alto. — Telefone para Adam imediatamente! — ordeno e desligo antes que ela possa responder.

Deus do céu! Estou pagando por todos os meus malditos pecados! Nunca estive tão furioso em toda a minha vida. Como será que Jennifer está? Sophia pode ser bastante agressiva e se estiver sob o efeito de álcool e entorpecentes vira uma verdadeira leoa, com uma força fora do comum.

— Onde ela está? Passei no apartamento mais cedo e vocês não estavam — digo apreensivo.

— Ela está com Paul.

Aperto a ponta do nariz e fecho os olhos com força. Tento contar até dez até que todas as tonalidades de vermelho desapareçam. Dez... Nove... Não funciona, estou muito furioso.

— Está me dizendo que ela está machucada e em vez de me procurar foi atrás de outro homem? — pergunto entre dentes. Sinto o ciúme tomar conta do meu corpo, junto com a fúria que corre pelas minhas veias.

— Ah, por favor, não seja idiota. Não está com outro homem. — Paige se irrita. — Está com um amigo nosso e antes que pense besteira ele é gay.

— Não me importa que ele seja gay, padre ou um maldito monge. Está com a *minha* mulher, consolando e abraçando e fazendo coisas que são *minha* obrigação. Onde ela está? — pergunto ainda mais irritado.

— No Boulevard, nosso antigo prédio — ela responde receosa.

Não posso acreditar que tenha voltado para aquele imundo e maldito prédio. Ira e mágoa duelam dentro de mim. Ira porque Jennifer coloca sua segurança em risco milhares de vezes, por eu não ter protegida a devidamente, quando sei que Sophia é uma mulher maluca. Mágoa porque Jennifer mentiu que não iria trabalhar e além de ter ido, não me procurou quando ocorreu algo tão importante.

Penélope volta a minha sala.

— O Dr. Crighton está na linha — ela murmura.

Olho para minha mesa e vejo a luz do telefone piscando em espera.

— Adam.

— Neil? — a voz dele soa preocupada.

— Dê um jeito em Sophia — faço uma pausa para respirar. — Ou juro que vou matá-la.

— O que aconteceu? — ele pergunta calmo.

— Agrediu Jennifer no restaurante ontem à noite e só fiquei sabendo agora — digo olhando para Paige.

— Havia testemunhas? — ele sonda.

— Para o inferno se havia testemunhas, Adam! — berro sem acreditar na pergunta que me faz. — Aquela cadela tocou em Jennifer.

— Se há testemunhas é bom para...

— Não quero saber disso agora — interrompo. — Quero que você dê um jeito nela ou eu mesmo farei.

— Fique calmo, tudo bem? — ele tenta me tranquilizar. — Preciso de todas as informações possíveis.

— Por que não está aqui, porra! — eu grito novamente.

— Neil — ele responde agora com tom ameaçador. — Não sou seu empregado particular. Tenho minha empresa para cuidar e fica do outro lado da cidade.

Tenho vontade de mandar ele e sua empresa se foderem. Mas o bom senso prevalece.

— Certo. Desculpe. Estou muito nervoso — digo resignado.

— Estou indo até aí assim que puder e você me conta o que aconteceu — Adam diz.

Olho para meu relógio enquanto calculo a distância da sua empresa até a minha. Ele deve levar aproximadamente quarenta e cinco minutos, quando conseguir vir, considerando o trânsito.

— Paige está aqui, ela pode passar todas as informações que precisar — olho para ela para ver se noto algum sinal de protesto. Ela faz um sinal de positivo com o dedo. — Preciso falar com Jennifer e saber como ela está.

— Espere — Adam suspira. — Quem é Paige?

— Melhor amiga de Jennifer e sua companheira de apartamento — respondo apressadamente pegando meu terno. — Não posso explicar agora, Adam. Paige passará todas as informações. Ela o aguarda aqui na minha empresa.

— Tudo bem — ele assente. — Vou solicitar uma ordem de proteção.

— Obrigado — desligo.

— Em que apartamento ela está? — pergunto caminhando em direção à porta.

— Ao lado do meu antigo apartamento. E, Neil... — ela parece meio receosa. — Vá com calma, tudo bem? Ontem à noite não foi fácil e a última coisa que ela precisa é de um maluco ciumento que...

Eu não respondo, apenas aceno com a cabeça e saí enquanto ela continua falando. Não tenho tempo e nem paciência para seu discurso nesse momento. Estou morbidamente ciumento, não posso negar. Só de imaginá-la com outro, essa cena faz com que minhas pernas fiquem trêmulas. Calma, digo a mim mesmo. O cara é gay, certo? Além do ciúme estou fodicamente preocupado. O quanto ela está machucada? Por que não a levaram para um maldito hospital?

Passo pela recepção e percebo que a jovem e uniformizada recepcionista me encara nervosa. Dou um sorriso educado para acalmá-la e caminho apressadamente pelo saguão. Calvin já está me esperando no lado de fora. Não me lembro de tê-lo chamado, com certeza foi Penélope que o avisou que eu estava descendo. Nem sei exatamente como estou funcionando e nem por que me dirigi à saída do prédio e não à garagem.

— Por que não me avisou sobre ontem à noite? — cruzo os braços com olhar ameaçador.

Percebo que Calvin empalidece e fica sem palavras por alguns segundos.

— Desculpe Sr. Durant — ele parece constrangido. A Srta. Connor pediu que não o incomodasse e que falaria com senhor em seguida.

Minha vontade é despedi-lo e sem uma carta de recomendação, mas além Calvin ser o meu melhor segurança e motorista, Anne o adora. E também sei o quanto Jennifer pode ser teimosa quando quer.

— Conversamos depois. Direto para o Boulevard — digo entrando no carro.

Meus pensamentos remetem-me para a primeira vez em que estive naquele prédio. Muita coisa havia mudado desde aquele dia fatídico. Meu único pensamento era o quanto eu precisava ficar longe daquela mulher. Hoje meus pensamentos são o que preciso fazer para mantê-la junto a mim.

— Espere aqui mesmo, Calvin — digo descendo do carro. — Nós não vamos demorar. Nós porque não existe probabilidade alguma de sair dali sem Jennifer.

Entro no prédio e vejo a mesma loira da primeira vez, dessa vez ela está se despedindo de um cara velho. Quando me vê lança um sorriso cínico e acaricia os seios. Ignoro-a com um olhar de desprezo. Sigo para as escadas rapidamente, paro no apartamento que Paige me indicou e bato com mais força do que pretendia.

Alguns minutos depois um rapaz alto e magro abre a porta. Seus cabelos são negros e olhos castanhos, eu imagino que tenha uns vinte cinco anos. Tem um ridículo *piercing* no nariz e outro na boca. Definitivamente não é o que eu esperava.

— Onde ela está? — pergunto olhando através da sala bagunçada.

— Ela quem? — ele arqueia a sobancelha.

Apenas pelo fato de que prometi a Paige que me manteria calmo, respiro fundo e controlo o leão dentro de mim.

— Jennifer — sibilo.

— Quem gostaria? — ele continua aquele o ridículo jogo de provocação.

Empurro-o para o lado e entro no apartamento.

— Onde ela está? — repito dessa vez, bem mais ameaçador.

— No quarto dormindo — ele responde por fim.

Acho que minha expressão deixou claro que não estou para brincadeira. Sigo em direção ao quarto já que uma porta entreaberta me mostra onde é o banheiro.

Abro a porta com pressa, mas procuro não fazer barulho. Meu coração se contrai ao vê-la deitada em posição fetal, à cabeça apoiada nas mãos em forma de oração.

Agacho-me e afasto os cabelos de seu rosto delicadamente. Um arranhão avermelhado marca sua bochecha esquerda até a boca. Meus dedos tremem levemente ao tocar o machucado. Sinto-me impotente. Mais uma vez falhei em proteger uma pessoa que amo e dessa vez é Jennifer. Talvez fosse melhor deixá-la seguir com sua vida. Afinal conseguiu viver muito bem antes de me conhecer. Agora está machucada, desempregada e provavelmente com medo.

— Neil? — seus olhos se abrem e me encaram como se olhasse para mim. Pelo menos essa é impressão que eu tenho.

Eu não sou um cara bonzinho, nunca fui e por mais que minha razão diga para virar as costas e deixá-la, meu coração me diz não. Afasto os lençóis e a pego em meus braços.

— Neil? — ela parece confusa. — O que está fazendo aqui?

— Vamos para casa. E não falo daquele apartamento minúsculo, me refiro a minha casa, comigo e Anne. Ou então o flat, diga o que prefere.

— Coloque-me no chão — ela exige.

Eu ignoro seus protestos passo pela sala em direção à saída.

— Neil! — ela grita angustiada.

— Não pode levá-la à força — Paul interrompe meu caminho. — Jenny não precisa ir se não quiser — ele diz para ela.

Coloco-a no chão pronto a mostrar aquele garoto o que acontece quando se metem em meu caminho.

— Tente me impedir — eu avanço em sua direção.

— Não tenho medo de você — ele me enfrenta com uma coragem que dá vontade de rir.

— Parem vocês dois! — Jennifer grita. — Paul está tudo bem.

Ela sorri para o amigo e aquilo me deixa muito irritado.

— Eu vou com você — ela murmura secamente. — Obrigada Paul. Pode dar minha bengala?

O rapaz a contragosto procura na pilha de roupas no sofá e entrega a ela.

— Sabe que pode vir sempre que precisar — ele alisa o cabelo dela com carinho.

— Sei que sim — ela o abraça após pegar a bengala.

Jennifer caminha até a saída com tranquilidade como se conhecesse o local como a palma da mão. Fecho os olhos e contengo a raiva. Não preciso que ela saia correndo apavorada com minhas crises de humor. Seguimos silenciosamente até encontrarmos com Calvin na rua, que abre a porta do carro assim que saímos do prédio.

— Olá Calvin — ela diz antes de entrar.

— Para meu flat — digo a Calvin.

Entro no carro e observo que ela está sentada o mais longe possível de mim. Sinto um aperto no peito. Fico sem ação, só para variar. Tenho meus motivos para estar com raiva e angustiado. Por que ela não me procurou em primeiro lugar? É a pergunta que não sai da minha cabeça. Não consigo perceber o quão louco sou por ela?

— Quero ir para o meu apartamento — ela diz com o rosto virado para janela.

— Vamos para meu flat e de lá decidimos o que faremos — eu respondo o mais calmo possível.

— Lá não é minha casa — ela se queixa.

— Jennifer... — eu suspiro meus dedos esfregando minha testa. — Temos uma maldita maluca solta. Não creio que seu apartamento seja seguro.

Vejo-a se contrair contra a porta como se lembranças desagradáveis lhe viessem à mente.

— Por que não me ligou? — meu tom é áspero.

— Eu precisava pensar — ela responde levando as mãos ao rosto. — Talvez a gente precise de um tempo.

Fico pálido e minhas mãos geladas. Por um momento tudo ao meu redor perde o foco. O ambiente parece ficar frio, como se dedos de aço aprisionassem meu coração em meu peito.

— Pensei que já havíamos conversado sobre isso — murmuro e sem me importar com sua reação tomo-a em meus braços e mundo

parece voltar ao normal.

— Por isso não liguei — ela soluça. — Não consigo pensar quando estamos juntos.

— Não pense — beijo-a com ternura. — Jennifer eu prometo! Eu não vou falhar novamente.

Antes que ela possa protestar beijo-a com todo amor que existe em mim. Até que não reste dúvida do que sinto por ela. Seguimos em silêncio até o flat. Ao entrar tiro meu paletó e jogo no sofá. Ela entra encaminha até o sofá. Fico impressionado como ela faz algumas coisas com maestria. Veio aqui poucas vezes e já sabe andar sozinha aqui dentro. Ela é linda. Tudo que sempre quis para mim.

— Eu te amo! — As palavras saem antes que eu possa me conter. — Eu te amo e se você for embora levará tudo o que há de bom em minha vida.

Ela chora baixinho ao ouvir minha declaração.

— Eu também te amo — ela funga controlando o soluço. — Mas não posso amá-lo se isso significar o seu sofrimento e o de Anne.

— É exatamente isso o que você vai fazer — eu sussurro aflito. — Por que se for embora é exatamente o que vai acontecer. Dor e sofrimento.

— Você não estava lá — ela se contrai. — Não ouviu as coisas que ela me disse. Ela... ela...

— Shii. — acalento-a com carinho. — Sophia é uma mulher perturbada, meu anjo. Mas eu já estou cuidando disso. Pedirei uma ordem de proteção.

— Ela disse que ia matá-lo se eu não me afastasse. — grossas lágrimas caem de seus olhos.

Sinto meu corpo enrijecer e uma fúria conhecida tomar conta de mim. Sophia sempre foi louca, mas está se superando a cada minuto. Eu sempre fiz vista grossa, de certa maneira, mas agora não posso mais fazer isso. Além de Anne, agora tenho Jennifer. Talvez a culpa que sinto seja o que sempre me impediu de ver o que estava bem à frente do meu nariz. Passei todos os últimos anos arrumando desculpas para as suas atitudes, achando que por causa do uso excessivo de drogas e bebidas ela agisse assim e que merecia uma chance de se reabilitar. Mas agora não. Agora ela me tirou do prumo e irei pra cima dela com tudo para defender Anne e Jennifer. Se não bastassem as agressões à Anne, uma criança inocente que é sua filha, mas agora também com Jennifer. Ela nem sabe o que tenho com ela para agir dessa forma ensandecida. Vou acabar com isso de um jeito ou de outro.

— Nada irá acontecer, eu prometo — sussurro segurando-a mais forte em meu peito como um casulo.

Passamos o resto da tarde fazendo amor e tomando banho de banheira. Pedi ao Calvin que fosse à farmácia e comprasse remédios e pomadas para as suas escoriações. Por sorte ela tem apenas um corte leve no rosto e algumas escoriações pelos braços e joelhos. Como Sophia pode ter feito uma coisa dessas com uma pessoa cega? Santo Deus! Por mais que me doa, agradeço por não estar no restaurante, pois teria certamente matado Sophia.

Jantamos algo leve, pois ambos não estávamos com fome. Jennifer se mantém calada e distante, mas compreendo, depois de tudo que ela passou. Deito-a na cama e aviso que vou até minha casa rapidamente, apenas para ver Anne e que volto mais tarde. Sophia não sabe que tenho esse flat, então ela está em segurança. Ainda assim peço que não abra a porta para ninguém. Logo ela adormece. Visto minhas roupas e sigo para casa.

Chego a casa por volta das oito da noite e Anne ainda está acordada.

— Papai! Que bom que você chegou! — ela corre e me dá um abraço apertado — Podemos comer pizza de novo, papai? Por favor! — ela implora.

— Tudo bem, querida. Apenas hoje, mas sem refrigerante. Peça a Claire que faça os pedidos enquanto vou lá em cima tomar um banho, tudo bem?

— Sim, papai — ela sorri e vai atrás de Claire.

Subo as escadas e vou para o meu quarto. Na verdade preciso telefonar para Adam, pois passei boa parte da tarde com Jennifer e há sete ligações perdidas. Adam atende no segundo toque.

— Oi Neil.

— Olá Adam. Falou com Paige?

— Sim. Ela me contou o que aconteceu ontem.

— E então? Quais providências nós podemos tomar para mantê-la longe?

— Bem, primeiro fui ao tribunal e conversei com um juiz que é meu amigo. Expliquei todo o ocorrido e preenchi todos os formulários necessários, mas não entreguei nada ainda, pois queria saber a sua decisão. Caso os formulários sejam entregues Sophia será intimada a comparecer ao tribunal e Jennifer também. Ambas serão ouvidas e o juiz sentenciará a favor de Jennifer, provavelmente, pois existem testemunhas que poderão também ser ouvidas. Sugiro que você tire fotos das lesões de Jennifer, caso as tenha.

— Sim, posso fazer isso ainda hoje. Continue — incentivo-o.

— Com a ordem de proteção, Sophia deverá manter distancia de Jennifer e o juiz determinará o quanto estando ambas no mesmo local ou não. Provavelmente será estipulada uma multa que, em geral, é alta e ela não poderá entrar em contato por telefone ou e-mail. Tal ordem pode durar até dois anos ou mais, depende do critério do juiz.

— Ótimo.

— Sophia ainda será obrigada a assistir aulas sobre prevenção a violência e poderá cumprir trabalho voluntário comunitário. Caso se recuse pode ir presa, e ficará em condicional por até cinco anos, mas Jennifer pode recusar o julgamento e livrá-la de tudo isso, se quiser.

— Sophia pagará dessa vez — digo com veemência.

— Tudo bem, Neil. Caso Sophia não compareça ao julgamento, este correrá à revelia e Jennifer obterá tudo que acabei de lhe dizer. Isso também conta a seu favor no processo de divórcio. Será um atenuante que será considerado quando da obtenção da guarda de Anne. Mas devo alertá-lo de mais alguma coisa.

— O quê, Adam? Quero que Sophia pague por todo sofrimento e dor que causou à Jennifer.

— Eu entendo Neil. Mas um processo dessa natureza envolvendo você, não é bom para seus negócios e para a sua imagem pública. Se ela fizer um escândalo sobre isso... — ele explica. — Você teve recentemente um de seus projetos mais rentáveis furtados e ainda tem todo o seu passado com Sophia que poderá vir à tona. Sei que no momento está com raiva, mas não seria o caso de conversar com ela?

— Nem pensar, você a conhece. Não estou preocupado com minha imagem pública. Apenas quero que ela mantenha-se o mais distante possível de Jennifer. Você a conhece, ela não tem limites, Nada do que eu disser a convencerá se ela estiver disposta a agredir e ferir Jennifer. Não posso correr esse risco.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Por um lado Adam tem razão. Meu passado não é algo que eu queira que venha à tona agora, principalmente publicamente e com Sophia totalmente louca e desnorreada, não sei o que ela pode fazer. Pelo visto ela está disposta a tudo. Deus do céu! Estou num mato sem cachorro. Prometi à Jennifer que a protegeria, mas também não me sinto seguro quanto a lhe contar sobre meu passado. Eu poderia simplesmente perdê-la.

— Você já entregou os formulários? — questiono.

— Não. Como disse, apenas preenchi e conversei com esse juiz, pois se eu entregar os formulários eu tenho certeza de que ele fará de tudo para nos ajudar. Esperei para conversar com você para saber se deveria seguir adiante. Telefonei mais cedo, mas você não atendeu.

— Certo. Aguarde até amanhã. Preciso pensar no que vou fazer. Não tenho intenção de trazer meu passado à tona no momento.

— Eu imaginei Neil.

— Telefone para você amanhã. E obrigado mais uma vez, Adam.

— Mais uma coisa, Neil — ele diz vacilante.

— O quê?

— Sophia sumiu. Nem seus pais sabem onde ela está.

— Porra Adam! Como assim? Onde essa maluca se meteu agora? — eu estou praticamente berrando, mas tenho que me conter por que Anne está lá embaixo.

— Não sei. Mas pretendo falar com Peter para saber se ele pode nos ajudar a localizá-la.

— Tudo bem. Obrigado Adam — digo resignado.

— Conte comigo. E fique tranquilo, eu o mantereii informado — ele diz e desliga.

Merda! Eu não havia pensado nas consequências de pedir uma ordem de proteção para a Jennifer. Sophia pode tomar isso como uma afronta ainda maior que o processo de divórcio e trazer toda a sujeira a público. Tomo banho, troco de roupa e desço para encontrar Anne.

Capítulo Quinze

Depois de colocar Anne na cama volto para o flat. Meus pensamentos estão em conflito, mas essa não é uma decisão que cabe a mim. A escolha está nas mãos de Jennifer.

Apoiarei qualquer que seja. E darei um jeito se tudo isso respingar nos negócios. É o que eu faço transformar problemas em soluções. A única coisa que não posso permitir é essa distância que ela quer colocar entre nós.

Assim que entro no flat sigo direto para a suíte. Ela ainda está dormindo enrolada sob os lençóis. Dispo de minhas roupas e deito a seu lado. Ela se aconchega a mim, apoia a cabeça em meu peito, suas pernas se enroscam nas minhas.

Sinto meu coração saltar no peito e um sorriso torto vem aos meus lábios. Jennifer pode querer tentar se afastar, mas seu corpo a direciona até a mim.

Afasto uma mecha de cabelo de seu rosto e faço uma pequena prece para que nosso amor seja forte o suficiente para suportar tudo isso. Eu a amo, a palavra não expressa nem metade do que realmente sinto. Estou me tornando tão dependente dela que chega a ser assustador. Não suportarei viver sem o calor de seu corpo, sua voz doce e melodiosa, sua teimosia, inteligência e bondade. De alguma forma tenho que convencê-la de que ficaremos bem. Desistir não é algo em minha personalidade.

— *Não!* — o grito ecoou pelo quarto. Seu grito de terror é tão intenso que me despertou imediatamente. — *Não faça isso, por favor!*

Jennifer está agarrada ao lençol e lágrimas escorrem por seu rosto. Vejo o pânico e desespero em seu rosto pálido, isso me destrói.

— *Não faça isso!* — ela volta a gritar. — *Deixe-a!*

— Jennifer, acorde! — sacudo-a levemente para não assustá-la. — Ei anjo, acorde.

— *Não! Não! Não!* — ela repete sem parar me deixando angustiado.

Já presenciei Anne tendo pesadelos e em meus momentos mais sombrios tive alguns, mas ela parece mergulhada em algo realmente profundo e doloroso. Seu corpo está gelado e suando frio. Suas unhas estão cravadas nas palmas das mãos e o corpo está rígido e agitado.

— Jennifer acorde! — sacudo-a mais forte dessa vez. Preciso tirá-la dali, desse estado de devastação no qual se encontra. Parece está sendo consumida pelo fogo como pólvora, embora seu corpo continue frio, gelado. Isso me assusta. — Acorde! Jennifer!

Seus olhos se abrem arregalados e ela pisca várias vezes como que se quisesse se orientar. Fecha os olhos novamente, se contrai e encolhendo-se. Afasta-se de mim e vai para canto da cama em posição fetal. Aproximo-me com cuidado, eu não quero assustá-la. Seu repentino silêncio me deixa em pânico. Toco em seus cabelos e ela se encolhe mais. Sento-me na cama resignado, sentindo-me impotente. O que a deixou tão abalada que até meu toque a machuca?

— Jennifer — Tento segurar sua mão, mas ela a puxa. — Jennifer sou eu. Foi apenas um pesadelo — Sinto-me perdido, confuso e dilacerado.

Ela morde a mão para conter um soluço.

— Não foi — ela começa a secar as lágrimas com raiva. — São lembranças. São malditas lembranças! Elas não me deixam em paz. Quero que vá embora.

A angústia em sua voz me martiriza. Tenho que fazer alguma coisa. Algo que faça essa dor ir embora. Que lembranças são essas? Por que a machucam tanto a ponto de deixá-la transtornada? Longe de mim de uma forma que me deixa arrasado. Eu sei lidar com meus próprios demônios, mas ver os dela é mais do que posso suportar. Não sei como agir.

— Sobre o quê são? — pergunto me aproximando com cuidado. Minha voz está rouca e falha. Ela parece um animal assustado e ferido.

Sei que preciso ter cautela para que não aumente a barreira entre nós dois. — É sobre o seu acidente?

— Não, não é — ela fecha os olhos com força. As lembranças parecem trazer mais dor. — Aquele homem, seus olhos... Eu vi tudo, eu não consegui ajudá-la.

Quero abraçá-la e apertar em meus braços até que possa afastar toda a dor até que o calor do meu corpo pudesse aquecê-la. Eu não faço isso, ainda. Ela precisa de um pouco de espaço. Ficamos ali em silêncio por alguns segundos, enquanto lágrimas silenciosas descem por seu rosto.

— Nunca vou poder esquecer aqueles olhos, seu rosto... — Jennifer senta na cama abraçando os joelhos, ainda está trêmula. — A frieza e o prazer que ele tinha em machucá-la. — Respira fundo tentando se controlar.

— Eu não fiz nada... — um choro compulsivo toma conta dela. — Eu não fiz nada, agora ela está morta.

Preciso de um momento para controlar as emoções. Cerro os olhos e percebo que estão úmidos.

— Não precisa contar se isso a perturba.

Falar sobre o assunto pode ser doloroso, mas os anos de terapia que fiz me ensinaram que em algum momento você tem jogar isso para fora. Tem que deixar que as coisas ruins saírem, antes que elas consumam você como fogo, até que não reste nada além da dor e as lembranças. Aprendi que guardar é pior, não alivia o sintoma, mas corroí a alma. Não esquecemos o trauma, mas podemos atacar o sintoma e isso alivia o que sentimos, por que simplesmente compreendemos.

Martirizamo-nos com culpa, rejeição e toda a porcaria da mente quando muitas vezes a verdade está diante de nós. Mas não sou eu que tenho que dizer isso a ela. Ela tem que descobrir por si mesma, ou guiada pela ajuda de um profissional.

— Ela me olhava pedindo ajuda enquanto as mãos dele impediam de gritar — ela continua, as lágrimas correm por seu rosto. — Minha irmã me viu através da cortina. Seus olhos gritavam por ajuda, mas eu... Eu tive medo.

Ela volta ao choro compulsivo. Doloroso demais para mim.

— Sinto muito — meu coração gela com o que ela diz. O quanto deve ter sido doloroso presenciar aquilo.

— Ele me viu também — Sua mão foi até a garganta. — Isso parecia que o deixava realizado. Como eu pude não fazer nada. Eu o odeio! Eu me odeio!

Entendo seu ódio, a culpa que ela carrega por não ter impedido. Entendo não como um espectador ao ver a dor da outra pessoa, mas da forma de quem também havia presenciado algo semelhante.

Culpa e Medo.

Um terrível sentimento de culpa. Conheço esse sentimento, ele me persegue dia a dia, há anos. Não importa o quanto eu seja melhor hoje, o quanto ajude outras pessoas, a culpa insiste em me perseguir. Anos de terapia aliviaram, mas não apagaram totalmente. Eu apenas aprendi a lidar com ela, mas incontáveis e números “se” perseguem-me. Se tivesse interferido antes. Se tivesse previsto que era mais um jogo macabro para Nathan. Se tivesse contado a meus pais. Se...

— Ele em cima dela como um animal — ela continua. — Sorrindo enquanto ela se debatia. Eu nunca vou esquecer isso! Nunca!

O que poderia dizer? Eu sabia que era verdade. Não se esquece de algo tão traumático assim, ainda mais sendo tão jovem como ela era.

— O estranho é que depois que conheci você não tive esses pesadelos — ela suspira agora um pouco mais calma — Me sinto segura ao seu lado.

Sua declaração me toca.

— Vem cá — deito e levo-a comigo em meus braços, ela já não protesta ou me afasta. — Sempre estará segura comigo. Sempre! Agora descanse.

Beijo seus cabelos e acaricio seus braços, embalo-a como uma criança. Sua temperatura parece voltar ao normal. Ao poucos a sinto relaxar, sua respiração fica irregular e noto que caiu no sono. Quero saber mais sobre seu passado. Conversamos sobre muitas coisas. Seu trabalho, as músicas que ela gosta e seus amigos, mas seu passado é uma incógnita para mim. Não havia insistido muito no assunto quando via que ela ficava nervosa, esses traumas ainda a machucam. Eu não insisti, como poderia se prefiro esquecer o meu? No entanto, isso é algo doloroso demais para deixar de lado.

Olho para o relógio na mesinha e vejo que passa das quatro da manhã. Fecho os olhos deixo que o sono e o cansaço me dominem.

Acordo e aliso o colchão ao meu lado. Está vazio. O pânico toma conta de mim, sento-me rapidamente e esfrego os olhos procurando me orientar, olho para o relógio na cabeceira, são seis e quarenta. Ouço um barulho de água vindo do banheiro.

— Está apenas tomando banho — murmuro.

Pego o telefone na mesinha ao lado e peço o serviço de quarto. Vou para o banheiro e vejo-a com as mãos escoradas contra a parede enquanto a água desliza por suas costas.

— Jennifer? — chamo-a cautelosamente.

Ela desliga o chuveiro, procura a toalha e se enrola nela. Passa por mim apressadamente, minha sensação é que mesmo se ela pudesse enxergar não me encararia. Está fugindo. Caminho até ela e giro seus ombros obrigando-a me encarar.

— Jennifer?

Ela fecha os olhos e respira fundo.

— Precisamos conversar — ela sussurra.

O medo trava-me por um momento, mas forço a razão dominar a emoção. Preciso ter calma nesse momento, qualquer atitude impensada da minha parte pode colocar tudo a perder.

— Está bem — digo soltando-a. — Por que você não termina de se arrumar? — Sigo em direção ao Box. — Pedi o serviço de quarto, conversamos durante o café — digo antes de entrar no banho.

Deixo a água correr pelo meu corpo enquanto tento organizar meus pensamentos. Teremos que lidar com isso de alguma forma. A possibilidade que tudo termine não é opção para mim. Não posso aceitar isso, eu não conseguiria. Lutarei pelas pessoas que eu amo até meu último suspiro.

Vou para quarto visto camisa branca, terno cinza e a gravata. Ouço baterem na porta enquanto calço os sapatos. Saio do quarto a tempo de ver um rapaz posicionar um carrinho com café da manhã ao lado da mesa, seus olhos estão focados nas pernas de Jennifer que está usando uma minissaia jeans. Não havia reparado o quanto era curta na noite anterior. Na verdade não havia reparado em muitas coisas, a única coisa que me importava era tê-la em meus braços.

Entro na sala e dou um olhar duro para o rapaz, entrego uma gorjeta e dispenso-o.

— O café chegou — falo asperamente.

Ela dá de ombros e senta, não sei se está tentando ignorar meu tom ou a mim. Tenho vontade de esmurrar a parede, uma crise de ciúmes não irá me ajudar nesse momento. Coloco o paletó em uma cadeira e me sento ao seu lado.

— O que você quer? — mudo de assunto. — Café, chá, suco?

— Suco está bom para mim — ela responde, sua voz é suave, mas percebo pela rigidez de seu ombro que está tensa.

Sirvo suco de laranja e café puro para mim. Viro-me para fitá-la. Está ainda mais linda se é que é possível. Seus cabelos úmidos estão presos em um rabo de cavalo, caindo por suas costas, seu rosto parece de porcelana e as pequenas sardas em seu nariz e bochecha lhe dão um ar juvenil. Está usando a blusa branca da noite anterior sem mangas e com pequenos botões de pérolas.

Jennifer dá um pequeno gole no suco e passa a língua entre os lábios. Sinto meu corpo começar a reagir a isso. Ela dá um longo suspiro e seus seios empinam com o movimento. Mexo em minha cadeira e tento encontrar uma posição confortável. Droga! Poderia passar a manhã

inteira apenas observando seus gestos. Céus a mulher tem ideia de como é sexy? Posso ter um orgasmo facilmente apenas em observá-la.

— Torradas, frutas, pão... — minha voz está áspera. Limpo a garganta tentando me controlar. — O que quer comer?

— Estou sem fome — ela diz com firmeza. — Precisamos conversar Neil.

— Certo, vamos conversar — respiro fundo. — Por onde quer começar?

— Refleti sobre tudo e acho melhor terminarmos — seus lábios tremem ao dizer as últimas palavras.

— Do que tem medo Jennifer? Sophia? — Digo com mais calma do que realmente sinto. — Falei com Adam. Você pode solicitar uma ordem de proteção contra ela. Não poderá se aproximar de você ou até mesmo ligar.

— Como? — ela parece confusa e apreensiva.

— Vocês duas ficarão de frente ao juiz e ela será julgada. Como temos provas e testemunhas, Sophia será obrigada a pagar uma multa e prestar serviço comunitário. No mínimo terá que ficar longe de você por uns dois anos.

— Isso pode prejudicar você ou Anne de alguma forma?

— Isso não importa! — meu tom é áspero novamente. — Estamos falando da sua segurança e me pergunta em que isso me prejudica?

— Fico preocupada com Anne também — ela torce os dedos, um gesto que sempre faz quando fica nervosa. — Ela pode ser afetada?

— Não sei Jennifer — respondo. Como posso explicar? Se disser toda a verdade posso colocar uma barreira ainda maior entre nós dois. — Talvez sim. Não sei o que passa na cabeça de Sophia. Ela pode fazer um escândalo. Anne volta para o colégio em alguns dias, você sabe que às vezes as crianças são maldosas. Não citei sobre os negócios, não preciso jogar mais merda sobre ela.

— Existe outra opção? — ela pergunta, os nós de seus dedos estão brancos agarrados à borda da mesa. — E se eu não quiser prestar queixa?

— Tenho que mantê-la longe dela — respondo. — Aumentar a segurança em torno de você.

— Não gosto disso — ela retruca. — Sei cuidar de mim, não preciso de todo esse circo em...

— Vai ser isso ou vamos prestar queixa! — eu interrompo, minha voz soa mais alta e áspera do que pretendia. — Você não tem escolha. Estamos lidando com uma mulher perturbada Jennifer.

— Na verdade eu tenho — ela se levanta e coloca a distância entre nós. — O que ela deseja é que eu fique longe. É isso que eu vou fazer.

— O que quer dizer? — minha voz sai aguda e angustiada.

— Vou embora, sair da cidade por um tempo — vira de costas para mim, mas não antes que eu veja seus olhos marejados. — Acho terminamos.

— O quê? — eu engulo seco tentando desfazer o nó que se forma em minha garganta. — De onde saiu isso?

— Começamos de forma errada, Neil — sua voz é quase um sussurro. Posso sentir a dor em sua voz. — Terminaremos da forma errada. E será a Anne que sofrerá com isso tudo.

— Jennifer...

— Eu não posso observar outro inocente ser destruído por minha culpa — ela soluça e esconde o rosto entre as mãos. — Não vou me perdoar.

Então é isso, o sentimento de culpa do passado faz com que destrua ou queira destruir nosso futuro juntos. Passam-se alguns segundos que parecem horas. Sinto arrepios gelados percorrerem minha espinha.

— Não há certo ou errado minha querida — eu argumento, não vou desistir sem lutar — Amamos um ao outro e isso é o que importa.

— Por favor, Neil. Não torne tudo isso ainda mais difícil. — ela respira fundo. — Por favor! — ela soluça.

— Você não pode ir embora — digo tentando controlar o pânico.

— Eu vou — ela balança a cabeça mecanicamente. — Depois que isso tiver terminado, se o que sentimos ainda for verdadeiro...

— Para o inferno Jennifer! — eu grito dando vazão ao meu desespero, agarro seus ombros e sacudo-os na esperança de que possa colocar alguma razão em sua cabeça. — Não faça isso! — grito furioso, uma explosão de sentimentos tomando conta de mim.

— É preciso — ela pronuncia as palavras lentamente — Eu quero ir para casa agora.

Então é isso? O fim? Esse sentimento devastador tomando conta de mim. Essa dor dilacerante que parece triturar cada parte do meu corpo. Essa sensação de que todo ar em minha volta desaparece e eu não consigo fazer algo tão simples como respirar.

Encaro-a sem compreender. Seus lábios dizem uma coisa, mas seus olhos me mostram outra. Sempre pude enxergar dentro deles e o que vejo é a mesma dor refletida, dilacerando-a por dentro. Nas profundezas daquele olhar eu enxergo a contradição de suas palavras.

Pense! Pense! Pense!

Grita uma voz dentro da minha cabeça. Todo meu corpo está dormente, pareço anestesiado.

— Está bem. Jennifer, eu poderia lutar por você durante toda a eternidade. Meu coração está me mandando fazer isso, mas a minha razão não. Não posso ficar ao lado de uma pessoa que não quer estar comigo. Eu sinto muito, muito mesmo, mas devo fazer o que você me pede, mesmo que isso me mate por dentro. — falo em uma voz surpreendentemente calma, mas um pouco trêmula.

Porra! O que estou fazendo? Deixando-a ir?

Ela respira fundo, como se estivesse segurando por muito tempo. Seu rosto está angustiado, morde o lábio e abaixa a cabeça.

— Obrigada — ela se afasta um passo de mim. — Quero ir para casa agora.

— Vou pedir que Calvin a leve — sussurro.

Pego o telefone em cima da mesa e dou as instruções a Calvin. Sigo até a cadeira onde está meu paletó e o visto automaticamente. Preciso sair daqui.

— Calvin virá em alguns minutos. Ainda podemos ser amigos? — digo num fio de voz.

Ela sacode a cabeça devagar, seu rosto voltado para o chão, parece surpresa com o que eu disse. Levanta a cabeça rapidamente, noto o rastro de lágrimas em seu rosto.

— Neil...

— Apenas amigos, Jennifer — chego perto dela, nossos corpos quase colados. — Eu não vou tocar em você...

Minhas mãos deslizam por seus braços.

— Não vou beijá-la... — falo roçando meus lábios nos dela. — Ou tomar você como minha. — sussurro em seu ouvido.

Eu posso sentir a eletricidade percorrendo nossos corpos. O desejo ainda está ali, pulsando tão forte como a primeira vez. Negando tudo o que ela disse há alguns minutos.

— Eu não vou, não quero — sua voz está agitada.

Mentirosa!

Nesse momento apenas se a tocar ela se contorcerá em meus braços, mas eu não vou fazer isso. Jennifer terá que voltar para mim por sua própria vontade. Sem receios, culpa ou medo. Ela vai voltar, vou garantir isso.

Caminho até a porta com uma dor no peito, me arrastando lentamente. A vontade que eu tenho é me jogar a seus pés e implorar, me humilhar se for preciso. Respiro fundo, nesse momento o que ela precisa é de espaço. Eu posso fazer isso, eu consigo mesmo meu coração dizendo o contrário. Se esse é o caminho para mantê-la junto a mim. Não estou desistindo, juro para mim mesmo. Apenas mudando a estratégia.

— Neil? — ela me chama.

Eu dou meia volta sem conseguir evitar que a esperança me envolva.

— Sim?

— Adeus — ela sussurra baixinho, quase inaudível.

— Até logo, Jennifer — saio e me apoio contra a porta. Eu não posso dizer adeus.

O corredor parece impessoal e frio, ele me sufoca. Minhas pernas tremem, levo as mãos até os joelhos e busco o ar profundamente. Consigo ouvir um zunido em meu ouvido e meu coração acelera como louco.

— Tudo bem, senhor? — Calvin está ao meu lado. Não o vi chegar e não sei há quanto tempo estou ali.

— Não está— respiro fundo. — Mas vai ficar.

Ainda atordoado sigo para o elevador deixando Calvin com um olhar interrogativo. Não tenho tempo energia para isso agora. Preciso pensar. Sou conhecido por ser um grande estrategista, minhas habilidades nos negócios tem que me ajudar de alguma forma. Preciso apenas agir friamente, vou encontrar uma maneira para que tudo fique bem. Talvez Jennifer tenha razão. Começamos de forma intensa e apaixonada, precipitada, mas não errada. Isso nunca. Só preciso encontrar caminho certo.

Chego ao escritório meia hora depois, passo pela recepcionista sorridente e aceno com um gesto de cabeça. Meus pensamentos estão longe. A certeza de que eu não vou desistir dela é a única coisa que me mantém em pé. Olho para o relógio passaram-se quarenta minutos, os minutos mais longos da minha vida. No entanto foi tempo suficiente para elaborar o plano B.

— Bom dia Penélope — Cumprimento-a assim que entro no escritório.

— Sr. Durant — ela se levanta e me dá um sorriso educado.

— Ligue para Peter e peça que venha até aqui, agora — ordeno. — E reserve uma mesa naquele restaurante italiano para o meio dia.

— Sim, senhor — ela volta a sentar e pega o telefone.

Entro em minha sala como um zumbi. Analiso alguns contratos em minha mesa. Meu lado racional obriga meu emocional a me manter a afastado. É a única maneira de me manter são. Faço alguns telefonemas, respondo alguns e-mails e perco a paciência com alguns diretores. Ligo para meu agente da bolsa de valores e verifico o andamento das ações. Fico aliviado ao saber que apesar de forma lenta elas voltaram a subir. Parece que um escândalo em outra companhia tinha desviado as atenções. Marco uma reunião com setor financeiro para avaliarmos os rendimentos trimestrais. Apesar de todos os problemas, os últimos meses foram os melhores em faturamento, isso ajudará com os novos investidores. Faço tudo automaticamente.

O som agudo e a luz piscando no telefone em minha mesa me alertam que Penélope está na linha.

— Sr. Durant — a voz de Penélope soa calma. — Peter está aqui.

— Deixe-o entrar, Penélope.

Levanto-me e vou até a ampla janela do escritório. Realmente eu possuo uma vista privilegiada de Manhattan. Incontáveis arranha-céus estão espalhados pela cidade. Ao meu lado está o Empire State Building e ao longe posso ver o rio fluindo pela cidade de Nova York. O prédio

da DET - Durant Enterprises And Technology é o terceiro maior prédio da cidade. É um arranha-céu de 100 andares localizado em Manhattan, no cruzamento da Quinta Avenida com a 34 West Street. Além de ser sede da Durant Technology, as salas são alugadas para companhias de publicidade, empresas prestadoras de serviços ou lojas exclusivas.

— Sente-se Peter — digo assim que ouço a porta se fechar.

Continuo observando a cidade. O céu está nublado indicando que irá chover em breve, uma das características de Nova York. O clima reflete o meu real estado de espírito, cinza e nebuloso.

— Preciso da sua ajuda Peter — volto para minha mesa e o encaro. — Preciso de segurança.

— Mais? — ele ergue a sobrancelha de forma interrogativa.

— Para Jennifer — respondo. — Seguranças discretos para que ela não perceba ou outras pessoas, claro.

— Sophia? — ele se inclina em minha direção.

— Sim ou qualquer pessoa relacionada a ela — eu explico. — Jennifer quer sair de Manhattan por um tempo.

— Isso não será um problema — ele dá de ombros encostando-se à cadeira. — Para onde ela vai?

— Lembra-se da minha cabana no lago perto das montanhas em Vermont?

— Sim — ele ri. — Chamar a casa de cabana é um eufemismo.

— Quero que Jennifer fique lá — respondo ignorando sua brincadeira.

— Você quer? — ele coça o queixo como se avaliasse minhas palavras. — Não é o que ela quer, certo?

— Na verdade ainda não falamos sobre isso — murmuro frustrado.

A cabana possui dois andares, toda feita de madeira rústica com amplas portas e janelas, há um píer com uma linda vista para o rio. Um lugar muito bonito, principalmente para quem aprecia ver o pôr do sol através do lago. O melhor de tudo é que fica a cinco horas de distância de Manhattan. Longe o suficiente para mim. Ela terá todo espaço que precisa. Talvez o ar puro, a calma e a serenidade do lago e das montanhas possa fazer com que ela reflita melhor.

— Tudo bem — Peter interrompe meus pensamentos. — Vou selecionar dois dos melhores seguranças da minha equipe.

— Eles têm que ser discretos, Peter — ênfase.

— Não se preocupe — ele levanta a mão me tranquilizando. — Eles são bem treinados para esse tipo de situação.

— Quando ela pretende ir?

— Espero que nesse fim de semana — respondo.

— Certo. Teremos tempo de mapear o local — ele faz uma pequena pausa. — Precisarei das chaves.

— Penélope pode providenciar isso para você.

— Eu entro em contato então — ele se levanta e vai em direção à porta.

— Obrigado.

Até o momento as coisas estão seguindo a ordem do planejamento. Há algo mais que preciso fazer. Uma pessoa com quem preciso conversar. Olho para o relógio em meu pulso e vejo que já passa das onze horas. Meu pensamento volta para Jennifer. Da tristeza que vi em seu

rosto quando fui embora. A mesma tristeza que me corrói, que dilacera o meu peito. Não posso pensar em minha dor agora, ela é passageira, tem que ser passageira.

Pego o celular em cima da mesa e seleciono o número na agenda.

— O que você quer? — ela sussurra do outro lado da linha.

— Quero falar com você, Paige — levanto e começo a andar pela sala.

— A única coisa que quero dizer para você é que vá para o inferno — ela grita e desliga.

Eu mecho meus olhos e respiro fundo algumas vezes. Encosto minha testa contra a parede de vidro e deixo que a superfície gelada me acalme. Volto a discar tentando manter meus sentimentos sobre controle.

— Não desligue — ameaço com tom ríspido. — Quero falar com você e não aceito um não como resposta.

— Está bem — ela concorda com má vontade. — Mas não se atreva a vir aqui.

A ameaça em sua voz me faz ter vontade de rir. Nada no mundo me impediria de ir até lá se essa fosse a minha vontade.

— Eu não vou — esclareço. — Olhe, há um restaurante próximo ao escritório, me encontre lá ao meio dia.

— Eu não sei... — ela sussurra, sua voz parece preocupada.

O que está acontecendo? Não pode ser algo grave ou Calvin teria avisado.

— Jennifer está bem? — Pergunto com testa franzida.

— O que significa bem para você?

Meu coração aperta. Ela está sofrendo tanto ou mais do que eu. Quero jogar tudo para alto e mandar tudo para o inferno. No entanto, eu não posso fazer isso. Não posso impor minha vontade a qualquer custo, não se isso custar afastá-la ainda mais.

— Espere — sua voz soou do outro lado. — Vou pegar uma caneta para anotar o endereço...

— Não será preciso — interrompo-a. — Dylan irá buscar você em torno de meio dia e meio.

— Tudo bem — ouço-a suspirar. — Tenho que ir agora.

Ela desliga apressadamente.

Encaro o telefone com olhar chocado. Desligou na minha cara de novo? Volto a me sentar e tento me concentrar no trabalho, uma tarefa que parece impossível a todo o momento meus pensamentos voltam para Jennifer. Como ela está? O que está fazendo? Como está se sentindo? Estará sentindo minha falta como eu sinto a dela?

Vinte minutos antes do combinado visto meu paletó e saio da sala a caminho do restaurante que fica apenas a cinco minutos do escritório, mas estamos no horário de *rush*, portanto preciso sair alguns minutos antes.

— Estou saindo para almoçar — aviso Penélope assim que saio. — Não quero ser incomodado.

— Sim senhor. Calvin já está lá embaixo.

— Obrigado.

Entro no elevador e seleciono a saída privativa. Enquanto o elevador desliza entre os andares eu pego meu celular navego até minha galeria de fotos. A primeira pasta contém fotos dela na suíte, as marcas de agressão em seu corpo me deixa irado. Uma raiva incontrolável toma

conta de mim. Sigo para outra página e fico admirando as fotos que tirei dela a primeira vez que estive em minha casa, isso me acalma. Fotos dela conversando com Anne, as duas sorrindo enquanto conversavam sobre o desenho, fotos das duas brincando com cachorro perto da piscina. As fotos seguintes são do momento que estamos no jardim, nós dois sentados perto das rosas. Uma rosa vermelha está presa em seus cabelos, seu sorriso é radiante.

O elevador para no subsolo e eu saio apressadamente, as emoções tomando conta de mim.

— Senhor — Calvin me cumprimenta e abre a porta para que eu possa entrar.

Sento-me no estofamento de couro, sinto o carro movimentar, mas continuo mexendo no celular. A próxima tela é um pequeno vídeo que fiz dela naquele dia. Aperto a tecla play e ouço sua voz cristalina através do aparelho.

— O que você está fazendo? — Jennifer pergunta me dando um sorriso ainda mais lindo. — Neill! Pare de tirar fotos!

Ela cruza os braços e faz bico fingindo-se de zangada.

— Estou apenas eternizando esse momento — Minha voz parece divertida ao fundo. — Não seja chata.

— Eu não sou chata — e mostra a língua.

— Não deveria ter feito isso, Srta. Connor — a câmera é direcionada para o chão e nossos sussurros podem ser ouvidos ao fundo.

Sinto algo deslizar pelo meu rosto e percebo que são lágrimas saltando por meus olhos. Curvo-me contra os joelhos e deixo que as emoções tomem conta de mim. Sim, eu choro. Nesse momento eu não vejo nada de errado nisso. Também não sinto vergonha em dar vazão aos meus sentimentos.

— Tudo ficará bem, senhor — Calvin diz como forma de consolo. Embora ele não saiba exatamente o que acontece me estado indica que as coisas não estão bem.

Levanto a cabeça e vejo Calvin me observando pelo retrovisor, eu não levantei o painel privativo. Com certeza ele escutou o vídeo e meu rompante. Seu olhar é complacente. Não, eu diria que é um olhar de piedade. Eu não ligo, ao analisar meus sentimentos até eu sinto pena de mim.

— Eu espero que sim, Calvin — respiro fundo. Para meu próprio bem eu espero que sim.

Mesmo com toda essa certeza de que isso é apenas uma fase na qual estamos passando, isso dói e muito. Não quero nem imaginar como será se tudo estiver perdido. Só o pensamento me sufoca.

— Como ela ficou Calvin? — eu sussurro. — Não, não me conte.

Eu não preciso saber. Afirmo para mim mesmo. Aquilo vai me destruir ainda mais. Nesse momento eu preciso ser forte, mesmo isso me aniquilando.

Calvin estaciona e sigo para o restaurante. O maître me recebe com um sorriso e me guia até minha mesa. Observo o local enquanto o garçom me entrega a carta de vinhos. É um lugar bem aconchegante e elegante. Decorado em tons de vinho, vermelho e branco.

— Eu avisei você!

Levanto os olhos e vejo uma Paige furiosa diante de mim. Está segurando um copo de água que há pouco segundos estivera sobre a mesa. Seu olhar é feroz. Paige se inclina na minha direção como se estivesse pronta para o ataque.

— Você não se atreveria a fazer isso — eu sibilo encarando-a.

Bem, ela fez.

Capítulo Dezesseis

Fico totalmente atônito com a cena que se desenrola diante de mim. Como se estivesse em câmera lenta e, antes que possa me desviar ou impedir tal afronta, a água dentro do copo é lançada em minha direção. Tudo não durou mais do que alguns segundos, mas posso dizer que foram intermináveis minutos.

O olhar determinado de Paige, meu olhar incrédulo e o copo d'água em meu rosto fazendo com que minha camisa antes imaculada fique completamente encharcada. Levanto rapidamente, um garçom se aproxima de maneira solícita. Seu olhar é tão incrédulo quanto o meu.

— Está tudo bem — aceito o guardanapo de linho que ele me entrega e enxugo meu rosto, dispensando-o com um aceno de mão.

Encaro Paige com um olhar ameaçador, o mesmo olhar que costuma fazer as pessoas tremerem e fugirem como coelhos assustados. Nesse momento estou inegavelmente irritado.

— Você está louca? — minha voz soa mais ríspida. — Sente-se! Agora!

Ela parece surpresa com sua ação intempestiva e meu tom de voz. As pessoas ao redor nos encaram. Alguns parecem surpresos outros abismados. Vejo-a sentar, olhos voltados para a mesa. Suas faces estão vermelhas e não consigo decifrar se é de vergonha pelo que fez ou se ainda está com raiva de mim. O motivo eu ainda pretendo descobrir.

— Gostaria de saber o que aconteceu há cinco minutos? — digo com uma calma contrária ao que realmente sinto.

Ela me encara e volta a baixar a cabeça.

— Paige! — Meu tom de voz é ameaçador.

— Você prometeu que não iria machucá-la, Neil — ela respira fundo. — No entanto, passei as últimas três horas vendo minha amiga chorar desoladamente.

— Sinto muito — eu digo numa voz inexpressiva. — Mas foi ela que terminou comigo.

Mesmo para os meus ouvidos a desculpa soa patética. Pareço um garoto de quinze anos que perdeu a primeira namorada.

— Isso não muda as coisas — ela argumenta frustrada. — Por que você não deu espaço a ela? Por que não resolveu sua vida antes de mergulhar nessa relação e arrastá-la para o sofrimento com você?

Escuto seu sermão com paciência. Pensando logicamente, ela tem razão em tudo que pontua. Sim, eu realmente deveria ter me mantido afastado, deveria ter consertado toda essa merda em torno da minha vida antes de ter me aproximado de Jennifer. Mas as coisas não aconteceram assim, a vida não é lógica e previsível, as coisas simplesmente acontecem sem que se possa controlar e não me arrependo de nada do que vivemos.

— Eu a amo — consigo dizer.

— Eu sei — ela me encara com um olhar resignado — O pior é que ela ama você também. Então me diz o que vocês dois estão fazendo com suas vidas?

— Jennifer precisa de um tempo — as palavras saem amargas de meus lábios.

— Então você vai dar o fora? Fugir que nem um cachorrinho? — Paige estala os dedos ao pronunciar as últimas palavras. — Esperava mais de você.

Em outra ocasião eu a teria colocado em seu devido lugar, mas nesse momento preciso dela como minha aliada. Só por isso permiti que fale tudo o que precisa antes de jogar minhas cartas na mesa.

— Pareço alguém que está fugindo? — minha voz soa ríspida. — Não estaria aqui se estivesse fazendo isso. Minha vontade é de ir até lá e arrastá-la até meu quarto e nunca mais deixá-la sair de perto de mim, mas eu não posso. Não contra sua vontade.

Imagino a cena como num filme pré-histórico. O macho reivindicando sua fêmea. Assustador ou não é exatamente dessa forma que me sinto. Jennifer desperta em mim os sentimentos mais intensos e primitivos.

— Sabia que ela colocou na cabeça que vai embora? — ela murmura com uma voz chorosa.

— Ela não vai! — digo rapidamente. — Não vou permitir isso.

Um garçom se aproxima para anotar os pedidos, escolho qualquer coisa no cardápio e entrego a ele.

— O mesmo — Paige devolve o menu sem olhar e volta a me encarar. — Bem, como pretende fazer isso? Passei a última hora tentando convencê-la do contrário, mas foi em vão, Jennifer parece determinada.

Fico estático por alguns momentos ouvindo o que ela me diz. Eu sei que Jennifer quer ir embora, mas ouvir isso não dói menos. Bloqueio essa dor que me sufoca o peito e me concentro no que planejei.

— Eu tenho uma cabana em Vermont há umas cinco horas daqui. Jennifer pode ficar lá por um tempo ou até que eu conserte as coisas.

— Uma cabana em Vermont? — Paige sussurrou. — Como pretende que ela vá para lá?

— Aí que você entra em cena — dou um sorriso torto.

— O quê? — ela pergunta atônita.

O garçom volta com a garrafa de vinho que selecionei e serve nossas taças. Paige vira a taça e toma o vinho em um só gole, seus olhos lacrimejam e em seguida, seca a boca com as costas da mão de forma brusca.

— Eu vou sugerir que ela vá para lá. Você só tem que me ajudar a convencê-la.

— Como você pretende que eu faça isso? — ela volta a encher a taça — Jenny quer ficar a quilômetros de distância de você e, sua casa é o último lugar que ela irá.

Fiz uma promessa a mim mesmo de não cometer nenhuma idiotice, mas Paige tem a estranha capacidade de me irritar. Como aquelas irmãs mais novas que ficam repetindo as mesmas coisas sempre. Quantas vezes ela vai ressaltar aquilo?

— Cuidado com o vinho — sugiro ao vê-la virar outro copo.

— Não enche — ela revira os olhos — Preciso de incentivo.

— Fique apenas do meu lado — continuo e olho para minha taça que ainda está intacta.

— Mas estarei traindo-a — ela sussurra.

— Para onde ela vai Paige? — pressiono. — Sem dinheiro, família e amigos?

Ela parece analisar o que acabo de dizer, sua testa franze e movimenta os lábios de um lado a outro.

— Está bem — ela suspira. — Isso resolve metade do problema. Como ela vai ficar sozinha num local isolado? E se alguma coisa acontecer?

— Vão ter seguranças vigiando a casa. Estarão prontos para socorrê-la caso algo aconteça. Farão relatórios a mim todos os dias.

— Uau! — ela aponta o dedo para mim — Caramba você pensa em tudo. Jenny não vai gostar disso.

Sacudo a cabeça determinado.

— Os fins justificam os meios, não é o que dizem? Além disso, você pode ir junto — a ideia me parece excelente.

Imaginá-la sozinha em um local isolado cuidando das próprias feridas, longe de tudo e todos que a amam não me deixam confortável. Ela poderá se fechar ainda mais em sua concha de mágoas e inseguranças. E é bom ter alguém que ela goste por perto. Já que não pode ser eu, tem que ser a Paige.

— Eu tenho meu trabalho.

— Trabalho? — eu ergo a sobrancelha de forma irônica. — Além disso, eu posso pagar o que esse homem paga a você.

— Eu não sou uma prostituta, Sr. Durant! — ela eleva a voz.

Algumas pessoas nas outras mesas nos encaram com curiosidade.

— Fale baixo — eu ordeno com raiva. Por que Paige tem que ser tão intempestiva? — Eu não disse isso. Olhe Paige, me preocupo com você e com Jennifer também. Você pode estar lidando com gente perigosa.

Ela volta a ficar vermelha e desvia o olhar.

— Sei me cuidar, não se preocupe — ela suspira. — Posso ir por alguns dias. Não precisa me pagar por isso. Jenny é minha amiga, farei qualquer coisa por ela.

Eu fixo meu olhar no rosto dela, parece perdida nos próprios pensamentos. O que ela esconde? Quem é esse namorado misterioso? No mundo dos ricos e fúteis é normal que um homem pague por companhia feminina, na verdade isso é muito natural, mas na maioria dos casos é um pouco mascarado: um bom apartamento, carros, cartões de crédito, joias caras e viagens. Paige não tem nada disso, pelo menos pelo que eu saiba. O tal namorado deposita uma alta quantia em sua conta bancária toda semana e só.

— Como vamos resolver isso? — Paige me traz ao presente.

— Seu namorado? — ênfase.

— Jenny! — ela revira os olhos. — Como você vai dizer a ela? Desculpe, mas ela prefere morrer a falar com você.

— Você tem que repetir isso a cada cinco minutos?

O garçom se aproxima com os nossos pratos. Começamos a comer e explico tudo a ela.

— Um encontro casual? — diz com descaso. — Acha mesmo possível?

— Eu acho. Já nos encontramos casualmente uma vez. Podemos agora nos encontrar casualmente de novo. Previamente marcamos o dia, no caso esse sábado e o local e horário — retruco remexendo a comida.

— Você estava nos seguindo aquele dia na lanchonete? — ela aponta a faca em minha direção. — Confesse!

— Paige eu estava com minha filha — revido com mau humor.

— É verdade — ela dá de ombros. — Agora me lembro. Mas a Jenny é inteligente e não vai acreditar nisso.

— Não importa, apenas garanta que ela esteja lá no sábado. O resto você deixa comigo.

— Sim senhor — ela levanta a taça de forma irônica. — Acho bom que esse seu plano dê certo. — Eu não quero a raiva dela direcionada a mim.

Volto para o escritório com a confiança renovada. Ao sair do elevador me deparo com Penélope que parece nervosa e agitada. Alguma coisa está acontecendo.

— Desculpe Sr. Durant, mas eu não consegui impedi-la... — ela começa a se justificar — Passou por mim como um furacão e foi direto para sua sala.

— Quem? — faço a pergunta apenas para confirmar minhas suspeitas. Não consigo acreditar que ela tenha tido a cara de pau de aparecer aqui.

— A Sra. Durant — disse cautelosa.

— De hoje em diante apenas Sophia — respondo indo em direção a minha sala. — Aline já voltou? — pergunto pela assistente de Penélope.

— Sim. Está nos arquivos.

— Quando ela voltar pode ir almoçar — sugiro. — Pode deixar que eu lido com isso.

Entro na sala e meu estômago revira. Sophia está sentada em minha cadeira com os pés apoiados na mesa. Usa um vestido curto que para algumas pessoas ou para ela própria pode parecer sensual, mas para mim é vulgar. Ela sorri encarando-me de forma cínica enquanto gira uma caneta entre os dedos. Cerro meus punhos e tento controlar a ira que toma conta de mim. A vontade que tenho é arrancá-la dali e arremessá-la pela janela. Muitas vezes tive vontade de torcer-lhe o pescoço, mas nada se compara ao desejo assassino que tenho nesse momento.

— O que faz aqui? — falo de forma calma, mas não menos ameaçadora.

— Você demorou — ela se levanta e vem em minha direção. — Estava com a outra?

— Não devo satisfação de minha vida a você Sophia. Se não lembra estamos em processo de divórcio. — digo me esquivando dela.

Dou um passo para trás, pois meu autocontrole está por um fio. Vou para o outro lado da sala sem desviar os olhos dela nem por um único segundo.

— O que faz aqui? — repito a pergunta de forma ameaçadora.

Sophia parece vacilar. Acho que meu olhar é aviso suficiente de que não estou disposto aos seus joguinhos.

— Preciso de cem mil dólares — ela responde como se a quantia fosse algo insignificante.

— Está pedindo à pessoa errada — lembro-a. — Peça a seus pais, não devo nada a você. Agora saia.

— Meus pais não me darão essa quantia. Ultimamente controlam tudo o que eu faço.

— Isso não é da minha conta — digo ríspido. — Fique feliz por Jennifer e eu não prestarmos queixa contra você.

— Aquela mulher...

— Não ouse falar dela Sophia — minhas mãos estão tremendo. — Saia daqui ou não me responsabilizo!

— Neil eu preciso do dinheiro!

Por que ela precisa de tanto dinheiro? Dívidas com drogas? Jogo? Isso parece impossível. Quem gastaria cem mil dólares em tão pouco tempo?

— Porque precisa do dinheiro, Sophia? O que anda aprontando dessa vez? Drogas? — pergunto.

— Também não te devo satisfação da minha vida Neil — ela retruca.

— Ah, claro que não. E nem me interessa a sua vida. Mas a partir do momento que você quer o *meu* dinheiro, então você me deve satisfação. — digo calmamente.

— Neil, eu realmente preciso do dinheiro — ela choraminga.

— Diga-me para quê, então.

— Neil você nunca questionou meus gastos, por que isso agora?

— Por que agora não sou mais seu marido. Aliás, nunca fui e você sabe disso. O que pretende fazer de sua vida Sophia? Até quando pretende levar a vida dessa maneira? Por que não trabalha e ganha seu próprio dinheiro? É esse tipo de exemplo que pretende dar à Anne? — questiono.

— Claro que não Neil. Pretendo ser uma pessoa melhor. E você sabe que eu não sei fazer muita coisa. Não tenho formação nenhuma e nem saberia o que posso fazer. Por favor, Neil. Se eu não estivesse precisando do dinheiro jamais viria aqui — ela bate os cílios para mim.

Alguns meses atrás eu teria ou fingiria acreditar em todo esse teatro que ela encena, mas hoje sei que é apenas um fim para um meio. No entanto, estou mais do que curioso para saber por que ela precisa de tanto dinheiro.

— Você deve procurar algo para fazer, não pretendo sustentá-la. Darei o dinheiro, mas tenho uma condição.

Não facilitaria sua vida de forma alguma.

— Eu aceito qualquer condição — ela responde imediatamente.

— Se eu lhe der o dinheiro você ficará longe de mim, de Anne e principalmente de Jennifer?

— *Você não pode pedir isso!* — ela grita.

— Tanto posso como vou — respondo de forma calma, mas enfática. — A decisão é sua.

Cruzo os braços e me apoio contra a porta enquanto a observo como gato a espreita do rato. Pronto ao ataque a qualquer momento. Meu olhar ameaçador alertando-a de que não estou blefando.

— Está bem — ela diz num sussurro. Não consigo detectar sinceridade em sua resposta, mas estou curioso para saber onde esse dinheiro será empregado. Preciso de algumas respostas. Onde ela esteve todos esses dias? O que está planejando? Decido dar toda a corda que ela necessita para se enforcar. Eu jogarei seu jogo de forma inteligente e cautelosa.

— Vou lhe dar o dinheiro.

Vejo surpresa em seu olhar seguida de alívio. Sigo para minha mesa e assino um cheque. Observo que seu rosto que anteriormente estava pálido volta a ter um pouco de cor. No que ela está metida? Ou melhor, com quem?

— Aqui.

Estico o braço com cheque em direção a ela, mas antes que possa pegar levanto-o no ar e ameaço.

— Lembre-se do que me prometeu — digo entre dentes.

— Você não se sabe não é — ela pergunta como se me sondasse. — Claro que não... Você estava fora da cidade na época.

Do que ela está falando? O que eu preciso saber? Abaixo o braço e entrego o cheque a ela encarando-a sem paciência. Não estou com humor para suas loucuras.

— Ela vai destruir você, assim como a outra fez com Nathan — sua voz agora é apenas um sussurro.

— Já chega Sophia — agarro-a pelo cotovelo e arrasto-a porta afora. Suas ladainhas e devaneios são irritantes demais, além do que não posso suportar sua presença nem por mais um segundo.

— Você vai se arrepender — Sophia berra e sua voz ecoando pela sala silenciosa.

— Quer que eu tome o cheque que acabei de lhe dar Sophia? — digo com raiva.

— Não... Mas sei que você vai se arrepender — ela continua.

Entrego-a para um segurança atrás da porta de vidro. Ele parece confuso com a cena, mas se mantém calado.

— Conduza essa senhora até a saída — ordeno. — Certifique-se de que ela não volte a pisar nunca mais aqui.

— Vai se arrepender, Neil. Escute, por favor — sua ladainha é apenas um sussurro à distância.

Volto para sala fervendo. Respiro várias vezes e tento manter a calma, caso contrário terei um infarto antes dos trinta e cinco como diz minha mãe.

A visita inesperada de Sophia me deixou incapaz de agir de forma racional. Agora que ela está longe, minha mente parece voltar à normalidade. Minha mente começa a trabalhar com velocidade. Sophia conhece Jennifer de algum lugar. Já tinha notado isso quando nos surpreendeu no restaurante aquele dia, mas não dei tanta importância devido ao seu acesso de loucura, achei que tinha compreendido erradamente. De onde ela a conhece? Talvez do clube? É o estilo de lugar que ela e os seus amigos frequentam, clubes de *stripper* e casas de *swing*. Onde Nathan entra nisso? Sophia acredita que Jennifer tem o mesmo estilo de vida que tínhamos antes? Talvez Jennifer a faça lembrar alguém. São muitas perguntas. Pego o celular em meu terno e faço a discagem rápida.

— Oi Neil.

— Sophia esteve aqui, Peter — disparo.

— Sua mulher parece não ter limites.

— Ex-mulher — corrijo-o. Embora as coisas não tenham sido finalizadas é exatamente assim que me sinto. — Queria dinheiro.

— Você deu? — ele parece contrariado. — Quanto?

— Cem mil dólares — falo como se fosse uma quantia que dou a alguém todos os dias.

— Uau! — ele assovia.

— Quero que você a vigie vinte quatro horas por dia daqui por diante. Alguma coisa está acontecendo e preciso saber.

— Acho que não vai sobrar um único agente em minha empresa que não trabalhe para você — ele brinca.

— Eu pago muito bem por isso — revido.

— Tudo bem — ele faz uma pausa. — Vou rastreá-la agora mesmo. Até logo.

— Mantenha-me informado de seus passos — desligo e volto a me concentrar no trabalho. Uma tarefa quase impossível.

Olho para relógio em meu pulso, ainda são três horas. Meu desejo é sair daqui, foi um dia exaustivo, mas ainda não posso, tenho duas reuniões importantes em seguida. No entanto, meu único desejo é ter uma linda ruiva em meus braços. Respiro fundo e espero que o trabalho me impeça de fazer o que meu desejo pede.

É sábado à tarde e consolo Anne pelo telefone. Ela está contrariada por passar o último fim de semana de férias com os avós. Coloco minha roupa e tênis de corrida. Dylan já está me esperando no carro. Seguimos para o Central Park. Enquanto o carro se movimenta pego meu

celular no bolso da calça e envio uma mensagem.

“Estou a caminho.” Clico em enviar.

Alguns segundos depois ele vibra com a nova mensagem.

Problemas!

Problemas? Que tipo de resposta é essa? Paige é a pessoa mais falante que eu conheço e quando é preciso ela é monossilábica. Solto um palavrão e volto a digitar.

“Defina o que quer dizer com problema”. Envio de volta.

Fico olhando para o celular fixamente. Dois minutos ele vibra com uma nova mensagem.

Ela não quer sair de casa.

Tenho vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Jennifer mesmo inconscientemente sempre arranja uma forma de me contrariar.

“Convença-a ou vou até aí”. Respondo.

Fico esperando a resposta por longos minutos. Nenhuma resposta.

“Estou indo até aí”. Envio.

Nada. Nenhuma resposta. Dez minutos depois estou pronto para ordenar que Dylan mude de rota quando recebo outra mensagem.

Não venha. Estamos indo. Recebo a mensagem com um emoticon com cara de zangado. Não estou nem aí, contanto que elas apareceram.

Estou há mais de quarenta minutos andando de um lado para o outro no local indicado. Passei os últimos vinte minutos amaldiçoando desde as gerações passadas de Paige até as futuras. Olho ao redor e observo algumas pessoas que passeiam com seus cachorros, outras fazem *Cooper*, algumas simplesmente estão sentadas lendo um livro ou em uma roda de amigos. Há alguns casais em clima romântico e adolescentes andado de patins.

Certo. Mais cinco minutos, falo para mim mesmo.

Se elas não aparecerem em cinco minutos e vou até o apartamento e arrasto Jennifer de lá pelos cabelos se for preciso. De todas as mulheres no mundo que poderia me apaixonar tenho que escolher exatamente a mais teimosa de todas.

— Neil? — escuto uma voz atrás de mim.

— Richard? Está correndo aqui? — encaro com surpresa o primo de Adam e segundos depois me dou conta da minha pergunta estúpida ao olhar seu traje. Ele usa um terno cinza imaculado.

— Vim me encontrar com uma amiga — ele parece constrangido. — Você veio correr? Pensei que gostasse de usar a academia.

Realmente prefiro frequentar a excelente academia que há no prédio da minha empresa. Além de ser mais prático, economizo e é mais reservado.

— Também vim encontrar umas amigas — respondo.

Ficamos nos encarando por alguns segundos, ambos estamos nervosos e constrangidos. Eu por que não quero testemunhas para encenação que estou prestes a fazer. Claro, se elas aparecerem. Imagino que Richard esteja constrangido com os acontecimentos dos últimos meses. Sua noiva a qual conhecia desde o colégio o havia traído e eles romperam. Adam, Liam, Peter e eu tentamos distraí-lo de todas as formas, mas ele não queria nossa presença. Havia oferecido minha cabana a ele, mas depois não tive mais contato com ele.

— Como você está? — pergunto constrangido. Não tenho sido um bom amigo ultimamente.

— Bem. Alias obrigada pela hospedagem — ele sorri educadamente. Seu olhar se fixa além de minhas costas e ele sorri para alguém. — Ela chegou.

Viro-me por curiosidade e meu queixo cai. Há cinco metros de distância vejo Paige caminhando e tagarelando ao lado de Jennifer que parece introspectiva. Seu semblante me mostra que ela ouve, mas não presta atenção.

— Olá querido — Paige se aproxima de Richard e dá um beijo em seus lábios.

Querido? Estou atônito com o que presencio. Richard e Paige? Volto a olhar para Jennifer que está parada a alguns passos longe deles. Automaticamente vou até ela. Sou impedido por Paige que segura meu braço. Faz um sinal de silêncio com dedo.

— Sr. Durant! — ela fala em voz alta e teatral. — Que coincidência encontrar você aqui.

— Olá Paige — respondo evasivamente.

— Veja quem está aqui Jenny. Não é uma coincidência e tanto? — Paige pergunta a ela.

Vejo-a levar a mão ao pescoço e ficar pálida. Tenho vontade de segurá-la em meus braços.

— Vocês se conhecem? — Richard pergunta intrigado.

— Claro. Ele é o namorado da Jenny — ela sorri. — Quer dizer, ex-namorado.

— Namorado? — Richard me encara cada vez mais confuso, olha para Jenny que está visivelmente nervosa torcendo a bengala. — Neil você teve coragem de...

— Que bom que está aqui, Sr. Durant — Paige o interrompe. — Assim pode fazer companhia a Jenny enquanto Richard e eu conversamos.

— Paige... — Jennifer sussurra angustiada. — Acho melhor...

— Volto em meia hora. — Paige me lança um olhar encorajador e arrasta Richard para o outro lado do parque.

Meus olhos voltam a se focar em Jennifer. Seus cabelos estão presos em uma trança comprida. Somente agora percebo que está usando minha camiseta com um nó na cintura e uma saia jeans. Isso me emociona de alguma forma. Ela encontrou um jeito de me manter perto dela, assim como eu com suas fotos e vídeos no meu celular. Analiso-a de cima a baixo. Está mais sexy que a própria Afrodite. Minhas mãos coçam com desejo de tocá-la e sinto água na boca como se tivesse diante de um banquete.

— Jennifer — pigarreio e me aproximo dela.

— Neil — ela sussurra e se afasta de mim.

— Hum... Não quer se sentar? — sugiro com a voz falha.

— Pode ser — ela responde balançando a cabeça.

Volto a me aproximar seguro seu cotovelo guiando-a até um dos bancos atrás de nós. Sinto uma corrente elétrica percorrer por todo meu corpo ao tocá-la. Vejo-a estremecer levemente e me deleito ao perceber que ela não está imune ao meu toque.

— Como você está? — não é uma pergunta educada. Estou realmente interessado em saber como ela está lidando com isso. Se for dez por cento do que eu sinto, arrastaria pelo parque e levarei direto para minha casa, minha cama...

— Bem — seu queixo treme e percebo que está mentindo.

— Eu não estou bem — respondo sinceramente.

— Neil — sua voz é um sussurro. — Pensei que havíamos conversado sobre isso.

— Não. Você apenas decidiu sobre isso — retruco irritado. — Eu tive que aceitar.

— O que está fazendo aqui? — ela muda de assunto virando a cabeça para o outro lado. Antes que ela tente esconder noto seus olhos úmidos.

— Queria ver você — respondo.

Não posso continuar mentindo. Nossa relação não pode dar certo com mentiras. Quero que sejamos sinceros com o outro sempre mesmo que isso nos machuque.

— Isso não facilita as coisas, Neil — ela suspira. — Eu preciso de tempo.

— E eu preciso de você — aproximo-me dela.

— Acha que não estou sofrendo com isso? — ela parece consternada. — E você não ajuda.

— Por que eu deveria? — aproximo-me ainda mais dela, até que nossos corpos ficam colados. — Seu desejo por mim diminuiu?

Noto seu rosto ficar corado e ela morde os lábios. Tenho vontade chupar aqueles lábios carnudos e beijá-la até que ela implore para que eu a tenha. Mas não vou fazer isso. Eu disse que ela terá que pedir e assim será.

— Neil — ela sussurra e fecha os olhos. — Por favor.

— Por favor, o quê? — provoco. Nossos rostos estão a milímetros de distância. Dou um pequeno sopro em seus lábios. — Fale!

— Me beija.

E tudo desaparece ao redor de mim. Tudo o que me importa no momento é provar seu gosto mais uma vez. Venho desejando isso há bastante tempo. Tempo demais.

Capítulo Dezessete

Não preciso de mais nada nessa vida. De coragem, medo ou qualquer outra coisa. Desde que ela se afastou de mim e por fim terminou comigo que anseio por esse momento.

Meus dedos estão trêmulos ao acariciar seu rosto. Deslizo meus dedos pelos seus lábios com movimentos suaves. Jennifer lambe meu dedo quando acaricio sua boca, chupa-o e dá uma pequena mordida. Esse gesto me deixa atordoado, minha respiração fica irregular e meu coração acelera. Porra! Essa mulher não tem ideia do que faz comigo?

— Neil — ela sussurra. Sua mão agarra meu cabelo com impaciência.

— Sempre apressada — sussurro e sorrio. Beijo suas pálpebras, uma depois outra. Desço meus lábios por sua bochecha corada, deslizo suavemente por seus lábios, queixo e esfrego o nariz em seu pescoço. Seu aroma floral suave é embriagador.

— Meu Deus! Como eu senti falta de seu cheiro! De você inteira! — sussurro. Deslizo minha língua por seu pescoço e ouço-a soltar um pequeno gemido. Dou uma leve mordida e sinto-a estremecer em meus braços. — Seu cheiro sempre me enlouquece, bebê.

— Beije-me agora, Neil — ela segura meu rosto de forma possessiva.

Tomo posse dela com a ferocidade de um faminto. Nossas línguas duelam de forma enlouquecida, enquanto minhas mãos passeiam por seu corpo de forma apaixonada. Jennifer agarra meus cabelos ainda mais, quase de forma dolorida, me dá pequenos puxões e isso me deixa louco. Toco seus seios sob a camisa, adoro a forma que eles se moldam em minhas mãos, seus bicos enrijecem como dois picos duros. Aperto seu seio levemente e ela solta outro gemido.

Meu corpo está em chamas, preciso dela mais do que o ar que respiro. Quero possuí-la de uma forma que nunca fiz antes. Um burburinho próximo a nós me alerta de que estamos em um lugar público. Separo meus lábios dos dela com frustração. Jennifer solta um gemido de protesto e morde os lábios.

Olho ao redor e vejo um grupo de jovens garotas cochichando e olhando em nossa direção, percebo que estão apreciando o espetáculo. Uma garota loira mais descarada sorri e dá uma piscada para mim. Desvio o olhar e volto para a deusa em meus braços. Afasto-me alguns centímetros e apoio minha testa contra a sua.

— Eu desejo muito deitá-la nesse banco, arrancar suas roupas e fazê-la minha — deslizo minha mão por suas coxas. — Mas saiba que temos plateia aqui.

— Meu Deus! — ela se afasta um pouco mais levando as mãos aos lábios. — O que estamos fazendo? Seu rosto está vermelho e seus lábios deliciosamente inchados. Está linda e fodidamente sexy.

— Vamos sair daqui — sussurro em seu ouvido. — Eu quero você. Agora. Muito.

— Neil... — ela geme.

Viro-me de forma que ficamos de costas para a plateia, seguro a mão dela colocando em meu membro rijo. Seu toque suave mesmo sob o tecido me faz soltar pequenos grunhidos. Estou explodindo de desejo.

— Veja como me sinto — sussurro. — Isso é por sua causa, Jennifer.

Observo-a abrir a boca e fechar os olhos. Seus dedos me acariciam de forma tímida e eu sinto que vou explodir.

— Jennifer! — imploro.

— Não! — ela se afasta com um movimento brusco e fica de pé. — Não posso!

Um sentimento de frustração mesclado à rejeição me domina. Não estou acostumado a isso. Normalmente as mulheres correm atrás de

mim e não o contrário.

— *Inferno, Jennifer!* — meu desejo é arrastá-la pelo parque e trancá-la num quarto até que volte a raciocinar com clareza. — Até quando vai insistir nisso?

— Você prometeu — ela me lança um olhar acusador. — Disse que não ia me tocar.

Respiro fundo e tento manter o controle.

— Não! O que eu disse é que não a tocaria a menos que me pedisse — murmuro. — E querida, você pediu.

— Foi um equivoco — ela arrebita o nariz.

— Droga, Jennifer — resmungo. — Eu não sou uma máquina que você liga e desliga quando quer.

— Sinto muito.

— Não sinta — murmuro frustrado. — Quero você!

Vejo-a engolir em seco, parece relutante, mas sei que me quer exatamente como eu a quero. Ficamos em silêncio por alguns instantes. Sacudo a cabeça frustrado. Não posso e não quero forçá-la a nada.

— Ainda pretende ir embora? — mudo de assunto.

Ela não responde, apenas faz um gesto positivo com a cabeça. Sinto uma pontada no peito, uma dor forte e aguda. Tudo bem, eu posso lidar com isso, preciso apenas manter minha mente focada. Já havia planejado tudo, só preciso colocar em prática.

— Ouça, tenho uma casa em Vermont — murmuro. — Fica a cinco horas da cidade. Quero que fique lá.

Fico aguardando uma resposta ou algo que indique sua compreensão. Mas ela simplesmente fica ali parada, seu rosto voltado para baixo, seu peito subindo e descendo em uma respiração irregular.

— Você quer eu vá. E quanto ao que eu quero? — ela pergunta num tom cortante. — Além disso, não sei se é uma boa ideia — sussurra quase inaudível.

— Se a sua preocupação é que eu esteja lá, não se preocupe — falo rispidamente. — Tenho muitas coisas importantes para tratar aqui.

Ela levanta o rosto rapidamente. Percebo que minhas palavras a feriram. Noto a magoa estampada em seu rosto. Por um momento tenho uma ponta de culpa.

— Jennifer...

— Tenho certeza que sim — ela me interrompe antes que possa me desculpar. — Terei sua garantia de que não irá até lá?

— Então vai aceitar? — insisto.

Os segundos se arrastam a ponto de quase me levar à loucura. Todo meu corpo fica tenso. E a cada vez que a encaro sinto-me invadido por uma fraqueza devastadora. Como alguém pode ser o seu céu e inferno ao mesmo tempo? Alegria e infelicidade. Prazer e dor?

— Então, está tudo bem? — a voz de Paige soa atrás de mim. Estou tão concentrado em Jennifer que não a vi se aproximar.

— Estou tentando convencer Jennifer a ir para Vermont — respondo contrariado.

— Isso me parece uma boa ideia — Paige sorri para Jennifer. — Você vai, não é?

— Acho que vou para o Texas — ela dá de ombros.

— Que diabos você vai fazer no Texas? — eu praticamente berro.

— Não acho que seja da sua conta — ela rebate.

— O inferno que não é! — aproximo-me e seguro-a pelos ombros. — Você quer espaço, Jennifer? Eu posso fazer isso. Mas não seja irresponsável.

— Em que o fato de ir para o Texas me torna irresponsável?

— Sua cirurgia, por exemplo. Além de mim, você esqueceu-se disso também? — digo em tom acusatório.

— Não esqueci — ela rebate. — Mas isso não será mais possível.

— O que está dizendo? — encaro-a completamente desnortado.

— Eu não posso pagar. Portanto, não será possível.

— Não seja ridícula! — falo incrédulo. — Sabe que vou pagar pela cirurgia e que você não terá custo algum com isso.

— Não vai não! — ela responde determinada. — Não tem mais nenhuma obrigação comigo. E não me chame de ridícula.

— Obrigação? — levo as mãos aos cabelos quase os arrancando do couro cabeludo. — Acho que tenho obrigação?

Suas palavras me ferem como uma lâmina afiada. Deus do céu! Essa garota é impossível!

— Sempre a achei uma pessoa guerreira e determinada — digo. — Mas agora vejo que é uma covarde.

Estou perdendo a cabeça.

Controle-se Neil, porra!

— Escute... — ela começa dizer.

— Não, escute você! Eu a amo. Não tenho medo em admitir isso. Sei que você me ama também. Mas deixar que o medo que você sente coloque todas as possibilidades da sua vida em risco é a coisa mais egoísta e estúpida que pode fazer.

Ela fica imóvel com os olhos arregalados. Noto a surpresa estampada em seu rosto com o que acabo de dizer. Por que ela insiste em me apunhalar a cada instante? Não vê o quanto isso é importante para mim, para nós? Não percebe o quanto preciso que ela volte a enxergar? E também o quão é importante para ela própria recuperar a visão? Se eu posso fazer isso e existem meios possíveis para tal, por que ela simplesmente não aceita?

— Neil tem razão, Jenny — Paige me apoia. — Se o problema é o dinheiro posso dar a você.

— Não, Paige — ela sussurra amarga — Você precisa dele.

Seu rosto volta em minha direção.

— Ouça Jennifer. Eu posso pagar pela cirurgia, por todas que forem necessárias. Entretanto, vejo que é mais importante para mim que você recupere a visão do que para você mesma!

Isso me deixa frustrado e enlouquecido.

— Achei que estaria fazendo um bem para você, que seria importante para você voltar a enxergar. Pelo visto estava enganado. Seu orgulho supera isso. Eu sinto muito. Muito mesmo... — minha voz falha no final da frase. Sinto muito por me intrometer em sua vida, por querer forçá-la a ficar comigo, por querer que vá para minha cabana, que faça a cirurgia, que me ame. Vou deixar você ir para onde quiser fazer o que quiser.

Respiro profundamente e continuo.

— Não vou mais interferir em nada. Sairei da sua vida agora mesmo, para sempre.

Viro-me para ir embora quando ela me chama.

— Neil.

Fico paralisado. Meu Deus! Como eu queria que tudo fosse diferente. Que não existisse Sophia, Nathan e nenhum de nossos fantasmas. Os dela eu sequer conheço direito. Viro-me de volta para ela.

— Sim?

— Você tem razão. Por favor, me desculpe. Vou aceitar sua ajuda e vou te devolver o dinheiro de alguma forma, algum dia — ela diz tristemente.

Fecho os olhos e conto até três. Não vou estragar o que já conquistei até aqui com uma discussão sobre como devo aplicar meu dinheiro. Mas confesso que estou aliviado. Não sei se levaria adiante o que disse.

— Tudo bem. Obrigado por aceitar, Jennifer. Calvin irá levar vocês duas — informo.

— Paige também vai? — ela parece confusa.

— Eu não perderia isso por nada! — ela pisca para mim. — Uma cabana perto das montanhas é tudo que preciso! — Noto agora que seus olhos estão vermelhos. Olho em volta e não encontro Richard. Será que brigaram? Não posso lidar com isso agora. Tenho coisas mais importantes para pensar.

— Não tem porque incomodar Calvin? — Jennifer protesta. — Podemos ir de ônibus.

— Por que você tem que contrariar tudo o que eu falo? — retruco zangado. — Além disso, parte do caminho só pode ser feito de carro e também vocês irão precisar das chaves.

— Aceitamos a oferta — Paige me tranquiliza. — Seja sensata, Jenny.

— Bem, eu preciso ir — digo me aproximando dela. Seguro seus ombros e deslizo minhas mãos pelos seus braços e apoio em sua cintura. — Tenha cuidado.

Pressiono meus lábios delicadamente sobre os dela. O que era para ser um simples beijo de despedida se transforma em algo quente e sensual. Era como se soubéssemos o quanto a distância nos fere. Nossos corpos sempre agem contrariamente a nossa razão.

— Uau! — a voz de Paige acompanhada de um assovio nos interrompe.

Afasto-me com pesar, acaricio seu rosto com a palma da mão e memorizo seu olhar apaixonado. Preciso me afastar dali ou sou capaz de cometer alguma idiotice.

— Calvin estará esperando por vocês na saída do parque. Arrumem suas coisas e podem ir ainda hoje — murmuro.

Saio dali o mais rápido que consigo. Meus pés me arrastam para longe. Acelero o passo e começo a correr, correr e correr. Até que o cansaço físico entorpeça a dor que levo no peito.

O domingo foi terrível e vazio. A casa é grande demais sem Anne por aqui. Ligo para Calvin e verifico se as duas chegaram com segurança. Convido Adam, Peter e Richard para uma noite dos homens, faz tempo que não fazemos isso.

Pergunto a Richard sobre Paige, Adam também está interessado, mas ele fica nervoso e manda-nos cuidar das nossas próprias vidas. Apesar da curiosidade resolvo deixá-lo com sua privacidade. Além disso, os dois são adultos e devem saber o que estão fazendo. Na realidade,

pensando bem, os dois combinam. Richard é muito introspectivo e reservado. Paige é intrometida e inconveniente. Uma mudança bastante brusca para o controlado mundo de Richard. Encomendamos algumas pizzas e tomamos cerveja. Há muito tempo não fazemos isso. Uma noite para jogar e colocar a conversa em dia.

— Uma pena Liam não ter vindo. — Adam lamenta enquanto devora outro pedaço de pizza.

— Segundo ele está em uma conferência — respondo sem desviar os olhos do jogo.

— Ele já marcou a cirurgia de Jenny? — pergunta antes de virar uma garrafa de cerveja.

Jenny? Ergo a sobrancelha em direção a ele. Desde quando ele é tão íntimo? Como sempre, Adam parece ignorar meu olhar ameaçador. Ou talvez já não fizesse tanto efeito como gostaria. Inferno! Essa maldita ruiva insolente estava me transformando em alguém patético.

— Assim que ele voltar — respondo a sua pergunta a contragosto.

Volto a me concentrar no jogo sem ânimo algum. Richard parece tão infeliz quanto eu. Adam foi o único a tagarelar durante toda a noite enquanto Peter parece se divertir as nossas custas. Por volta da meia noite eles vão embora com intenção de esticar a noite em uma boate, mas eu declino o convite.

Tomo uma ducha rápida e vou direto para cama. Conecto o celular no MacBook. Seleciono o vídeo e a voz de Jennifer ecoa pelo ambiente. De alguma forma isso me acalma. Poder ouvir sua voz e admirar seu rosto me fazem pensar que está um pouco mais próxima a mim. Droga! Eu me transformei em um ridículo apaixonado.

Acordo no dia seguinte com computador ao meu lado, dormi com ele ligado. Vou para o escritório mais por obrigação do que por vontade própria. Mergulho no trabalho parando apenas para verificar os relatórios enviados pelos seguranças.

Por volta das duas sou surpreendido com uma mensagem de Paige no celular. Ela me envia uma foto de Jennifer usando apenas um minúsculo biquíni. Ela está em frente ao lago deitada sobre uma toalha tomando sol. A foto veio anexada com a mensagem:

“Girl on fire”. Uma alusão a musica de Alicia Keys.

Não tenho palavras para descrever o efeito que a foto causa em mim. No segundo dia recebo uma foto de Jennifer na cozinha. Ela está usando um top branco e uma das suas minúsculas saias jeans. Está em frente ao fogão, uma mão segura uma colher e com a outra mão leva um dedo à boca como se estivesse provando a comida. O gesto inocente é tão sexy que não posso deixar de soltar um gemido.

“Não gostaria de provar?” Diz a mensagem.

— Tudo bem, senhor? — minha assistente pergunta na sala de reuniões ao ouvir meu gemido.

— Apenas uma dor de cabeça — constrangido desligo o celular rapidamente. Sou o último a sair da sala. O motivo é obvio, meu corpo fala mais do que eu gostaria de mostrar.

No terceiro dia estou em um jantar de negócios quando recebo outra foto. Dessa vez Jennifer está na banheira coberta de espuma.

“Alguém para esfregar as costas?”

Peço desculpas aos empresários à mesa e saio para fazer uma ligação.

— O que está fazendo Paige? — sussurro frustrado.

— Colaborando com seus relatórios — ela fala fingindo inocência.

— Seu objetivo é me enlouquecer? — respiro fundo.

— Você devia me agradecer. Duvido que aqueles brutamontes sejam tão detalhistas como eu — ela provoca.

Eles que tentem! São pagos para garantir a segurança e para chegar perto apenas se for necessário. Se algum deles se aproximar de forma tão íntima, eu os matarei com minhas próprias mãos sem pensar duas vezes.

— Aliás, eles são bem bonitinhos — ela continua. — Cheios de músculos...

— Tenho certeza que Richard vai gostar de saber disso — provo-a.

A ideia me parece ótima, fazê-la pagar com o próprio veneno. Isso é bom.

— Não se atreva! — ela ameaça. — Você não teria coragem. Ele não tem nada a ver com isso.

— Não me subestime — provo-a novamente.

— Só estou tentando ajudar, mal agradecido — ela choraminga. — Eu não entendo vocês dois. Uma chorando pelos cantos, o outro se lamentando.

— Ela está sofrendo? — pigarreio tentando desfazer o nó que se forma em minha garganta.

— Claro seu imbecil. Então venha até aqui e faça o que tem que ser feito — responde antes desligar o telefone na minha cara. Um dia vou fazê-la pagar por tanta audácia.

As duas semanas seguintes se arrastam. As fotos e as mensagens de Paige seguem sucessivamente, sem piedade. Minha dúvida é se Jennifer sabe sobre isso. Duvido. Um sorriso chega aos meus lábios. Minha vingança começa por ali. A insuportável Paige aprenderá a não se meter na vida alheia.

Embora as fotos iluminem meus dias já estou no meu limite e eu fique ansiosamente esperando por elas, meu estado de tensão é tão grande que penso que vou explodir a qualquer minuto.

Talvez Paige tenha razão. Não há motivos para ficarmos nos martirizando. Jennifer pediu um tempo e eu dei, agora é hora de agir. Olho para o porta-retratos em minha mesa no escritório. Pego a foto e deslizo um dedo sobre ela. Nela Jennifer está sorrindo com uma rosa presa em seu cabelo. Lembro perfeitamente desse dia. É uma das minhas fotos preferidas. O telefone toca e atendo de forma automática sem desviar meu olhar da imagem.

— Sim.

— Neil, é o Adam — O que tem para me dizer? — coloco a foto na mesa.

— Ainda não é oficial, mas em breve pode se considerar um homem livre.

Volto a encarar o retrato, um enorme sorriso chega aos meus lábios.

— E quanto à Anne? — pergunto cauteloso.

— Uma coisa de cada vez — Adam se queixa. — Mas considerando o comportamento de Sophia nos últimos dias...

— Garanta isso, Adam — ordeno.

— Ouça, por que não vamos jantar hoje à noite e conversamos sobre isso?

— Pode ser.

— Que tal o Saveur Supreme?

— Não —, respondo rapidamente. Lembranças demais e estou no limite, mal consigo frear o desejo que tenho de procurá-la. — O que acha daquele restaurante mexicano?

— Pode ser. Encontro você lá às oito e meia.

Volto a me concentrar no trabalho com a energia renovada. Apesar de a última notícia ser motivo para comemoração algo está me deixando inquieto. É a mesma sensação que tenho quando estou diante de algum projeto ou investimento que está fadado ao fracasso. Pressinto problemas. Algumas pessoas chamam de sexto sentido, outras como *feeling* para os negócios. Qual das duas é a certa eu não sei, mas o sentimento está aqui, me incomodando.

Tento afastar esses pensamentos de mau agouro, pensamentos positivos geram ações positivas. Sorrio desse pensamento filosófico, estou ficando muito romântico. Só me resta começar a escrever poesias e consultar o horóscopo.

É quinta feira e mais um dia de trabalho maçante. Passo a manhã no setor de tecnologia. Após vários testes aprovo o lançamento de um novo portátil com inovado sistema de segurança.

Ao meio dia sigo para o clube de golfe para almoçar com Peter. É um clube totalmente exclusivo, com imenso campo de golfe, algumas salas de jogos e um elegante salão de baile, também há uma excelente área comercial com butiques exclusivas, joalherias e um disputado restaurante. Apenas os membros ilustres tem acesso a ele.

— Boa tarde — cumprimento Peter antes de sentar.

— Boa tarde, Neil — ele responde antes de levar o copo de vinho à boca.

— Alguma novidade?

— Muitas — ele sorri e me entrega uma pasta que está em cima da mesa. — Encontramos o homem do vídeo. Uma das garotas na festa era sua namorada.

Olha para foto por um longo tempo. Eu não o reconheço. Embora eu tenha um bom relacionamento com meus funcionários não tenho como o identificar. Emprego milhares de pessoas e é impossível conhecer a todas.

— Terei que consultar o setor de Recursos Humanos para saber se é ou foi um funcionário meu.

— Já fiz isso — Peter esclarece. — Ele não é e nunca foi. Seu nome é Willian Hardy.

— O mesmo Hardy? — pergunto. O sobrenome Hardy vem me assombrando há anos.

— Sim. Como eu disse foi uma questão de vingança — ele parece satisfeito.

— Inferno! — urro dando um soco na mesa.

— A questão é... — ele arqueia a sobrancelha. — O que pretende fazer? Vai dar queixa a polícia como eu o orientei?

— Peter eu não quero meu passado sendo revirado por aí — respiro fundo. — Meus pais tiveram muito trabalho para ocultar tudo isso. Além disso, pessoas inocentes vão ser jogadas nessa lama.

Estou me referindo à Anne e Jennifer. As últimas pessoas no mundo que quero magoar ou preocupar. Já tenho problemas demais em relação às duas.

— Alguma coisa tem que ser feita Neil.

— Marque um encontro com ele — suspiro impaciente. — Vamos descobrir aonde ele quer chegar.

— Certo — ele prossegue. — Há mais.

Ele me indica outro envelope dentro da pasta. Um envelope branco que contém algumas fotos. Nelas Sophia aparece em uma praça ao

lado de uma jovem de cabelos negros de aparência hispânica. Sophia está segurando uma maleta negra e na foto seguinte entrega a pasta a jovem.

— O que é isso? — pergunto confuso.

— Seus cem mil dólares.

— Por que Sophia está entregando o dinheiro e quem é essa mulher?

— É uma prostituta. Seu nome é Paola Sanches — ele explica.

— Por que Sophia está lhe dando o dinheiro? — pergunto.

— Chantagem, provavelmente.

— Chantagem? — coço meu queixo.

— Você sabe que sua ex-mulher nunca teve uma boa conduta. Talvez essa mulher saiba algo sobre ela — ele continua.

Essa parece uma explicação plausível. Sim, a conduta de Sophia sempre foi muito inapropriada. A pessoa certa, no lugar certo e uma fonte de dinheiro fácil. Muitas vezes tive que varrer a sujeira ao seu redor. Muito dinheiro foi gasto nisso, mas fiz isso por Anne e não por ela.

— Há algo que talvez você não goste — ele faz uma pausa e toma outro gole de vinho.

— Sophia está em Vermont.

— O quê? Por que não me disse antes? — pergunto furioso.

Faço um movimento para me levantar e sou impedido por ele.

— Fique calmo — Peter tenta me acalmar. — Está tudo sobre controle.

— Foda-se Peter! — urro para ele. — Aquela louca está perto de Jennifer e só agora você me fala?

— Neil eu tenho dois seguranças vigiando a casa vinte quatro horas. — ele continua. — Eles já foram avisados.

Isso não me importa nem um pouco, qualquer possibilidade de que Sophia chegue perto de Jennifer novamente me deixa ensandecido. Preciso ir para lá em trazê-la de volta.

— Vamos ver até onde ela pretende ir — ele murmura. — Acho que há mais nessa história.

— Como assim?

— Não sei como explicar — ele parece constrangido. — Acredita em sexto sentido?

Se me perguntassem há alguns dias atrás eu diria que não. Mas agora ao ver que minha desconfiança anterior tem fundamento posso dizer com toda certeza que sim. Na verdade, construiria uma tenda no meu escritório com bola de cristal e tudo e até daria consultas grátis.

— Sim, acredito.

— Algo me diz que há mais aí — ele continua. — Confie em mim, Neil.

— Você tem até o fim de semana — eu retruco. — Eu vou buscá-la de qualquer forma.

— Ficarei de olho — ele tenta me tranquilizar.

Terminamos o almoço com uma conversa trivial. Volto para o escritório e respondo a alguns e-mails urgentes. Penélope me avisa que meu sócio na companhia de aviação solicita minha presença. Passo mais tempo do que pretendo resolvendo problemas internos.

Passo o dia inteiro irritado comigo mesmo. Claro que eu sabia que Sophia jamais cumpriria a sua palavra. Talvez Peter tenha razão, devemos deixar que ela cavasse a própria cova, mas a ideia de que chegue perto de Jennifer novamente me deixa ensandecido.

Volto para casa por volta das nove e encontro Anne dormindo em seu quarto. Dou um beijo nela e vou para minha suíte. Tomo uma ducha rápida, visto meu pijama e vou para cama. Pego o celular em busca de alguma mensagem de Paige. O visor indica várias ligações perdidas do telefone da segurança, Peter e até mesmo Paige.

— Sr. Durant — a voz do segurança soa na linha. — Que bom que retornou.

— O que aconteceu? — pergunto automaticamente. Meu sangue congelando nas veias.

— Aquela mulher da foto — ele pigarra. — Esteve aqui há algumas horas.

— Porra! — berro. — O que vocês fizeram? O que ela fez?

— No início não a identificamos. — ele tenta se justificar. — Ela usava uma peruca e óculos escuros.

— E Peter me disse que eram treinados — reclamo.

— Desculpe senhor — ele parece incomodado. — As senhoritas estavam fazendo um piquenique. Sua amiga veio nos entregar uma garrafa de café...

— Jennifer? — murmuro.

— Não, a morena — ele continua. — Quando vimos a mulher se aproximar corremos em sua direção. O senhor sabe, estávamos a uma distância significativa. Peter pediu que fôssemos discretos.

— Mas não incompetentes! — eu berro.

— Quando a mulher viu que nós aproximávamos ela fugiu — ele continua. — Mas a senhorita parece que ficou bem assustada.

Sento na cama antes que minhas pernas bambas me levem ao chão. Tudo fica vermelho em minha volta. Meu coração dispara e respiro fundo em busca de ar.

— Meu companheiro foi atrás da mulher e Peter está com ela — ele continua.

— Estou indo até aí — murmuro. — Fique de olho nelas e dessa vez não admitirei incompetência — desligo, ainda estou furioso quando retorno a ligação de Peter.

— Eu juro que vou matar você! — berro descontroladamente.

— Fique calmo — ele fala de forma insuportavelmente tranquila. — Estou com Sophia.

— Ótimo! — urro. — Vou matar os dois.

— Anote o endereço e venha imediatamente. — ele ignora meu rompante.

Pego um bloco de notas, anoto o endereço sem questionar e desligo sem me despedir. Vou até o closet pego uma calça jeans, camiseta e um suéter. Coloco-os rapidamente. Deixo um recado na cozinha para Claire e a senhora Jackson. Saio de casa como se fosse um morcego fugindo do inferno.

Capítulo Dezoito

Chego ao hotel onde Sophia está em menos de quatro horas. Tenho certeza que infringi todas as leis de trânsito de velocidade. Informo-me na recepção e sigo direto para o quarto vinte oito.

Reparo no homem próximo à porta, provavelmente algum agente de Peter para manter a segurança. Toco a campainha ignorando-o e aguardo com impaciência. Quase quatro horas de viagem não conseguiram me tranquilizar, pelo contrário, estou cada vez mais furioso.

Peter abre a porta e entro rapidamente à procura do meu alvo. Olho ao redor do quarto rapidamente, não é um quarto luxuoso. Em nada se compara a um dos meus hotéis. É mais como um hotel de beira de estrada. Vejo uma cama pequena no lado esquerdo, uma mesinha do lado direito e uma porta que dá acesso ao banheiro.

Encontro Sophia sentada em um sofá próximo à janela. Está com uma xícara na mão. Encara-me com desdém como se tivesse sido convidada para o chá das cinco e não como se estivesse seriamente encrencada.

— Eu avisei você — vou como um louco até ela.

Sophia parece ter notado o quanto estou furioso, deixa a xícara cair e se encolhe contra a janela. Seus olhos estão arregalados e parece assustada. Não acredita no que está vendo. A última vez que fui realmente agressivo com ela estava bêbada demais para lembrar e mesmo assim aquele dia não se compara à ira que me domina nesse momento.

— Neil — Peter me segura pelos braços. — Não!

Empurro-o longe com uma força que não imagino possuir. Peter é um homem alto e musculoso, não é qualquer um que consegue tirá-lo do caminho com tanta facilidade. Antes que eu possa me conter, minhas mãos estão agarradas ao pescoço dela. Aperto com tanta força que ela começa a se debater e esmurrar meu peito. Vejo seus olhos ficarem vermelhos e esbugalhados.

— Pare Neil! — Peter tenta me puxar inutilmente. — Jared! Jared! — ele grita para o segurança do lado de fora.

A única coisa que consigo pensar é na raiva que sinto. Por todas as coisas que fez à Anne, as lágrimas, as humilhações, o sofrimento. Sem contar Jennifer. Cada tapa, cada palavra cruel, fazem com que meu sangue ferva. Estou cego e completamente puto. Quatro pares de mãos tentam me afastar dela sem sucesso. Será preciso um exército para me deter.

— Neil! Droga homem! — Peter continua a me puxar. — Pense em Anne. Pense na Jennifer, cara!

Dois nomes. Duas palavras mágicas. Peter está berrando, mas sua voz parece um sussurro longe. Porém, essas palavras me libertam do estado de transe que me encontro. Solto Sophia que desaba começando a tossir.

— Meu Deus, homem! — Peter me solta e senta na cama. Está aterrorizado. Percebo o segurança que vi anteriormente perto da porta me segurando pelos ombros. — Você me assustou!

Afasto-me do segurança e me encosto à parede, respirando profundamente.

O que estou fazendo?

Minhas mãos começam a tremer e sinto meu estômago embrulhar. Uma grande náusea toma conta de mim. Corro para o banheiro e me inclino contra o vaso sanitário. Parece que tudo que há dentro de mim está saindo pela minha boca.

Após vomitar o que acredito ser a última gota, fecho a tampa do vaso e dou descarga. Fico alguns minutos com a cabeça colada contra a tampa do vaso tentando normalizar a respiração. Lavo a meu rosto e boca para tirar o gosto amargo, em seguida volto para o quarto.

— Você ia me matar? — Sophia sussurra com uma voz rouca, enquanto esfrega o pescoço dolorido. É mais uma afirmação do que uma pergunta.

Caminho em direção a ela e me ajoelho. Ela rapidamente se encolhe de novo. Olho dentro de seus olhos e respondo:

— Se chegar perto da Jennifer novamente — digo em tom ameaçador. — É exatamente isso que vou fazer Sophia.

Vejo-a ficar pálida. Bom. É exatamente isso que quero. Que ela tenha medo. Tanto ela como eu agora sabemos muito bem que posso fazer isso. Meu estômago embrulha novamente. Céus! Afasto-me dela e vou em direção à porta. Tenho que sair, o ambiente está me sufocando.

— Desgraçado! — escuto-a antes de abrir a porta.

— Cala a boca, Sophia! — Peter berra. — Lembre-se do que conversamos. Neil espere. Preciso falar com você.

Encaro Peter com ar de incompreensão. O que ele pode ter conversado com essa cretina?

— Eu cuido de tudo! — ele me encara determinado. — É melhor que saia daqui. Depois converso com você, em outro momento menos tenso.

Observo-o por alguns segundos tentando decifrar algo em seu olhar. Peter me faz um sinal para conversaremos depois. Sacudo a cabeça em sinal de concordância. A necessidade de me afastar desse lugar é mais forte que tudo, o ar está carregado e pútrido.

Encosto a cabeça contra a parede do elevador e revivo os últimos momentos. Ainda sinto o gosto amargo da bile em minha boca. Tudo isso ainda me deixa muito enjoado. A consciência do que acabei de fazer cai sobre mim como uma avalanche. Estive prestes a tirar a vida de outra pessoa com minhas próprias mãos.

O que eu fiz porra?

Minhas pernas e mãos estão trêmulas ao entrar no carro. Na realidade não sou diferente de Nathan ou Sophia ou qualquer outro cretino de merda que exista por aí. Passei todos esses anos pensando que eu era diferente, que havia mudado, mas não. Sou igual a todo mundo. Não importa o que Sophia tenha feito eu ia matá-la!

Antes que eu perceba estou parado em frente a minha cabana. Meu lado racional diz para eu ir embora, mas meu coração me incentiva a entrar. Minha consciência diz que não posso mais arrastar Jennifer para minha vida miserável. No entanto, meus pés têm vida própria. Só preciso vê-la por um minuto, depois partirei e dessa vez definitivamente.

Entro na casa sem fazer barulho, a luz da sala está acesa. Paige está dormindo no sofá com um braço pendendo para o lado e um livro aberto no chão. O relógio na parede diz que são três e quarenta da manhã. Subo as escadas em direção aos quartos. São três suítes. Depois de encontrar os dois primeiros quartos vazios, paro em frente à porta do terceiro quarto, que é o meu e respiro fundo.

Encaro a maçaneta com indecisão entre ser honrado e sair dali ou continuar a ser um filho da puta egoísta e entrar. Escolho a segunda opção, neste caso meu lado egoísta sempre falará mais alto. Entro, fecho a porta e me encosto-me a ela.

A luz está apagada, mas a claridade que vem de fora oferece certa luminosidade ao ambiente. O quarto é todo decorado em estilo campestre, mas muito masculino. Uma cama king size de mogno entalhado está no centro do quarto. Há um enorme closet no lado esquerdo e no lado direito uma porta para o banheiro.

Com os olhos fixos na cama observo-a dormir. Caminho lentamente até a cama. Jennifer está deitada de lado, seu rosto voltado para janela. O rosto mais lindo que já vi. O rosto da mulher que eu amo. Está vestida com minha camisa novamente. Isso me desarma, meus joelhos cedem e caio ao lado da cama.

Apoio minha cabeça na beira da cama e choro. Choro pelo passado que não posso mudar, pelo presente que estou prestes a perder, principalmente pelo futuro que não vou ter ao lado da única mulher que amei na vida.

— Neil? — sua voz é apenas um sussurro. — Neil é você?

Sua mão se estica em minha direção. Seguro-a junto a mim e beijo com reverência. Beijo seus dedos, enquanto algumas lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— O que aconteceu? — ela senta na cama de frente a mim. — Anne?

Um soluço contido escapa de meu peito.

— Está me assustando, Neil — ela murmura. — O que aconteceu?

— Eu não sou diferente de Nathan — confesso. — Eu quase a matei hoje.

— Sophia? — ela pergunta cautelosa.

— Sim — eu respondo consternado. — Se Peter não tivesse me impedido...

Não consigo terminar a frase. A lembrança ainda me choca, me enoja, faz-me sentir sujo.

— Sentiu prazer nisso? — ela alisa meus cabelos com carinho.

— Não! — protesto. — Eu não senti. Na verdade nesse momento me sinto imundo. Afasto suas mãos de mim como se tivesse medo de contaminá-la.

— Então você não é igual a ele. Apenas se deixou levar pelas emoções.

— Não ouviu o que eu disse? — pergunto angustiado. — Quase matei uma pessoa hoje. — meu corpo balança para frente e para trás.

— Mas você não matou e nem acho que faria isso! — ela segura meu rosto angustiado e me abraça.

Minha menina! Tem mais fé em mim do que eu mesmo. Colo meus lábios nos dela. Preciso do seu toque, da sua bondade e do seu calor. Anseio por isso a quase três malditas semanas. Ele tem o poder de cura, me acalma e afasta a dor.

— Não me mande embora — suplico. — Preciso de você.

Jennifer se afasta alguns centímetros, segura a barra da camisa e começa a se despir. A iluminação que vem da janela deixa sua pele com aspecto dourado. Ela deita na cama e estica os braços em minha direção.

— Preciso de você também — ela sussurra.

Dispo-me rapidamente, seguro suas mãos estendidas e deito-me a seu lado. Com uma mão passo os dedos por seus cabelos longos e sedosos, amo seus cabelos e a forma como eles se espalham pelo travesseiro. Ela parece um anjo, uma pintura celestial.

Ergo sua cabeça capturando seus lábios. Retiro os dedos de seu cabelo, passeio por seu corpo e aprofundo o beijo. Acaricio seu pescoço, sentindo a pele macia e quente. Passo os dedos por sua garganta, sinto a pulsação de seu coração sob a palma da minha mão, tão ou mais acelerada que a minha. Os lábios dela se abrem em um gemido, engulo o som com a boca, minha língua explorando a sua, estimulando, provocando. Jennifer enrijece o corpo e curva-o em direção a mim. Fico em êxtase com seu corpo buscando o meu vorazmente.

Desço até seu seio. Ela arqueia o corpo, agarra meus cabelos enquanto passo a língua pelo mamilo inchado. Acaricio o outro seio com a mão e em seguida deslizo pelo abdômen, deslizo a mão por sua coxa e sugo o mamilo com força.

— Neil! — ela geme fechando os olhos.

Volto a capturar sua boca, tranquilizando-a. Tomo os seios entre as mãos e gemo diante da maciez e rigidez dos mamilos. Desesperado por tomá-la, me abaixo e sopro um dos seios para aquecê-lo, acariciando o mamilo com a língua. Ela geme e segura minha cabeça contra seu corpo. Abro a boca e fecho-a sobre o centro rosado e sugo-o.

Jennifer se contorce selvagememente, meu nome passando por seus lábios como um gemido. Junto os seios nas mãos, saboreando um depois outro sucessivamente. Sinto-a estremecer, enterro o rosto entre os seus seios e inspiro o aroma.

— Adoro seu perfume, anjo — murmuro. Passo a língua em seu colo, subindo até chegar aos seus lábios. — E sou louco pelo seu gosto.

Sinto-a estremecer enquanto me envolve em um abraço apertado. Tenho a necessidade de mantê-la em meus braços e absorver toda a suavidade e calor que ela tem a oferecer. Ah! Como a desejo, mesmo sendo indigno de seu amor. Jamais senti tanta paixão e necessidade por uma mulher. Todas as minhas terminações nervosas estão ligadas, como correntes elétricas diante de nossos corpos colados. O calor se espalhando pelo meu corpo e para todas as minhas extremidades. Estou excitado, muito excitado. Beijo-a profundo e apaixonadamente.

— Neil! — ela geme assim que afasto nossos lábios em busca de ar. — Quero você, por favor.

Fito-a e quase choro ao ver o desespero em seu olhar.

— Por favor! — ela repete descendo mão pelo meu peito, abdômen até alcançar meu pênis duro. Tremo ao sentir seu toque suave.

— Porra bebê! — fecho os olhos e respiro fundo.

Afasto sua mão e coloco acima de sua cabeça, faço o mesmo com a outra. Se ela continuar me tocando assim não resistirei por muito tempo. Foram dias de abstinência e não sei até onde consigo suportar.

Coloco meus dedos entre suas pernas e noto como está úmida. Preciso sentir o seu gosto. Introduzo minha língua dentro dela, entrando e saindo enquanto meus dedos fazem mágica em seu clitóris.

— Neil! — ela geme. — Isso é...

Olho para cima e vejo-a agarrada aos cabelos enquanto se contorce. Continuo minhas investidas com a língua enquanto ela soluça. Suas mãos descem aos seios e ela se curva. Retiro minha boca de dentro dela e introduzo um dedo, depois outro, circulo os dedos ao redor da sua parede vaginal e encontro o ponto que ela aprecia. Circulo seu clitóris com a língua e chupo-o.

— Ah... — ela geme segurando os mamilos. — Ah... Neil.

Sinto-a tremer e vejo seu abdômen se contraindo, dando pequenos solavancos de prazer. Seu interior pulsa em torno dos meus dedos e ela desaba em um delicioso orgasmo. Curvo-me sobre ela e arremeto em seu interior. Ela está quente e lubrificada, deslizo mais profundamente e solto um gemido de prazer. Entrelaço os dedos entre os seus e começo a me mover de forma lenta e sensual.

— Neil! — ela geme erguendo os quadris — Por favor!

Afasto-me alguns centímetros e volto a estocar fundo, entrando e saindo lentamente.

— Não tenha pressa — sussurro em seu ouvido. Segurando suas mãos volto a colocá-las acima de sua cabeça. — A parte boa começa agora.

Beijo-a até que perca o fôlego e me introduzo mais profundamente. Jennifer tenta se soltar da minha mão, mas mantenho-as firmes. Ao invés de ir fundo como ela deseja recuo lentamente. Instintivamente ela prende as pernas ao redor de meu quadril tentando manter-me dentro dela. Mas continuo nessa tortura cruel, empurrando para frente, firme, duro e saindo lentamente, intensificando o prazer, poderia fazer isso por horas.

Com o corpo tomado pelo prazer ela geme ensandecida. Recuo novamente e volto a penetrá-la, agora cada cravada é mais funda e rápida que a anterior. Sinto sua pressão aumentar em torno a mim, acho que vou explodir. Seu interior começa a pulsar e me ordenhar cada vez mais rápido e forte.

Jennifer grita e desaba seu corpo se contorcendo. Dou mais uma estocada, soltando um rugido entre os dentes cerrados e explodimos em um orgasmo primitivo e violento. Fecho os olhos e abraço-a forte junto a mim. Aqui é onde quero estar, em seus braços. Seguro-a como um bebê. Apoio minha cabeça em seu peito e choro. Sinto suas mãos em meus cabelos me acariciando e sussurro antes de me entregar ao sono:

— Eu te amo.

Acordo com a sensação de paz, como se tivesse encontrado meu lugar no mundo. Abro os olhos e observo Jennifer adormecida em meus braços. Ela está deitada virada de frente para mim, a cabeça apoiada em meu braço e as mãos descansando em meu peito. Afasto suas mãos gentilmente, puxo meu braço com cuidado e saio da cama. Vou para o banheiro, tomo uma ducha rápida e visto um roupão.

Um alerta começa martelar em minha cabeça. Não havíamos usado preservativo. Estava tão alucinado e desesperado por ela que nem ao menos cogitei a ideia. Não há problemas para mim, nunca fiz sexo desprotegido com mais ninguém e pelo que ela me disse as poucas vezes que foi para cama com o ex-namorado estiveram protegidos. Na verdade, o que me preocupa é o risco de uma gravidez. Eu teria todos os bebês que pudesse com ela, mas esse não é o momento certo para isso. Droga! Quando irei começar a agir com mais sensatez. Não tenho mais dezesseis anos e não posso culpar os hormônios por isso. Alias, nem quando tinha essa idade fui tão irresponsável.

Volto para o quarto e dou um beijo em sua testa. Ela suspira e vira para o outro lado continuando a dormir. Vou para cozinha para preparar o café da manhã, não adianta ficar me martirizando agora o jeito é consertar isso.

Passo pelos quartos fechados e vou em direção à sala que está vazia. Paige deve ter ido para quarto durante a madrugada. Teria ido até o nosso quarto durante a noite? Ignoro o pensamento e vou para cozinha. Preparo o café na cafeteira e enquanto espero ficar pronto preparo uma bandeja com frutas, suco, queijo, torradas e geleia. Como uvas enquanto preparo tudo.

A cafeteira avisa que o café está pronto e coloco em uma pequena garrafa térmica para manter aquecido. Pego as chaves do carro e saio. Oriento ao segurança parado na porta que fique de vigia e que não falhe dessa vez. Não acho que Sophia tente alguma coisa, mas prefiro garantir isso. Encontro uma farmácia nas redondezas, compro um novo estoque de preservativo e volto para a cabana o mais rápido possível.

Termino de arrumar a bandeja de café da manhã e subo as escadas cantarolando, minha felicidade é tanta que sinto que vou explodir. Os acontecimentos de ontem antes de encontrá-la quase esquecidos.

Equilíbrio a bandeja em meus quadris e abro a porta devagarinho, quero acordá-la com meus beijos.

Para minha decepção ela está sentada na cama, vestindo a camisa enquanto noto meu celular piscando em cima do criado mudo. Coloco a bandeja em cima do outro criado e viro-me para beijá-la.

— Bom dia — sussurro.

— Bom dia — ela responde passando os braços em volta de meu pescoço. — Um ótimo dia.

Deito-a na cama e me curvo sobre ela. Esfrego o nariz em seu pescoço e sinto seu perfume embriagador. Minhas mãos deslizam pelo seu corpo com ansiedade.

— O celular — ela geme. — Pode ser importante, Neil.

— Nada é mais importante que isso. — sussurro contra seus lábios.

Sento-me e trago-a comigo, deixo minhas mãos descerem lentamente pelo seu corpo até alcançar a barra da camisa em suas coxas. Agarrando a barra puxo-a para cima passando por sua cabeça. Jogo a camiseta no chão e volto a beijá-la com sofreguidão. Interrompo o beijo apenas o suficiente para me livrar das minhas roupas, depois volto a buscar a sua boca com a minha.

Deslizo minhas mãos até seu monte de Vênus. Acaricio-a ali com o dedo estimulando-a e fazendo com que solte alguns gemidos. Continuo até que sinto que está pronta, coloco um preservativo rapidamente e coloco-a sobre mim. Ela desliza deliciosamente sobre meu pênis, lenta e prazerosamente. Nossos corpos se encaixam e se movimentam em uma dança sensual. Embora o preservativo seja extrassensível nada se comprar em tê-la essa barreira. Terei que dar um jeito nisso, agora que fiquei alucinado por tê-la assim novamente, apenas pele contra pele.

Estamos na cama tomando café quando resolvo verificar as mensagens do celular.

Até que enfim tomou alguma atitude. Segure essa garota, cara!

Dou uma gargalha e Jennifer pergunta do que estou rindo. O momento da minha vingança chegou.

— Sabia que Paige me envia mensagens com fotos suas todos os dias? — falo de forma inocente.

— Sim — ela sussurra constrangida. — Eu sabia

Engasgo com o gole de café que acabo de tomar e começo a tossir.

— Sabia? — Minha voz é de pura surpresa.

— Ela me contou — ela morde o dedo. — Na verdade me infernizou sobre isso, também.

Certo. Dois a zero para ela. Ainda vou encontrar uma forma de surpreendê-la.

— Então sabia que essas fotos são muito sensuais?

Dessa vez ela que engasga.

— Sensuais? Como assim? Sem roupa? — questiona, seu rosto ficando cada vez mais vermelho.

— Numa banheira cheia de espuma — resolvo provocar um pouco mais.

— Eu juro que vou matá-la — ela bufa furiosa.

Bem, dois podem jogar esse jogo. Um sorriso volta aos meus lábios. Verifico a mensagem seguinte.

Tive que voltar. Carpe Diem! PS: Pedi ao Calvin que me levasse.

— Covarde! — murmuro.

— Quem? — Jennifer pergunta confusa.

— Nada — beijo seus lábios sujos de geleia de morango. — Paige teve que ir embora.

— Ah — ela sorri encabulada. — As mensagens eram dela?

Noto que imagina o mesmo que eu. Se Paige teria visto algo durante a noite? Na última noite estava tão concentrado nela que poderíamos contar com uma plateia de estádio de futebol que eu não perceberia.

— Sim — volto a beijá-la até que o assunto é esquecido.

Giro-me na cama e fico de joelhos em frente a ela. Coloco uma mecha de cabelo atrás de sua orelha e acaricio sua bochecha.

— Tem que tomar isso — pego um comprimido ao lado da bandeja e coloco em sua mão.

— O que é?

— Não usamos preservativo ontem à noite — murmuro constrangido. Eu sabia que ela ainda não tomava pílula, portanto a responsabilidade era minha.

— Ah... — ela desliza a pílula entre os dedos. — Vamos concertar isso então.

Eu não sei por que de alguma forma isso me incomoda. É como se estivesse fazendo algo ruim.

— Espere! — seguro sua mão antes que chegue aos lábios. — E se...

— O quê? — ela questiona diante de meu silêncio repentino.

— E se ele já estiver aí? — sussurro quase inaudível.

— Isso não é possível — ela engole o comprimido com pressa. — Sabe que isso agora não é possível não é?

O fato de eu saber que ela tem razão não é menos decepcionante. De alguma forma a ideia de vê-la com um filho meu em seu ventre me soa perfeita.

— Claro — sento-me na cama de costas para ela. — Você tem razão. Não é o momento ainda.

A decepção em minha voz é indistigável e agradeço por ela não ser capaz de ver meu rosto nesse momento. Sinto seus braços circularem minhas costas e suas mãos pousarem em meu peito. Um beijo suave pousa em meus ombros enquanto seus cabelos acariciam minha pele.

— Está chateado comigo? — ela sussurra.

Beijo suas mãos com carinho e sorriso.

— Nunca. Foi apenas uma coisa tola por minha cabeça.

— Não é tolo — Jennifer contorna meu corpo e senta em meu colo. — Apenas não estamos preparados ainda.

— Tenho que contar uma coisa — digo ansioso para mudar de assunto. — Adam me disse que em algumas semanas serei um homem livre.

— Isso é ótimo — mas sua voz me soa triste.

— Não está feliz? — pergunto decepcionado.

— Esse pedaço de papel nunca foi um problema para mim — ela murmura. — Sophia é.

— Jennifer... — faço uma pausa e respiro fundo. — Sei que errei de todas as maneiras possíveis, mas...

— Neil... — ela coloca um dedo sobre meus lábios impedindo-me de continuar.

— Mas eu prometo que vou protegê-la — afasto sua mão e continuo. — E depois de ontem eu tenho certeza que ela sabe disso.

Jennifer me abraça apertado, em seguida, beija meus lábios e segura meu rosto entre as mãos.

— A única coisa que me mantinha afastada eram minhas convicções morais — ela continua, seus olhos vagueiam longe de mim.

— Eu... — ela sela meus lábios com a mão.

— Deixe-me falar — ela sorri. — Eu me sentia imoral por destruir uma família.

Destruir? Será que não percebe? Pelo contrário, ela trouxe tudo: amor, paz, luz, menos destruição.

— Mas depois de ontem, depois das coisas que ela me disse — ela respira fundo. — Sophia fez isso sozinha.

Meu coração dá saltos no peito com o que ouço. A esperança vem até mim como um trem desgovernado.

— Eu tenho minhas limitações Neil — murmura. — Mas eu não sou uma donzela indefesa que precisa ser salva o tempo todo.

Não concordo. Para mim ela sempre será minha menina frágil e delicada. Mas não vou falar sobre isso agora.

— Então eu vou vestir minha armadura brilhante e salvar meu príncipe da bruxa má — ela ri. — E seremos felizes para sempre.

— Creio que eu seja o príncipe — sorrio entrando na brincadeira.

— Obviamente que sim — ela fala com carinho. — Meu príncipe, meu herói, meu homem.

— Acho que Adam estava errado — continuo.

— Por quê? — ela parece confusa.

— Porque já não sou mais um homem livre — sussurro, deitando na cama e trazendo-a comigo. — Estou preso a você de todas as formas possíveis.

E logo estamos perdidos um no outro mais uma vez.

Chegamos ao seu apartamento dela por volta das sete horas da noite. Eu gostaria de ter ficado para o fim de semana, mas não quero deixar Anne sozinha.

— Tem certeza que não quer ficar no flat ou ir para minha casa? — sussurro em seus lábios enquanto a beijo e tento abrir a porta ao mesmo tempo.

— Tenho — ela sorri. — Lembre-se do que combinamos. Primeiro namoro. Se nós acharmos conveniente, no futuro, noivado e casamento, exatamente nessa ordem.

— Tudo bem — digo resignado. Ainda sem entender qual a importância em manter esse ritual. Por mim me casaria no dia seguinte ao divórcio. No entanto as mulheres tendem a ser mais românticas. E eu não quero tirar mais nada dela. Se for assim que ela quer é assim que será. — Tenha certeza que nós cumprimos todas as etapas.

Apesar da minha frustração eu aceito as condições. Quero realizar todas as suas vontades. E se isso incluir uma alta dose de romantismo, eu farei. Ainda tenho que pensar em como a pedirei em casamento. Quero que seja inesquecível.

— O segurança lá embaixo é um fator indiscutível e indispensável — digo ao entrar no apartamento.

— Tudo bem — ela faz uma cara travessa. — Paige disse que eles são muito bonitos.

— Sabia sobre eles? — pergunto irritado.

— Desde o primeiro dia — ela entra na casa sorrindo. Posso jurar que é da minha cara de idiota. — Mesmo antes de terem me socorrido de Sophia. Aprenda uma coisa Sr. Durant, nenhum homem consegue esconder coisas de sua mulher quando ela quer saber.

— Eu não gosto disso — reclamo fechando a porta.

— Sobre esconder as coisas?

Dissimulada.

— Não — eu puxo-a para mim. — Proíbo você de achá-los bonitos.

— Ciúmes? — ela provoca.

— Precaução.

Beijo seus lábios antes que ela possa contestar. Vou ter uma conversa com meus seguranças, mas isso vai ficar para depois. Tenho algo mais importante para resolver e envolve minha ruiva atrevida.

Capítulo Dezenove

Alguns dias depois estou sentado no escritório de Peter. Aguardamos a chegada de Willian Hardy por quase vinte minutos. O homem já fugiu desse encontro por duas vezes nos últimos dias.

— Que horas você marcou com ele? — pergunto impaciente.

— Às duas horas.

— Então ele está atrasado — reclamo sem olhar para o relógio em meu pulso.

— Seja mais paciente — Peter murmura. — O trânsito da cidade não colabora muito.

— E sobre Sophia? — pergunto mais para ocupar o tempo do que por estar interessado nela.

De acordo com os relatórios que recebo diariamente, Sophia está relativamente calma. No momento está passando uns dias no campo com a família. Depois do episódio do hotel em Vermont não a vi, nem falei com ela. Até onde eu sei, ela também não entrou em contato com Anne e nunca mais foi em minha casa. Embora, não esperaria outra atitude em relação à Anne.

— Sabe a prostituta que estava chantageando Sophia? Foi paga por outra pessoa para chantageá-la. — Peter me arranca dos meus devaneios — A prostituta alega que a pessoa que o cliente nunca mostrou o rosto. Ia lhe contar assim que saíssemos daqui.

— Como isso é possível? — pergunto intrigado.

— De acordo com ela, o homem usa uma máscara o tempo todo. — ele responde. — No começo achou esquisito, mas acabou se acostumando, pensou que fosse algum tipo de fetiche.

— No entanto, o que ele quer é esconder o próprio rosto — concluo — Deve ser alguém conhecido de Sophia, com certeza.

— Ou seu.

— Você acha?

Ele me mostra algumas fotos no iPhone, esse homem possui fotos íntimas de Sophia. Nas fotos ela está acompanhada por alguns homens, em vários tipos de jogos sexuais. Peter conseguiu com que a prostituta entregasse as fotos e as destruiu, mas salvou essas por precaução.

— De acordo com a mulher eram apenas cópias usadas para chantagear Sophia. As originais estão com esse homem misterioso — ele continua.

Alguns minutos depois a secretária de Peter aparece na porta.

— Sr. Stone, o Sr. Hardy está aqui.

— Mande-o entrar, por favor — ele ordena.

Levanto-me rapidamente e fixo meu olhar na porta. Um jovem magro usando camisa preta e calça jeans aparece em seguida. Seu cabelo é castanho escuro assim como os olhos. Reconheço-o imediatamente das fotos que vi recentemente.

— Como vai, William? Sente-se, por favor — Peter indica uma cadeira próxima de onde eu estou. Observo-o sentar e prefiro continuar em pé.

— Você sabe por que está aqui, não é? — a voz de Peter soa atrás do homem. — Também pode sair daqui diretamente para a cadeia, caso não resolva colaborar.

— E por que ainda não fizeram isso? — ele resmunga. — Será porque Sr. Durant tem muita sujeira para esconder?

— Não tenho medo de enfrentar o meu passado — giro a cadeira dele de frente para mim. — Então não me provoque!

Realmente não tenho medo do passado. As pessoas têm que responder pelos seus atos, mais cedo ou mais tarde. O que me incomoda são as pessoas que eu vou arrastar para essa lama comigo.

— Acha mesmo que a morte de uma jovem pode ficar impune? — ele dá uma risada de escárnio. — Acha mesmo que suas empresas e sua família sairiam ilesas a isso?

— Sua irmã cometeu suicídio — eu respondo com raiva.

— Graças a você, seu irmão e seus joguinhos — ele berra ficando de pé.

As imagens do passado voltam a minha mente. Até aquela noite fatídica. Aquele quarto, aquele dia que mudou minha vida para sempre. Como se fosse transportado de volta para lá. Lembro-me de todos os detalhes perfeitamente, desde a decoração até mesmo do cheiro.

O quarto parecia o local da Santa Inquisição Espanhola, cheio de objetos de tortura usados para a dor e o prazer. Correntes presas ao teto com mosquetões para *Karada* (suspensão com cordas ou correntes), uma cama redonda e giratória no meio do quarto, cadeiras e bancos de punição, pilastras para amarração com correntes e algemas.

Havia ainda uma mesa com tampo de vidro com vibradores, algemas, coleiras e ganchos nas paredes com açoites, cintos, varas, chicotes, palmatórias e bastões pendurados. Havia todos os tipos de brinquedos sexuais. No fundo do quarto havia uma parede de vidro e uma porta. Uma câmara secreta para os adeptos ao voyeurismo. Do quarto não se podia ver o observador, mas a pessoa do outro lado podia ver tudo que se passava ali.

No início tinha sido uma experiência divertida e excitante. Um garoto de cheio de testosterona, imerso em fantasias sexuais. Tudo sempre regado à bebidas e muita diversão. Eu era apenas um observador, Nathan era um dominador e Sophia era sua submissa. Nathan curtiá além do BDSM, swing ou qualquer outra bizarrice que lhe desse prazer. Ele não se apegava a ninguém, para ele era tudo sexo, dor e prazer, contanto que a dor fosse ele quem impusesse.

Observei muitas vezes Nathan e Sophia em suas aventuras sexuais, participei de algumas ao que me parecia inofensivas. Sophia sabia que eu a amava, ou eu pensava assim, e usava essa informação para me manipular. Muitas vezes fomos sozinhos para aquele quarto. Sempre que Nathan viajava ou sumia com outras mulheres. Era o momento em que eu acreditava que havia mais do que sexo entre nós dois. Tolo idiota.

Depois de alguns anos, Nathan começou a incluir mais mulheres, às vezes homens dominadores ou submissos e as coisas começaram a ficar perigosas. Era regra para Nathan fugir das normas de dominação/submissão. Presenciei algumas vezes ele machucar algumas mulheres, pelo simples prazer de causar dor e não de proporcionar prazer. Certa vez vi uma moça usar a tal palavra segura e ele simplesmente não parou. Ele usava no momento um gancho anal e por muito pouco não a rasgou com aquilo. Eu estava prestes a entrar no quarto, quando ele aquiesceu e retirou o gancho.

Lembro-me de quando estava com quase vinte anos e as coisas haviam realmente mudado para mim. Eu já não era o mesmo, não éramos os mesmos, principalmente Nathan e Sophia.

— Eu estou fora disso, Nathan — eu digo assim que entro no quarto negro. — Você está passando dos limites.

— Não seja uma mulherzinha — ele rebate nervoso. — Agora entra aí e fica quieto.

Ele me empurra dentro do compartimento e tranca a porta. Eu já estava completamente puto com ele. Eu fora enganado. Não sabia que ele estava me levando para aquele lugar. Porra! Por que Nathan simplesmente não aceitava as minhas decisões? Eu já havia dito um milhão de vezes que não queria mais participar das suas cenas, mesmo que como observador.

— Nathan! — grito com raiva. — Droga Nathan, abra essa porta!

Eu forço a maçaneta com força. Nada. Tudo bem. Eu participaria de seus joguinhos doentios pela última vez. Sento-me resignado no divã em frente ao vidro e aguardo. Uma jovem entra acompanhada de Sophia e as duas estão vestidas com um robe negro de seda. O rosto da jovem está encoberto por um capuz.

Sophia prende os pulsos dela em um par de algemas presas a uma das pilastras em frente a mim e em seguida puxa o capuz. A jovem olha para a parede de espelho e noto que parece jovem demais e assustada demais para o meu gosto.

Dois outros homens que desconheço entram no quarto. A jovem parece assustada quando compreende o que está prestes a acontecer. A cena que se desenrola é nojenta e tenebrosa, até mesmo para mim que já tinha visto muitas coisas acontecerem ali. Os homens a possuíam de todas as formas possíveis enquanto ela gritava e suplicava por misericórdia. Eles ignoravam os pedidos sempre incitados por Nathan que comia Sophia ao lado deles.

Após mais de uma interminável hora, Nathan abre a porta para que eu saia. Olho para minhas mãos e noto que meus dedos estão sangrando e minha garganta está ardendo. Percebo que gritei o tempo todo e soquei a parede à prova de som.

— Você pode se divertir um pouquinho — ele ri e vira as costas para mim.

Uma fúria assassina toma conta de mim e começo a socá-lo furiosamente, ignorando a dor em meus dedos. Ele cai e eu continuo batendo nele sem piedade.

— Pare! — ouço a voz de Sophia ao longe. — Façam alguma coisa!

Os dois homens me puxam e conseguem me separar dele. Vejo seu rosto sagrando e quase desfigurado.

— Você vai me pagar, Neil! — ele cospe o sangue dos lábios. — Juro que vai.

— Foda-se! — eu berro de volta. Ele tinha ultrapassado todos os limites.

— Fique com essa coisinha — ele me olha com nojo. — Aposto que ela vai apreciar seu toque delicado — sai jogando as chaves das algemas na minha cara.

Vejo sair do quarto acompanhado de sua corja. Aproximo-me da jovem encolhida entre a pilastra ainda presa sobre as correntes.

— Ei — sussurro, pois não quero assustá-la. — Está tudo bem. Vou tirá-la daqui.

— Por favor, não! — ela se encolhe ainda mais.

— Eu não vou machucá-la. — solto os pulsos dela — Não vou machucá-la.

Ela continua a chorar baixinho. É evidente para mim que ela era uma novata e não estava acostumada com aquilo. Quem eu queria enganar? Até mesmo para uma submissa profissional aquilo estava fora dos padrões.

— Precisamos ir ao médico — coloco o robe nela e a pego no colo. — Tudo vai ficar bem.

Após muitos protestos e recusa da sua parte para levá-la à emergência de um hospital, acabo levando-a para sua casa.

— Escuta, você precisa dar queixa — eu oriento.

— Eu não posso — ela começa a chorar. — Não posso!

Nunca fui um especialista em vítimas sexuais, mas sabia que muitas vezes elas tinham medo e vergonha de denunciar seus agressores. Mas Nathan não poderia ficar impune. Consequentemente, eu como expectador, estaria frito também.

— Sei que está com medo — explico. — Mas isso não pode ficar assim. Tem que denunciá-lo. Eu vou apoiar você. Tenho certeza que sua família também.

Ela ri amargamente antes de responder:

— Minha família... — seu olhar parece perdido. — Meu próprio pai me vendeu.

Então ela me contou que o pai tinha dívidas de jogo em um dos clubes que Nathan frequentava e em troca do perdão do ele tinha aceitado

que Nathan a seduzisse. No começo ela ficou lisonjeada e achou que ele estivesse interessado nela. Só essa noite ele havia confessado que era um jogo. Que ele a tinha comprado e faria o que quisesse.

— Nós temos que pará-lo — eu afirmo me sentindo enojado. — Se não é por você, que seja pelas próximas garotas.

Ela me prometeu que faria isso, mas preferia ir sozinha. Aguardei por uma semana e quando ela não apareceu, fui até sua casa e a convenci de ir à delegacia no mesmo dia. Dois dias depois, Nathan e eu fomos intimados. Quatro dias depois a queixa havia sido retirada magicamente. Como se passaram vários dias, não foi realizado o exame de corpo de delito e eu era a única testemunha disposta a relatar o que vi, mas sem a confirmação da vítima e com o ótimo trabalho dos advogados, ficou sentenciado de que não houve crime. No dia seguinte fui procurá-la, mas ela havia se suicidado tomando um vidro de remédios.

— Como se sente carregando a morte de uma jovem inocente? — a voz de William me traz de volta ao presente. — Consegue dormir à noite?

— Não a matei e não contribuí para a sua morte. Não fiz nada contra ela, pelo contrário, eu a ajudei. Mas ainda assim me sinto um idiota por não tê-la impedido do suicídio. Não há um só dia em que eu não lamente isso — respondo amargamente.

Não vou me sentir culpado por isso. Eu não fiz nada e já arrastei essa culpa por muito tempo. Fiz o que pude, falei para o delegado o que vi e ele não acreditou em mim. Agora tenho que seguir em frente. Percebo que ele vê a sinceridade em meu olhar e balança a cabeça lentamente.

— Talvez sim. Eu não sei — suspira esfregando o rosto. — Olha, minha irmã me deixou uma carta, me pedindo desculpas e pediu que você que a desculpasse por não ter sido corajosa.

— Por que você não entregou à polícia? — pergunto frustrado. — Mesmo sua irmã tendo retirado a queixa isso deveria servir como prova.

Até hoje não compreendo por que ela fez isso. Consta nos autos que ela alegou que tinha feito a falsa denúncia por vingança por que amava Nathan e ele a tinha rejeitado.

— A loira tinha ido procurá-la com algumas fotos — ele respira fundo. — Eram fotos dela nua em um quarto de orgia. Ela disse para minha irmã que ia entregar à polícia e mostrar para minha família e toda cidade iria saber quem ela era de verdade.

— Sophia? — murmuro. — Sophia era encarregada de tirar fotos no quarto, Nathan dizia que era para nossa segurança.

— Você não tem vergonha de fazer coisas assim? — ele me encara com desprezo.

— No começo não era assim. Eram apenas fantasias, mas as coisas saíram do controle. E para o seu conhecimento, no dia que sua irmã foi levada até lá, eu fui obrigado a assistir. Parece uma coisa idiota de se dizer, mas Nathan me trancou na câmara e não tive como sair de lá — tento me explicar. — Na verdade, eu já não assistia as suas sessões há muito tempo, mas nesse dia ele me persuadiu a ir e quando vi, estava preso dentro. Fui idiota eu sei. Ele nunca aceitou que eu não quisesse mais acompanhar suas sessões de sadomasoquismo.

— Isso não me interessa — ele rebate nervoso. — De qualquer forma, minha irmã ficou com medo. Algumas pessoas não acreditavam nela. Sabe, achavam que queria tirar dinheiro da sua família. Seus advogados foram bem convincentes com a imprensa.

Lembro-me das declarações na época. Eles armaram um verdadeiro circo em volta disso. Muitas pessoas haviam visto Nathan com ela e ele não teve pudor em se fazer de injustiçado. O garoto rico nas mãos de uma pistoleira.

— Eu só achei a carta uns dias depois — ele continua. — Cometi a burrice de procurar seu irmão e ele me mostrou as fotos. Eu não podia sujar a imagem da minha irmã como ele disse que faria, pois minha mãe já estava sofrendo muito. De qualquer maneira, seu pai pagou muito bem para “esquecermos” tudo. Os ricos sempre encobrem suas sujeiras.

— Meu pai sabia sobre a carta? — pergunto.

— Não sei, eu não falei com ele. Não falei com ninguém. — ele curva os ombros. — Sei pai deu muito dinheiro ao meu pai e fomos embora da cidade.

Tenho certeza que meu pai não sabe sobre a carta. Ele soube sobre a casa que mantínhamos e as coisas que havia nela, pois contei a ele. No entanto, Nathan conseguiu criar todo um circo ao redor da história, alegando estar com problemas psicológicos devido às drogas e bebidas. Ele foi enviado a uma clínica de reabilitação e eu fui para Inglaterra para ficar com um tio da minha mãe. Não voltei para casa durante esse ano.

— Ainda tem a carta? — pergunto.

— Não, destruí antes de ir embora.

— Por que você voltou? — Peter pergunta. — Você roubou e vendeu um dos maiores projetos de Nathan para seu concorrente por um preço irrisório.

— No começo eu queria vingança — ele responde. — Quer dizer, seu irmão está morto, mas você saiu ileso.

— Neil não teve culpa, foi tão vítima como sua irmã — Peter responde irritado. — Pessoas que presenciam violência sexual são tão vítimas quanto as que recebem.

— Olhe, eu quis sair disso tudo, mas o cara não deixou e as malditas fotos voltaram a me assombrar.

Peter e eu nos encaramos intrigados. Há outra pessoa envolvida nisso.

— Uma mulher morena me procurou um dia. E disse que um homem queria falar comigo, que era sobre a minha irmã.

— Como é essa mulher? — Peter pergunta.

— Alta, morena, acho que é latina — ele responde.

— E esse homem como ele é? — pergunto em seguida.

— Não sei cara. Encontrei com ele em um galpão escuro durante a noite. Ele usava máscara. Eu achei bizarro aquilo, mas não levei muito em conta. Precisava de dinheiro e ele me deu. Além disso, ele me afirmou que foi prejudicado por sua família tanto quanto eu.

Peter me encara com expressão de surpresa, assim como eu está ligando a mesma mulher e o homem mascarado aos mesmos que chantagearam Sophia.

Sento em uma cadeira, minhas pernas estão trêmulas. Então, esse homem está tentando me atingir o tempo todo. Quanto mais descobrimos, mais as coisas parecem confusas.

— De alguma forma ele sabia que nós precisávamos de dinheiro. Meu pai era viciado em jogo — suspira. — Íamos perder a nossa casa de novo. Ele me ofereceu o dinheiro. O que eu podia fazer? Minha mãe está ficando velha, e nunca mais foi à mesma depois que minha irmã morreu.

— Um crime não justifica outro — Peter revida. — Você pode ir para cadeia. Espionagem industrial é crime.

O rapaz fica pálido como um fantasma.

— Olha cara, eu já disse que tentei sair dessa confusão — ele se justifica. — Mas esse homem veio com o lance das fotos e me ameaçou, minha mãe está doente, tá legal? Preciso cuidar dela e não tenho como devolver o dinheiro.

— Como você conseguiu os documentos? — Peter pergunta.

Encaro-o com raiva, ele sabe muito bem como roubou o esqueleto do meu projeto.

— Comecei a frequentar aquelas casas esquisitas que sua mulher frequenta — ele diz me encarando.

— Ex-mulher... — corrijo-o.

— Continue — Peter me interrompe.

— Bom, ela é uma mulher muito fácil — Hardy sorri para mim. — Qualquer homem fica entre as pernas dela, ainda mais quando bebe.

Embora eu nunca tenha tentado que fique claro, ela me dá nojo — e faz uma careta ao dizer isso.

Se a intenção dele é me atingir não pode estar mais equivocado, nada do que disser sobre Sophia me abala.

— Logo passei a andar com seu grupo de amigos e uma coisa levou a outra. Eu só pensava em vingança.

— Entendo — esfrego o meu rosto frustrado. — Teria feito o mesmo.

— Não, você não teria — Peter me encara sério.

— Se o que aconteceu com irmã dele fosse com a Anne ou Jennifer faria ainda pior. Eu mataria os envolvidos com as próprias mãos. Ainda não me perdoe por participar de tudo aquilo.

— Você não teve culpa, Neil. Aceite isso — Peter murmura. — Estava preso naquele maldito quarto!

— Como assim? — Hardy questiona.

— Eu disse que fui obrigado a participar, lembra? Fui empurrado para a câmara e trancado à força.

— Por isso minha irmã nunca o culpou e pediu desculpas a você através da carta — ele esfrega a cabeça. — Eu nunca entendi isso, mas depois do que vocês falaram de como aconteceu, eu acredito. E faz sentido — ele continua como se falasse com ele mesmo.

— No dia que o vi no parque com sua filha, eu quis desistir. A forma como você a trata. Eu não queria magoar a garotinha, parece que Deus já o castigou demais através dela.

Sem pensar duas vezes eu agarro a camisa dele e falo em tom ameaçador:

— Nunca mais diga isso! — encaro-o com olhar feroz. — Anne nunca foi e nunca será um castigo para mim.

— Ei — ele tenta se soltar — Tudo bem. O que quis dizer é que você não parece ser tão cruel.

Respiro fundo e o solto ar, afinal ele tem seus motivos para me odiar. Eu mesmo me desprezo.

— Eu ia procurá-lo e devolver os documentos, pedir o dinheiro para pagar o homem, ele me procurou antes e me mostrou as fotos. Uma coisa levou a outra.

— Eu teria dado o dinheiro — murmuro — Devia ter me procurado antes.

— Como ia saber? Para mim você fazia parte de tudo aquilo.

— Esse é o problema de julgar as pessoas sem antes ouvi-las, mas isso não vem ao caso. De certa forma eu participei, mesmo que não quisesse — digo com uma pontada de culpa ainda me remoendo.

Ficamos em silêncio por longos minutos.

— O que vocês vão fazer? — ele pergunta assustado. — Vão me entregar à polícia?

— Isso é com Neil — Peter responde. — Eu acho que deveria.

— Eu não vou — respondo rapidamente. — Eu devo isso a sua irmã.

— Obrigado — ele suspira aliviado. — Vou tentar esquecer tudo isso. E não vou chegar perto de você ou qualquer um de sua família de agora em diante.

— Isso ainda não acabou — Peter senta na quina da mesa. — Esse homem pode voltar a procurá-lo. Vou deixar um segurança protegendo sua mãe.

Peter retira um cartão do bolso escreve algo e entrega a ele.

— Meu telefone pessoal — ele indica o número no cartão. — Se ele entrar em contato com você me avise imediatamente.

— Cara, é tão ruim assim? — ele parece assustado, como se agora percebesse onde realmente estava metido.

— Nós vamos encontrá-lo e vou destruir aquelas malditas imagens — eu garanto a ele.

William agradece novamente antes de sair. Pela primeira vez na vida estou em paz. Saber que a irmã dele não havia morrido com ódio de mim tirou um grande peso dos meus ombros. Uma parte do meu passado estava sendo enterrado. Não que eu fosse esquecer, mas a culpa já está diminuindo.

— Você deve estar enojado — murmuro para Peter sem conseguir encará-lo.

— Na minha profissão e na vida eu já vi muitas coisas que o surpreenderia. Não se esqueça do meu passado— ele respira fundo. — Lembra-se do que o Dr. Parker dizia? Temos que aprender a aceitar a nós mesmos e aprender com os nossos erros.

Dr. Parker era o psicólogo que frequentei durante aquele ano na Inglaterra. Peter estava no primeiro ano da faculdade e frequentava o mesmo psicólogo que eu, mas logo eu voltei aos Estados Unidos para dar início a minha faculdade.

— E o que faremos agora? — pergunto.

— Cavar bem fundo — ele coça o queixo enquanto analisa os fatos. — Sabemos que esse homem mascarado quer prejudicar você. O que Nathan fez para deixa-lo com tanto ódio?

Uma boa pergunta. Nathan fez tantas coisas, prejudicou tanta gente. Minha cabeça começa a latejar.

— Nathan? Por que não eu?

— Conheço o suficiente Neil — ele murmura. — Sabe se mais alguma outra jovem foi prejudicada por ele? O momento certo de me dizer é agora.

— Na verdade, sim — fecho os punhos com raiva. — A filha de um de nossos empregados.

— Neil, não vai me dizer que você...

— Não — eu o interrompo. — Eu nem estava na cidade.

Peter assente aliviado.

— Eu tinha passado quase um ano na Inglaterra, lembra? O Dr. Parker tinha me aconselhado a voltar para casa, fazer faculdade e de certa maneira, retomar a minha vida.

As imagens voltam a minha cabeça como relâmpagos.

— Ninguém sabia que eu vinha, meus pais estavam em um jantar beneficente. Eu cheguei e presenciei uma briga entre Nathan e Sophia. Foi aí que soube que ela estava grávida de Anne.

Peter me ouve com atenção.

— Ela dizia que se ele não se casasse com ela iria contar o que fez com a filha do jardineiro. E que outra garota tinha morrido por culpa dele.

— Jesus! — Peter exclama horrorizado.

— Eu procurei os pais dela. Mas eles pareciam não saber de nada. Disseram que meus pais estavam sendo muito bons com eles e os

estavam ajudando financeiramente. Fiquei tão irritado, Peter! — dou um soco na mesa e me levanto. — Estava furioso com meu pai, mais uma vez ele encobria as sujeiras do filho. Estava com ódio de mim também.

— Não foi culpa sua — Peter murmura.

— Como não? — urro. — Eu não estava presente, mas se tivesse feito algo no passado isso não aconteceria.

— Neil não pode se martirizar por culpa de outras pessoas — ele diz. — Era apenas um jovem. Seus pais tinham a obrigação sobre isso, não você.

— Voltei para Inglaterra, mas fiquei apenas mais um mês. O resto você já sabe — eu murmuro. — Uma semana depois Nathan sofreu o acidente. Eu acusei meu pai e descobri que ele realmente não sabia de nada. Acho que foi a primeira vez que ele percebeu quem meu irmão realmente era. Depois ele teve o derrame. — continuo. — Casei com Sophia e aqui estamos.

— Eu vou investigar a fundo, ok? Vamos descobrir quem é o mascarado e o que ele procura.

— Isso tudo é muito aterrorizante — murmuro frustrado. — Só não deixe respingar em minha família.

— Jennifer sabe sobre isso? — ele pergunta preocupado.

— Meu Deus, claro que não.

Como posso expor toda essa sujeira sem que ela me odeie? Só de imaginar o desprezo que ela teria por mim me deixa dilacerado.

— Tem que contar Neil — Peter me dá golpe final. — Isso tudo pode vir à tona, vai ser pior se ela descobrir por outras pessoas.

— Ela vai me odiar — eu me apavoro — Não vou poder suportar isso.

— Tenha mais fé em você e na Jennifer, Neil — ele me incentiva. — A verdade pode ser assustadora, mas também é libertadora.

Peter tem razão, não posso mais continuar mentindo. Ela tem o direito de saber e eu tenho o dever de contar. E se não puder me amar e me aceitar depois de saber de tudo, eu terei que deixá-la seguir sua vida, mesmo que eu morra por dentro.

— Farei isso — respondo resignado.

Vou para porta como se estivesse indo para uma execução. Caminho até a saída de forma automática, meus pés se arrastam lentamente.

— Neil? — a voz de Peter soa atrás de mim. — Pare de se culpar por algo que você não teve controle.

Uma das frases preferidas do Dr. Parker. Mas como eu sempre dizia a ele era fácil dizer, mas quase impossível de cumprir. Não é por que não temos controle sobre algo que nos livramos das responsabilidades.

— Peter, como Hardy sabia que o projeto estava na minha casa? — pergunto de repente.

Ele me olha como se avaliasse se deve me dizer ou não. No fundo eu imagino.

— Sophia. Talvez de maneira inocente eu não sei.

— Como assim? Sophia inocente? — pergunto sem entender.

— Hardy perguntou algumas coisas e ela acabou soltando que vocês não transavam e que você era obcecado pelo seu trabalho, levando projetos para a casa habitualmente. Ele deve ter observado você e deu sorte no dia da festa na sua casa.

Concordo com a cabeça e me despeço. Sophia ainda pagará pela sua “inocência”.

Calvin me espera do lado de fora do prédio. Passamos em frente a um bar e ordeno que ele pare. Sento-me ao balcão e peço duas

doses de uísque. Viro o copo de uma vez. Olho para o barman e peço mais uma dose.

Ele parece não estranhar o fato de eu estar bebendo a essa hora do dia.

— Dia difícil? — ele pergunta solícito.

Eu não respondo apenas balanço a cabeça e viro o copo. Sinto o álcool queimar em meu estômago. Peço outra dose e outra. Não estou a fim de conversa. Volto para o carro e seguimos para o apartamento de Jennifer. Calvin me encara pelo retrovisor. Parece inconformado com o que vê.

Toco a campainha e espero. Não estou bêbado, mas também não estou em meu estado normal. Penso em ir embora, afinal essa não é a melhor forma de contar a ela. Antes que possa me virar e ir embora alguém abre a porta.

— Meu Deus! — Paige murmura. — Você está péssimo! Entre.

Ela me arrasta para dentro. Meus olhos vão até onde Jennifer está. Desabo a na frente dela ficando de joelhos.

— Neil? — ela sussurra surpresa. — O que aconteceu?

— Perdi você para sempre — murmuro angustiado. — Sei que perdi.

— Querido... — ela segura meu rosto — Estou aqui. O que foi?

— Não vai ficar depois do que tenho a dizer.

— Eu vou ao supermercado — Paige diz saindo em seguida.

Chegou a hora de a verdade ser revelada. O momento que eu vou destruir minha vida com ela para sempre.

Capítulo Vinte

Jennifer seguras minhas mãos que estão em seu colo, percebo que elas estão trêmulas.

— Neil — ela murmura esfregando minhas mãos nas suas. — Suas mãos estão frias. Querido o que houve?

Eu não posso dizer! Não posso dizer! Não posso dizer!

Essa frase martela na minha cabeça como um mantra. Por mais que não me sinta tão culpado, o que aconteceu ainda me faz me sentir horrível. É o maior de todos os meus pecados e o desprezo que ela sentirá depois do que contar sobre mim será o maior de todos os castigos.

— Tem certas coisas que você precisa saber sobre mim. — falo de forma apática — Coisas que irão fazer com que me odeie.

— Eu não acredito nisso — ela sussurra. — Nunca vou poder odiar você.

Eu gostaria de poder acreditar nela, mas até mesmo um anjo como ela tem seus limites.

— Antes que eu revele tudo... — faço uma pausa e respiro fundo. — Quero que saiba que a amo. Que sempre vou amar. E se me der outra chance vou amar incondicionalmente, para sempre.

Então, começo a relatar tudo o que aconteceu, desde o que me lembro sobre meu relacionamento com Nathan até o suicídio da irmã de William. As palavras saem pesadas do meu peito, mas eu me sinto livre. Não há nada mais a esconder. Embora o medo do futuro longe dela seja aterrorizador, estou em paz por desatar essas amarras que me prendiam a alma.

Um silêncio crucial domina o ambiente depois das minhas últimas palavras. Percebo que é minha hora de partir. Não posso tornar a situação ainda mais difícil para ela com todo esse lixo sobre minha vida.

— Eu... — as palavras engasgam em minha garganta — Eu... eu vou embora.

Ergo meu olhar para ela apenas pela necessidade de admirá-la pela última vez. Seu rosto está voltado para baixo. Ela está totalmente imóvel. É como se mil lâminas passassem pelo meu corpo. A dor é tamanha que chega a ser física. Quero sair dali, mas meus joelhos estão cravados no chão, meus músculos não se movem.

— Todos nós temos segredos e arrependimentos. — ela me diz.

— Jennifer... — minha garganta queima. Meus olhos estão ardendo com as lágrimas contidas.

— Neil você tentou corrigir seus erros — murmura. — Eu nem mesmo fiz isso. Enquanto você ajudou aquela moça que mal conhecia eu me calei, me escondi. Você quem deveria me odiar por isso. Não eu.

— Não! — eu silêncio—a com um beijo — Nunca diga isso. Você era apenas uma criança, eu já era um adulto.

— Eu tinha quinze anos, Neil — ela choraminga. — Ela era minha irmã. Não há justificativa.

— Sabe o que Peter me disse hoje? — pergunto segurando suas mãos trêmulas. — Que não podemos nos martirizar por algo fora do nosso controle. Nós também fomos vítimas.

— Isso não diminui a culpa — ela chora levando a mão ao peito. — Não deixa de doer aqui.

A mágoa em sua voz é a mesma que a minha e parte meu coração ao meio.

— Eu sei disso — trago—a para os meus braços no chão. — Mas nós aprenderemos a lidar com isso. Juntos.

Não podemos mudar o passado, mas somos os responsáveis pelo nosso presente e futuro. E nossa história será fundamentada no nosso amor e respeito, principalmente em confiança. Assim caminharíamos passo a passo. Degrau por degrau. Até que cada tristeza fosse apenas uma lembrança turva.

— Neil? — ela murmura.

— Sim.

— Sobre aquelas coisas, aqueles jogos — ela pigarreia. — Você ainda faz isso?

— Não daquela forma — resolvo ser sincero. — Ainda gosto de alguns tipos de jogos.

Levanto seu rosto e vejo que está angustiada. Estaria com medo de mim? Do meu passado? Isso é o que eu temia.

— Jennifer... — começo tentando encontrar as palavras certas. — Tenho fantasias normais, como qualquer pessoa. Mas não vou fazer nada que não queira ou esteja pronta para fazer.

— Nada de compartilhamento ou sadomasoquismo? — ela murmura.

Não! Nunca! Eu a amo demais para compartilhá-la com alguém, muito menos infringir dor. Só o fato de imaginar outro homem tocando-a de forma tão íntima ou lhe causar qualquer tipo de dor me faz enlouquecer. Ela é minha, só minha!

— Eu não acho que eu possa fazer isso — respondo. — Dividi-la com outro. Tenho ciúmes demais de você. E também não posso lhe causar dor, nunca gostei disso, nem de ver, nem de provocar dor, não me traz prazer.

— Mas você já fez isso antes — ela rebate.

— Está sugerindo que quer ser compartilhada com outros homens? — pergunto abismado.

Inferno! Eu farei qualquer coisa por ela, mas isso não.

— Claro que não! — ela me encara constrangida. — Mas é que... Você não vai sentir falta disso? Dessa vida?

— Não. Eu era um garoto experimentando sexo — respondo. — Além disso, era sexo por sexo. Com você é amor e prazer. Eu escolho isso mil vezes.

— Oh, Neil — ela me abraça espalhando beijos pelo meu rosto. — Foi à coisa mais linda que já me disse.

— Eu te amo — beijo seus lábios. — Sempre e para sempre.

— Sabe que eu até gostaria de alguns joguinhos de vez em quando — ela me provoca agarrando meus cabelos.

— Isso é bom — gemo entre seus lábios. — Conheço muitos, mas nada de compartilhamento ou dor.

Beijo-a novamente, nossas mãos passeando por nossos corpos de forma desesperada, com ansiedade e paixão.

— Hum, hum — a voz de Paige nos interrompe. — Quartos existem para isso.

Jennifer esconde o rosto em meu ombro e a seguro junto a mim. Paige segue para o quarto dela ainda reclamando. Vejo que chega sem nenhuma compra. Na certa apenas quis nos deixar a sós. Cheguei tão desorientado que nem vi que poderia ter contado tudo na frente dela.

— Podemos convidá-la para o quarto, se você quiser — sussurro.

Sinto Jennifer ficar tensa e me amaldiçoar pela brincadeira. Não era um momento oportuno para isso. Já tive sorte o suficiente dela ter aceitado meu passado melhor do que eu esperava. Não há um dia que ela não me surpreenda e me faça amá-la ainda mais.

— SÉRIO? — ela me pergunta tensa.

— Não! Claro que não! Só estou brincando! — minha voz soa tensa. — Desculpe.

— Isso é um alívio — ela responde agora sorrindo. — Eu detestaria ter que cortar meu brinquedinho favorito.

Meu corpo começa a tremer de forma incontrolável.

— Brinquedinho favorito? — pergunto ainda rindo — Srta. Connor eu vou ensiná-la a não chamar o meu guerreiro de brinquedinho!

— Guerreiro? — ela ri alto.

— Um guerreiro muito mal — pego-a no colo e sigo para o quarto. — Ele adora ser perverso com donzelas indefesas e impertinentes.

É o último fim de semana de verão. Jennifer e eu estamos sentados em espreguiçadeiras em frente à piscina e tomamos os últimos raios de sol da tarde. Observo Anne na piscina com a babá, enquanto o cachorro late sem parar na borda.

— Tem certeza que não quer entrar na água? — pergunto esperançoso. Seria uma boa desculpa para manter minhas mãos no corpo dela.

— Não — ela responde apressada — Você sabe que não sei nadar.

Seus lábios tremem ao dizer as últimas palavras, percebo que na verdade ela tem medo. Não há muitas coisas que Jennifer tenha medo de fazer, sempre é muito corajosa e independente e constatar isso me deixa triste. Aperto seus dedos delicados com carinho, quero que sinta o quanto a amo e admiro.

— Sr. Durant — a Sra. Jackson nos interrompe. — Seus pais estão aqui.

Meus pais? O que estão fazendo aqui? Reviro minha mente e me lembro de que meu pai vem até Nova York para consultar seu médico e fazer um checkup.

Droga! Ainda não é o momento para conhecerem Jennifer. Meu relacionamento com meus pais não é muito bom, especialmente com a minha mãe. Embora, depois que Anne nasceu tenha estado mais próximo de meu pai não posso disser o mesmo dela, ela continua distante e fria e não faço nada para ajudar também.

— Onde eles estão? — pergunto.

— Sua mãe já se instalou no quarto de hóspedes e pediu para avisá-lo que chegou.

Essa resposta me irrita, minha mãe passa pelas pessoas como um trator. Nunca me importei muito com sua mania de agir como a dona da casa, afinal de contas, Sophia nunca se importou com nada além dela mesma, mas agora as coisas serão diferentes e minha mãe terá que entender que existem limites. Olho para Jennifer e vejo que parece preocupada, seu rosto está pálido e torce as mãos em sinal de nervosismo.

— Vamos — levanto-me segurando suas mãos trêmulas e a trago junto a mim. — Venha conhecer meus pais.

— Eu não acho...

— Fique tranquila, querida — eu a tranquilizo. Paramos perto de onde Anne brinca de bola com a babá. — Só mais meia hora Anne.

— Mas papai... — ela começa a reclamar.

— Meia hora Anne — repito firme sem dar oportunidade para que ela retruque. Apesar de contrariada ela aceita e voltam a brincar.

Seguimos para dentro de casa, ajudo Jennifer a se acomodar no sofá e vou para o bar.

— Quer beber algo? — pergunto percebendo a sua ansiedade.

— Acho melhor eu ir embora — ela ignora minha pergunta. — Seus pais devem estar cansados e devem querer um pouco de privacidade.

Ignoro a dose de uísque que havia preparado para mim e caminho até ela no sofá.

— Jennifer meus pais são bem vindos aqui — seguro suas mãos geladas — Mas você é minha namorada e cedo ou tarde terão que lidar com isso.

— Namorada? — ela ergue a sobrancelha.

Eu sei o que ela quer dizer, legalmente e moralmente não posso dizer isso, mas nunca me se senti casado.

— Sei o que quer dizer — beijo seus dedos. — Mas meus pais mais do que ninguém conhecem as circunstâncias do meu casamento com Sophia. E sim, você é minha namorada e não vou apresentá-la de outra maneira.

— Neil talvez não seja o momento ainda — ela resiste.

— Em nossa relação nunca houve momento certo para nada — eu brinco. — Relaxe querida, eles vão adorar você.

Vejo dúvida e incerteza em seu olhar.

— Neil por que não pediu que Calvin fosse nos buscar? — a voz de minha mãe interrompe na sala — Sabe como é difícil conseguir um táxi nessa cidade?

Levanto-me rapidamente para encará-la. Minha mãe está parada entre o arco da porta e a sala. Usa um vestido rosa pálido, colar e brincos de pérolas, seus cabelos loiros e sem um fio branco, graças ao excelente cabeleireiro que frequenta, estão presos em um coque severo e elegante no alto da cabeça. Ainda é uma mulher muito bonita, apesar dos seus cinquenta e dois anos. Poderia passar facilmente por uma mulher de quarenta. Posso dizer que minha mãe é uma dessas mulheres que o tempo parece não alcançar.

— Sua excelente secretária não avisou quando chegaríamos? — A pergunta é mais uma queixa do que uma indagação. — Oh desculpe, não sabia que tinha visita.

Ela para de falar e caminha até nós com postura altiva. Sempre admirei a elegância de minha mãe, mas nesse momento me incomoda.

— Penélope me avisou — respondo a primeira pergunta. — Eu que me esqueci.

Viro-me para Jennifer e a ajudo a ficar de pé. Também estou nervoso, há muito tempo deixei de me importar com a indiferença de minha mãe, mas quero que Jennifer se sinta bem recebida. Minha mãe arregala os olhos ao encarar Jennifer de perto. Parece surpresa com o que vê e imagino que tenha percebido que é cega.

— Jennifer, essa minha mãe, Lilian — coloco-me de lado para que as duas possam ficar frente a frente. — Lilian essa é Jennifer, minha namorada.

Chamo minha mãe pelo nome há muito tempo. Não a chamo de mãe desde que era criança.

— Muito prazer — Jennifer estica as mãos onde pensa que Lilian está.

— Namorada? — minha mãe ignora a mão estendida e olha para mim. — Pode me explicar como isso é possível, já que é um homem casado?

Fico irritado com falta de sensibilidade em ignorar a mão esticada, mas para poupar Jennifer de mais mágoa e constrangimento deixo isso passar. Mais tarde teria uma excelente conversa com Lilian.

— Eu já lhe disse que estou me divorciando...

— Mas ainda não é um homem livre — ela me interrompe. — É inadmissível trazer outra mulher com Anne aqui. Ainda mais se tratando dessa.

— Veja como fala, Lilian — eu ameaço. — A casa é minha e trago quem eu quiser.

— Sophia estava certa... — Lilian começa a com voz chorosa.

— Eu não quero saber o que Sophia disse — eu rebato. — Jennifer é minha namorada e em breve será minha esposa.

— Ah, não pode fazer isso, Neil — vejo minha mãe fora de controle pela primeira vez — Seu primeiro casamento foi um erro, mas esse...

— Acho melhor não continuar, Lilian! — eu falo com raiva.

— Acho melhor eu ir embora — Jennifer aperta meu braço. — Vocês devem conversar...

— Não! — eu a puxo para mais perto de mim. — Se alguém tem que ir embora que seja ela.

— Está me expulsando da sua casa? — Lilian parece surpresa.

— Se pretende continuar se comportando assim, sim, estou — minha voz soa mais ríspida.

— Não pensei que nos odiasse ao ponto de querer se vingar assim. — ela volta a sua postura fria. — Mas saiba que o único a se ferir com essa decisão é você, Neil.

Lilian sai tão altiva como entrou. Sinto meu sangue ferver. Quando e o quê ela conversou com Sophia? Meus sentimentos são contraditórios, não que realmente me importe, mas mais uma vez preciso de seu apoio e ela me vira às costas. Justo ela que mais do que ninguém sabe o quanto Sophia fez de nossas vidas um inferno.

— Não a deixe ir, Neil — Jennifer segura minha mão. — Vocês precisam conversar. É melhor eu ir embora.

— Acho que já dissemos tudo — murmuro. — Jennifer eu falo sério quando digo que vamos nos casar um dia. Lilian terá que aceitar e respeitar isso ou não será bem vinda aqui.

— Papai eu posso ficar mais um pouquinho? — Anne entra na sala enrolada na toalha. Está tremendo e seus lábios já estão roxos de frio.

— Não, Anne. Vá tomar um banho logo! — respondo firmemente. — Seus avós estão aqui, mas já está indo embora, passe no quarto deles e se despeça.

— Por que vão embora? — Anne enrugando a testa.

Anne e meus pais têm um relacionamento muito bom. Bem diferente do que eu já tive. Minha mãe sempre quis ter uma filha, creio que Anne supre essa necessidade dela, ainda mais sendo filha de Nathan seu protegido. Parece um pensamento amargo, mas é exatamente assim que as coisas são.

Já Anne adora os avós, eles fazem de tudo para mimá-la, e até pouco tempo minha mãe era sua única referência materna.

A única vez que não vejo minha mãe ser tão fria é quando está com ela. Algumas vezes presenciei as duas brincando juntas, mas assim que minha mãe me nota volta a ficar indiferente. Por que ela nunca me amou como Nathan? Será que também me culpa pela morte dele? Afasto esses pensamentos de minha mente, isso não importa mais. Não me machuca mais, tento me convencer.

— Eles precisam ir, Anne — murmuro. — Vá logo antes que se vão.

Anne sai resmungando e parece ignorar minhas mãos segurando as de Jennifer. Ainda não tivemos essa conversa, mas ela é inteligente. Relembro nossa conversa no dia anterior quando disse que havia convidado Jennifer para passar o sábado com a gente.

— *Você vai namorar ela?* — Anne perguntou enquanto desenhava.

— *Você se importaria?* — pergunto de forma cautelosa.

— *Acho que não — ela balança os ombros e volta a desenhar.*

Para ela não parece estranho, Sophia e eu nunca fomos um casal, nem perto, nem longe dela. Nunca trocamos um gesto ou palavras de carinho depois que nos casamos. E pensando bem, nem antes disso. Antes era apenas sexo cru. Eu que achava que ela gostava de mim e que eu a amava, mas hoje vejo que não era nada disso.

Olho para Jennifer que está muito silenciosa e com a testa franzida. Está magoada com o que aconteceu, não há como esconder isso.

— Ei... — beijo seus lábios. — Vai ficar tudo bem. Vou me despedir de meu pai e já volto.

Sigo para o andar de cima e encontro com Anne saindo do quarto parecendo um pouco amuada.

— Papai, por que a vovó está chorando?

Chorando? Isso é novidade para mim. Talvez eu tenha sido um pouco duro demais.

— Coisas de adulto, Anne, vá tomar banho antes que fique resfriada. – ordeno.

— Faz isso, faz aquilo — ela sai reclamando alto.

Respiro fundo e bato na porta do quarto. Após ouvir um murmuro baixo, entro. Olho para o homem moreno, agora um pouco mais grisalho, o que só adiciona charme a ele. Está sentado em sua cadeira de rodas. Seus olhos são negros como os meus. Sempre diziam que Nathan e eu éramos cópias idênticas de nosso pai. E embora ele não seja mais o mesmo homem, ainda exala imponência e autoridade, porém quando se trata de mamãe, ele é como um cordeirinho, mesmo antes do primeiro infarto.

— Pai. — digo me aproximando dele — Como está?

— Bem — ele tenta responder, pois sua boca ainda um pouco torta não ajuda muito. Hoje consegue se comunicar bem melhor, se comparado quando teve outro derrame há oito meses.

— Como poderia estar bem se nosso único filho nos expulsou de sua casa? — Lilian se queixa fechando a mala.

— Não foi bem assim — eu revido — Não tem que ser assim.

— Você foi bem claro, Neil — ela caminha até a cadeira de papai. — Faça da sua vida o que quiser como você sempre fez. Mas não espere que nós compactuemos com isso. Pensei que você diferente de Nathan, mas ao fazer isso só para nos atingir me mostra que não.

Encaro—a confuso. O que o fato de me casar com a mulher que amo possa me igualar a Nathan? Por que não pode ver como estou feliz pela primeira vez na vida?

— Pai... — viro em sua direção. — Gostaria que conhecesse a Jennifer...

— Poupe seu pai disso, Neil — ela empurra a cadeira com olhar frio.

Sinto uma mão firme segurar meu pulso apesar de trêmula.

— Sua mãe está certa — ele me diz quase incompreensível e com olhar decepcionado.

Meu coração se contrai, compreendo a forma como minha mãe lida com isso, afinal ela sempre foi muito conservadora, mas saber que papai pensa da mesma forma me magoa. Se eles querem agir dessa maneira, guiados por preconceitos ridículos, não há nada que eu possa fazer.

— Peça a alguém para levar nossas malas — Lilian continua a caminhar empurrando a cadeira — Acho que essa jovem não merece o que você vai fazer.

O quê? De que merda ela está falando agora? Será que Sophia falou que eu estava fazendo algum dos jogos do passado? A única explicação plausível é essa. Esfrego o rosto com desespero. Sophia sempre se intrometendo onde não deve. Maldita naja!

O restante do dia passou tranquilamente apesar de tudo. Comemos pizzas e ficamos no sofá, enquanto Anne estava entretida com seus DVDs preferidos. Insisti para que Jennifer passasse a noite em minha casa e até mesmo ofereci o quarto de hóspedes, mas ela bateu o pé e exigiu voltar para o seu apartamento. Apesar de contrariado, eu cedi e a levei para casa por volta das dez horas.

No dia seguinte pedi a Dylan para levar Anne em um dos meus hotéis, onde meus pais estão hospedados e segui para o clube de golfe para me encontrar com Adam e Peter.

— Então sua mãe ficou furiosa? — Adam pergunta antes de dar a próxima tacada.

— Você nem imagina — respondo enquanto analiso a próxima jogada. — Vou esperar o divórcio ser finalizado para voltar a falar com ela. Acho que Sophia a envenenou com ideias erradas.

— Devíamos trancar Sophia num quarto de hospício e jogar a chave fora, isso sim — Peter murmura enquanto nos segue pelo campo. Golfe não é um dos seus esportes favoritos, ele prefere luta livre.

— Quanto ao divórcio creio que nessa semana sai à sentença definitiva — Adam me informa enquanto observo a sua tacada parar a poucos centímetros do buraco.

— Isso me tranquiliza muito — murmuro.

Após o jogo seguimos para o vestiário e nos despedimos. Tomo uma chuveirada, arrumo minha bolsa de ginástica e saio. Meus pensamentos voltam para Jennifer, ela ainda está muito chateada com o que aconteceu, pude perceber isso quando falei com ela pelo telefone hoje de manhã. Embora tentasse disfarçar, eu já a conheço o suficiente para saber quando algo a perturba.

Dylan está parado em frente ao carro conversando de forma muito íntima com uma mulher mulata, muito bonita. A me ver ela se despede e fica encabulado.

— Vamos para casa de Jennifer — ordeno como se não tivesse presenciado nada.

— Sim senhor.

Seguimos pelas ruas da cidade, com o trânsito tranquilo por ser domingo. Ao passarmos perto de uma floricultura peço que Dylan faça uma parada. Entro e um vaso de hortênsias azuis me chama atenção, tanto pela cor que me lembra dos olhos dela como seu significado, são azuis da cor do céu e do mar, simbolizam confiança, harmonia, amizade, fidelidade e amor. Tudo o que nossa relação significa para mim. Enquanto a vendedora faz um belo arranjo, atendo o celular que começa a tocar nesse momento.

— Olá Liam — respondo assim que identifico o número dele no visor.

— Olá. Eu já estou de volta à cidade, então quero saber se pode ir ao meu consultório amanhã para marcamos a cirurgia de Jennifer.

— Liam essa é uma notícia maravilhosa — sorrio. — Estaremos lá amanhã de manhã.

— Certo. Até amanhã então.

Entrego o cartão de crédito para a vendedora e aguardo. Dois minutos depois ela me devolve o cartão e o arranjo de flores. Ela me oferece um largo sorriso que ignoro e saio. Ainda estou flutuando com a ligação de Liam e a boa notícia. Ao entrar no carro peço que Dylan passe em uma adega perto dali, precisamos comemorar.

— Olá anjo — digo assim que ela abre a porta para mim. — Gostaria de devorar esses lábios sedutores, mas tenho as mãos ocupadas.

Refiro-me à garrafa de champanhe *Cristal Louis Roederer* em uma mão, o vaso de flores na outra e uma caixa de chocolates *Vosges Haut* entre elas.

Ela se inclina até mim e eu devoro seus lábios.

— O que é isso? — ela se afasta ao sentir os objetos em minhas mãos.

Entro no apartamento com pressa e deposito as coisas na mesa da sala. Volto para seus braços capturando seus lábios novamente.

— Flores — respondo mordendo seus lábios. — Champanhe. E chocolate.

Ela circula seus braços em volta de meu pescoço e cola seu corpo ao meu. É impressionante a forma que nossos copos se encaixam perfeitamente quando estamos juntos.

— E a que se deve tudo isso? — ela ronrona em meus braços.

— Primeiro porque você merece.

Vou depositando pequenos beijos em sua face.

— Segundo porque eu quero e terceiro porque estamos comemorando.

— E o que estamos comemorando? — ela murmura.

— Falei com Liam há pouco. Ele me disse que irá marcar sua cirurgia e pediu que fôssemos amanhã ao seu consultório.

— Isso é ótimo — ela me abraça forte.

— Logo Sr. Durant poderei olhar seu rosto... — ela continua depositando pequenos beijos pelo meu rosto como fiz anteriormente. — Seus olhos, seus lábios e seu corpo incrível.

— Não sei por que, mas eu por acaso vejo segundas intenções nisso?

Brinco chupando seus lábios.

— Segundas terceiras e todas as intenções possíveis e imagináveis — ela me responde com um gemido.

— Tem alguém em casa? — Pergunto enquanto tiro o seu vestido.

— Não — ela sussurra gemendo.

— Ótimo.

Tiro nossas roupas e a faço minha ali mesmo na sala. As flores, a champanhe e o chocolate ficam para depois...

Capítulo Vinte Um

— Então? O que acham da cirurgia ocorrer no dia primeiro de outubro? — Liam pergunta sorrindo.

— Dia primeiro? — Jennifer murmura — Um dia antes do aniversário de Neil?

— Você se lembra? — pergunto surpreso.

— Datas são importantes. — ela sorri constrangida. — Primacialmente essa data.

Nunca fui muito ligado em datas comemorativas, salvo o aniversário de Anne, não me importo com eventos, em geral. Saber que Jennifer memorizou meu aniversário me deixa emocionado.

— Será um belo presente de aniversário — sussurro beijando seus lábios.

— No caso o presente será para mim — ela responde envergonhada. — Eu vou receber o presente.

— Anjo, poder olhar dentro dos seus olhos e saber que você estará olhando para os meus e me vendo, será o melhor presente de toda a minha vida.

Unimos nossos lábios e em instantes estamos em nosso mundo particular, em nossa bolha.

— Hum, hum — Liam pigarreja. — Não quero atrapalhar o momento romântico, mas vamos continuar. Você deve fazer um jejum de doze horas antes da cirurgia e usar esse colírio que vou prescrever.

Eu e Jennifer coramos, constrangidos. Por um momento esqueci completamente da presença de Liam e onde estávamos. Isso sempre acontece quando estou com ela.

Ele diz enquanto escreve no receituário médico.

— Apenas para prevenir alguma infecção.

— Jennifer, alguns medicamentos como aspirina não deve ser ingeridos antes da cirurgia, pois podem causar hemorragia — ele entrega o receituário. — Esse colírio é antibiótico e você deverá usar um dia antes.

— Farei tudo que for preciso, Dr. Crighton — Jennifer murmura.

— Liam, pode me chamar de Liam, lembra? — ele a corrige.

— Claro — ela sorri. — Liam.

— Estou atrapalhando alguma coisa aqui? — pergunto incomodado. — Por que eu posso sair da sala.

— Neil? — Liam ergue as sobrancelhas para mim ironicamente. — Não sabia que era tão ciumento — ironiza e solta uma gargalhada.

— Eu posso mostrar o quanto! — retruco.

— Neil! — Jennifer aperta minha mão. — Não seja indelicado.

Respiro fundo e procuro fazer com que a razão volte a mim. Eles têm razão, não há motivos para essa insegurança. Liam é meu amigo e Jennifer será minha esposa, é normal que se tratem como amigos.

— Você terá que ser internada um dia antes para exames pré-operatórios. Não se preocupe, são exames de rotina — Liam continua sua explicação ignorando meu pequeno ataque de ciúmes.

— Desculpe-me, Liam — murmuro para ele.

— Tudo bem — ele sorri da minha cara de idiota. — Sem problemas.

Liam sempre foi o mais descontraído e brincalhão dos meus amigos. Posso dizer que é a versão masculina de Paige. Eles fariam um partido e tanto, não fosse o fato de ele ter uma noiva e aparentemente ser apaixonado por ela.

A consulta termina e despedimo-nos de Liam. Combino um jantar com Jennifer à noite para que possamos comemorar apesar dela ter passado metade do dia ainda irritada com meu comportamento no consultório, mas à noite parecia estar mais calma e animada.

Os dias passaram rapidamente. Visitei meus pais umas duas vezes durante os dias em que ficaram hospedados no hotel, mas não conversamos mais sobre meu relacionamento com Jennifer. Papai está reagindo bem ao tratamento e com um novo método de fisioterapia, que se seguido à risca, poderá livrá-lo da cadeira de rodas.

Estou de volta a minha sala após uma importante reunião de negócios, quando encontro Penélope parada em frente a minha porta, parecendo muito nervosa.

— Tudo bem Penélope? — minha pergunta a assusta.

— Sr. Durant — murmura constrangida. Noto suas bochechas ficarem vermelhas. — Er... — pigarreia.

— Você está bem? — pergunto cada vez mais intrigado.

— Sim. Hum... — ela responde nervosa. — O Dr. Crighton está lá dentro.

— Qual deles? — eu já sei a resposta, apenas um deles tem a capacidade de deixar Penélope assim.

— Adam — ela volta a sua postura eficiente.

— Certo. Se quiser pode ir almoçar.

— Obrigada — ela sai em disparada.

Entro e vejo Adam em frente à janela observando a cidade. Seus ombros rígidos indicam que está nervoso. Nem mesmo notou que eu entrei na sala.

— Olá — respondo colocando a pasta em cima da mesa — Alguma novidade?

— Em cima da mesa — responde sem olhar para mim.

Vejo um envelope branco em cima da minha mesa. Abro-o com pressa e minhas pernas ficam bambas quando vejo o documento.

— É o que estou pensando? — pergunto ansioso.

Semana passada aconteceu a última audiência de divórcio. Não foi muito agradável e Sophia como sempre não quis facilitar as coisas. Mas graças ao seu comportamento, às provas reunidas e o fato, não menos importante, de Adam ser um excelente advogado, tudo saiu como previsto.

— Está livre — Adam murmura agora me encarando. — Divorciado, eu diria.

— Divorciado — sussurro.

— Está livre daquela megera, meu amigo. — Adam dá alguns tapas em minhas costas.

Leio a sentença e vejo que estou livre de Sophia. Graças a Deus! E a guarda de Anne é minha.

— Preciso ir — digo com um sorriso maior que o meu rosto. — Obrigado, Adam.

— Espere! — ele interrompe meu caminho até a porta. — Não quer saber do resto?

— O quê? Que resto está falando? Essa não é a sentença definitiva? — pergunto impaciente.

— O juiz lhe concedeu a guarda de Anne por um ano, se nada acontecer até lá, você terá a guarda definitiva. Você não viu isso enquanto lia?

— Não. De qualquer forma obrigado! — digo abrindo a porta. — Muito obrigado, Adam.

— Por nada — ele sorri. — É o meu trabalho.

Saio com um sorriso idiota no rosto, são muitas notícias boas em tão poucos dias. Enfim, não sou mais casado com Sophia e posso assumir Jennifer publicamente.

Porra! Sou um homem livre! Nunca estive tão feliz em toda a minha vida.

— Aline, peça a Penélope que desmarque todos os meus compromissos para essa tarde — digo à assistente que ocupa o lugar de Penélope em seu horário de almoço.

Ela aquiesce e eu sigo para os elevadores. Estou estupidamente feliz. Entro no elevador como um idiota apaixonado. Paro no quinto andar e sigo para a Tiffany, uma das melhores joalherias da cidade, e que possui uma loja em meu prédio.

— Sr. Durant — o gerente vem me receber assim que entro. — Em que posso ajudar?

— Preciso de um anel — respondo. — Um anel muito especial.

— Claro senhor — ele responde solícito e me encaminha para a sala de clientes *Vips*.

Após quase uma hora vendo praticamente todo o mostruário da joalheria e aguentando todo o lengalenga do gerente, opto por mandar desenhar o anel da forma como eu desejo. Ainda tenho tempo para a ocasião em que pretendo dá-lo à Jennifer.

Vou para a garagem privativa e encontro Dylan me esperando. Seguimos direto para a floricultura que descobri há tempos atrás. Escolho duas dúzias de rosas azuis e peço que entreguem no flat.

Volto para o carro e ordeno que Dylan me leve direto para o flat. Faço todas as ligações necessárias para propiciar o ambiente que preciso. Estou ansioso como um garoto no colegial que vai pedir à garota mais linda da escola para acompanhá-lo ao baile de formatura. Chego ao flat e vejo os funcionários trabalhando para garantir que tudo o que solicitei esteja na mais perfeita ordem. Decido ligar para Jennifer que atende no segundo toque.

— Esteja pronta em meia hora — falo assim que ouço sua respiração do outro lado da linha.

— O que está acontecendo? — ela me pergunta intrigada.

— Faço o que eu pedi — falo firme. — Não discuta comigo. Precisamos conversar.

— Neil — ela diz nervosa — O que houve?

— Não discuta Jennifer. Dylan estará em seu apartamento em meia hora.

— Espere! — sua voz soa ansiosa. — Está me deixando nervosa.

— Use a mesma roupa que usou quando veio ao meu flat pela primeira vez.

— Por quê?

— Srta. Connor, você é muito curiosa. Até logo.

— Neil...

Desligo antes que ela possa protestar. Eu sei o quanto ela é insistente quando quer e da minha incapacidade de dizer “não” a ela. Dispensoo o último funcionário e sigo para banheiro.

Após o banho, visto minha roupa com uma calma que estou longe de sentir. Meus olhos voltam para o envelope em cima da cama. Um leve tremor atravessa meu corpo e algo nessa sensação me faz parar. Conheço esse velho sentimento de que algo está para acontecer, essa conhecida e estranha sensação de que tudo parece bom demais, perfeito demais para ser verdade. Balanço a cabeça para afastar tal pensamento. Abotoo o último botão da camisa branca e olho para o relógio em meu pulso. Falta pouco. Pouco para mudar nossas vidas para sempre.

Ouçoo a porta bater e caminho a passos largos até ela. Respiro fundo uma; duas; três vezes e abro com ansiedade. Se a deusa Afrodite viesse a Terra reencarnada seria exatamente como a mulher parada a minha frente. Com o vestido vermelho de couro curto e sensual e seu cabelo vermelho fogo preso em rabo de cavalo, está como uma divindade. Olho durante alguns segundos para ela, hipnotizado.

— Neil? — ela me chama estendendo a mão frágil e pequena.

— Sim — pego sua mão. — Estou apenas admirando o quanto você é linda!

— *Flashback*, Sr. Durant? — ela pergunta de forma sensual.

— Entre ou serei capaz de comer você aqui nesse corredor — não estou brincando ao dizer isso.

Arrasto-a para dentro e pressiono-a contra porta. Eu queria vinho, jantar e flores, exatamente nessa ordem, mas com Jennifer as coisas nunca saem como planejado.

Coloco meus joelhos entre suas pernas e vejo seu vestido levantar de forma sedutora. Ela apoia suas mãos em meus ombros e geme. Levanto-a e encaixo suas pernas em minha cintura. Afundo meu rosto em seu pescoço e inalo seu perfume. Jennifer sussurra meu nome e então lentamente tomo posse de seus lábios com a mesma fome que tenho sempre que estamos juntos. Ela beija-me de volta e me aperta de forma quente e acolhedora.

Devoro sua língua e separo seus lábios explorando sua boca. Separo-me dela por um segundo em busca de fôlego, minha cabeça gira e a fome que há dentro de mim se intensifica. Solto seus cabelos e admiro-os caindo em cascata pelos seus ombros e suas costas, enrolo-os em meu pulso e puxo sua cabeça para trás, agora tendo acesso privilegiado ao seu pescoço macio.

Volto a beijá-la mais selvagememente dessa vez. Não hesito, tomo-a como quem reclama um bem. Sem me preocupar com nada, além dessa mulher em meus braços. Ela se agarra a mim, faminta e sem se importar de demonstrar todo o seu desejo e necessidade.

Solto um gemido de satisfação ao deslizar minhas mãos até sua calcinha e noto o quanto está encharcada. Com pressa, rasgo o fino tecido e me desfaço da barreira que ela representa para nós.

— Neil! — ela sussurra.

Seguro suas mãos trêmulas e coloco sobre minha ereção pulsante e quente. Jennifer percorre a extensão com ritmo vagaroso.

— Anjo... — sussurro. — Não posso aguentar muito. Gemo entre seus lábios.

— Quero você agora! — ela balbucia sem ar.

Ela repete a carícia, dessa vez indo e vindo de forma mais rápida, me enlouquecendo. Repete os movimentos com a mão a ponto de me fazer sentir convulsionar de tanto prazer. Bruscamente retiro sua mão e a coloco acima de sua cabeça, em seguida faço o mesmo com a outra mão.

— Deixe-as aí — ordeno.

Avidamente pego um preservativo no bolso da calça jeans, deslizo o zíper e deixo a calça cair, faço o mesmo com a cueca e chuto-os para longe com pé. Pressiono-a contra a porta equilibrando seu corpo contra a madeira fria. Visto o preservativo rapidamente e volto a devorar seus lábios com paixão.

Deslizo meu membro ereto pela extensão molhada de sua vagina e brinco ali por alguns segundos.

— Bebê... — sussurro sem fôlego enquanto vou me aprofundando dentro dela. — É maravilhoso demais.

Jennifer geme ao sentir a primeira investida contra ela. Firme, forte, duro. Seus seios sobem e descem sensualmente conforme vou acelerando os movimentos dentro dela. Tornamo-nos primitivos, ferozes e insaciáveis. Agarrando-nos um ao outro com instinto voraz e necessidade pura.

E quando explodimos juntos em um orgasmo alucinante, grito o nome dela e ela geme o meu. Nossa respiração acelerada, unida ao som de nossos corações, são as únicas coisas audíveis, enquanto nossas mentes tentam voltar a Terra.

— Flores novamente? — ela murmura pegando uma pétala em cima da cama. — De que cor elas são?

— Azuis como seus olhos — murmuro envergonhado. Nunca fui muito romântico, mas Jennifer consegue despertar as coisas mais absurdas em mim.

— Devem ser lindas.

— Assim como você — respondo. Entrego uma taça de vinho a ela.

— O que estamos comemorando?

— Isso — entrego o envelope a ela. Embora ela não possa ver, sei que vai significar muito.

— O que é isso? — ela pergunta erguendo uma sobrancelha.

— A sentença do divórcio — beijo seus lábios com reverência. — Agora sou totalmente livre. Livre para você.

Capítulo Vinte Dois

Hoje é o dia mais importante de nossas vidas. Ando de um lado ao outro do quarto como um animal enjaulado. Em exatamente uma hora Jennifer será levada ao centro cirúrgico e essa espera está me matando, estou mais nervoso do que ela se isso é possível. Meus sentimentos são contraditórios e vão do medo à felicidade extrema. Da esperança a incerteza do que poderá acontecer.

— Vai acabar furando o chão — ela murmura divertida.

— Eu não estou nervoso — afirmo, mas até mesmo para mim a mentira é gritante. — Fique calma.

Sento na cadeira ao lado de sua cama e seguro suas mãos, não se é a minha ou a dela que está tão fria, mas para minha sanidade prefiro pensar que seja a minha. Para ela é um momento decisivo em sua vida, após anos vivendo na escuridão apenas a esperança de poder enxergar novamente deve ser ao mesmo tempo irreal e assustador.

— Vai dar tudo certo — continuo, esfrego minha outra mão suada contra a calça. — Não tem por que se preocupar.

— Neil... — ela suspira. — Eu estou calma, mas você é que está me deixando nervosa.

Certo, tenho que me controlar, não ajudará muito se eu perder o controle. Liam é um excelente médico e não razão para entrar em crise, mesmo sabendo que toda cirurgia é um risco, nada irá acontecer. No entanto pensamentos como a anestesia aplicada de forma errada, uma parada cardíaca entre outras coisas faz meu coração volta a acelerar no peito. Procuro afastar todos esses pensamentos atordoantes da minha cabeça, tento me convencer de que tudo ficará bem, mas essa estranha sensação continua me rondando como um caçador a espreita pronto a atacar. É como presságio de que alguma coisa irá mudar e a sensação não é boa.

— Onde está Paige? — ela aperta meus dedos e me afasta desses pensamentos sombrios.

— Foi pegar um café.

— Por que você não vai para casa, assim que tudo estiver terminado, tenho certeza que Liam ligará para você — ela sugere.

É a quinta vez que escuto essa oferta e será a quinta vez que recuso. O que eles pensam? Que vou conseguir ficar as próximas três ou mais horas em casa como se nada estivesse acontecendo. É a vida dela que está em jogo, e Jennifer faz parte da minha vida agora, será que tão difícil para eles entenderem isso?

— Já conversamos sobre isso — respondo. — Se as circunstâncias fossem diferentes e eu fosse entrar naquela sala de cirurgia você ficaria em casa esperando notícias minhas?

— Não — ela suspira — Acho que não.

— Então não volte a me pedir isso — esfrego os olhos com frustração.

— Então se acalme ou peço para Liam medicar você — ela murmura sorrindo.

Sorrio de volta, realmente eu não estou ajudando. Jennifer precisa de toda calma nesse momento e não de um louco obcecado por controle, algumas coisas não estão em minhas mãos mais uma vez me dou conta disso. Essa nova realidade não me agrada muito.

— Neil qual parte de deixar a paciente tranquila você não entendeu?

Liam entra no quarto acompanhado de duas enfermeiras. Seu olhar em minha direção é ameaçador. Passei as últimas duas horas ouvindo o quanto é importante que ela se mantenha calma e serena e a única coisa que fiz foi aumentar sua apreensão.

— Desculpe — respondo constrangido, como uma criança sendo pega fazendo malcriação.

— Como se sente Jenny? — Liam desvia o olhar em direção a ela.

— Ansiosa — ela respira fundo.

— Isso é muito natural. A enfermeira irá aferir a pressão e logo seguiremos para sala de cirurgia, tudo bem?

— Mas já? — pergunto preocupado. — Ainda faltam quarenta minutos.

— Sim, ainda temos que sedá-la e fazer todo procedimento pré-operatório — ele explica.

Uma enfermeira anota o resultado da triagem em uma prancheta e entrega a ele.

— Tudo certo — ele sorri. — Dez minutos para se despedirem. Certo? Sem, mais estresse Neil.

Concordo com a cabeça e vejo-o sair enquanto conversa com as enfermeiras. Ajoelho-me em frente a ela na cama e seguro suas mãos geladas. O punho cruel voltar a apertar meu coração ao observar seu rosto pálido. Seu rosto expressivo não consegue me esconder nada, vejo medo e angustia. Tento passar toda segurança de nada de mal acontecerá.

— Você é a pessoa mais corajosa que eu já conheci... — minhas palavras saem engasgadas do peito. — E nada de mal vai acontecer.

— Neil... Se não der certo... — sua voz é tão vacilante quanto a minha.

— Shii... — toco seus lábios impedindo que as palavras saiam. — Não diga isso.

— Eu preciso — ela segura meus dedos com força. — Se não acontecer... Se eu não voltar a enxergar eu quero que não se sinta preso a mim.

— Eu tenho fé em você, fé em Liam e acima de tudo fé em nós dois! Nada do que acontecer mudará o que sinto ou fará diferença. Não perca a esperança, milagres acontecem quando você acredita.

— Eu amo você — ela me diz sorrindo em meio às lágrimas.

— Apenas volte para mim tudo bem? Não importa como, apenas volte.

Então faço a única coisa capaz de afastar qualquer tipo de pensamento ruim, beijo-a como se fosse à última vez em nossas vidas.

Algumas horas passam tão depressa como um piscar de olhos, como um dia de verão ao lado das pessoas que amamos. Outras vezes elas se arrastam lentamente e dolorosamente como quando você está preso ao trânsito e a única coisa que quer é chegar cedo.

— Eu já estou ficando tonta — Paige protesta a me ver andando em círculos pelo corredor.

— Você não acha estranho ninguém vir falar nada? — continuo andando angustiado.

— Neil, a última vez que você perturbou uma enfermeira foi há quinze minutos — ela me fulmina com os olhos. — Se perguntar mais uma vez vão nos expulsar daqui.

— Mas já faz mais de três horas que ela está lá — me queixo. — Alguém deveria sair e dizer alguma coisa.

— Eu vou tomar um café você quer?

— Não. Vou ficar e esperar.

Volto a olha para o relógio, já se passam três horas e vinte minutos. Liam disse que duraria entre duas a três horas, então daria a ele tem mais trinta minutos. Volto a sentar enquanto, encosto minha cabeça na parede e fecho os olhos, meus dedos martelam minhas pernas sem parar.

Agente firme! Agente firme! Agente firme amor!

Meus pensamentos são direcionados a ela a cada badalado do relógio. Venho repetindo esse mantra às últimas três horas.

Continue firme e seja forte Jennifer. Você sabe que estou aqui esperando por você.

— Tome. Você precisa.

Abro os olhos e vejo Paige em pé em frente a mim. Ela está tão apreensiva quanto eu. Ambos a amamos muito, de forma diferente, mas verdadeiramente.

— Obrigado — agradeço pegando o copo de café.

— Eu trouxe rosquinhas — senta-se ao meu lado. — Agora coma!

Embora não tenha fome e como apenas para agradá-la. Ficamos a última hora em silêncio olhando para porta. Cada um perdido em seu próprio pensamento. Em nossa fé e esperança, tentando sufocar o medo que nos ronda. Antes que possamos nos preparar a porta é aberta. Posso dizer que dou um solto duplo que faria inveja a qualquer atleta olímpico.

— Como ela está? O que aconteceu? Vai ficar bem? Já posso vê-la?

— Bem. Nada. Sim e ainda não — Liam responde minhas perguntas com humor. Apesar de visivelmente cansado ele parece tranquilo. — Pensei que confiásse mais nos meus talentos profissionais.

— Por que não? O que aconteceu Liam? — Ignoro sua última resposta.

— Nada Neil — ele suspira. — Tudo ocorreu muito bem, melhor do que eu esperava. No momento ela está sedada e no pós-operatório. Vá para casa, tome banho e descanse, está bem?

— Eu prefiro ficar aqui — murmuro.

— Neil vá para casa ou só deixarei vê-la amanhã. Aliás, vão os dois — ele se dirige a Paige. — Vocês deixaram minha equipe maluca.

Liam só pode estar blefando sobre me deixar vê-la apenas amanhã. Quanto a sua equipe é vergonhoso dizer, mas ele tem razão, infirmizei as enfermeiras nas últimas horas. Porém eu resolvo fazer o que está me pedindo, por enquanto. Agora mais do que nunca preciso tê-lo ao meu favor, penso ao notar a cara amarrada das enfermeiras em nossa direção ao sair da sala.

— Foi culpa dele — Paige aponta em minha direção.

Maldita desertora. Sempre é assim, o navio afunda e os ratos fogem.

— Tudo bem eu vou, mas eu volto — retruco.

— Não tenho dúvidas — Liam sorri. — Até logo.

Por alguns minutos fico desfrutando dessa paz interior que me invade. Olho para Paige sorrindo e chorando ao mesmo tempo e noto que comigo não é diferente, nos abraçamos com a certeza de que tudo ficará bem. Os momentos mais angustiantes já haviam passado.

— Vamos — sussurro para ela. — Quero estar de volta quando ela acordar.

Saímos do hospital e nos deparamos com a chuva fina do fim de tarde. Para uma quinta-feira o dia parece muito calmo, apesar das centenas de pessoas nas calçadas e carros nas ruas. Em segundos a hora do rush começará e agitação típica de Nova York ganhará vida.

— Vou deixá-la em casa primeiro.

— Obrigada.

Calvin abre a porta para que Paige entre e a mantém aberta para que eu possa entrar.

— Como foi senhor? — seu interesse é genuíno.

— Tudo bem Calvin — respondo sorrindo. — Ela é uma grande lutadora.

— Tenho certeza que sim senhor — ele sorri de volta fechando a porta. Toma seu lugar e o carro entra em movimento.

Como um bom motorista Calvin sabe evitar o tráfego lento da cidade. Observo a chuva agora mais forte através da janela. Vejo algumas pessoas tentando se esconder em toldos de lojas e algumas brigando com seus guarda chuvas, alguns mais corajosos enfrentam a chuva com determinação, outros com indiferença.

Uma hora depois acordo uma Paige sonolenta quando paramos em frente ao apartamento. Calvin sai do carro com um guarda-chuva aberto para que ela não se molhe.

— Vejo você depois — ela me diz ao sair do carro.

— Paige? — chamo-a antes que se vá. — Obrigado.

— Não tem por que — ela dá de ombros. — Jenny é minha amiga, sei que faria o mesmo por mim.

Ambos sabemos que é verdade.

Demoramos quase meia hora para chegarmos a minha casa. Preciso de um bom banho para recuperar as energias. Hospitais deixam as pessoas exaustas.

— Paizinho...

Anne vem me abraçar assim que entro. Pego-a no colo e mantenho-a junto a mim, sinto cheiro de morango de seus cabelos. Seu rosto está sujo de tinta e percebo que esteve desenhando na mesa da sala.

— Posso visitar a Jenny papai?

— Ainda não, mas assim que puder eu a levarei — eu prometo. — Preciso tomar um banho e voltar para o hospital, vai ser boazinha com Claire?

— Sim papai.

Os últimos dias tinham sido calmos e relacionamento entre elas havia se fortalecido muito. Jennifer dá a Anne toda a atenção e carinho que Sophia havia negado todos esses anos. Beijo a testa de Anne e a coloco no chão. Nesse momento o telefone começa a vibrar, vejo que é Peter pelo visor.

— Alô — atendo.

— Oi Neil. Como foi?

— Tudo bem — murmuro.

— Graças a Deus — escuto seu suspiro de alívio. — Vou visita-la amanhã.

Fico impressionado como Jennifer conseguiu encontrar seu lugar entre meus amigos e as pessoas mais chegadas a mim. Todos a adoravam, claro, exceto minha mãe a qual não voltei a falar desde a última vez que estive em minha casa.

— Liguei para avisar que Kevin sai da clínica no domingo — ele pigarreou. — Achei que gostaria de falar com ele antes disso.

Vejo evitando esse encontro há muito tempo. Sempre preso entre uma desculpa e outra.

— Acho que está na hora — murmuro. — Sábado de manhã, pode ser?

— Creio que sim.

— Vejo você amanhã — desligo com pressa.

Vou para suíte rapidamente, separo uma calça jeans e um suéter vermelho de lã, tomo banho e me visto. Preparo uma maleta com roupas e objetos de higiene pessoal. Ignoro os pedidos da Sra. Jackson para que coma alguma coisa, prometo que comerei algo no hospital e saio deixando-a contrariada, e reclamando sozinha. O caminho de volta para hospital parece interminável. De onde surgiram tantos carros? O trânsito parece pior do que o normal. Ligo o som do carro e deixo que a música toque baixinho para que me acalme. Meus pensamentos estão com ela. Como está? Já está acordada? Como está se sentindo? Deslizo os dedos no rosto na tela do celular e me distraio por longos minutos.

— Chegamos senhor.

— Obrigado Calvin. Você está dispensado por hoje — pego a maleta e saio.

Observo o entra e sai do hospital, vejo algumas pessoas me parecem preocupas, outras felizes ou com aparência angustiada. Entro no elevador e vou para quarto andar. Sinto-me flutuar ao redor, percebo que minhas pernas estão tremulas. Respiro fundo e tento manter a calma. Assim que saio procuro por Liam e encontro conversando com uma enfermeira que está visivelmente jogando charme para ele.

— Liam!

— Já está de volta? — Na verdade ele não parece surpreso em ver ali.

— Posso vê-la agora?

— Claro, acabou de acordar e perguntou por você. Venha.

Sigo pelo corredor ansiosamente. Portas e portas passam diante de nós até que chegamos aos quartos. Ele para na terceira porta, quarto dezesseis e abre a porta.

— Entre. Pedi que colocasse mais uma cama. Sei que você não irá embora — ele diz ao observar minha maleta.

— Quanto tempo nós vamos ficar aqui?

Liam sorri e balança a cabeça.

— Nós? Cara eu juro que se me contassem isso eu não acreditaria. Você está de quatro por ela.

— Cala a boca Liam — embora eu quisesse estar muito irritado com ele, está completamente certo. — Responda minha pergunta.

— Em quatro a cinco dias vamos remover os curativos então poderão ir para casa.

Concordo com a cabeça e entro no quarto. Jennifer está deitada com faixa nos olhos, parece um pouco mais pálida que o normal, eu acho que é natural. A um metro de sua cama há outra a qual julgo pequena demais para mim, mas não me importo. Noto o soro conectado a seu braço enquanto uma enfermeira termina a medicação. Aproximo-me da cama e seguro sua mão com delicadeza.

— Olá, anjo.

— Neil? — sua cabeça vira em minha direção, sua voz é fraca. — Senti sua falta.

— Estou aqui e não vou a lugar algum. Descanse.

Ela volta a dormir e sento-me na cadeira ao lado de sua cama, suas mãos presas a minha. Após velar seu sono por algumas horas fecho os olhos por alguns instantes e cansaço toma conta de mim.

Sinto uma mão sacudindo-me levemente e abro os olhos. Paige está parada em frente a mim, encarando-me com olhar preocupado. Olho

pela janela e vejo que já escureceu lá fora.

— Vá comer alguma coisa Neil. Eu fico aqui.

— Não estou com fome.

Solto minha mão presa a de Jennifer e esfrego os olhos tentando me orientar.

— Eu aposto que não comeu nada além daquela rosquinha. Vá ou eu faço um escândalo — Paige insiste.

— Certo. Não saia daqui até eu voltar.

Desço para área de alimentação e encaro a vitrine da lanchonete sem muita vontade. Peço um sanduíche natural e uma vitamina. Só após começar a comer percebo que estou realmente com fome. Ao voltar para quarto escuto as duas conversando animadamente.

— Sério Paige, Neil não pode saber.

— O que não posso saber?

— Se fosse para contar ela não pediria segredo idiota — Paige responde mostrando a língua.

— Um dia você irá morrer com o próprio veneno — provoco-a.

— Neil! Paige! — Jennifer protesta.

Continuamos assim nos provocando por algum tempo até Jennifer se redir aos medicamentos e voltar a dormir.

Embora Paige tenha insistido a ficar a convenço a ir para casa, não há necessidade de ficarmos os dois ali e ninguém irá me fazer ir embora. Ligo para Dylan e peço que a leve em casa, mesmo sobre seus protestos, já que é muito tarde até mesmo para pegar um táxi.

Passo a maior parte da noite velando seu sono. Hora ou outra uma enfermeira entra para verificar o soro e aplicar os remédios. As do turno da noite parecem mais simpáticas e sempre sorriem para mim. Uma senhora até chegou a conversar comigo por uns minutos. Outra insistiu para que dormisse ou me expulsaria do quarto.

Acordo desorientado novamente, olho através da janela vejo que já amanheceu. Jennifer está sentada enquanto uma enfermeira a ajuda a tomar algo que não parece agrada-la muito.

— Bom dia — sento-me na cama. — Como se sente?

— Essa venda incomoda um pouco, mas estou bem — ela sorri e devolve o prato para a mulher que sai em seguida.

— Está sentindo dor? — Pergunto preocupado.

— Um pouco.

— Vou chamar Liam — saio antes que ela possa protestar.

Fecho a porta e interpele a primeira enfermeira que vejo. Ela parece confusa com minha reação e me indica o final do corredor. No mínimo eu pareço um louco andando descalço pelos corredores, mas isso não me importa.

— Liam! — chamo-o assim que o vejo parado ao lado de um balcão. — Venha rápido!

— Está acontecendo uma guerra mundial? — ele me encara de cima a baixo.

— Jennifer está com dor.

— Deixe-me resolver isso e já vou — ele responde pegando uma prancheta.

Percebo que está em suas roupas normais, mas não sei identificar se está chegando ou saindo.

— Será que poderia andar logo com isso, Liam — retruco após intermináveis minutos. — Você não ouviu que ela está com dor, ou você não entendeu?

— Neil... — ele continuou a escrever algo na prancheta e devolve a enfermeira. — Jennifer foi operada ontem, isso é natural.

— Isso não significa que algo está errado?

— Não sei até que eu a examine.

— E o que está esperando? — estou chocado com sua calma e isso é irritante. Que tipo de médico ele é ao ficar indiferente ao sofrimento de um paciente? Meus conceitos sobre ele caíram muito.

Vejo-o olhar para o relógio mais uma vez. Parece preocupado com a hora. Não poderia estar preocupado com algum encontro enquanto um paciente sobre agonizante, além disso, pelo que lembro sua noiva estava em um evento de moda em Paris, ele deveria ser mais profissional, sua reação deixa muito a desejar. Ou será que está escondendo algo de mim?

— Acho que dei tempo suficiente — ele sussurra.

— O quê?

— Nada! Vamos, não está com pressa?

Sigo-o com vontade de esganá-lo. Não, mata-lo, é isso que quero fazer nesse momento, mata-lo lentamente e dolorosamente e com muita dor. Seguimos pelo corredor enquanto algumas pessoas me encaram com curiosidade. Tenho vontade de mandá-los cuidar de sua vida. Liam para ao meu lado e espera que eu abra a porta. Definitivamente esse homem é maluco. Abro a porta frustrado.

— *Feliz Aniversário!*

Um coro de vozes ecoa no quarto assim que entro.

Peter, Adam, Adam, Paige, Anne e Jennifer. Todos eles seguram um balão onde está escrito feliz aniversário. Enquanto uma enfermeira entra em seguida com um pequeno bolo redondo confeitado.

Estou paralisado e emocionado com o que vejo. Então era isso que estavam confabulando quando entrei ontem? Encaro Liam sabendo que ele fez parte de tudo aquilo. Por isso me deixou vários minutos esperando?

— Você planejou tudo isso diabinha? — aproximo de Jennifer na cama e seguro sua mão.

— Humm... — ela faz bico — Ontem à noite eu era um anjo.

— A única coisa que posso lhe dar hoje é meu amor — ela beija minhas mãos.

— É a única coisa que preciso.

Seu sorriso é enorme e ilumina seu rosto e todo quarto a nosso redor. Beijo seus lábios com ardor. Sinto que meus olhos estão úmidos e não procuro esconder as emoções.

— Obrigado — sussurro em seu ouvido. — Sempre será meu anjo.

É exatamente o que ela significa para mim. Um anjo que me salvou da escuridão e que trás luz e calor para minha vida.

Vinte e Três

Meus olhos vagueiam pela sala, as paredes estão pintadas em tons de cinza, olho para a ampla janela de madeira pintada de branco. Toda sala parece um tanto fria e impessoal e não um ambiente adequado a pessoas em recuperação, pelo menos o que imagino que deveria ser. Não que a clínica seja de baixo padrão, não pagaria por nada que não fosse excelente, apenas tem um ar sombrio demais, principalmente se eu for comparar às clínicas que Sophia costumava se tratar. Além de caríssimas, elas mais pareciam um clube de veraneio do que um ambiente de recuperação.

Olho por um instante para uma estreita e alta estante bege de ferro, examino alguns livros técnicos, biográficos e de autoajuda. Pego um livro de autoajuda e folheio sem muito interesse. Acredito que este tema seja direcionado a pessoas em sua constante busca por algo que traga felicidade instantânea e paz interior. O mais curioso é ver que a maioria acredita fielmente poder encontrar as respostas necessárias dentro desses livros. Prova disso são os grandes números de vendas em livrarias e as incontáveis palestras motivacionais em todo o mundo. Não sei ao certo o quanto isso é verdadeiro e, embora acredite no poder da motivação e da mente, tenho certeza que as regras e conselhos indicados em um livro não são suficientes para transformar e mudar a vida de qualquer pessoa. Isso depende de suas escolhas e a forma como decide conduzi-la.

Abandono meus pensamentos filosóficos, devolvo o livro à estante e volto a olhar ao redor. Há uma mesa antiga de cerejeira próxima à janela, uma cadeira marrom e estofada atrás dela e duas poltronas à frente. Sento-me em uma delas e analiso a mesa bem talhada e maciça, creio que a madeira tenha por volta de uns cem anos, apesar de antiga é muito delicada e bonita. Admiro o trabalho artesanal e artístico nas quinas e pés da mesa e apesar de admirar o trabalho abstrato do artesão por alguns minutos não é suficiente para distrair minha mente inquieta. Direciono meu olhar para a janela semiaberta em frente a mim e foco nos poucos e opacos raios de luz dourados que transpassam a janela e iluminam a mesa. Olho para fora e contemplo o céu que começa a ficar nublado, em uma eminente ameaça de chuva.

Viro-me em direção à porta de forma impaciente, estou esperando há mais de vinte minutos e nem o médico e nem o paciente se dignaram a aparecer. Talvez ele tenha desistido, concluo um pouco esperançoso. Encaro a porta como se o ato pudesse fazer com que o médico entrasse imediatamente trazendo boas notícias.

Apesar de desejar que isso termine logo, uma estranha sensação de que algo está para acontecer volta a me sufocar. Olho pela milésima vez para meu relógio no meu pulso, enquanto os minutos se arrastam lentamente diante de mim e tento manter minha mente sã.

Peter está em pé perto de um divã marrom de couro e aparenta estar tranquilo em contraste com meu estado de espírito. Volto a olhar através da janela, perdido no tempo. Minutos depois ouço o barulho do trinco e o ranger da porta atrás de mim. Estou sentado de costas para porta, portanto não tenho visão de quem entra, ele está aqui, mas algo me impele a continuar de costas. Sinto a mesma sensação que vem me incomodando há dias.

— Desculpem a demora — ouço sua voz atrás de mim.

— Tudo bem — a voz de Peter ecoa na sala. — Kevin eu quero que conheça uma pessoa.

Continuo imóvel de costas para o homem, seguro a quina da mesa com força, não sei ao certo o que me impede de encará-lo, mas algo me diz que mudará nossas vidas para sempre.

— Neil? — Peter exige minha atenção e pelo seu tom de voz parece confuso com a minha reação. Afinal, eu que o contratei e pedi essa busca incansável, portanto, não há razão para que eu vacile, mas esse sentimento é mais forte que eu.

Não que eu seja supersticioso ou algo parecido, pelo menos creio que não, mas minha intuição me diz que estou às vias de um desastre. Sem poder para adiar o inevitável, por mais tempo que o necessário, eu tomo coragem e lentamente, levanto-me e fico em pé em frente a eles. Encaro Peter primeiro, asseguro-o com olhar de que está tudo bem e em seguida meu olhar vai de encontro ao homem que procurei por todos aqueles meses incansavelmente.

E então, por alguns segundos tudo a minha volta parece congelar, a sala fica completamente silenciosa e fora de foco, salvo pelo som do meu coração acelerado, nem mesmo o barulho da cidade fervorosa ecoa no ambiente, o choque em meu rosto parece refletir o dele, por razões diferentes, claro, porém não menos impactantes.

— Kevin? — pergunto sem conseguir acreditar no que vejo.

Embora ele tenha uma aparência bem melhor do que a última vez que o vi, jamais poderia esquecer seu rosto, os seus olhos. Ele já não usa a barba grotesca e nem as roupas maltrapilhas. Seus cabelos castanhos que antes eram compridos e desalinhados agora estão bem

aparados. Após registrar essas novas informações eu começo a notar a semelhança entre eles e me pergunto como não liguei os fatos antes. A verdade esteve o tempo todo debaixo do meu nariz e não pude ou não quis enxergar.

— Nathan — Kevin interrompe meu dilema interno.

Seu rosto está pálido e confuso. Olha-me com incredulidade por um instante, sem conseguir acreditar no que vê. Observo-o balançar a cabeça desnorteadado. Deixo-o tomar ciência do seu engano momentâneo, enquanto uma avalanche de sentimentos passa por seu rosto: culpa arrependimento e raiva.

— Não! Você não pode ser ele — ele balbucia confuso. — Nathan está morto.

Kevin encara Peter como se procurasse respostas às quais no fundo ele já sabe ou ao menos desconfia.

— Você disse Neil? — ele pergunta.

— Sim. Neil é irmão gêmeo de Nathan, pensei que soubesse disso — Peter responde por mim.

— Sim, agora eu me lembro — volta a olhar para mim analisando-me com mais cuidado e curiosidade. Observo-o sentar no divã com um semblante amargurado. — Fiquei apenas confuso por um momento. Vocês são idênticos, mas visto que ele está morto, você só pode ser o irmão dele. Correto?

— Sim — respondo ainda tentando me orientar enquanto as lembranças vêm até mim como um trem desgovernado.

— Era você naquele dia? — minha pergunta soa mais como uma acusação.

— Que dia? O dia do acidente? Sim, eu estava dentro do carro — ele responde com segurança.

— Falo do dia do assalto — corrijo-o. — O homem que assaltou a jovem cega no Bronx há alguns meses atrás.

Kevin enrug a testa e parece tentar assimilar o que acabo de dizer. Confusão e arrependimento transpassam pelo seu rosto, ele leva as mãos aos cabelos e solta um profundo suspiro.

— Refere-se à Jennifer? Você estava lá? — pergunta curioso.

— Eu a salvei — sibilo com dentes rígidos. — Salvei de você!

Relembrar a cena e como ela estava apavorada me deixa transtornado. O que poderia ter acontecido se eu não tivesse aparecido? Isso me deixa alucinado e com anseios de esganá-lo com minhas próprias mãos.

— Compreendo. Aquele dia é um pouco nebuloso para mim Como ela está?

— O que ela é sua? — ignoro sua pergunta. Eu já sei a resposta, mas anseio pela confirmação.

Uma parte de mim que fugir dali, fingir que nada aconteceu e acreditar que a vida não pode ser tão cruel assim. Agarro-me ao último fio de esperança como se minha vida dependesse dessa resposta. Na verdade minha vida depende absolutamente dessa resposta.

— Jennifer é minha irmã — responde. — Ela está bem? Olhe, eu realmente sinto muito por tudo. Nunca quis machucá-la, apesar de só ter feito isso por toda a minha vida.

Suas palavras são sinceras, posso ver o arrependimento e sofrimento em seu semblante e na sua voz triste, mas isso nem se compara à devastação que me apodera o peito. Respiro fundo em busca de ar.

— Ela acabou de fazer uma cirurgia — Peter responde por mim novamente, sei que ele está tirando as mesmas conclusões que eu. — Parece que tudo foi bem.

— Como eu não vi isso? — questiono Peter. — Como não ligamos as pessoas aos fatos?

— As fotos que você tinha dele eram de um adolescente, muito diferente daquele dia. Magro, cabelo verde, roupas de couro, certo? — Peter se dirige a Kevin.

— Eu era um pouco rebelde — ele nos encara intimidado.

— Mas as duas têm o mesmo nome — retruco amargurado.

— Não, uma é Jennifer Connor e a outra é Linton, como poderíamos imaginar que seria a mesma pessoa? Além disso, nunca soubemos que era cega — Peter parece profundamente irritado, esse detalhe parece frustrá-lo tanto quanto a mim. — Kevin por que sua irmã usa um sobrenome diferente?

— Assim que nossos pais morreram ela foi adotada por uma tia de nosso pai. Mas eu acho que começou a usar o nome mais para fugir de mim, o que deu certo por um tempo. Mas o que tudo isso tem a ver com Jenny?

— Como isso passou despercebido, Peter? — pergunto angustiado.

— Sempre procurei por Jennifer Linton. Talvez se tivesse tido mais tempo, ou tivesse procurado direito... — ele para abruptamente. — Isso não faz sentido.

— Alguém pode me explicar alguma coisa? O que minha irmã tem a ver com isso? E por que você está me ajudando ou me procurando? Eu dirigia o carro que seu irmão morreu, pensei que me odiasse. — Kevin continua alheio ao meu debate com Peter.

— Conheço Nathan, sei que ele fez mais mal a você do que bem — decido começar a explicar do início. — Na época do acidente de carro em que Nathan morreu e vocês foram hospitalizados, eu estive no hospital.

— Eu me lembro disso — ele responde. — Apesar de não ter visto você, meus pais me contaram que esteve lá.

— Seus pais me garantiram que vocês estavam bem, mas que gostariam de esquecer o que aconteceu e que iriam embora da cidade.

— Eles tinham medo de que me entregassem à polícia — Kevin explica. — Eu não estava exatamente consciente naquele dia.

— Tenho certeza que Nathan também não estava — respiro fundo e continuo. — De qualquer forma, seus pais disseram que quando saíssem do hospital iriam embora, recomeçariam a vida longe daqui. Eu ofereci minha ajuda o que seu pai negou. Mas pedi que sua mãe me procurasse caso precisassem futuramente. Porém, tive que cuidar dos meus pais e Sophia, depois nunca mais eu recebi notícias de vocês.

Ainda consigo lembrar-me daquele dia com clareza e como a dor e o constrangimento nos olhos da mãe deles me sensibilizaram.

— Há dois anos encontrei uma carta de sua mãe na antiga casa de meus pais, a data era de seis anos atrás. Na carta sua mãe me pedia ajuda — retiro do bolso a carta que manuseei inúmeras vezes e entrego a ele.

Prezado Neil.

Espero que esteja bem. Sei que não tenho direito de incomodá-lo após o que ocorreu nos último ano e não faria isso se realmente não estivesse desesperada. No entanto, meu amor de mãe é maior que qualquer sentimento de orgulho e constrangimento que eu possa ter.

Minha filha precisa fazer uma delicada e urgente cirurgia, que também é muito cara. Você se ofereceu para nos ajudar a qualquer momento que fosse preciso. Dou minha palavra de que devolveremos cada centavo não importa quanto tempo isso leve.

Sei que é um jovem de coração puro e bondoso. Apesar do que aconteceu tenho certeza que não se recusará a ajudar uma jovem inocente. Jenny é a jovem mais doce e amável que eu conheço e não falo isso por ser minha filha. Foram tantas e incontáveis vezes que colocou a família à frente de suas necessidades. Não é justo que continue pagando por algo que não causou.

Espero que um dia possa conhecê-la e verás o quanto minhas palavras são sinceras. Por tudo que você mais ama nesse mundo eu peço que ajude a minha filha.

Laura Linton.

— Por que não me disseram naquele dia no hospital que ela havia ficado cega? — pergunto com raiva.

— Não sabíamos, nem os médicos perceberam, foi uma surpresa descobrir isso. Ela ficou em coma induzido e só ao acordar descobriram o que aconteceu, fizeram uma cirurgia que não foi bem sucedida — Kevin lembra com amargura. — Havia um médico na época com uma nova técnica, mas os custos eram altos, meus pais venderam a casa para conseguir pagar. Mas eu estive em uma fase difícil, nunca consegui me perdoar pelo que fiz à Jenny e quando ela me contou o que aconteceu com Samantha me senti responsável também.

Ouçoo seu relato com amargura, pois já tinha escutado a mesma história pelos lábios se Jennifer.

— Tive uma overdose e meus pais usaram o dinheiro para que eu fizesse um tratamento — Kevin diz com os olhos baixos.

— E mesmo assim, depois você voltou a jogar toda sua vida no lixo. Privou Jennifer de uma vida normal e não deu a mínima para isso? — esbravejo.

— Já se sentiu culpado? Uma culpa tão grande que a única coisa que pensa em fazer é desaparecer do mundo, a qualquer custo e não importa como? Eu destruí duas pessoas Sr. Durant e uma está morta! — ele diz em um só fôlego — Agora sei que não é me destruindo que vou consertar as coisas, o vício é algo tão maldito que você deixa de ser quem você é, deixa de ser humano e vira apenas um escravo sem direção. Se eu pudesse mudar o passado eu faria isso, mas não posso! Entretanto, vou tentar mudar meu presente e reconstruir um novo futuro e se tiver sorte, claro. E se Deus permitir ao lado das pessoas que eu amo.

O fato de ele ter falado pessoas não passou despercebido a mim. Pelo que saiba ele e Jennifer só tinham um ao outro. Há algo mais nessa história, mas por enquanto não vou pressioná-lo, não é isso que ele precisa no momento.

E mesmo com toda a raiva que sinto por tudo que ele fez sei que as pessoas cometem erros e que se ele está realmente sendo sincero. Deve ter outra oportunidade de recomeçar, por ele e por Jennifer eu aceito isso.

— Por que não recebeu a carta? — ele me questiona.

— Sophia havia escondido em um dos livros da biblioteca. Por algum motivo ela não queria que eu soubesse disso — continuo. — Um dia, após manusear os livros da casa nova encontrei a carta. Procurei Sophia e ela me disse que como eu estava assumindo os negócios da família, fora os problemas com meus pais e sua gravidez resolveu me poupar de mais aborrecimentos. Disse que encontrou em contato com seus pais, mas eles não apareceram. O quanto disso é verdade eu não sei. Preciso falar com ela e tirar essa história a limpo.

Kevin me ouve com atenção e raiva.

— Alguns dias eu investiguei e descobri que seus pais estavam mortos. Nenhuma notícia sua ou de sua irmã. Até que Peter conseguiu localizar você. — continuo.

— Com a vida que levava não foi difícil — Peter balança os ombros. — Brigas, confusões, passagens pela polícia. Apesar de que sempre o encontrava você sumia, não foi fácil achá-lo.

— Um viciado nunca fica no mesmo lugar por muito tempo. — Kevin suspira. — Não tenho do que me orgulhar, eu sei. Eu gostaria de ver minha irmã, se ela quiser é claro. Faz parte dos doze passos de recuperação, pedir perdão as pessoas que magoamos.

— Vamos falar com ela primeiro — respondo. — Ainda está muito magoada com você.

— Entendo, eu... — ele para de falar antes de terminar a frase, interrompido por Peter.

— Por que você não foi se encontrar com Neil naquele dia? Lembro que você parecia ansioso para falar com ele.

— Quando você foi ao meu apartamento no dia anterior e me disse que havia uma pessoa disposta a me ajudar, eu fiquei curioso e surpreso. Todas as pessoas decentes que eu conhecia queriam distância de mim, até mesmo Jenny — ele engasga com expressão triste no rosto — Eu mesmo queria distância de mim, se eu pudesse fazer isso. Resolvi aceitar a ajuda sem questionar o porquê, a vida estava me dando outra chance e sinceramente eu queria agarrar a oportunidade.

— Então por que a atacou no beco? — pergunto irritado.

— Inicialmente eu queria contar para ela, foi difícil convencê-la a ir, mas eu queria que ela soubesse que dessa vez eu estava determinado a me curar e sair dessa vida, além dela eu tinha outro motivo. Quanto mais ela demorava a chegar, mais minha abstinência aumentava. Então,

quando ela chegou, eu disse que só precisaria de mais uma dose antes de ir. Jenny não acreditou na história de um estranho tentando me ajudar, começamos a brigar e uma coisa levou a outra.

— Então, você tentou matá-la — digo ríspido.

— Conscientemente eu nunca faria isso, cara! Eu sinto muito. Realmente sinto muito — ele diz pesaroso.

Tudo se encaixa perfeitamente bem agora, o destino nos uniu no passado e o mesmo destino nos une agora.

— Realmente eu espero que sinta e que valorize essa nova oportunidade — digo sem rodeios.

— Jenny não sabe quem você é não é verdade? — Kevin me pergunta.

— Não! Algumas coisas ainda estão confusas para mim. Se alguém tiver que contar à Jennifer, esse alguém sou eu. Entendido?

— Ela não se lembra de muitas coisas de antes do acidente. Apenas o que aconteceu com Samantha. Parece que se lembra de somente alguns flashes. Acho que não é uma coisa que se esqueça. Lembro-me que tinha muitos pesadelos e sempre falava do homem dos olhos e cabelos negros. Meus pais evitavam o assunto, também não sabiam ao certo o que aconteceu, nunca contamos.

— Meu Deus! — exclamo tentando respirar, apesar da dificuldade. Meus ouvidos começam a zunir e meu coração dispara em um ritmo alucinado. Levo a mão ao peito e tento aplacar a agonia que me consome.

— Sabia que Samantha era apaixonada por você? — Kevin continua ignorando meu estado lamentável.

— O quê? — tento digerir essa nova informação. Acredito que eu esteja realmente maluco. Nunca sequer pus os olhos ou cheguei perto dela.

— Ela o viu algumas vezes quando fomos a sua casa com meu pai, mas era tímida e vivia observando-o de longe, sempre escondida pelos cantos. Um dia, acho que você havia viajado e Nathan a viu entrar em seu quarto. Ele se interessou por ela à primeira vista, mas havia algo nele que ela não gostava. Isso virou uma obsessão para ele, ela fugia e ele caçava, no começo achei que era apenas brincadeira, eu nunca imaginei que ele pudesse...

— Nathan nunca desistia do que queria. — corto-o.

— Sim, mas ele era diferente com Samantha, até eu mesmo fiquei irritado com ela algumas vezes. Ele parecia muito apaixonado, carinhoso e eu achava que ela era uma idiota por desperdiçar essa chance. O que ela queria, afinal? Vocês eram ricos e descolados, ela teria tudo o que quisesse e nós também. — Kevin diz com os olhos brilhando. — Agora sei que tinha medo.

— Nem tudo é o que parece ser — murmuro frustrado.

— Samantha... — ele pigarreja. — Ela se suicidou alguns meses antes do acidente. Ela, ela...

— Nathan — sinto minhas pernas vacilarem. — Foi por culpa de Nathan.

— Só soube alguns meses depois, Jenny passou a ficar muito calada e solitária. No dia do acidente, meu pai me pediu que buscasse Jenny na escola. Nathan ligou em seguida e disse para que eu me encontrasse com ele em uma de suas festas e que eu levasse algumas drogas que estavam comigo. Eu queria muito agradá-lo, fazer parte da sua turma.

Cada palavra que ele me diz me deixa furioso, sei muito bem o quanto Nathan podia ser manipulador, um adolescente desesperado por agradar era uma presa fácil para ele.

— Deixei Jenny esperando no carro, mas demorei mais do que imaginava. Quando voltei Jenny estava dormindo no banco de trás. Nathan pareceu irritado ao vê-la. Queria que fôssemos a outro lugar, mas eu disse que tinha que deixá-la em casa primeiro. — ele relata angustiado. — Isso pareceu irritá-lo, discutimos enquanto dirigia e a nossa briga acabou por acordá-la. Quando ela o viu começou a gritar como louca, aos berros e desnorreada disse o que ele havia feito com Samantha, implorou para que eu parasse o carro, não vi o outro carro no cruzamento, o carro capotou várias vezes, Nathan foi arremessado para fora e vidro estilhaçou e alguns fragmentos entraram nos olhos dela e o resto você já sabe. Eu fiquei apenas com uma perna quebrada.

Como previa meu mundo começa desmoronar diante de mim. A dor em meu peito agora é imensa. É como se um milhão de agulhas

atravessassem meu peito e eu mergulhasse no mundo das trevas.

— Jenny ficou tão assustada quando o viu naquele dia. Ele teve o fim que merecia — Kevin diz amargurado, agora notando meu olhar desesperado. — Sinto muito, mas é a verdade. O que ele fez com Samantha não tem perdão, espero que nesse momento ele arda no inferno.

— Ela não vai me perdoar — sussurro, ignorando suas últimas palavras.

— Neil, você não tem nada a ver com isso. Não há o que perdoar, nem ao menos sabia o que aconteceu — Peter tenta me confortar em vão.

— Você não entende Peter. Nathan me ligou aquele dia exigindo que me encontrasse com ele. Meu pai vinha o pressionando muito. Eu me recusei, desliguei na cara dele — eu berro angustiado. — Se eu tivesse concordado ele teria ido até Londres como queria. Além disso, Jennifer o odeia. E ela vai me odiar também!

— Não diga tolices — Peter insiste. — Não será fácil, mas ela ama você.

Embora queira me agarrar a esse fio de esperança, sei que as sombras estão nos rondando, como demônios à espreita, a espera da oportunidade certa para nos atacar.

O que Jennifer faria ao ver meu rosto? O homem de olhos e cabelos negros idênticos ao que ela passou anos odiando e temendo em seus mais aterrorizantes pesadelos? E embora Nathan e eu fossemos completamente diferentes no caráter, fisicamente somos idênticos. Até que ponto ela conseguiria lidar com isso? Seu amor seria forte o suficiente para romper todas essas barreiras? Eu conseguiria sobreviver ao me deparar com o desprezo e o ódio em seu olhar pelo que Nathan havia feito à Samantha?

Horas depois escuto a conversa ao redor de mim sem realmente prestar atenção ao que todos estão dizendo. Todos parecem felizes e seus risos poderiam ser contagiante se por dentro não eu estivesse tão apavorado.

Olho para o rosto de Jennifer fixamente e procuro memorizar cada detalhe de forma desnecessária. Não há um centímetro que eu já não conheça ou ame, mas como um soldado partindo para guerra, sem a certeza de regressar, eu a admiro. O jeito que seus lábios se movimentam ao falar, seu sorriso doce e encantador, suas bochechas coradas e as pequeninas sardas em volta delas.

Sinto seus dedos apertarem levemente os meus, indicando que sabe que algo está errado. Retribuo levemente e tento assegurar que tudo está perfeitamente bem. Neste momento, a coisa mais importante é garantir que fique tranquila e se recupere plenamente.

— Acho que já abusamos demais da paciente — diz Peter. — Que tal voltarmos amanhã?

— Não — Jennifer se queixa. — Por favor, fiquem mais um pouco, eu não estou cansada.

— O grandão tem razão, querida — pela primeira vez na vida Paige parece sensata. — Amanhã estaremos aqui.

Observo os visitantes se despedirem um a um e aceno em despedida com a cabeça para cada um deles. Além de Peter, nenhum deles pode imaginar o que está acontecendo comigo.

— Então, o que há? — Jennifer pergunta apreensiva quando todos saem.

Percebo a ansiedade em sua voz e sua expressão parece angustiada.

— Por que acha que alguma coisa está acontecendo? — tento disfarçar.

— Você passou a tarde toda em silêncio — ela para e respira fundo. — É algo sobre a cirurgia, não é?

Sua mão vai automaticamente para o tampão em seus olhos. Fico angustiado ao observar seus dedos trêmulos. Agora que sei a verdade tenho um desejo egoísta de que ela nunca pudesse ver meu rosto. Seguro suas mãos afastando de seu rosto e pressiono em meus lábios, beijo cada dedo com suavidade antes de responder ao seu questionamento.

— Não há o que temer, se algo estivesse errado Liam nos diria — respondo. — Mas há algo que quero lhe dizer. Espero que não fique

irritada comigo.

— É algo sobre Sophia? — murmura.

— Sempre tão ansiosa — pressiono seu nariz delicado.

— Desculpe — sorri. — Eu vou eixar que você fale.

— Há uma pessoa que gostaria de vê-la. Alguém que a magoou muito e que está tentando consertar todos os erros.

— Kevin? — sussurra tensa. — Não! Não quero vê-lo!

Imagino o quanto deve ser difícil para ela.

— Ei... Dê uma chance a ele. Não é a mesma pessoa de antes, está completamente mudado. Esteve internado, em recuperação e está totalmente limpo agora.

— Eu não sei... —ela murmura. — Já estive internado antes e não mudou.

— Não confia em mim? Acha que eu a colocaria em risco se não tivesse certeza?

Ela parece pensar por alguns segundos, ainda está profundamente magoada e indecisa entre dar outra chance a ele e o medo de voltar a se machucar.

— Acho que não.

— Então vai vê-lo? — pressiono um pouco mais.

— Está bem. Diga a ele que venha, mas que não crie muitas expectativas — ela diz empinando o nariz.

Afasto-me um pouco e ligo para Kevin que fica exultante com a notícia.

— Ele virá amanhã — informo assim que desligo o celular. — Ficou muito feliz.

— Como você o encontrou? — ela pergunta.

— Por que acha que eu o encontrei?

— Eu mudei de apartamento, não teria como me encontrar novamente — responde. — Portanto, você foi atrás dele. Por quê?

Embora eu odeie ter que mentir para ela, não é o momento de contar nada.

— Achei que ficaria feliz em vê-lo recuperado. É seu irmão, certo?

— Já não sei mais — ela vira a cabeça para o outro lado.

A amargura em sua voz me deixa sensibilizado. Ela deita-se de costas para mim. Está aborrecida e frustrada com a situação. Resolvo deixar que descansasse tranquila enquanto digere as últimas informações. Alguns minutos depois eu me sento próximo à janela e observo sua respiração suave em um sono profundo.

No dia seguinte estamos aguardando no quarto e seguro suas mãos geladas tentando passar algum tipo de conforto.

— Como estou? — ela pergunta.

— Linda — acaricio seu rosto com as costas da mão.

— Quando ele vai chegar?

Olho para o relógio novamente.

— Em alguns minutos.

Pelo seu próprio bem eu espero que ele realmente apareça e bem. Uma leve batida na porta anuncia que o visitante esperado chegou. Jennifer parece nervosa e ansiosa ao mesmo tempo. Abro a porta e faço sinal para que ele entre.

— Jenny? — Kevin se aproxima da cama com passos relutantes.

— Kevin... — sua voz soa rouca e sufocada.

— Perdoe-me — ele cai de joelhos em frente a ela e segura sua mão com firmeza. — Me perdoe, por favor!

Os dois parecem presos em uma bolha particular. Fecho a porta silenciosamente e me afasto do quarto. Sei que eles precisam desse momento familiar e de privacidade. Há muitas coisas a dizer um ao outro, assim como nós dois quando chegar o momento.

Caminho sem direção pelo hospital, sem perceber me vejo em frente a uma pequena capela. Entro e faço uma prece de forma fervorosa, como nunca havia feito antes.

Volto para o quarto e escuto-os conversando. As mãos dela se esticam em minha direção assim que me aproximo da cama. Seu sorriso agora é radiante e tenho certeza que acertaram todos os desentendimentos entre eles. Pelos olhos vermelhos de Kevin sei que a conversa foi franca e emocionada.

— Eu não sei o que fiz para merecê-lo, mas vou compensá-lo todos os dias da minha vida — Jennifer me abraça.

— Apenas lembre-se do quanto eu a amo — digo com um nó preso na garganta. — Nunca se esqueça disso!

Capítulo Vinte e Quatro

O fim de semana passou mais rápido do que eu gostaria. Cada minuto ao lado dela é uma dádiva e tortura ao mesmo tempo. O relógio corre velozmente e sinto que meu tempo está acabando a cada batida. É desesperador ver como o tempo voa em momentos que gostaríamos que ele durasse para sempre.

Durante os dois últimos dias as pessoas entraram e saíram do quarto o tempo todo, sempre durante as visitas, claro. Até mesmo Max o gerente do restaurante e aquele garoto tatuado que eu detesto haviam aparecido. Todos queriam saber como ela está? Quando terá alta? Ou quando removerá a venda em seus olhos? Era um buchicho aqui e ali sem cessar. No entanto nem mesmo Paige com sua tagarelice habitual havia conseguido me distrair. Todos parecem felizes, menos eu. Estou como uma bomba relógio prestes a explodir em minhas mãos. E sempre que Jennifer me pergunta o que está acontecendo, tento encontrar alguma maneira de distraí-la, mas ela desconfia de que algo está errado. Ela sabe me decifrar tanto quarto eu a ela. Se ela sequer pudesse imaginar a ameaça que nos ronda.

Desejo ardentemente que ela volte a enxergar e que tenha uma vida plena, mas as consequências que isso implica, sufocam-me mais a cada dia. Apesar de tudo consigo controlar meus medos e exibir uma alegria a qual não sinto.

Acabo se me sentar no consultório de Liam, ouço distraidamente enquanto ele relata os últimos detalhes da cirurgia, de acordo com ele foi bem sucedida. Eu não duvido se há um médico na qual Jennifer estaria em boas mãos esse médico é Liam e sua equipe.

— Pelo que vi até agora a recuperação está sendo excelente. Então excluindo o desconforto inicial e algumas atividades físicas que ela não poderá fazer por um tempo, tudo ficará bem.

— Também há o fato de que ela vai ter que se adaptar a... — Liam interrompe seu discurso ao perceber o quanto estou distraído e silencioso. Ele parece confuso com minha reação. Examina-me com cuidado enquanto dedilha a mesa.

— O que está acontecendo? — franze a testa. — Homem eu pensei que estaria radiante com a notícia, mas você parece um homem sendo levado à execução.

Há uma semana eu estaria dando uma festa de tanta alegria. Há uma semana eu tinha uma perspectiva de futuro ao lado dela. Eu tinha certeza sobre a felicidade que nos rondava. Hoje eu só tenho medo. Não o mesmo medo da primeira vez que nos separamos e nem o medo de quando revelei sobre meu passado. O medo que sinto hoje é muito mais esmagador. Tenho medo de um fantasma. Um fantasma reencarnado em mim e que eu não posso exorcizar. Sim, sou um homem prestes a ter o coração aniquilado.

Pergunto-me constantemente até quando Nathan terá o poder de arruinar minha vida? Mesmo morto suas crueldades podem destruir no só a mim, mas todas as pessoas a minha volta, começando por Jennifer.

— Há algo que queira me contar? — Liam interrompe meus pensamentos.

— Quando irá tirar os curativos? — pergunto angustiado

— Amanhã de manhã. — Liam me sonda com o olhar. — Você não está bem Neil? O que está acontecendo?

— Eu vim para contar algo a você — respiro fundo. — Uma coisa pode acontecer amanhã e acho que você precisa saber.

— Meu Deus, pela sua cara deve ser algo realmente ruim.

Relato exatamente como tudo aconteceu, sem esconder nada, embora algumas coisas me envergonhem. Conto desde minha infância e adolescência ao lado de Nathan e Sophie. Todas as suas bizarrices, crueldade e vítimas. O que ele fez com a irmã de Willian e consequentemente como havia estuprado Samantha na frente de Jennifer, quando ainda era apenas uma adolescente inocente.

— Tudo isso que me diz é terrível Neil — Liam parece além de chocado. — Não sei como ela não ficou traumatizada com isso.

— Mas ela está Liam — murmuro angustiado. — Tem pesadelos terríveis às vezes e odeia Nathan mais que tudo no mundo. Não sei o que fará quando olhar para mim.

Esfrego meu rosto em desespero. Desde meu primeiro encontro com Kevin me reviro ao avesso tentando encontrar uma forma de mantê-la junto a mim, mas não consigo encontrar ou pensar em nada, não há saída.

— Sei que deve ser muito difícil, mas o que uma coisa tem a haver com a outra? — ele indagou. — Você e Nathan são pessoas completamente diferentes.

— Você não entende Liam? — sussurro. — Quando ela me olhar é o rosto dele que estará vendo. Isso vai nos separar.

— Acho que devia ter mais fé em si mesmo, amigo. Não creio que será algo fácil para nenhum dos dois, mas vocês irão superar tudo isso.

Talvez Liam esteja certo. Estou lidando com isso de uma forma muito pessimista, além disso, nunca fui do tipo que desiste sem lutar. Nathan já havia destruído muitas vidas, vivo ou morto. Está na hora desse ciclo terminar de uma vez por todas. Nem que tenha que mover céus e terra, pois nada no mundo irá nos separar novamente. Nem que para isso eu tenha que recomeçar do zero, nem tenha que reconquistar seu amor todos os dias.

— Você tem razão Liam — respiro fundo. — Não é com lamurias e sentindo pena de mim mesmo que vou conseguir consertar as coisas

— Apenas deixe que as emoções falem por você. E conte a ela o mais rápido possível

— Obrigada Liam — murmuro. — Farei isso ainda hoje.

Saio do consultório bem mais tranquilo do que quando entrei. Com esperança e determinação renovadas volto para quarto onde a encontro com Paige. Antes de passar pela porta, paro para observar as duas que estão tão concentradas em sua conversa, que ainda não notaram minha presença.

— Sei que alguma coisa está errada Paige, mas Neil não me conta — pronunciou Jennifer. — Algo o preocupa.

— Acho que ele deve estar apenas ansioso com tudo isso — Paige argumenta. — Você deve relaxar e tirar esses pensamentos da cabeça.

— Paige tem razão querida — aproveito o momento para me fazer presente. — Nada está acontecendo. Não tem por que se preocupar.

Sento-me ao lado dela na cama e seguro sua mão, está um pouco fria. Esfrego-a nas minhas aquecendo-a, faço mesmo com a outra.

— Tem certeza? — Ela insiste.

— Claro — afirmo mudando de assunto em seguida. — Tenho boas notícias. Liam irá remover o curativo amanhã de manhã. O que acha?

— Já estou pronta para isso? — parece receosa.

— De acordo com ele sim — levanto-me da cama em seguida. — Preciso ir passar no escritório e depois buscar Anne na escola.

Embora meu desejo seja ficar com ela a tarde toda minha filha também precisa de mim. Já retornou à escola e parece que não está muito feliz com isso. Alguma coisa anda acontecendo com ela. Também preciso verificar como as coisas estão indo no escritório, embora Penélope me deixe a par de tudo eu preciso checar algumas coisas pessoalmente.

— Volto mais tarde — olho para Paige em seguida. — Vai ficar aqui?

— Claro, pode ir tranquilo — ela sorri. — Temos muitas coisas para conversar.

Despeço-me das duas e decido ir primeiro ao escritório, ainda faltam duas horas para que Anne saia da escola. Cumprimento Dylan assim que entro no carro. Calvin está de férias com a família então seremos nós dois pelos próximos quinze dias. Posso solicitar outro motorista e guarda costas, mas não vejo necessidade disso.

Chego ao escritório e Aline me informa que Penélope saiu para almoçar. Ordeno que ligue para um dos diretores comerciais. Após alguns minutos com ele vejo que tudo está bem. Apesar de não gostar de admitir, os negócios estão indo muito bem, melhor do que espera depois dos últimos acontecimentos, e mesmo sem minha presença constante. O que me faz pensar que terei que reorganizar minha agenda.

Agora mais do que nunca pretendo ter mais tempo e com mais qualidade com minha família.

Saio do escritório e peço que Dylan me leve até a escola de Anne. Poucas foram às vezes em que fui busca-la. Sei que ficará imensamente feliz em me ver.

O carro para em frente à escola. Uma escola exclusiva, cara e muito bonita, mas também com um dos melhores sistemas de ensino da cidade. Noto que as maiorias das crianças saem de mãos dadas com suas babás uniformizadas, raríssimas saem com suas mães. Ainda não entendo como essas mulheres que não fazem nada de suas vidas, possam negligenciar tantos seus filhos. Claro que algumas trabalham e como tal as admiro, mas setenta por cento é formado por socialites que apenas preocupas com idas a cabeleireiros, compras e chá das cinco, deixando a criação de seus filhos a mercê dos empregados.

Mesmo eu tendo uma vida atribulada e cheias de obrigações há coisas na rotina de Anne a qual não abro mão. Como tomarmos café da manhã juntos todos os dias antes dela ir para escola e eu seguir para trabalho. Também sempre jantamos juntos sempre que possível, exceto quando há um compromisso inadiável. Eu prefiro almoços de negócios a jantares. Os domingos pertencem a ela. Sempre conferimos o dever de casa juntos. Além de claro, as férias escolares. Sempre que posso viajamos juntos. Esse ano não foi possível, tanto pelos negócios, pois foi um ano turbulento para empresa, como pela minha relação com Jennifer. Mas já havia prometido as duas que faríamos uma viagem depois das festas de fim de ano.

Desço do carro e vou para entrada onde uma gentil e sorridente professora entrega as crianças a seus responsáveis.

— Papai! — Anne corre em direção a mim assim que me vê e o mais rápido que sua perna mecânica permite. — Oi paizinho.

— Olá querida. — inclino-me beijando seus cabelos. — Quis fazer uma surpresa.

— Eu amei — ela sorri.

Despeço-me de sua professora com sorriso educado e seguimos para o carro. Anne me conta sobre seu dia na escola enquanto enfrentamos o trânsito da cidade.

Após passar um tempo com Anne e garantir que faça o dever vou para meu quarto, tomo um banho rápido e saio. Dispensando Dylan e sigo para o hospital em meu carro.

Chego por volta de meia hora depois, deixo o carro no estacionamento e entro no prédio. Encontro-me com Liam que está saindo, conversamos brevemente e sigo para os elevadores.

Assim que entro vejo Paige sentada em uma cadeira com um livro na mão, que certamente não lê já que ele está de cabeça para baixo, seu olhar está focado em direção à janela. A cama de Jennifer está arrumada e vazia. Antes que possa me perguntar o que aconteceu ela olha para mim notando minha presença.

— Que bom que já voltou — Paige se levanta, parece nervosa. — Eu adoraria ficar aqui por mais tempo, mas tenho que ir.

— Aconteceu alguma coisa? Onde está a Jennifer?

— Está no banho — ela indica o banheiro. — Tenho mesmo que ir, até amanhã.

Paige sai apressadamente sem que possa perguntar o que está acontecendo. Obviamente não é nada relacionado à Jennifer ou teria me dito.

Sento-me na poltrona que Paige esteve antes e espero Jennifer sair. Alguns minutos depois ela aparece acompanhada de uma enfermeira.

— Gostaria de ter lavado os cabelos — ela se queixa.

— Amanhã poderá fazer isso querida — a mulher responde. — Veja, você tem companhia.

A enfermeira sorri para mim, ajuda-a se deitar na cama e enquanto me aproximo delas.

— Quem? — pergunta ansiosa.

— Seu namorado — sorri amistosa antes de se afastar e sair. — Volto depois.

— Boa noite, querida — beijo sua testa com carinho. — Como está?

— Melhor, agora que você chegou? Onde está a Paige?

— Saiu às pressas — respondo ainda curioso do que possa ter acontecido. — Aconteceu algo?

Jennifer franziu a testa enquanto parece pensar.

— Não sei. Uma hora atrás ela recebeu uma ligação. Parecia muito nervosa. Espero que não seja aquele homem novamente — sua voz soa angustiada.

— Que homem? Richard? — pergunto intrigado. — Embora não entenda a relação desses dois eu não acredito que Richard faça algo contra ela.

Ainda não conversei com ele sobre o que o levou a contratar Paige como sua namorada de fachada. Nas últimas semanas sempre que o procurei para conversarmos sobre o assunto havia ficado muito irritado e me disse que ambos eram adultos, que eu cuidasse da minha própria vida. Não voltamos a nos encontrar por vários dias.

— Não. É um ex-namorado. Não se preocupe com isso.

Concordo e deixo para falar com ela depois. Apesar de impertinente Paige se tornou para mim uma amiga muito querida, então qualquer pessoa que estiver perturbando-a terá que lidar comigo.

— Neil? — Jennifer ronrona e puxa minhas mãos aproximando-me mais a ela na cama. — Estou com saudade.

— Mas, eu estive aqui todos os dias — respondo, apesar de saber exatamente do que ela está se referindo. Estamos há cinco dias em abstinência sexual. Excluindo os terríveis dias que ficamos separados isso é um recorde para nós. — Jennifer, você sabe que não podemos. Liam disse nada de atividades físicas.

— Eu não vou correr uma maratona ou algo parecido — ela resmunga. — Além disso, ele não disse nada sobre sexo.

— Sabendo que sexo é uma atividade física, eu acho que se enquadra a isso — respondo frustrado — Anjo, isso é tão difícil para você como é para mim.

— Podemos ir com cuidado — ela fica de joelhos na cama enquanto suas mãos brigam com os botões da minha camisa — Bem devagar se quiser, por favor!

Embora sinta saudade do seu corpo, seu toque e seu cheiro, preciso pensar em sua saúde em primeiro lugar. Claro que estou ansioso e ardendo por sexo. Sexo com ela tornou-se primordial como um antídoto para estar vivo. Não, não é apenas sexo, mas o fato de tê-la em meus braços e compartilharmos muitas coisas juntos. No entanto, são raras as vezes que fazemos amor de forma calma e tranquila. Em sua maioria nos entregamos de um jeito selvagem e passionai. Com a fome que eu tenho e desejo que sinto por ela a última coisa que conseguirei é me controlar. Além disso, estamos em um hospital, se formos pegos posso ser expulso ou pior processado por atentado ao pudor.

— Jennifer, por favor — minha voz soa rouca — Esse não é local apropriado para isso. Alguma enfermeira pode entrar.

— Ela só virá daqui à uma hora com o jantar. Disseme que a chamasse se precisasse. — Jennifer sorri maliciosamente. — Pensei que gostasse de jogos?

Suas mãos deslizam pelo meu peito de cima a baixo torturando-me a cada toque suave. Sinto suas unhas arranhando meu abdômen de forma sedutora. Sem aviso ou controle sobre mim, deito-a na cama e me esparramo sobre ela. Suas coxas automaticamente se enroscam em minha cintura. Minhas mãos deslizam sobre ela de forma possessiva. Esfrego o nariz em seu pescoço e inalo seu perfume. Sem conseguir resistir deslizo meus lábios por seus ombros e dou uma suave mordida.

Como senti falta desse cheiro, seu gosto, seu toque. Pressiono seus seios sob a camisola e gemo ao sentir os mamilos endurecerem ao meu toque. Beijo a profundamente enquanto ela geme em meus braços, aprofundo o beijo para abafar seus gemidos. Minhas mãos passeiam por seu corpo sofregamente, cada carícia que faço em seu corpo vejo sua pele arrepiar, eu posso sentir nossos corações baterem no mesmo compasso.

Jennifer acaricia meu cabelo enquanto suas pernas me puxam mais e mais para perto dela, se é que é possível de tão colados que estamos. Interrompo o beijo e afasto-me um pouco dela.

— Neil... — ela protesta.

— Não vou fazer amor com você Jennifer — afirmo ainda ofegante. — Não do jeito que quer, mas há varias maneiras de fazer esse jogo.

Seguro suas mãos e levo-as até as barras na cabeceira da cama.

— Segure firme e não solte — eu ordeno. Meus olhos nesse momento estão ardendo de desejo.

Seguro a barra da camisola e subo-a lentamente até acima dos seios. Devoro um depois o outro, cada vez de forma mais apaixonada, concentrado apenas em lhe dar prazer. Minhas mãos percorrem por seu corpo lentamente, ventre, coxas e seu centro macio e úmido. Enquanto sugo seus seios de forma avida introduzo um dedo dentro dela enquanto outro trabalha em seu clitóris inchado pelo prazer.

— Neil — ela geme. — Isso... Assim!

— Quieta — sorrio. — Ou todo hospital irá ouvi-la.

Vejo-a arquear o copo e morder os lábios para segurar os gemidos, seus dedos apertam as barras com mais força. Incentivado por essa visão erótica deslizo meus lábio pelo seu corpo até o centro de seu prazer. Deslizo minha língua por sua fenda molhada e saboreio-a com gosto. Seu cheiro é inebriante e tentador. Minha língua mergulha fundo, acariciando-a, querendo-a mais desesperada a cada investida. Consumida pela paixão eu vejo-a se entregando a mim plenamente enquanto seu corpo estremece inteiro, acaricio sua vagina até encontrar o ponto certo de seu prazer enquanto meus lábios estimulam seu clitóris com movimentos circulares, uma vez sugando outra mordendo levemente. Jennifer geme e se move enquanto o êxtase se abate sobre ela inundando-a de prazer. Vejo-a subir o pico mais alto do prazer e aterrisar um tempo depois. Em seus lábios há um sorriso de satisfação enquanto seu rosto cora denuncia o prazer de alguns instantes.

— Acho que sua vez agora — Jennifer sussurra após se recuperar.

— Não precisa fazer isso, anjo — sussurro deitando-me ao seu lado.

— Seu prazer é meu prazer senhor — foi a ultima coisa que disse antes de seus lábios deslizarem pelo meu corpo.

Sentir sua boca macia e molhada tomando meu membro é à experiência mais fantástica de minha vida. Amo sua boca me possuindo tanto quanto enlouqueço em estar dentro dela. Vê-la ajoelhada em frente a mim possuindo-me com sua boca carnuda é enlouquecedor. Seus lábios se movimentam com maestria, e sua língua faz mágica comigo. Algumas investidas são tão profundas que chego a sentir a base de meu pênis em sua garganta.

— Céus, anjo! — agarro seus cabelos enquanto observo-a em ação. Se o fato dela me chupar como uma rainha pornô não fosse suficiente para me fazer gozar a cena diante de mim fará isso. Antes que possa me controlar gozo silenciosamente em seus lábios. Jennifer suga cada gota com tanto ou mais prazer que eu, e isso me lança à estratosfera. Meu coração bate acelerado no peito, tamanho foi o prazer que ela me deu.

— Não é o que eu queria, mas acho que é o suficiente por enquanto. — ela sussurra sorrindo sedutoramente para mim.

Essa mulher um irá me enlouquecer ainda. Puxo-a para os meus braços e ficamos abraçados em sua minúscula cama. Momentos depois sua respiração suave me diz que caiu no sono. Durmo logo em seguida, não sem antes me dar conta de não termos a conversa que precisávamos. Terei que deixar para amanhã, não quero interromper seu sono tranquilo. Afirmo a mim mesmo que esse é o real motivo e não, o medo que tenho de como ela reagirá ao descobrir a verdade. Com esse último pensamento eu adormeço.

Algumas horas depois acordo sobressaltado. Vejo um carrinho com comida parado perto da porta. Olho para nossos corpos e me tranquilizo ao ver que eu tinha nos coberto antes de dormir. Seria constrangedor se alguém entrasse e nos encontrasse seminus.

Perto do amanhecer acordo assustado novamente. Afasto um cacho de cabelo que está caído em seu rosto. Admiro-a silenciosamente, a cada dia me sinto-me mais apaixonado. Ela é a mulher certa para mim. Mas será que sou o homem certo para ela? Com esses pensamentos conflitantes em mente, retiro suavemente seu braço em volta da minha cintura, incapaz de resistir deposito um beijo suave em seus lábios. Volto a deitar na cama ao lado da sua. Em breve alguém entrará e não quero constrangê-la ainda mais. Não volto a dormir. Não posso com tantos dilemas em mente.

Levanto-me por volta das seis e meia. Vou para o banheiro e tomo uma ducha rápida enquanto Jennifer ainda dorme profundamente. Assim que saio encontro uma enfermeira que recolhe o carrinho deixado no quarto na noite anterior. Pelo seu sorriso simpático e inocente creio que não foi a mesma que o trouxe.

— Volto em seguida com café da manhã e para ajuda-la com o banho. — a enfermeira informa. Concordo com um movimento de cabeça e ela sai em seguida.

Resolvo esperar que ela levante-se, tome banho e seu café da manhã para que eu possa contar tudo a ela. Outra vez volto a negar que estou sendo covarde. Preciso apenas do momento oportuno.

— Neil? — Vejo-a acordar e se contorcer e ronronar como uma gatinha.

— Estou aqui — sussurro ao ver seu bocejo preguiçoso. — Bom dia.

— Bom dia.

Nesse momento a enfermeira entra com um novo carrinho. Há chá, café, leite, torradas, gelatina e alguns biscoitos, além algumas frutas inclusas a dieta.

— Deseja tomar banho agora senhorita? — Ouço a enfermeira perguntar a ela.

— Sim, por favor — ela responde.

Separo uma xícara de café sem açúcar e sento-me próximo a janela. Não estou com fome e mesmo que estivesse o nó que se formou em minha garganta não me permitiria comer, portanto, o café terá que ser o suficiente.

Após o banho Jennifer senta na mesinha próxima a mim para tomar café.

— Já tomou café? — ela pergunta algum tempo depois ao notar meu silêncio. — Neil... Há alguma coisa errado?

Como posso explicar a ela, como posso dizer que o homem que ela odeia é meu irmão e mais do que isso, idêntico a mim?

— Se está aborrecido por ontem à noite...

— Ontem foi uma das melhores noites da minha vida, Jennifer — afirmo com ímpeto para que não reste dúvida.

— Então por que está tão aborrecido? — ela retruca.

— Quem disse que estou aborrecido?

— Por que simplesmente está mudo desde que sai do banheiro. O que está acontecendo?

Deixo escapar um suspiro desesperado. Todas as incertezas voltam a mim como um vulcão prestes a entrar em erupção.

— Há uma algo que preciso contar Jennifer — respiro fundo— Peço que tenha muita calma e saiba que nunca quis...

Antes que possa continuar a porta é aberta em um estrondo e a voz de Paige ecoa na sala.

— Olha quem encontrei no corredor Jenny? — vejo Kevin entrar logo depois dela. — Claro que você ainda não pode ver. Como sou estúpida.

— Paige! — estou irritado com sua aparição repentina. — Jennifer e eu...

— Ah, não enche Neil — Paige me fulmina com os olhos. — Ele é sempre tão mal humorado de manhã?

— Claro que não, mas estávamos... — Jennifer começa a responder.

— Kevin está aqui — Paige a interrompe. — Entre garoto, não fique parado aí como uma estatua.

Vejo tudo se desenrolar de forma cómica se não fosse trágico. Paige, Kevin e Jennifer se envolvem em uma conversa animada enquanto me debato em desespero. Novamente a oportunidade foi perdida.

Liam entra alguns minutos depois, olha para o grupo ao meu lado e me encara sorrindo.

Contou a ela? Liam sussurra sem emitir som algum.

Faço um gesto negativo com a cabeça e vejo-a suspirar decepcionado.

— Então Dr. Liam, vai ou não retirar essa venda? — Paige continua com seu maldito entusiasmo.

— Bem talvez... — ele começa a falar olhando para mim.

— Por favor, Liam — Jennifer fala ansiosa. — A menos que tenha alguma coisa errada faça isso logo.

Liam volta-se para mim com olhar incerto. Afirmo que sim com a cabeça. Não tenho mais como fugir, e o que eu pudesse falar não mudaria nada quando ela me vir.

— Tem certeza Neil?

— Claro que ele tem? — Paige responde. — Fora Jenny, Neil é o mais ansioso aqui.

— Posso seguir? — sussurra quase inaudível.

— Sim — respondo.

— Então vamos retirar essa venda? — Liam disse a Jennifer.

— Vá em frente doutor.

Vejo-o remover máscara que protege seu olho com cuidado, um tampão depois o outro. Enquanto isso eu sinto meu coração disparar no meu peito. Coloco-me atrás de Liam, em expectativa.

— Jenny abra os olhos lentamente — ele orienta. — A luz apesar de fraca pode incomodar um pouquinho.

Jennifer abre os olhos devagar, ela pisca várias vezes até que seus olhos parecem se adaptar a claridade.

— E então? — Liam sonda com ansiedade.

Todos nós ficamos em silêncio, nem mesmo som de nossas respirações é ouvida. Jennifer está sentada na cama com as pernas esticadas e Paige de frente a ela no pé da cama.

— Paige é você? — sua voz soa emocionada.

— Oh Jenny — ela começa a soluçar enquanto lágrimas descem por seu rosto. — Está me vendo?

— Sim — ela sorri emocionada. — Ainda um pouco embaçado, mas sim.

Paige corre até ela e as duas se abraçam emocionadas. Sinto uma grande felicidade e ciúmes ao mesmo tempo. Sempre desejei que eu fosse a primeira pessoa que ela visse. Isso claro antes de saber de tudo.

A próxima pessoa em seu campo e visão é Kevin, mas imediatamente o reconhece de sua memória.

— Kevin!

— Olá querida — ele sorri emocionado. — Graças a Deus por esse milagre.

— Você deve ser o Dr. Liam? — Jennifer afirma ao olhar para homem de branco parado ao lado dela. — Neil? Onde está o Neil?

Dou um passo para trás, angustia e medo estampados em meu rosto. Liam se afasta de mim fazendo com que eu fique de frente a ela. Vejo-a piscar os olhos várias vezes ao olhar para mim, como se acreditasse estar diante de uma visão. Leva as mãos aos olhos esfregando-os com desespero.

— Não faça isso! — Liam a repreende afastando suas mãos. — Seus olhos ainda estão sensíveis.

— Alguma coisa está errada, Liam — volta piscar os olhos novamente de forma aflita. Volta a olhar para mim e vejo pânico em seus olhos. — Alguma coisa está errada!

— Jennifer... — eu me aproximo.

— Não! — ela grita encolhendo-se na cama. Parece que vê o diabo em pessoa. — Tirem esse homem daqui!

Ela começa chorar isso me deixa angustiado. Claro que eu esperava alguma reação, mas nem sequer imaginei como isso seria doloroso.

— Jennifer sou eu — tento me aproximar dela. — Por favor, me escute.

— Não é! — chora desesperadamente. — Kevin, por favor... Tire ele daqui.

Ouçoo suas suplicas enquanto meu coração congela no peito. O que eu mais temia está acontecendo. Vejo ódio, medo e desprezo em seu olhar. Isso machuca!

— *Por favor! Por favor! Não!* — ela repete sem cessar.

— Jennifer... — sussurro angustiado. — Querida.

— O que está acontecendo Jennifer? — Paige olha para nós dois, parece confusa com o que presencia. — Por que está tratando o Neil assim?

— Jennifer... Ele não é o Nathan. — Kevin segura seu rosto. — Ele não é o Nathan.

— É mentira. Por que todos estão mentindo? Por que permitiu que ele chegasse perto de mim Kevin? — ela volta chorar socando seu peito. — Eu o odeio! Odeio!

— Eu nunca mentiria para você! — Kevin segura seus pulsos. — Não mais, não sobre isso! Acredite. Esse é o Neil que você ama.

Ela fica quieta por alguns segundos, totalmente imóvel.

— Não é — sua voz soa amarga. — Não posso amá-lo. Tudo que vejo é ele. E eu o odeio. Odiei por toda minha vida.

— Jenny apenas ouça. — Kevin insiste. — Depois você pode tomar qualquer decisão.

Ela afirma com a cabeça. Fico mais aliviado, pelo menos ela irá me ouvir. No entanto ao me aproximar ela se afasta mais. Eu fico arrasado.

Começo a relatar como tudo o aconteceu, apenas os pontos cegos, minha vida ao lado de Nathan ela já conhecia, só não sabia se tratar do mesmo homem que a aterroriza por anos. Falo do nosso primeiro encontro, o porquê estive ali e principalmente, que até pouco tempo não sabia de nada.

Após meu relato vejo-a sentar abraçando os joelhos, como uma garotinha perdida em si mesma. Seus olhos não me encaram. Estão focados em um ponto além de mim, como fazia quando ainda era cega.

— Não posso! — sussurra balançando-se para trás e para frente em uma angustia sem fim. Noto uma dor imensa tomar conta dela tanto quanto me domina. — Não posso vê-lo. Eu sempre o verei em você.

Seu choro volta a ser desolado. Caio de joelhos em frente a ela em busca do amor que sentimos.

— Uma vez eu disse que a amaria para sempre. Eu não menti — minha voz soa tão emocionada como estou. — Mas para sempre é um tempo curto demais para mim. Eu amo você! Amo mais que tudo na vida.

— Eu entrego minha vida para você fazer o que quiser. — suplico, as lágrimas saltando em meus olhos. — Faça o que quiser de mim, mas não me olhe desse jeito, é a única coisa que não posso suportar...

— Por favor, vá embora! — ela chora. — Vá embora.

O que eu mais temia havia acontecido. O desprezo e magoa que vejo em seu olhar me levam ao mais profundo desespero. Com isso ela havia me enterrado vivo e me lançado a mais completa escuridão.

— Esta bem — meu coração está desolado. — Eu vou embora.

O mundo para mim deixou de existir. Nada mais parece ter importância.

— Eu vou embora Jennifer, porque mesmo que a ame, mais do que a minha própria vida — respiro para controlar a dor em meu peito. — Minha felicidade jamais estará acima da sua.

É a coisa mais digna e dolorosa que posso fazer. Afastar-me para que ela possa ser feliz mesmo longe de mim. Se abrir novas cicatrizes em mim for à garantia para que cure as dela eu farei isso.

Antes imaginei que vivia na escuridão, mas nada se compara a isto. Agora estou no mais profundo abismo onde só há dor e desespero. Levanto-me como um morto vivo, pego a chave do carro em cima da mesa e saio do quarto desnortado. Ainda ouço seu choro desolado antes de fechar a porta.

— Espere Neil — Liam segura meu braço. — Aonde você vai?

— Preciso sair daqui — esfrego meu peito como se quisesse arrancar meu coração com as mãos. Talvez com isso aquela dor sumisse.

— Espere Neil, vou com você — Liam diz preocupado. — Espere-me apenas checar como ela está.

Já não estou ouvindo mais nada do que ele me diz. Saio assim que ele entra. Não tenho caminho ou direção. Quando me dou conta já estou no estacionamento em frente ao meu carro.

Abro a porta e sento-me, apoio meu rosto contra o volante e choro. Choro sem cessar, como um bebê, como um condenado a morte. Choro levado por magoas e todo desespero que há em meu peito. Choro por todas as dores do mundo. Por todos os casais apaixonados, choro pela irmã de Willian, Samantha, Anne, Jennifer e por mim.

— *Neill!*

Não sei quanto tempo estou ali. Ouço ao fundo alguém me chamar. A voz fica mais próxima. Alguém está batendo no vidro do carro.

— Droga Neill! — Liam bate no vidro insistentemente. — Abra essa maldita porta!

Não entendo o que ele está falando. Estou tão mergulhado em minha própria dor que minha única vontade é sumir. É exatamente o que faço, dou partida no carro e saio cantando os pneus sem me importar o com homem que grita atrás de mim ou as pessoas a minha frente.

Dirijo, apenas dirijo sem pensar aonde vou ou para onde pretendo chegar. Sinto uma dor imensa, indescritível. Ao lembrar o que elas significam sinto lágrimas saltarem de meus olhos.

Preciso sair daqui!

O carro está me sufocando. Acelero novamente. Olho para lado e vejo que estou em um cruzamento. Noto outro carro vindo em minha direção.

Sinal vermelho!

Está muito perto. Piso no freio o mais rápido que posso.

Tarde demais!

Meu carro gira e gira. Meus últimos pensamentos são para Jennifer e Anne e o quanto as amo. Gostaria de ter tido a chance de dizer isso mais uma vez. Talvez a última.

Alguns segundos depois tudo é escuridão.

Uma espiada em
Seduzida por ele
a sequência de Proibida para mim

Prólogo

Sinto que estou presa em um daqueles pesadelos terríveis que me assolaram por toda a vida. Sabe aquele tipo de pesadelo que você grita, chora e corre sem direção? Onde ninguém é capaz de lhe ouvir ou ajudar? Um sonho terrível que faz todos os meus ossos gelarem e quando você acorda está soando frio. Só que eu não estou dormindo, para meu desespero eu estou bem acordada.

As pessoas falam em minha volta, mas não ouço nada. Quero que todos desapareçam. Assim como a dor em meu peito, mas ela se instala como se estivesse enraizando, dando voltas e voltas como linhas emaranhadas.

Eu já conheci a dor antes, já tive perdas, todos nós temos, mas nada se compara com esse buraco vazio em meu peito.

Vi o homem que amo sair a alguns minutos por aquela porta. Tive desejo de gritar e implorar para que voltasse. Eu vi a dor e o desespero em seu olhar e o pior foi por minha causa. Por não conseguir lidar com a verdade ou ter coragem suficiente.

— Saiam daqui, por favor! — grito alto. — Saiam todos!

Desejo ficar sozinha, desejo voltar a ser cega e desejo que ele volte. Disseram-me que voltar a enxergar seria bom. Não é! Voltaria mil vezes à escuridão para que meu mundo voltasse ao que era. Perfeito.

— Jenny! — Paige toca meu braço.

— Vão embora — sussurro. — Apenas vão.

— Jenny você está bem? — a voz de Liam soa próxima a mim. — Há algum desconforto?

— Fisicamente acho que estou — sussurro. — Mas meu coração...

— Vamos pessoal, deixem que ela descanse. — Liam ordena apesar dos protestos. — Eu volto depois.

Fecho meus olhos e parece que as lágrimas são intermináveis e abundantes. Não importa o quanto você pense que sofreu na vida, sempre há espaço para mais dor.

O quarto fica em silêncio de repente, não os vejo sair, mas meus instintos me alertam que já não estão aqui.

Luz e treva duelam dentro de mim. E não sei qual delas irá vencer. Como posso olhar para seus olhos sem me deparar com passado, sem que toda a raiva que existe em mim seja direcionada a ele?

Os segundos se transformam em minutos que se transformam em horas, intermináveis. Enfermeiras entram e saem, me tocam, trazem comida, levam-na intocada, protestam e reclamam, mas não me importo.

A única coisa que consigo fazer é pensar em como minha vida está destruída. Um sentimento frio passa por todo meu corpo enquanto imagino minha vida sem ele e um grande vazio toma conta de mim.

Olho para janela e vejo o dia nublado lá fora. Um pequeno céu azul surge apesar das nuvens escuras tentando encobri-lo. Talvez eu fosse como esse céu e precise apenas encontrar um caminho entre as nuvens.

— Jenny!

Viro-me para olhar para porta, Paige está parada entre o vão e a entrada. Sua mão apoiada no peito enquanto em seu rosto há uma expressão angustiada.

— Neil sofreu um acidente — ela murmura — Acho que ele morreu!

Quatro palavras e uma frase. O suficiente para mudar minha vida completamente. O mundo parou de existir e nada mais importa.